ALIEN



Alan Dean Foster

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ALIEN, O OITAVO PASSAGEIRO

Alan Dean Foster

Título original em inglês: Alien
História original de Dan O'Bannon & Ronald Shusett
Romantização a cargo de Alan Dean Foster

A Jim McQuade...
Um bom amigo e companheiro
explorador de extremas possibilidades…

-1-

Sete sonhadores.

Cumpre entender que não eram sonhadores profissionais. Sonhadores profissionais são gente muito bem paga, muito respeitada — e requisitada também. Como a maior parte de nós, esses sete sonhavam sem esforço ou disciplina. Sonhar profissionalmente, de modo a que os sonhos que se tenham possam ser, depois, gravados e tocados para o divertimento alheio, é coisa infinitamente mais trabalhosa. Exige uma certa habilidade para regular os impulsos criativos semiconscientes e para estratificar a imaginação — uma combinação muito difícil de obter. Um sonhador profissional é, ao mesmo tempo, o mais organizado e o mais espontâneo dos artistas. Um ágil tecedor de sutis especulações e não um pobre diabo sem rodeios nem circunlóquios como o leitor ou eu, ou esses sete sonhadores a que já me referi.

De todos, Ripley era a que mais se aproximava, pelo menos potencialmente, do desejado profissionalismo. Tinha aquele pequeno talento inato de sonhar e muito mais flexibilidade de imaginação que os demais. Faltava-lhe apenas a inspiração verdadeira e a maturidade de pensamento que são as características do sonhador profissional.

Era muito boa para organizar suprimentos, para guardar a caixa A no depósito B, para conferir relatórios de carga. Era no armazém da sua própria cabeça que o sistema de fichamento e catalogação se desarranjava. Esperanças e temores, especulações e invenções ainda informes flutuavam a esmo de um compartimento para outro.

Faltava, talvez, autodomínio à oficial de segurança Ripley. Os pensamentos crus, embaralhados, jaziam quase à flor do consciente à espera de serem drenados. Um pouco mais de esforço, um pouco mais de intensidade no conhecimento (ou na aceitação?) de si mesma, e ela seria uma excelente sonhadora profissional. Ou pelo menos era o que pensava, ocasionalmente.

Já o capitão Dallas, malgrado sua aparência letárgica, era o mais bem organizado do grupo. Também não lhe faltava imaginação. Sua barba era prova disso. Ninguém entrava de barba nos congeladores. Só Dallas. A barba fazia parte da sua personalidade, como explicou a mais de um curioso da tripulação. Ser-lhe-ia

tão impossível separar-se dela, desses velhos pêlos já antigos na sua cara, quanto de qualquer parte da própria anatomia. Comandava duas naves: o rebocador espacial Nostromo, e seu corpo. E ambos deviam permanecer intactos no sonho e na vigília.

Tinha, então, grande capacidade administrativa e imaginação módica. Mas a um sonhador profissional não basta um mínimo de imaginação nem se pode compensar uma deficiência dessas com uma desproporção da outra qualidade. Dallas não era muito melhor que Ripley como matéria-prima para um sonhador profissional.

Kane era menos controlado em pensamento e ação do que Dallas, e tinha menos imaginação ainda do que ele. Muito menos. Mas como oficial executivo era perfeito. Só não se devia esperar que chegasse a capitão. Isso exige uma certa ambição e o dom de dar ordens aos outros, qualidades com que Kane não fora agraciado. Seus sonhos eram vagas sombras translúcidas e informes, se comparados aos de Dallas. Assim como o próprio Kane era uma cópia mais magra e menos vibrante do seu capitão. O que de nenhum modo o fazia menos estimável. Sonhar profissionalmente requer uma certa energia extra, e Kane mal tinha o bastante para viver o dia-a-dia.

Os sonhos de Parker não eram agressivos. Mas eram, sem dúvida, menos líricos que os de Kane. E tinham pouca imaginação. Eram por demais especializados e muito raramente tratavam de coisas humanas. Mas não seria isso de esperar num maquinista de nave? Eram diretos e, ocasionalmente, feios. Na vigília, a imundície que jazia enterrada no fundo raramente vinha à tona. Só quando o engenheiro se irritava. Bem escondido ficava muito da vasa e da vileza que fermentavam no fundo da cisterna. Seus colegas nunca viam mais que o destilado Parker que boiava à tona, e jamais vislumbravam sequer o que fervia e borbulhava embaixo.

Lambert era mais de inspirar sonhadores que de sonhar. Em hipersono, sua mente povoava-se de intrigas internas do sistema e problemas de cargas que não se podiam transportar por considerações relativas a combustível. De quando em vez a imaginação penetrava essas inocentes estruturas de sonho, mas nunca de modo a excitar ninguém.

Parker e Brett muitas vezes imaginavam seus sistemas conspirando com o de Lambert. Consideravam a questão dos fatores de carga e justaposições espaciais de um modo que teria enfurecido Lambert se ela tivesse conhecimento disso.

Tais considerações não autorizadas eles guardavam para si mesmos, bem trancadas nos seus sonhos diurnos e noturnos, pois do contrário ela se zangaria. E não convinha irritar Lambert. Como navegadora do Nostromo, era a principal responsável por levá-los a todos de volta com segurança, e isso era a coisa mais excitante e mais desejável que alguém possa imaginar.

Brett figurava como simples técnico de máquinas. O que era apenas um modo elaborado de dizer que tinha tanta argúcia e conhecimentos quanto Parker, mas que lhe faltava antigüidade. Os dois homens formavam uma dupla curiosa, desiguais e até opostos a um observador externo. E, no entanto, não só coexistiam pacificamente, como também funcionavam juntos à perfeição. Grande parte de seu sucesso, tanto como amigos quanto como colegas de trabalho, devia-se ao fato de Brett jamais invadir o campo mental de Parker. O técnico era tão solene e fleumático de aparência e de maneira de falar quanto Parker era volúvel e volátil. Parker era capaz de discorrer horas a fio sobre a falha de um micro-circuito, excomungando a peça desde a sua origem, desde o malfadado solo de onde haviam sido extraídas as terras raras de que se compunha. Brett limitava-se a comentar, lacônico:

— Certo.

Para Brett, essa simples palavra constituía muito mais que uma opinião. Era uma afirmação de existência. Para ele, o silêncio era a mais limpa das formas de comunicação. Na loquacidade reside a insanidade.

E havia também Ash. Ash era o oficial de ciência, mas não era isso que tornava seus sonhos engraçados. Engraçados até certo ponto, ou de uma graça peculiar. Seus sonhos eram os mais profissionalmente organizados da tripulação. Deles todos, os seus sonhos eram os que mais se aproximavam da sua realidade quando acordado. Os sonhos de Ash não continham ilusão ou burla.

O que não seria surpresa para alguém que deveras o conhecesse. Seus seis companheiros de tripulação, no entanto, pouco ou nada sabiam dele. Ash, porém, conhecia a si mesmo, e bem. Poderia dar, se alguém as exigisse, as razões pelas quais jamais seria um sonhador profissional. Mas não ocorreu a ninguém perguntar-lhe isso. Embora fosse visível que o oficial de ciência encarava com mais fascínio que os outros o fato de sonhar profissionalmente.

E havia ainda o gato da casa, ou melhor, da nave. Um gato doméstico, igual a qualquer outro, que atendia pelo nome de Jones. Jones era um gato grande de

pêlo amarelo, incerta linhagem e ar independente, acostumado, de há muito, às incertezas das viagens espaciais e às idiossincrasias dos humanos que navegam por entre as estrelas. Ele também dormia o sono frio, e sonhava lá seus pequenos sonhos. Sonhava com lugares quentes e escuros e com ratos sujeitos à gravidade.

De todos os sonhadores de bordo, só ele era um sonhador satisfeito — embora não pudesse ser tido na conta de um inocente.

Era vergonhoso que nenhum deles tivesse qualificações como profissional, uma vez que todos dispunham de mais tempo para sonhar no curso do seu trabalho que uma dúzia de profissionais, e isso a despeito de terem diminuído o ritmo do seu sonho pelo sono frio. A necessidade fizera do sonho o seu principal passatempo. Uma tripulação destinada ao espaço exterior nada mais pode fazer nos congeladores que dormir e sonhar. E mesmo que seus membros fiquem para sempre amadores, serão pelo menos amadores competentes.

Esses eram sete. Sete sonhadores tranqüilos à cata de um pesadelo.

Embora tivesse uma espécie de consciência, o próprio Nostromo não sonhava. Não precisava fazê-lo, assim como não precisava do efeito de conservação dos congeladores. Se sonhava, eram elucubrações fugitivas e breves, pois, afinal de contas, não dormia. Trabalhava e sustentava e dava ao seu complemento de humanos em estado de hibernação a segurança de estarem um passo adiante da morte, ameaça sempre presente a rastrear o sono frio, como um grande e plúmbeo tubarão na esteira de um navio.

A evidência da incessante vigilância mecânica do Nostromo era sensível por toda parte na silenciosa nave, no zumbido igual das máquinas, por exemplo, ou nas luzes que eram como que o hálito de vida da sensibilidade instrumental Permeava a própria matéria de que era feita a nave, estendia censores para verificar cada circuito, cada escora. Tinha censores do lado de fora também, a controlar o pulso do cosmos. Tais censores haviam detectado uma anomalia eletromagnética.

Uma porção do cérebro do Nostromo era especialmente apta a descobrir o sentido de anomalias. Essa porção provou o que lhe parecia atípico, não gostou do que encontrou, e tendo examinado os resultados da análise, tomou uma decisão drástica. Instrumentos inativos foram postos a funcionar, circuitos

desligados se puseram de novo a regular o fluxo de elétrons. E como que para celebrar a decisão, luzes piscaram em série como sinais de uma respiração mecânica vital e emocionante.

Um sinal muito claro de alarme, repetido a intervalos regulares, se fez então ouvir, embora no momento só houvesse tímpanos artificiais para registrá-lo e levá-lo em conta. Era um som que de há muito não se ouvia no Nostromo, e significava um acontecimento insólito.

No centro desse imenso frasco de estalidos e piscar de luzes, de instrumentos que conversavam uns com os outros, havia um recinto muito especial. Dentro dele, que era todo em metal branco, jaziam sete casulos brancos como neve e feitos de metal e matéria-plástica.

Um novo ruído permeou essa câmara, uma exalação explosiva que a encheu toda num instante de uma atmosfera fresca e respirável. Os humanos se tinham posto gostosamente nessa posição, confiando em pequenos deuses de lata, como o Nostromo, para fornecer-lhes o sopro vital quando incapazes de procurá-lo por si mesmos.

Antenas daquele ser eletrônico e semi-sensível provavam agora o ar recém-expelido pelas máquinas e atestavam ser ele satisfatório para manter a vida de pobres seres orgânicos como os homens. Lâmpadas adicionais piscaram aqui e ali, novos circuitos se fecharam. Sem fanfarra, as tampas das sete crisálidas se abriram, e as formas larvares que nelas se encontravam começaram a emergir para a luz.

Vistos assim, fora dos seus sonhos, os sete membros da tripulação do Nostromo faziam ainda menor impressão do que mergulhados no hipersono. Primeiro, estavam pingando de molhados do fluido empregado no criossono, e que enchera e cercara seus corpos. Por analéptico que fosse aquele lodo, era lodo, e o lodo jamais é bonito. Segundo, estavam nus em pêlo, e o líquido era um pobre substituto para essas peles artificiais que tão bem moldam as formas, e que se chamam roupas.

— Jesus! — murmurou Lambert limpando com nojo seus ombros e flancos. — Que frio! Disse e saiu do seu estranho esquife, que guardava a vida em vez de guardar a morte. Remexeu, em seguida, num compartimento. E com a toalha que

de lá retirou, pôs-se a enxugar o transparente licor das suas pernas.

— Por que diabo a Mãe não pode aquecer a nave antes de nos tirar do depósito?

Ocupava-se, agora, dos pés, tentando lembrar-se de onde deixara suas roupas.

— Você sabe muito bem por quê — disse Parker, por demais ocupado com seu próprio corpo melado para contemplar a navegadora despida.

— Política da Companhia. Poupança de energia, mesquinharia e avareza da Companhia. Por que despender combustível para aquecer a seção dos congeladores antes do último minuto? Depois, faz sempre frio quando a gente emerge do hipersono. Você sabe que o congelador abaixa também a temperatura interna da gente.

— Sim, eu sei. Mas faz um frio danado — resmungou ela, ciente de que Parker tinha razão, mas relutante em admiti-la. Ela não gostava muito do engenheiro, jamais tinha gostado.

"Para o diabo com a Mãe", pensou, sentindo a pele arrepiada dos antebraços. "Vamos produzir algum calor!"

Dallas esfregava-se vigorosamente com uma toalha, retirando a seco o resto da gelatina criossônica, e procurando não olhar para aquilo que os outros não podiam ver.

Ele próprio o notara, mesmo antes de sair do caixão. A nave cuidara que isso acontecesse. — Nós nos aqueceremos logo, trabalhando.

Lambert resmungou alguma coisa ininteligível.

— Todos para as suas estações respectivas. Imagino que tenham em mente que somos pagos para isso. E não só para esquecer os próprios aborrecimentos dormindo.

Ninguém sorriu ou importou-se em responder. Parker olhou para o outro lado da câmara, onde seu parceiro acabava de sentar-se no seu congelador.

— Bom dia, Brett. Ainda está por aí?

— Hum.

— Que sorte a nossa!

Essa observação viera de Ripley. Ela se espreguiçou, fazendo-o muito mais decorativamente que os demais.

— É bom saber que continua tão tagarela como de hábito.

Brett limitou-se a sorrir. Era tão falador quanto as máquinas de que se

encarregava, quer dizer, mudo. E isso era motivo de pilhéria naquela família, de sete membros. Riam-se com ele, na verdade; não dele.

Dallas torcia o corpo para um lado e outro, com os cotovelos paralelos ao piso, as mãos juntas à altura do osso externo. Julgava ouvir seus músculos estalarem.

A luz amarela, que piscava e repiscava, tão eloqüente como uma voz, monopolizava seus pensamentos. Aquele diabólico olho de ciclope, redondo e brilhante como um sol, era a maneira que tinha a nave de dizer-lhes que haviam sido despertados do seu torpor por algo diverso do fim da viagem. Preocupava-se com o que pudesse ser.

Ash sentou-se e lançou em roda um olhar sem expressão.

Pela animação do rosto, poderia estar ainda mergulhado no hipersono.

— Estou morto! Observava Kane. O oficial executivo bocejava, ainda sonolento. Para Ash, ele gostava do hipersono, e passaria com prazer a vida inteira como um narcoléptico, se assim deixassem.

Como Parker não sabia dessas opiniões de Kane, olhou para ele e disse amavelmente:

— E realmente parece morto.

Sabia que seu próprio aspecto não podia ser melhor. O hipersono cansa a pele tanto quanto os músculos. Sua atenção voltou-se, depois para o caixão-de-defunto de Kane.

O executivo, afinal, sentava-se.

— É bom estar de volta — disse. E ficou a piscar os olhos, ofuscado.

— Ninguém diria, pelo tempo que você leva para acordar.

Kane pareceu magoado.

— É uma calúnia, Parker. Sou um pouco mais lento que vocês, só isso.

— Hum.

O engenheiro não quis insistir. Voltou-se para o capitão, que parecia absorto no estudo de alguma coisa que ele não podia ver de onde estava.

— Antes que a gente atraque, talvez seja bom rever a situação dos bônus.

Brett deu sinais de entusiasmo, os primeiros desde que despertara.

— Sim, sim.

Parker continuou, calçando as botas:

— Brett e eu julgamos merecer uma cota inteira. Bônus completos por uma viagem bem-sucedida, mais salário e juros.

Pelo menos o sono profundo não alterara a sua tripulação — pensou Dallas. Acabavam de despertar e já se queixavam.

— Vocês dois receberão o que consta dos seus respectivos contratos. Como todo mundo.

— Todos ganham mais que nós — disse Brett com voz neutra.

Para ele isso representava discurso dos mais palavrosos. Não produziu qualquer efeito sobre o capitão. Dallas não tinha tempo, no momento, para trivialidades ou meias brincadeiras. Aquela luz pisca-pisca exigia dele toda atenção, e comandava seus pensamentos a ponto de excluir tudo o mais.

— Todos merecem mais que vocês dois. Queixem-se ao tesoureiro da Companhia, se o desejarem. Agora, para baixo.

— Queixem-se à Companhia — resmungava Parker, desconsolado, enquanto olhava Brett sair do esquife e começar a secar as pernas. — É o mesmo que queixar-se diretamente a Deus.

— Exatamente o mesmo.

Brett verificava uma luz mais fraca no seu compartimento congelador. Só meio consciente, nu, pingando fluido, já trabalhava. Era dessa espécie de gente que anda dias seguidos com uma perna quebrada, mas não pode suportar uma latrina defeituosa.

Dallas dirigiu-se à sala do computador central e disse por cima do ombro:

— Alguém vá apanhar o gato.

Foi Ripley quem retirou uma forma inerte e amarelada de um dos congeladores.

Tinha uma expressão infeliz.

— Não precisa fazer pouco caso — disse, acariciando o animal ensopado. — Isto não é uma peça de equipamento. Jones é membro da tripulação tanto quanto nós.

— Mais até do que alguns.

Dallas olhava para Parker e Brett, agora inteiramente vestidos, e que se afastavam rumo à direção da sala de engenharia.

— Ele não enche as minhas poucas horas acordado com reclamações sobre salário ou bônus.

Ripley saiu levando o gato, que envolvera numa grossa toalha seca. Jones ronronava de maneira incerta, Lambendo-se com grande dignidade. Não era a primeira vez que saía de um hipersono. Tolerava, por isso mesmo, a ignomínia de ser carregado.

Dallas acabara de enxugar-se. Tocava agora uma série de botões na base do seu casulo. Uma gaveta deslizou silenciosamente para fora, sobre mancais quase sem fricção. Continha roupas e alguns objetos de uso pessoal.

Enquanto se vestia, Ash foi ter com ele e disse em voz baixa, enquanto o outro aprontava sua camisa limpa:

— Mãe quer falar com você.

Falou num murmúrio, e fez um gesto de cabeça em direção à luz amarela que continuava a piscar no console suspenso perto deles.

— Eu vi logo que acordei — disse Dallas enfiando os braços na camisa. — Amarelo-forte. Segurança e não advertência. Não diga nada aos outros. Se a coisa for mesma grave, não tardarão a sabê-lo.

Meteu-se num paletó castanho, não passado, e deixou-o aberto.

— Não pode ser tão ruim assim, tenha que origem tiver...

Ash parecia animado, e apontou de novo para a luz que piscava:

— Afinal é apenas amarela, e não vermelha.

Dallas não mostrava nada de um otimista:

— Eu teria preferido acordar com uma bela luz verde...

Deu de ombros, porém. E tentou parecer tão esperançoso quanto Ash:

— Talvez seja apenas o cozinheiro automático, o que pode ser bom para nós, considerando o que ele chama de comida!

Procurou sorrir, mas sem êxito. O Nostromo não era humano. Não pregava peças à sua tripulação, e não os teria arrancado ao hipersono com uma luz amarela de aviso sem uma excelente razão. Um cozinheiro automático com defeito não seria considerado por ele motivo grave.

Afinal, depois de meses sem fazer nada senão dormir, ele não tinha o direito de

reclamar se lhe exigiam agora umas poucas horas de honesto suor...

A sala do computador central diferia pouco das outras destinadas à vigília a bordo do Nostromo. Um caleidoscópio de luzes e de painéis, de mostradores e instrumentos dava a impressão de um país mirífico habitado por uma dúzia pelo menos de árvores de Natal, todas bêbadas.

Instalando-se numa poltrona bem acolchoada, Dallas passou a considerar a situação. Como deveria proceder? Ash ocupou o assento fronteiro ao Banco de Memória, e manipulou os necessários controles com maior velocidade e perícia do que seriam de esperar num homem há pouco arrancado ao hipersono. A habilidade do oficial de ciências em manipular maquinaria era sabidamente inigualável.

E isso era coisa que Dallas sempre lhe invejara. Ainda estonteado com os efeitos retardados do hipersono, apertou os botões de uma consulta inicial.

Desenhos distorcidos surgiram na tela, perseguindo-se uns aos outros, acomodaram-se para formar palavras decifráveis.

Dallas conferiu a formulação e verificou que era standard.

ALERTA FUNÇÃO DE SUPERCONTROLE, PARA EXPOSIÇÃO E PERGUNTAS MATRIZ

A nave também julgava a coisa aceitável, e a resposta da Mãe imediata.

SUPERCONTROLE DIRIGIR-SE À MATRIZ.

Colunas de informações alinhavam-se para inspeção abaixo dessa concisa legenda.

Dallas examinou a longa lista em tipo miúdo, localizou a seção que desejava e imprimiu:

COMANDO ALERTA PRIORITÁRIO FUNÇÃO DE SUPERCONTROLE PRONTA PARA CONSULTA — respondeu a Mãe.

Memórias de computador não são programadas para verbosidade. A Mãe não era exceção à regra. O que para Dallas estava muito bem. Ele também não queria falar muito. Datilografou, sucintamente:

QUAL É A HISTÓRIA, MÃE?

E esperou…

Não se poderia dizer que a ponte do Nostromo fosse espaçosa.

Era menos claustrofóbica que os outros cômodos e câmaras da nave, mas não muito. Cinco poltronas esperavam seus respectivos ocupantes. Luzes acendiam-se e apagavam-se pacientemente nos múltiplos consoles, enquanto inúmeras telas de vários tamanhos e formatos aguardavam a chegada dos humanos preparados para dizer-lhes o que deveriam mostrar.

Uma grande ponte teria sido uma frivolidade muito cara, uma vez que a tripulação passava a maior parte do tempo de vôo imóvel nos congeladores. Era projetada estritamente para o trabalho, não para descanso ou recreio. As pessoas que trabalhavam ali sabiam disso tão bem quanto o sabiam as máquinas.

Uma porta de vedação hermética deslizou sem ruído na parede. Kane entrou, seguido imediatamente de Ripley, Lambert e Ash. Dirigiram-se, todos, para suas estações respectivas, e sentaram-se atrás de consoles com a naturalidade e familiaridade de velhos amigos que se saúdam depois de uma longa ausência. Um quinto lugar permaneceu desocupado, e continuaria desocupado até que Dallas voltasse de seu tête-à-tête com a Mãe, o Banco de Memória do Nostromo.

O apelido era correto e não fora dado de brincadeira. As pessoas tendem a tratar com seriedade a maquinaria responsável pela sua sobrevivência. De seu lado, a máquina aceitava a designação com solenidade equivalente, menos talvez a conotação emocional.

As roupas que usavam eram tão informais com os corpos, e eram apenas simulacros de uniformes. Cada qual refletia a personalidade do seu usuário. Blusões e calças, coçados e amassados depois de anos de armazenagem. Como os corpos que vestiam.

As primeiras palavras proferidas na ponte depois de anos resumiam os sentimentos de todos os presentes, embora fossem ininteligíveis. Jones miou lastimavelmente quando o depositaram no convés. Transformou, depois, o miado num ronrom, ao acomodar-se, sinuosa e sensualmente, no assento de espaldar

alto.

— Ligue-nos.

Kane verificava seu próprio console, acariciando com os olhos os botões automáticos, buscando incongruências e discrepâncias, enquanto Ripley e Lambert começavam a apertar os necessários interruptores e a martelar os controles exigidos.

Houve uma festa visual. Luzes de todas as cores correram, coruscando, por painéis e telas. Era como se os instrumentos se alegrassem também, a seu modo, pela reaparição daqueles parceiros de carne e osso e estivessem ansiosos por demonstrar seus próprios talentos. Números e palavras surgiram nas saídas à frente de Kane. Ele os relacionou com o que tinha gravados na mente.

— Parece que tudo está bem, pelo menos até agora. Mostre-nos alguma coisa.

Os dedos de Lambert tamborilaram um arpejo num conjunto apertado de controles. Visores animaram-se por todo lado, à volta da ponte. Alguns pendiam do teto para maior facilidade de leitura. A navegadora escrutinou os olhos quadrados mais próximos de onde ela estava e cerrou o cenho. Muito do que vira era esperado. Muito mais, porém, não o era. A coisa mais importante, a forma subconscientemente antecipada que deveria dominar o campo de visão de todos, primava pela ausência. Isso era um fato tão importante que desmentia a normalidade de todo o resto.

— Onde está a Terra?

Examinando cuidadosamente sua própria tela, Kane viu apenas a escuridão pontilhada de estrelas. Admitindo a possibilidade de haverem emergido do hipersono um pouco cedo demais, pelo menos o sistema solar deveria aparecer com clareza na tela. Mas o Sol estava tão invisível quanto a esperada Terra.

— Você é a navegadora, Lambert. Cabe a você dizer-nos.

Havia um sol central, firmemente instalado no centro dos múltiplos painéis da sala. Mas não era o Sol. Tinha a cor errada e os pontos que giravam em órbita à sua volta e que o computador acentuava, eram mais que errados. Eram impossíveis, por impropriedade de forma, de dimensões e de número.

— Esse não é o nosso sistema — observou Ripley, numa voz sem cor. Era expressar o óbvio.

— Talvez o problema seja só a nossa orientação, não a das estrelas — disse Kane, mas não parecia muito convencido disso, nem convenceu ninguém. — Já houve casos de naves que saíram do hipersono de costas para a sua direção. Isso aí em frente pode ser Centauro, em amplificação máxima. O Sol pode estar atrás de nós. Vamos fazer uma exploração completa antes de entrar em pânico.

O que não disse foi que o sistema visível nas telas parecia-se menos ainda com o de Centauro que com o do Sol.

Câmaras seladas no casco já sofrido do Nostromo começaram a mover-se silenciosamente no vácuo do espaço, buscando detectar, no infinito, sinais de uma calorosa Terra. Câmaras secundárias no cargueiro do Nostromo, monstruoso agregado de formas avultadas e grandes recipientes de metal, contribuíram com sua própria linha de observação.

Seres de uma era mais antiga ficariam pasmos se soubessem que o Nostromo rebocava uma considerável quantidade de óleo cru pela vastidão que separa as estrelas, fechado na sua própria refinaria automática e de funcionamento ininterrupto. Todo esse óleo estaria transformado em petroquímicos quando a nave orbitasse de novo na Terra. Tais métodos se tinham revelado necessários. Embora a humanidade tivesse produzido há muito tempo maravilhosos e eficientes substitutos dos combustíveis fósseis, e com eles movimentasse a sua civilização, só o fizera depois que a cupidez de certos indivíduos sugara a última gota de petróleo da Terra.

A fusão nuclear e a energia solar alimentavam todas as máquinas do homem. Mas não substituíam os petroquímicos. Um motor nuclear não produz plásticos, por exemplo. Se os mundos modernos não podiam existir sem energia com muito mais razão não podiam dispensar os plásticos. Daí a presença, no Nostromo, de um cargueiro de maquinaria — comercialmente viável se bem que historicamente incongruente — e do barulhento líquido negro que ela pacientemente fabricava.

O único sistema que as câmaras apanharam foi o que aparecia no centro de todos os painéis, com seu insólito colar de planetas e sua estrela central de cor imprópria. Não restava dúvidas, agora, na mente de Kane, e muito menos na de Lambert, de que o Nostromo tinha aquele sistema como destinação imediata deles.

E, todavia, talvez se tratasse de um erro de tempo e não de espaço.

O sistema solar poderia estar localizado a distância, só que à direita ou à esquerda daquela estrela visível. Havia um modo de averiguá-lo com precisão.

— Tente contacto com o controle de tráfego — disse Kane, mordiscando o lábio inferior. — Se conseguirmos captar alguma coisa, saberemos que estamos no quadrante certo. Se o Sol estiver em algum lugar das imediações, receberemos resposta de uma estação qualquer de retransmissão da periferia do sistema.

Os dedos de Lambert mexeram em vários controles.

— Aqui é o rebocador comercial Nostromo do espaço exterior matrícula número um oito zero, dois quatro seis, em rota para a Terra com carga bruta de petróleo cru e competente refinaria. Controle de tráfego Antártica. Vocês me ouvem? Desligo.

Só o ruído cosmológico, esse silvo ao mesmo tempo tênue e constante de sóis muito remotos, respondeu-lhe nos alto-falantes. Enrodilhado aos pés de Ripley, Jones ronronava em ritmo com a harmonia das esferas.

Lambert tentou de novo:

— Rebocador comercial Nostromo do espaço exterior chamando o controle de tráfego Antártica, do Sol. Temos problemas de navegação. Este é um chamado prioritário. Por favor, respondam.

E só o mesmo sibilar de antes.

— S.O.S., S.O.S. O cargueiro Nostromo chamando o controle solar de tráfego ou qualquer astronave capaz de captar este sinal. S.O.S. Respondam.

Esse injustificado sinal de apuros (Lambert sabia que não estavam em perigo imediato) passou despercebido e não teve resposta. Desanimada, desligou o transmissor, mas deixou o receptor para todos os canais, para o caso de cruzarem com alguma outra nave.

— Eu sabia que não podíamos estar perto do nosso sistema — disse Ripley. — Conheço a área. — E com um sinal de cabeça para o painel suspenso acima do seu console:

— Isso aí não está perto do Sol e muito menos estamos nós.

— Continue a tentar — ordenou-lhe Kane, e voltou-se para encarar Lambert:

— Então, onde estamos? Você já procedeu a uma leitura?

— Você me concede um minuto? Não é fácil, sabe? Estamos perdidos na selva.

— Pois tente.

— Estou tentando.

Vários minutos de intensa busca com a cooperação dos computadores produziram um risinho de amarga satisfação no rosto dela:

— Achei... e a nós também. Estamos ligeiramente aquém da retícula de Zeta II. Não alcançamos sequer o anel mais externo habitado. Longe demais de casa para captar um sinal gravitacional, muito menos uma emissão de qualquer estação solar retransmissora.

— E que diabo estamos fazendo aqui? — indagou-se Kane, em voz alta. — Se não há

nada de errado com a nave e se não estamos em casa, por que a Mãe nos descongelou?

Foi só por coincidência e não como resposta direta a essa observação do executivo que um sinal de alarme se fez ouvir, de súbito, intermitente, mas alto e imperativo...

Junto da popa do Nostromo havia um amplo recinto quase todo ocupado por sua maquinaria pesada e complexa. Era, a bem dizer, o coração da nave, o seu intrincado sistema de propulsão, que lhe permitia distorcer o espaço, ignorar o tempo, torcer seu nariz metálico a Einstein e também — mas só incidentalmente — alimentar os apetrechos que mantinham viva a fragílima tripulação de humanos.

Na extremidade direita desse maciço e trepidante complexo de máquinas, havia um cubículo de vidro, que era como uma espinha transparente na ponta desse iceberg de hipervelocidade. Dentro dela, em assentos pré-moldados, ficavam dois homens. Eram responsáveis pela saúde e bem-estar da marcha da nave, situação que muito lhes agradava. Tomavam conta dela, e ela tomava conta deles.

Na maior parte do tempo, a maquinaria funcionava perfeitamente bem sozinha, o que lhes permitia empregar seu tempo em atividades mais inteligentes e agradáveis, como tomar cerveja e contar pilhérias pornográficas. No momento, era a vez de Parker falar. Contava, pela centésima vez, a história do aprendiz de maquinista.

Era uma boa história, que jamais deixava de arrancar um frouxo de riso do calado Brett e uma gargalhada do próprio narrador.

— "... e então a madame chega pra mim, toda nervosa e zangada ao mesmo tempo — dizia o engenheiro —, e insiste em que a gente vá e salve o pobre diabo. Achava que ele não sabia onde estava se metendo.

Como sempre, ele ria da própria pilhéria.

— Você se lembra daquele lugar. As quatro paredes, o teto e o soalho perfeitamente espelhados, e sem cama. Só uma rede de veludo suspensa no centro do quarto para confinar as atividades do cara e impedi-lo de ricochetar contra as paredes.

Sacudiu a cabeça de um lado para outro, desaprovando a lembrança.

— Aquilo não é lugar para amadores nem para brincadeiras. Não senhor! Imagino que o rapaz ficou encabulada ou que foi animado a tentar pelos seus colegas.

— Segundo me contou mais tarde a jovem em causa, enquanto se limpava, eles começaram bem. Mas quando começaram a rodopiar, ele entrou em pânico. Não sabia como deter aquilo. Ela tentou, mas são necessários dois para parar como são necessários dois também para começar a queda livre. E com os espelhos atrapalhando seu senso de orientação e tudo, mais a tonteira do giro, ele não pôde deixar de vomitar.

Parker tomou um pouco mais de cerveja.

— Você nunca viu porcaria maior em toda a sua vida. Aposto como ainda estarão limpando aqueles espelhos.

— Puxa! — disse Brett, apreciando.

Parker ficou imóvel no assento, deixando que os últimos vestígios da recordação se apagassem. Deixaram um resíduo agradavelmente lascivo. Distraidamente, torceu uma chave no seu console. Uma aprazível luzinha verde apareceu imediatamente por cima dele e manteve-se acesa.

— Como está a sua luz?

— Verde — admitiu Brett, depois de repetir o que o outro fizera, apertando a chave e conferindo no seu próprio instrumental.

— A minha também.

Parker ficou a contemplar as bolhas da cerveja. Poucas horas livres do hipersono e já se sentia enfadado. A silenciosa eficiência com que marchava a sala de

máquinas fazia-o sentir-se deslocado e irrelevante. Não havia com quem discutir — exceto Brett —, e era impossível armar um debate dos bons com um homem que falava por monossílabos e para quem uma sentença completa era um esforço inaudito.

— Continuo a pensar que Dallas ignora de propósito as nossas reclamações — arriscou. — Talvez não tenha autoridade para decidir que recebamos os bônus na íntegra, mas afinal de contas é o capitão. Se quisesse, poderia requerer isso, ou dizer uma palavrinha a nosso favor. Isso ajudaria muito.

Estudou uma leitura. Exibia uma série de números com mais e menos para a direita e a esquerda. A linha vermelha, fluorescente, que corria pelo centro do mostrador, descansava precisamente em zero, cortando a desejada indicação de neutralidade em duas.

Parker podia ter continuado indefinidamente a sua conversa descosida, alternando casos e queixas, se o sinal acima deles não tivesse começado nesse momento o seu intermitente sinal de alerta.

— Cristo! O que poderá ser isso agora? É só a gente ficar um pouco mais a gosto e já alguém começa a peidar.

— Certo.

Brett debruçou-se para a frente a fim de ouvir melhor, enquanto quem falava limpava sua distante garganta.

Era a voz de Ripley.

— Apresentem-se na sala comum.

Almoço não pode ser, e jantar é que não será.

Parker estava perplexo.

— Ou vamos ficar de prontidão para descarregar ou...

Olhou interrogativamente para o companheiro.

— Logo saberemos — disse Brett.

Em trânsito, Parker lançou um olhar crítico para as paredes do corredor C, não tão anti-septicamente limpas quanto seria de esperar.

— Gostaria de saber por que nunca chegam com o esfregão até aqui, onde o

verdadeiro trabalho se faz!

— Pela mesma razão pela qual ganhamos só metade do que eles ganham. Nosso tempo lhes pertence. É assim que pensam.

— Pois olha, vou dizer uma coisa: é uma boa droga! Não restava dúvida, pelo tom de Parker, que ele se referia a outra coisa, e não ao cheiro que impregnava as paredes do corredor…

-2-

Embora aquém do confortável, a sala comum era suficientemente ampla para reunir toda a tripulação. Uma vez que raramente comiam juntos as suas refeições (o cozinheiro automático, sempre funcional, encorajava indiretamente o individualismo em matéria de hábitos de comer), a sala não fora projetada tendo em vista sentar sete pessoas confortavelmente.

Parker e Brett estavam aborrecidos e não faziam esforço para escondê-lo. Seu único consolo era saber que nada havia de errado com as máquinas. Se haviam sido despertados para enfrentar uma emergência, esta nada tinha a ver com a engenharia. Saná-la caberia aos outros.

Ripley já comunicara a todos a desconcertante ausência do seu porto de destino.

Parker imaginou que teriam de reentrar no hipersono, processo que, além de tudo, era nojento e desconfortável. Praguejou entre dentes. Tinha ódio de tudo que atrasasse o recebimento do seu cheque de fim de viagem.

— Sabemos que não chegamos ao Sol, capitão. Kane falava por todos. Os outros olhavam expectantes para Dallas.

— Não estamos nem remotamente perto de casa. E, apesar disso, a nave houve por bem despertar-nos. Já era tempo de sabermos por quê.

— Sim, já era tempo — apressou-se em dizer Dallas. — Como sabem — continuou, dando-se uma certa importância —, como sabem, a Mãe está programada para interromper nossa viagem e arrancar-nos ao hipersono se determinadas circunstâncias sobrevierem...

Fez uma pausa, para maior efeito. Disse:

— Pois foi o que aconteceu.

— Terá de ser coisa muito séria — disse Lambert, enquanto com o rabo do olho via Jones brincar com um dos pisca-piscas de alerta. — Você sabe disso. Tirar uma tripulação inteira do hipersono não é coisa de somenos. Há sempre certo risco na operação...

— Grande novidade — resmungou Parker, mas tão indistintamente, que só Brett podia ouvi-lo.

— Todos ficarão felizes em saber — continuou Dallas — que a emergência que temos de enfrentar, que fomos acordados para enfrentar, não diz respeito à astronave. A Mãe diz que o Nostromo está em perfeitas condições.

Dois 'améns' de alívio soaram no recinto apertado.

— A emergência jaz em outro lugar, especificamente no sistema desconhecido, não mapeado, em que entramos há pouco. Devemos estar rumando para o planeta em causa nesse exato momento.

Olhou de relance para Ash, que o recompensou com um aceno confirmatório de cabeça.

— Captamos uma transmissão de alguma outra fonte. Estava mutilada e, aparentemente, a Mãe levou algum tempo para decifrá-la. Mas era, sem dúvida nenhuma, um sinal de perigo.

— Mas isso não faz sentido!

Lambert também parecia perplexa.

— De todos os sinais do código, os de perigo e socorro são os mais claros e os menos complexos. Por que a Mãe teria trabalho para interceptar um deles?

— A Mãe entende que não se trata de um sinal 'do código'. É uma espécie de sinal direcional, acústico, repetido a intervalos regulares de doze segundos. Isso, pelo menos, não é incomum. Todavia, ela não acredita que tenha origem humana.

Esse último dado provocou um murmúrio geral de espanto.

Quando a primeira excitação passou, ele explicou um pouco mais:

— A Mãe não está muito certa do que diz. E isso é algo que me escapa. Nunca vi um computador demonstrar confusão antes. Ignorância, sim. Mas não confusão. Pode bem ser um primeiro caso, histórico.

— O que importa é que ela está tão segura de tratar-se de um sinal de perigo que julgou necessário despertar-nos.

— E daí? — Brett dava a impressão de nada ter a ver com a história.

Kane respondeu-lhe com uma ponta de irritação.

— Vamos, homem. Você conhece seu manual. Estamos obrigados pela seção B 2 das normas de viagem da Companhia a dar a assistência de que formos capazes em situações dessas. Seja humano ou não o pedido.

Parker chutou o chão, de raiva:

— Cristo! Detesto dizer isso, mas nós somos um rebocador comercial com uma carga muito grande e difícil de manusear. Não somos nenhuma unidade de salvamento. Essa espécie de dever não consta do nosso contrato.

Animou-se um pouco, a essa altura, e acrescentou:

— Naturalmente, a coisa muda de figura se houver algum dinheiro extra num trabalho desses...

— Você faria melhor se relesse o seu contrato — recitou Ash, com uma precisão digna do computador de que tanto ele se orgulhava: — Qualquer transmissão sistemática que indique origem inteligente deve ser investigada. Qualquer negligência é punida com a perda de salários e bônus devidos ao fim da viagem. E não consta que haja prêmios pela ajuda prestada a alguém em perigo.

Parker deu um segundo chute no piso da nave, mas ficou de bico calado. Nem ele nem Brett tinham vocação heróica. Qualquer que fosse a coisa capaz de forçar uma nave a descer num mundo desconhecido, tratá-los-ia igualmente com desconsideração. Não que tivessem qualquer prova de que o emissor do sinal tivesse sido forçado a descer. Mas sendo um realista num universo hostil, Parker tendia naturalmente ao pessimismo.

Brett encarava simplesmente a volta em termos de atraso no seu pagamento.

— Nós vamos descer. Não há alternativa — Dallas encarou Brett e Parker, um depois do outro. Estava farto dos dois. Também ele não via com prazer esse desvio da rota, e estava tão ansioso quanto eles em chegar e descarregar. Mas havia momentos em que a manifestação de desagrado raiava pela desobediência.

— Certo — disse Brett, sardonicamente.

— Certo, o quê?

O técnico não era nenhum imbecil. A combinação do tom de voz de Dallas com a expressão do seu rosto indicavam lhe que era tempo de ceder.

— Certo que devemos descer — disse. E como Dallas continuasse a fixá-lo duramente, acrescentou: — Senhor.

O capitão lançou também um olhar envenenado a Parker, mas essa estimável figura já estava domada.

— Podemos descer? — perguntou a Ash.

— Alguém desceu antes de nós.

— Mas é isso o que me inquieta — disse Dallas. — Descer é um termo inócuo.

Implica uma seqüência de operações levadas a cabo com sucesso e resultando no pouso, sem choque nem risco, de uma nave numa superfície dura. Estamos, porém, em face de um pedido de socorro. Isso implica eventos nada benignos. Vamos descobrir o que se passa, mas com cuidado, pisando em ovos...

Havia um mapa iluminado na ponte.

Dallas, Kane, e Ash postaram-se em pontos cardeais opostos, enquanto Lambert sentava-se na sua estação.

— Aí está ele — disse Dallas, mostrando um ponto brilhante na superfície da carta de mesa. — E há uma coisa que quero que todos escutem.

Eles retomaram seus lugares e ele deu um sinal a Lambert. Os dedos dela pousaram numa chave específica.

— Muito bem. Ouçamos. Observem o volume.

A navegadora torceu a chave. Assobios e estática encheram o salão. Mas tudo clareou de repente, e ficou um único som, que deu arrepios na espinha de Kane. Para Ripley foi como se seres nojentos lhe passassem pelo corpo.

Durou doze segundos. Depois, voltou a estática.

— Deus todo poderoso! — exclamou Kane. Sua expressão era de abatimento.

Lambert desligou os alto-falantes. A ponte se fez de súbito humana outra vez.

— Que diabo poderá ser isso? — Ripley mostrava uma expressão curiosa, como se tivesse visto um bicho morto no seu prato de comida. — Não se parece a qualquer sinal de perigo que eu tenha jamais ouvido.

— Mas é assim que a Mãe o chama — informou Dallas. — Chamá-lo de 'alienígena' parece ter sido mais uma tentativa de minimizar sua importância, e não qualquer espécie de ironia por parte da Mãe.

— Talvez seja uma voz...

Lambert interrompeu a frase, considerou-a, achou suas implicações desagradáveis e procurou fingir que não tinha dito nada.

— Em breve saberemos. Você já dirigiu a nave para lá?

— Já localizei a seção do planeta de onde provém o sinal — disse Lambert virando-se com alívio para o seu console. Alegrava-a ter de ocupar-se de matemática, conjurando pensamentos inquietantes.

— Estamos perto.

— A Mãe não nos teria acordado se não estivéssemos — murmurou Ripley.

— Vem de ascensão seis minutos e vinte segundos, declinação menos vinte e nove graus, dois segundos.

— Mostre-me isso na tela.

A navegadora fez funcionar uma sucessão de botões. Um dos painéis tremeluziu, depois ofereceu-lhes um ponto brilhante.

— Alta incidência de luz refletida. Poderíamos chegar um pouco mais perto?

— Não. Vai ser preciso observar a coisa a essa distância. É o que eu, aliás, vou fazer.

Imediatamente, a tela foi posta em zoom e revelou uma forma oblonga, pouco espetacular, pousada no vazio.

— Você é uma filha da puta! — exclamou Dallas sem malícia. — Tem certeza de que se trata disso? Olha que é um sistema apinhado.

— É isso sim, pode estar seguro. Um simples planetóide, na verdade. Talvez tenha uns mil e duzentos quilômetros, mas não mais.

— Rotação?

— Sim. De umas duas horas, descontados os algarismos iniciais.

— Isso basta, por ora. Qual é a gravidade?

Lambert estudou diversas leituras.

— Ponto oito seis. Deve ser um troço muito denso.

— Não conte a Parker e Brett — disse Ripley. — Podem pensar que é metal pesado e sólido e iniciar uma prospecção em algum canto antes que tenhamos tempo de identificar o nosso transmissor...

O comentário de Ash foi mais prosaico:

— É possível andar em cima dele.

E puseram-se a calcular como melhor entrar em órbita...

O Nostromo aproximou-se do minúsculo mundo, puxando a reboque sua vasta carga de tanques e equipamento de refino.

— Aproximando-nos do apogeu, Mark. Vinte segundos. Dezenove. Dezoito...

E Lambert continuou a contagem regressiva enquanto seus colegas se atarefavam à sua volta.

— Dar uma guinada de noventa e dois graus para estibordo...

Na vastidão do espaço, rebocador e refinaria regiraram, numa pirueta maciça. Acendeu-se uma luz na popa do rebocador e o seu motor secundário inflamou-se por um momento.

— Órbita equatorial no papo — anunciou Ash.

Abaixo deles o mundo em miniatura girava indiferente.

— Dê-me uma leitura de pressão.

Ash examinou instrumentos e falou, sem voltar-se para encarar Dallas:

— Três ponto quatro cinco em corte em redondo... aproximadamente cinco psia, capitão.

— Avise se mudar.

— O senhor teme que uma manipulação redundante possa desarranjar o controle CMGS quando estivermos ocupados com outra coisa?

— Isso.

— O controle CMG fica neutralizado via DAS/DCS. Podemos aumentar com TACS e controlar através de ATMDC e computador. Mais aliviado?

— Muito mais.

Ash era engraçado. Frio como amigo, mas extremamente competente. Nada o perturbava. Dallas sentiu-se confiante, com o oficial de ciência secundando-lhe as decisões, vendo-o operar.

— Preparar para desengajar da plataforma.

Virou uma chave e falou para um pequeno pick-up:

— Engenharia, preparar para desengajar.

— L alinhado com o porto e estibordo verde — informou Parker, sem sombra do habitual sarcasmo.

— Verde para o desligamento do umbilicus espinhal, acrescentou Brett.

— Cruzando o terminal — informou Lambert, para conhecimento de todos. — Estamos entrando no lado escuro.

Abaixo deles, uma linha cortava espessas nuvens. Metade ficava na luz, a outra metade era escura como o fundo de uma sepultura.

— Está se aproximando, está se aproximando. Atenção. — Lambert manejou vários comutadores em sucessão. — Atenção. Quinze segundos, dez... cinco... quatro. Três. Dois. Um. Agora.

— Desengajar — ordenou Dallas, secamente.

Minúsculas baforadas de gás apareceram entre o Nostromo e a vasta massa da plataforma de refinaria. As duas estruturas artificiais, uma pequena e habitada, a outra enorme e deserta, afastaram-se lentamente. Dallas observou a separação atentamente na tela número dois.

— Tudo claro com umbilicus — anunciou Ripley depois de uma curta pausa.

— Precessão corrigida — disse Kane. E recostou-se na sua cadeira, descansando por um momento. — Tudo bem. Separação efetuada com êxito. Nenhum dano.

— Confere — disse Lambert.

— Confere — acrescentou Ripley, aliviada.

Dallas olhou de relance a navegadora.

— Tem certeza de que ela ficou numa órbita segura? Não quero ver aqueles dois bilhões de toneladas caírem e arderem enquanto investigamos lá embaixo. A atmosfera não é bastante densa aqui para funcionar como uma cobertura de proteção.

Lambert estudou uma leitura:

— A refinaria está segura em órbita por um ano ou dois. Fácil.

— Excelente. O dinheiro está seguro e seguros estamos nós também. Vamos descer. Preparar para vôo atmosférico.

Cinco humanos se puseram a trabalhar, cada um na sua tarefa específica. Jones, o gato, entronisado num console de bombordo, estudava as nuvens que se aproximavam.

— Caindo.

Lambert tinha a atenção fixa num determinado instrumento.

— Cinqüenta mil metros. Caindo. Caindo. Quarenta e nove mil. Entrando na atmosfera.

Dallas estudava seu próprio painel de instrumentos, procurava avaliar e memorizar as dúzias de algarismos em mutação incessante. Viajar pelo espaço consistia nisso: em honrar os próprios instrumentos e deixar que a Mãe fizesse o trabalho pesado. Mas vôo na atmosfera era outra coisa, inteiramente. Era tarefa para piloto e não para máquinas. Para variar.

Nuvens marrons e cor de chumbo roçavam pelo fundo da nave.

— Cuidado. As condições parecem difíceis, lá embaixo.

Típico Dallas, pensou Ripley. Em algum lugar, naquele inferno pardacento e oco, outra nave continuava a soltar seu lamento, regular, inumano, assustador. O próprio mundo em que estavam era desconhecido, o que significava que tinham de começar da estaca zero em matéria de peculiaridades atmosféricas, terreno, coisas assim. Mas para Dallas tais condições eram apenas 'difíceis'. Ripley muitas vezes perguntava a si mesma que diabo um homem tão competente quanto o capitão fazia em volta do cosmos a bordo de um rebocador sem importância como o Nostromo.

A resposta, se ela pudesse ler a sua mente, ter-lhe-ia causado surpresa: Dallas gostava daquela vida.

— Descida vertical computada e anotada. Corrigindo o curso ligeiramente — informou Lambert. — Curso correto, agora. Estamos chegando.

— E como o nosso planejamento se ajustará à propulsão secundária com um tempo desses?

— Estamos indo muito bem até agora, capitão. Não posso ter certeza até que atravessemos essas nuvens. Se é que vamos poder atravessá-las.

— Satisfatório,

Dallas franziu a testa a uma leitura; apertou um botão. A leitura melhorou.

— Avise-me se achar que vamos errar.

— Muito bem.

O rebocador chocou-se contra algo invisível. Invisível ao olho, não aos seus instrumentos. A nave saltou uma, duas, três vezes, depois acomodou-se mais confortavelmente na grossa camada de nuvens escuras.

A relativa facilidade da entrada era um tributo à habilidade de Lambert como estrategista e de Dallas como piloto.

Mas não durou.

Dentro do oceano do ar, fortes correntes redemoinhavam começaram a açoitar a nave que descia.

— Turbulência — disse Ripley, e pôs-se a batalhar com seus controles.

Luzes de navegação e de aterrissagem — pediu Dallas. Queria perceber alguma coisa, a despeito do verdadeiro furacão que reinava fora. — Talvez possamos descobrir alguma coisa visualmente.

— Não há substituto possível para os instrumentos — disse Ash. — Não num tempo como esse.

— Também nada substitui um input máximo. De qualquer maneira, quero ver.

Luzes patentes acenderam-se debaixo do Nostromo. Mas não deram aquele campo de visão desimpedido que Dallas tinha desejado. Sua penetração nas nuvens era fraca. De qualquer modo, iluminaram os escuros painéis, clareando ao mesmo tempo a ponte e a atmosfera mental. Lambert sentiu menos agudamente que navegavam em tinta preta.

Parker e Brett não podiam ver as nuvens de fora, mas podiam senti-las. A sala das máquinas mudou de posição subitamente, rolou para o lado oposto, voltou à posição primitiva.

Parker soltou uma praga.

— O que é isso? Você ouve?

— Sim, ouço.

Brett conferiu um mostrador, nervosamente.

— Queda de pressão na entrada número três. Devemos ter perdido uma das couraças de blindagem.

Apertou diversos botões.

— Não disse? Perdemos uma. Está entrando pó.

— Feche a abertura, feche-a.

— E o que pensa que estou fazendo?

— Bonito. Agora temos uma passagem cheia de pó.

— Isso não será problema, espero. — Brett ajustou um controle. — Vou contornar o número três e fazer sair o pó à medida que entra.

— Mas o desastre está feito — disse Parker. Não queria nem pensar no efeito que teriam tido todos os abrasivos do vento sobre o revestimento interno do orifício de entrada. O que será isso que estamos atravessando? Nuvens ou rochas? Se não batermos, aposto dinheiro vivo como teremos um curto-circuito a qualquer momento.

Alheios às maldições da sala de engenharia, os cinco tripulantes da ponte continuavam a lutar para que o rebocador descesse sem dano e o mais próximo possível da fonte do sinal.

— Acercando-nos do ponto de origem. — Lambert estudou um mostrador. — Descendo a vinte e cinco quilômetros. Vinte. Dez, cinco...

— Reduzindo a velocidade e virando — disse Dallas, debruçado sobre o leme manual.

— Curso exato, três graus quatro minutos à direita.

Dallas ateve-se a essas indicações.

— Conseguimos. Estamos a cinco quilômetros do centro do círculo de busca e a descida é estável.

— Apertando agora — e Dallas mexeu no leme mais uma vez.

— Três quilômetros. Dois.

Lambert parecia um tanto excitada, embora Dallas não pudesse saber se era em virtude do perigo ou da proximidade da fonte do sinal.

— Estamos praticamente por cima dela agora.

— Belo trabalho Lambert. Ripley, que tal o terreno? Ache-nos um lugar para a aterrissagem.

— Estou tentando, capitão.

Ela inspecionou vários painéis, e sua expressão de contrariedade aumentou a cada leitura. Dallas continuava a zelar para que a nave mantivesse sua descida no centro do alvo enquanto Ripley lutava para decifrar a superfície invisível do solo.

— Visibilidade nula.

— Estamos cientes disso — disse Kane. — Podemos ver por nós mesmos.

Os raros vislumbres do solo que os instrumentos haviam dado, tinham bastado para botá-lo de mau humor. Sugeriam um mundo deserto, desolado e hostil.

— O radar só me dá estática — Ripley gostaria que o material eletrônico reagisse a imprecações tão prontamente quanto os humanos reagem. — O sonar só me dá estática.

O infravermelho, mais estática. Aguentem-se aí, que vou experimentar o ultravioleta. O espectro está suficientemente alto para que não haja interferência.

Um momento de espera. Depois, surgiram algumas linhas afinal.

Era a tão esperada leitura. Seguiram-se palavras brilhantemente iluminadas, e um croqui do computador.

— Isso resolveu o problema.

— Temos um lugar para aterrissar?

Ripley pareceu de todo tranqüila.

— Tanto quanto eu saiba, acho que podemos descer em qualquer lugar. A leitura diz que o solo é plano aí em baixo. Totalmente plano.

Dallas visualizou a lava muito lisa, uma crosta já resfriada mas fina, debaixo da qual se escondia um inferno em fusão.

— Sim, plano. Mas feito de quê? Água, areia, queijo fresco, ou como a Lua?

— Experimente lançar uma sonda de superfície, Kane. Obtenha uma definição. Eu baixo a nave o bastante para que nos livremos da maior parte dessa interferência. Se o solo é mesmo chato, pode chegar perto sem correr demasiados riscos.

Kane virou rapidamente vários interruptores.

— Controlando. Análise ativada. Ainda captando estática.

Cautelosamente, Dallas aproximou a astronave da superfície.

— Ainda barulhento, mas melhorando.

Mais uma vez Dallas perdeu altitude. Lambert não tirava o olho dos instrumentos. Eles tinham altura mais que suficiente para estarem em segurança, mas, à velocidade em que iam, isso podia mudar de repente se algo de errado acontecesse com os motores ou se alguma corrente desse outro mundo começasse a soprar de súbito de baixo para cima. Não podiam reduzir mais a sua velocidade. Com o vento que havia, poderiam perder o controle da nave.

— Clareando, clareando... Agora!

Kane estudou as leituras e linhas fornecidas pelo analista de imagens:

— Já esteve em fusão, anteriormente. Mas não mais. E não há muito tempo, segundo a análise. É principalmente basalto, um pouco de riólito, com camadas superpostas de lava. Mas estas, ocasionais. Tudo resfriado e sólido, hoje em dia.

Nenhum sinal de atividade tectônica.

Kane lançou mão de mais alguns instrumentos para aprofundar sua investigação dos segredos da crosta daquele mundo minúsculo.

— Nenhuma falha geológica de importância debaixo dos nossos pés ou em nossa vizinhança imediata. O lugar me parece excelente para a aterrissagem.

Dallas pensou um pouco.

— Você está seguro da composição da superfície?

— É velha demais para ser diferente — o oficial de ciência parecia melindrado. — E tenho conhecimentos bastantes para verificar a idade das rochas ao mesmo tempo que sua composição. Pensa o senhor que eu deixaria a nave descer pela chaminé de um vulcão?

— Está bem, está bem. Desculpe. Estou apenas procurando certificar-me. Não faço uma aterrissagem sem mapas nem balizamento desde os tempos da escola. Estou um tanto nervoso.

— E não estamos todos?

— E se baixássemos? — ninguém fez objeção. — Vamos botá-la no chão. Vou descer em espiral tão bem quanto possa. Mas você, Lambert, mantenha uma vigilância rigorosa daquele pulso intermitente. Não queremos pousar na cabeça da nave sinistrada. Advirta-me se chegarmos perto demais.

Alguns reajustes foram feitos, algumas ordens dadas e executadas por fiéis servidores eletrônicos. O Nostromo começou a evoluir em espiral rumo à superfície, enfrentando lufadas de ventos contrários e rajadas de ar negro a cada metro do caminho.

— Quinze quilômetros e descendo — anunciou Ripley em voz neutra. Doze... dez...oito.

Dallas acionou um comando.

— Velocidade de descida. Cinco.. .três.. .dois... Um quilômetro.

O mesmo comando foi de novo tocado.

— Diminuindo... Ativar os motores de aterrissagem.

— Feito.

Operando o seu console, Kane parecia confiante.

— Descida controlada agora por computador.

Um alto zumbido, áspero, encheu a ponte quando a Mãe assumiu a

responsabilidade da descida, regulando os últimos metros com uma precisão que nenhum piloto terrestre

poderia igualar.

— Descendo sobre pás de aterrissagem — disse Kane.

— Desligue os motores.

Dallas efetuou uma última verificação antes da aterrissagem e virou várias chaves para DESLIGADO.

— Motores desligados. Engenho de descida funcionando corretamente.

A ponte vibrava com uma palpitação forte, ritmada.

— Novecentos metros e descendo.

Ripley vigiava seus controles.

— Oitocentos... setecentos... seiscentos.

Continuou a contar de cem em cem metros. E logo já contava de dez em dez.

A cinco metros do solo o rebocador hesitou, pairando por cima da superfície envolta em densas trevas e varrida por ventos de tempestade.

— Descer as patas — disse Kane, e correu a executar a manobra que Dallas começava a ordenar. Um gemido fino, quase indistinto, fez-se ouvir na ponte. Várias pernas telescópicas de aço projetaram-se do corpo da astronave, que ficou semelhante a um grande besouro surgindo de um pesadelo. As pás de aterrissagem roçavam quase a superfície ainda invisível da rocha abaixo deles.

— Quatro metros... ufa! — Ripley interrompeu o que ia dizendo. E o Nostromo interrompeu a sua descida. As pás tocaram rocha dura, resistente, mas os maciços amortecedores calçaram o contacto.

— Estamos em terra.

Algo rompeu-se. Um circuito menor, provavelmente, ou talvez uma sobrecarga não de todo compensada, a que ninguém acudira prontamente. Um choque terrível correu pela astronave. O metal do casco vibrou com um gemido metálico, fantasmagórico.

— Não sei onde está! Perdi! — gritava Kane quando as luzes se apagaram.

Instrumentos pediam atenção ao mesmo tempo e ruidosamente, no escuro, à medida que a falha elétrica repercutia até as extremidades nervosas do

Nostromo.

Quando o choque chegou à engenharia, Parker e Brett preparavam-se para uma nova rodada de cervejas. Uma série de canos enfileirados no teto pré-moldado explodiu prontamente. Três painéis no cubículo de controle inflamaram-se, enquanto a válvula de pressão mais próxima inchava, rebentando logo depois.

Não havia mais luzes, e eles se puseram a tatear em busca de lanternas manuais, de bateria. Parker tentou achar o botão que controlava o gerador de reserva, que alimentava a astronave na falta dos motores.

Uma certa confusão controlada reinava na ponte. Quando as exclamações e perguntas amainaram, foi Lambert quem deu forma à indagação geral:

— O gerador secundário já devia ter entrado em ação a essa altura.

Deu um passo, mas bateu com o joelho na quina de um console.

— Por que não está funcionando? — perguntou Kane. Encostado à parede, palpou-a com a mão. — Controles de reserva de aterrissagem... aqui. — Passou os dedos por diversos botões com que estava familiarizado. — Botão do compartimento de proa, aqui... Junto dele deve estar... Sua mão se fechou no controle de luz de emergência, e torceu-o. Um clarão muito tênue revelou várias silhuetas fantasmagóricas.

Com essa luz de Kane como guia, Dallas e Lambert localizaram suas próprias barras luminosas. As três fontes juntas davam luz suficiente para trabalharem.

— O que aconteceu? Por que o gerador não acendeu? E qual foi a causa do acidente?

Ripley ligou o intercomunicador:

— Sala de máquinas, o que houve? Qual é a situação aí?

— Péssima. — Parker parecia ocupado, zangado e preocupado ao mesmo tempo. Um zumbido longínquo, como que de asas aflitas de algum inseto monstruoso, fazia um fundo para as palavras dele. Cresciam de intensidade e apagavam-se quase, como se houvesse dificuldade em manter a comunicação com o alto-falante que era onidirecional.

— Pó por toda parte, nos motores, foi isso o que aconteceu. Ocorreu durante a descida. Acho que não fechamos a escotilha a tempo, e não nos livramos do pó a tempo. Temos um fogo elétrico aqui atrás.

— E não é pequeno — acrescentou Brett. Foi sua única contribuição à conversa. Parecia fraco, a distância.

Houve um intervalo, em que apenas podiam ouvir pelo sistema de intercomunicação o esguicho dos extintores químicos.

— As entradas ficaram entupidas — explicou por fim Brett aos seus alarmados ouvintes —, depois superaquecidas. Queimamos uma célula inteira, penso eu. Cristo, está uma zorra completa aqui embaixo...

Dallas olhou para Ripley.

— Aqueles dois me parecem por demais ocupados. Um de vocês me responda. Alguma coisa estourou. Espero que tenha sido só no departamento deles, mas pode ser pior. O casco foi fendido? — O capitão respirou. — Se foi, onde? E quais as proporções do desastre?

Ripley examinou rapidamente os instrumentos de pressurização, depois correu os olhos pelos diagramas individuais para situar-se bem. E pôde responder com alguma confiança:

— Não vejo nada de maior. Ainda temos pressão normal em todos os compartimentos. Se há um buraco, é minúsculo, e a auto-selagem do casco já se encarregou de obturá-lo.

Ash estudou seu próprio console. Como os outros, tinha alimentação própria, independente, para o caso de falha maciça da energia como a que estavam experimentando naquele momento.

— O ar em todos os compartimentos não mostra sinais de contaminação pela atmosfera exterior. Penso que estamos ainda estanques, capitão.

— Essa é a melhor notícia que recebo em sessenta segundos. Kane, ligue os painéis externos que ainda estejam com energia.

O oficial executivo ajustou uns três pinos. Houve um visível tremeluzir, um bruxuleio, um vislumbre de vagas formas geológicas, depois completa escuridão outra vez.

— Nada. Estamos tão cegos do lado de fora quanto aqui dentro. Temos de ligar a energia sobressalente pelo menos para sabermos onde estamos. As baterias não são bastante fortes nem mesmo para a menor projeção de imagens.

Os censores auditivos exigiam menos energia. Traziam as vozes daquele mundo para dentro da cabine. Os sons distorcidos da ventania cósmica subiam e desciam contra os receptores impossíveis, enchendo a ponte de uma algaravia, como peixes a discutir.

— Quisera que tivéssemos descido à luz do dia, disse Lambert, espreitando por

uma escotilha escura que lhe devolvia apenas o próprio rosto ansioso. — Teríamos sido capazes de ver sem instrumentos.

— Mas o que há com você, Lambert? — Brincou Kane. — Será que tem medo do escuro?

Ela, porém, não sorriu de volta.

— Não é o escuro que conheço que me dá medo, mas o que não conheço.Especialmente quando há neles sons como o dessa pulsação de alarme — respondeu. E concentrou de novo sua atenção na janela coberta de pó.

Sua disposição em expressar alto e bom som o que lhes ia, a todos, na alma, não contribuiu para aliviar a tensão na ponte. Exígua sempre, parecia agora sufocante naquela quase-escuridão.

E o silêncio que reinava entre eles agravava o clima de nervosismo geral.

Foi um alívio quando Ripley anunciou:

— Conseguimos reparar a intercomunicação.

Dallas e os outros se imobilizaram, na expectativa. Todos a olhavam. Ripley remexeu no amplificador.

— É você, Parker?

— Sim, sou eu.

Pelo tom, o engenheiro estava fatigado demais para assumir sua habitual petulância.

— Qual é a situação aí?

Mentalmente, Dallas cruzou os dedos.

— E o fogo? Dominado?

— Sim, finalmente, conseguimos apagá-lo. — Ele suspirou, e o som não era muito diverso dos silvos da ventania. — Chegou a atingir aquele velho sistema de lubrificação que reveste as paredes do corredor até o nível C. Houve um momento em que pensei que nossos pulmões ficariam inteiramente ressequidos. Mas a camada combustível era mais fina do que eu pensava e queimou toda ela tão rapidamente, que não houve tempo de esgotar nossa provisão de ar respirável. Os purificadores estão agora removendo o gás carbônico a contento.

Dallas molhou os lábios secos.

— E os prejuízos? Não importam os danos superficiais. Tudo o que me interessa é desempenho e funcionamento da nave.

— Vejamos... Dois painéis totalmente perdidos.

Dallas podia vê-lo a enumerar os itens nos dedos.

—... A unidade divisora da carga secundária está fora de combate e pelo menos três celitas do módulo doze se foram. Com tudo o que isso implica.

Deixou que a notícia tivesse todo o seu impacto antes de acrescentar:

— Quer saber também os dados miúdos? Dê-me uma hora e terá uma lista exaustiva.

Deixe isso para lá. Mas espere um segundo na linha. — Voltou-se para Ripley e comandou:

— Tente os painéis outra vez.

Ela o fez, sem resultado. Permaneceram tão vazios como o cérebro de um contador da Companhia.

— Temos de nos arranjar sem eles por mais algum tempo, é só — disse-lhe o capitão.

— Parker — continuou Ripley. — Está certo de que isso foi tudo?

Curiosamente, simpatizava agora com Parker e Brett, e era a primeira vez que isso acontecia desde que se tinham tornado membros daquela tripulação. Ou desde que ela passara a integrar o grupo, pois Parker pelo menos era mais antigo no Nostromo.

— Até agora, foi — Parker tossiu no alto-falante. — Estamos tentando agora recuperar toda a potência anterior das máquinas. Doze módulos paralisados causaram grande confusão por aqui. Quando tivermos examinado tudo que o fogo devorou, poderei falar de energia.

— E consertos? Vocês podem se arranjar sozinhos?

Dallas revisava, na cabeça, o relatório do engenheiro.

Poderiam, achava ele, remendar os danos iniciais, mas o problema das celitas levaria tempo. Que dano teria o módulo doze era coisa em que preferia não pensar no momento.

— Não podemos fazer grande coisa aqui, mesmo que você o deseje.

— Não pensei que pudessem. Não esperava isso. Mas o que poderão fazer?

— Podemos mudar o itinerário de alguns desses duetos e realinhar tomadas inutilizadas. — Temos de cuidar primeiro da avaria grossa. E será impossível concertar os duetos sem botar a nave em dique seco. Teremos, por enquanto, de fazer de conta.

— Entendo. O que mais?

— Já disse. O módulo doze. E digo logo o mais grave: perdemos uma célula principal.

— Como? Foi o pó?

— Em parte — Parker interrompeu-se, trocou palavras inaudíveis com Brett, depois voltou ao alto-falante. — Alguns fragmentos se aglutinaram no interior dos orifícios de entrada, empastaram-se, provocaram um excesso de aquecimento e, em seguida, o fogo. Você sabe como são sensíveis esses propulsores. A coisa varou a blindagem e fez explodir o sistema inteiro.

— Há algo que você possa fazer? — perguntou Dallas. O sistema tinha de ser reparado de qualquer maneira. Era impossível substituí-lo.

— Penso que sim, e Brett também. Temos primeiro de limpá-lo inteiramente, inclusive com o aspirador. Aí veremos de fato como está. E como se comporta. Se agüentar firme depois de raspado, então tudo estará bem. Se não, podemos tentar um remendo com metal. Mas se descobrirmos alguma fissura longitudinal, aí então...

E sua voz sumiu-se.

— Não falemos de problemas finais como esse — sugeriu Dallas. — Atenhamo-nos ao mais imediato, e esperemos que não haja outros.

— De acordo.

— Certo — disse Brett; e pela direção da voz trabalhava em alguma coisa à esquerda do engenheiro.

— Ponte desligando.

— Engenharia desligando. Guardem o café quente.

Ripley torceu o interruptor da intercomunicação e olhou, expectante, para Dallas. Este estava sentado, quieto. Pensava.

— Quanto tempo levará para ficarmos de novo em condições operacionais, Ripley?

— Admitindo que Parker esteja correto a respeito das proporções da avaria, que ele e Brett façam os reparos mencionados, e que a maquinaria se agüente?

Ela estudou as suas leituras, e considerou o problema por um momento.

— Se eles conseguirem consertar os duetos estragados, e reparar o módulo doze pelo menos de maneira a que ele possa receber sua porção da carga, como antes, eu diria entre quinze e vinte horas.

— Nada mau. Eu tinha calculado dezoito. — «Não sorria, mas estava um pouco mais esperançoso. — E os auxiliares? Talvez devam estar prontos para entrar em ação logo que tivermos nossa energia de volta.

— Estou trabalhando nisso — disse Lambert, e reajustou instrumentos que não se podiam ver. — Estaremos prontos aqui quando eles estiverem prontos na engenharia.

Dez minutos mais tarde um pequenino alto-falante na estação de Kane deixou escapar uma série de pulsações breves mas agudas. Kane estudou um instrumento, depois ligou seu comunicador individual:

— Ponte. Aqui, Kane.

Exausto mas satisfeito consigo mesmo, Parker falou do fundo da nave:

— Não sei quanto tempo vai agüentar... algumas das soldas que tivemos de fazer são, necessariamente, precárias. Mas se tudo marchar como deve, podemos refazer uma por uma, dar uma caprichada, quando tivermos tempo para isso. E aí terão mais segurança. Vocês já devem ter energia agora.

O executivo torceu uma válvula. As luzes brilharam na ponte, leituras armazenadas piscaram, depois acenderam-se, e houve grunhidos e murmúrios de aplauso do resto da tripulação.

— Temos a energia e as luzes de novo em boas condições — informou Kane. — Bom trabalho o de vocês dois.

— Todo trabalho nosso é bom — respondeu Parker.

— Certo. — Brett devia estar junto do intercomunicador dos fundos, junto dos motores, a julgar pelo zumbido igual que fazia um elegante contraponto à sua resposta, monossilábica como sempre.

— Não fiquem muito excitados — continuou Parker. — Os novos encadeamentos devem agüentar, mas não prometo nada. Estamos apenas juntando o que podemos aqui atrás, e o melhor que podemos. Alguma novidade desse lado aí?

Kane sacudiu a cabeça, mas lembrou-se de que Parker não podia ver o gesto.

— Não, nada.

Depois, deu uma olhadela pela vigia mais próxima. As luzes da ponte lançavam seu débil clarão sobre um trecho Pouco característico do solo, pelo menos

inteiramente árido, e tempos em tempos, a tempestade que rugia lá fora expunha à vista uma nuvem mais densa de areia ou um fragmento maior de rocha. E havia, então, um breve lampejo, fruto do reflexo. Mas era tudo.

— Pura rocha. É verdade que não podemos ver muito longe. E sabemos tão pouco que talvez estejamos a cinco metros do oásis local...

— Pois continue a sonhar... — disse Parker. Em seguida, gritou algo ininteligível para Brett e encerrou a transmissão com um esmerado:

— Entrarei em contato se sobrevierem problemas. Façam o mesmo.

— Mandaremos um cartão postal — respondeu Kane. E desligou.

-3-

Talvez fosse melhor para a paz de espírito de todos se a emergência tivesse continuado. Mas com a energia e as luzes recuperadas e nada a fazer senão olharem uns para os outros, os cinco tripulantes da ponte começaram a ficar irrequietos.

Não havia lugar bastante para estender as pernas ou descansar. Um só dentre eles que se pusesse a andar de um lado para o outro ocuparia todo o espaço disponível do convés. Então, sem assunto, puseram-se a lustrar seus respectivos consoles, a consumir quantidades imoderadas de café pedido ao cozinheiro automático e a revolver o cérebro em busca de alguma ocupação que os impedisse de pensar na apertura em que se achavam metidos. De qualquer maneira, preferiam não especular em voz alta sobre o que pudesse existir do lado de fora, talvez até na vizinhança mais imediata da astronave.

De todos eles, só Ash parecia relativamente alegre. Sua única preocupação no momento era a condição mental dos seus colegas.

Não havia distrações a bordo. O Nostromo era um simples cargueiro, um rebocador, uma nave de serviço. Não um iate de recreio. Uma vez livre das tarefas que lhe incumbiam, sua tripulação passava o tempo nos confortáveis abismos do hipersono.

Era natural, por isso, que uma vigília ociosa causasse nervosismo, sobretudo em circunstâncias tão incertas.

Ash, no entanto, podia passar e repassar problemas teóricos no computador sem jamais entediar-se. Achava inclusive estimulante esse tempo acordado.

— Alguma resposta aos nossos chamados externos? — Perguntou o capitão, debruçando-se em sua cadeira para ver melhor o oficial de ciência.

— Já tentei todos os sinais que constam do manual mais a associação de idéias.Também deixei que a Mãe experimentasse uma abordagem estritamente mecanológica. Tudo pura perda de tempo — Ash sacudiu a cabeça e pareceu desapontado. — Sempre e exclusivamente o mesmo sinal de alerta, repetido a intervalos regulares. Todos os outros canais permanecem vazios. Tudo o que se pode captar é uma ligeira crepitação em... deixe-me ver... zero ponto três três. E

apontou para cima com o polegar. — A Mãe diz que se trata da descarga característica da estrela central deste sistema. Se alguma coisa ou alguém está vivo, nada mais pode fazer senão enviar aquele sinal de alerta ou pedido de socorro, ou o que seja.

Dallas fez um barulho grosseiro.

— Temos plena potência agora. Vamos ver onde estamos afinal. Pise, aí, no chão.

Ripley acionou o comutador. Um colar de luzes poderosas, pérolas brilhantes no engaste tenebroso do Nostromo, acendeu-se do lado de fora das escotilhas.

O vento e o pó cósmico ficaram mais evidentes então, formando às vezes pequenos redemoinhos no ar, soprando às vezes em linha reta com incrível força na linha visual deles. Rochas isoladas, protuberâncias e crateras eram os únicos acidentes na paisagem devastada. Nenhum sinal de vida, nem um traço de líquen, nenhum arbusto mesmo enfezado, nada.

Só o vento e o pó, girando na noite alienígena.

— E o tal oásis? — disse Kane, baixinho.

Nada. Desolação monótona, inóspita.

Dallas levantou-se, caminhou até uma escotilha e ficou a contemplar a tempestade incessante, as lascas de rocha que ricocheteavam contra o vidro espesso. Perguntava-se se jamais o ar se aquietaria num planeta desses. Por tudo o que tinham logrado saber das condições locais, o Nostromo poderia muito bem ter descido num claro dia de verão. Mas isso era improvável. Aquele globo não tinha dimensões suficientes para produzir condições meteorológicas deveras violentas, como as de Júpiter, por exemplo. Consolava-se até certo ponto com isso, isto é, com a convicção de que o tempo lá fora não podia ficar muito pior. As peculiaridades do tempo no lugar foram, inevitavelmente, o principal assunto das conversações.

— Não podemos sair. Não podemos ir a lugar nenhum com um tempo desses — disse Kane. — Pelo menos, não no escuro.

Ash levantou pela primeira vez os olhos do seu console. Não se mexera. Parecia feliz, física e mentalmente. Kane não podia entender como o oficial de ciência conseguia isso. Se ele mesmo não tivesse deixado, várias vezes, sua própria

estação, já estaria louco àquela altura.

Ash percebeu o olhar do chefe, e forneceu alguns dados tentadores:

— A Mãe diz que o sol local nasce dentro de vinte minutos. Se nos decidirmos a ir a alguma parte, não será nas trevas.

— Já é alguma coisa — admitiu Dallas, agarrando-se àquela última gota de encorajamento. — Se esses que nos chamaram não dizem mais ou se não podem dizê-lo, cabe a nós irmos em busca deles. Ou do objeto sinistrado, se a pulsação que ouvimos for apenas automática. A que distância estamos da fonte transmissora?

Ash analisou suas leituras e ativou uma plotadora ao nível do solo para confirmação.

— A cerca de três quilômetros, quase tudo em terreno plano, tanto quanto os examinadores automáticos são capazes de descobrir. A fonte transmissora está a nordeste da nossa presente posição.

— Composição do terreno?

— Parece ser a mesma que determinamos grosso modo na descida. A mesma matéria dura sobre a qual estamos pousados agora. Tudo basalto maciço, com variações menores. Embora eu não exclua a priori a possibilidade de encontrar alguns bolsões amigdaloidais, aqui e ali.

— Teremos cuidado, então.

Kane conferia mentalmente distâncias e prováveis tempos de percurso.

— Pelo menos, é suficientemente perto para irmos a pé.

— Sim — Lambert parecia satisfeita. — Eu não gostaria de mover a nave. Uma descida vertical, de órbita para terra, é infinitamente mais fácil de planejar que um deslizamento na superfície com um tempo desses.

— OK. Sabemos pelo menos em que solo vamos pisar. Resta descobrir o que teremos de atravessar. Ash, por favor: uma análise preliminar da atmosfera.

O oficial de ciência acionou os seus botões. Uma pequena vigia se abriu como uma boca na pele do Nostromo. Por ela um frasco de metal foi exposto ao vento, sugou uma porção infinitesimal da atmosfera daquele mundo, e recolheu-se.

A amostra foi despejada numa câmara de vácuo. Instrumentos dos mais sofisticados puseram-se a esquadrinhá-la, parte por parte. E em breve essas partes de ar começaram a aparecer sob a forma de números e símbolos nas

janelas do console de Ash.

Ele as analisou rapidamente, pediu a repetição de uma leitura, depois apresentou um sucinto relatório aos companheiros.

— A mistura é quase primitiva. Grandes quantidades de nitrogênio inócuo, algum oxigênio, alta concentração de dióxido de carbono em liberdade. Há também metano e amônia, uma parte em estado congelado... Faz frio, senhores, lá fora. Vou examinar agora com maior detalhe os diversos elementos constituintes, mas não espero qualquer surpresa. Tudo me parece standard — e, naturalmente, irrespirável.

— Pressão?

— Dez ao quarto dinas por centímetro quadrado. Não nos deterá ou atrasará, a não ser que o vento realmente se desencadeie.

— E a umidade? — quis saber Kane, em cuja mente as imagens de um oásis extraterreno começavam a desvanecer-se, como se desvanecem, via de regra, as miragens.

— Noventa e oito duplo P. Talvez não cheire bem, mas que é úmido não tenho dúvida. Vapor dágua em quantidade. Uma mistura bizarra, podem crer. Jamais imaginei encontrar tanto vapor d'água coexistindo assim tranqüilamente com o metano. Não aconselharia que alguém bebesse água das eventuais nascentes. Talvez nem seja água...

— Alguma outra coisa que a gente precise saber?

— Só que o escudo fundamental basáltico é de lava fria e dura. E que o ar também é frio, muito abaixo dos níveis suportáveis — informou Ash. — Precisaríamos de roupas especiais para suportar temperaturas tão extremas, mesmo que o ar fosse respirável. Se existe vida nessas condições terá de ser muito robusta.

Dallas pareceu resignado.

— Teria sido absurdo esperar outra coisa. A esperança, porém, é a última que morre. O pouco de atmosfera que existe serve apenas para atrapalhar a visão. Eu preferia não ter atmosfera nenhuma, mas afinal de contas não fomos nós que projetamos essa rocha.

— Nunca se pode saber — disse Kane, de novo em tom filosófico. — Talvez para outros, isso seja o paraíso...

— De qualquer maneira — disse Lambert —, não me parece o caso de

excomungá-lo. Poderia ser mil vezes pior!

Depois olhou o vendaval lá fora. Amainava, agora que o dia vinha raiando.

— Eu, por mim, prefiro isso a ter de descer num gigante de gás, com ventos de 300 km em momento de calmaria e 10 ou 20 gravidades pela frente. Pelo menos podemos andar por aí sem precisarmos de estabilizadores ou apoio do gerador. Vocês não sabem a sorte que têm!

— Curioso, mas não me sinto uma felizarda — disse Ripley. — Preferiria muito mais estar de volta ao meu hipersono. — Alguma coisa se moveu aos seus pés, e ela se abaixou para acariciar a anca de Jones, o gato. O animal, gratificado, soltou um ronrom.

— Oásis ou não oásis — disse Kane, com vivacidade —, eu me apresento como voluntário para descer na frente. Gostaria de uma oportunidade de observar nosso misterioso sinal. Nunca se sabe o que se vai encontrar.

— Jóias? Dinheiro? — perguntou Dallas, sem esconder um sorriso. Eram notórias a ingenuidade e boa-fé de Kane.

O executivo deu de ombros:

— E por que não?

— OK. Estou ciente. — Ficou entendido que Dallas seria também um dos membros da pequena expedição. Ele olhou em volta, procurando mais um elemento para completar o grupo. Ninguém se candidatou.

— Lambert. Você.

— Está bem. Mas por que logo eu?

— E por que não você? Você é a nossa indicadora natural das direções a seguir. Vamos ver se é tão boa de terreno quanto aqui neste lugar.

Disse e foi-se pelo corredor. Mas à porta fez uma pausa para acrescentar, com simplicidade:

— Ainda uma coisa. O mais provável é que encontremos uma carcaça morta e uma pulsação automática, repetitiva. Ou já teríamos tido notícia de sobreviventes. Mas não podemos saber o que vamos realmente encontrar. Esse mundo não me parece formigante de vida, hostil ou de qualquer outra espécie Mas cumpre não correr riscos desnecessários. Iremos armados.

Hesitou ao ver que Ripley também se juntara a eles.

— Não, Ripley, você terá de esperar a sua vez. Este é o contingente máximo que

posso tirar da nave.

— Mas eu não ia sair, eu gosto daqui. Apenas, já fiz tudo o que tinha para fazer. Parker e Brett precisarão de ajuda, na fixação daqueles delicados tubos...

Estava muito quente lá atrás, na casa de máquinas, a despeito de todos os esforços da unidade de resfriamento. A quantidade de solda que Parker e Brett haviam sido forçados a empregar e o espaço diminuto em que operavam eram responsáveis por isso. Junto dos termostatos, o ar continuaria relativamente frio. Mas o ar contíguo à própria soldadura poderia aquecer-se rapidamente.

O 'maçarico' a laser não podia ser responsabilizado. Gerava um raio relativamente frio. Mas onde o metal fundia e escorria para selar alguma coisa, surgia um calor localizado, que era como um subproduto da operação. Os dois homens trabalhavam despidos da cintura para cima e, mesmo assim, tinham o dorso reluzente de suor.

Não muito longe deles, Ripley encostou-se a uma parede e lançou mão de uma ferramenta especial para fazer saltar fora um dos panos de proteção. Com isso, ficaram expostas complexas agregações de fios coloridos e formas geométricas miniaturizadas. Duas pequeninas seções haviam sido calcinadas. Usando outra ferramenta, ela retirou esses componentes enegrecidos e procurou numa sacola que trazia a tiracolo as apropriadas peças de reposição.

Estava a fixar a primeira delas no lugar, quando Parker desligou o laser e examinou o próprio trabalho com olho crítico.

— Nada mau, se posso dizer.

E, virando-se para a mulher:

— Ripley, queria perguntar-lhe uma coisa.

Ela não se voltou. O suor colava-lhe a túnica ao peito. O segundo módulo foi encaixado com precisão no lugar, como um dente que é reimplantado no seu alvéolo.

— Então? Estou ouvindo.

— A gente vai sair para a tal expedição, ou fica fechado aqui dentro até que tudo esteja consertado? A energia já foi restabelecida. O resto — e indicou a sala devastada com um gesto largo e brusco da mão — é puro trabalho de maquilagem. Nada que não possa esperar alguns dias.

— Vocês sabem muito bem o que se passa.

Sentou-se, esfregou as mãos e reclinou-se para encará-lo: — O capitão escolheu

os dois elementos de que precisa, e pronto. Ninguém mais sai até que eles estejam de volta e relatem o que viram. Três fora, quatro dentro. São as normas, não são?

Ripley fez uma pausa, pois uma idéia lhe acudira. Encarou Parker outra vez:

— Mas não é isso que preocupa você, e sim o que poderão encontrar. Ou estaremos todos desde sempre enganados a seu respeito? Será você, afinal de contas, um cientista puro, devotado a alargar as fronteiras do universo conhecido?

— Puxa, Ripley, nada disso!

Parker não parecia ofendido. O sarcasmo não era habitual na moça.

— Só me interessa alargar as fronteiras da minha conta bancária. Teremos participação no que os três encontrarem, caso seja valioso?

— Não se preocupem — Ripley parecia agastada —, vocês terão o que lhes for devido.

E pôs-se a procurar na sacola de sobressalentes um pequeno módulo maciço a fim de preencher o último claro no quadrado que abrira na parede.

— Pois eu não trabalho mais — anunciou Brett, de repente —, a menos que tenha garantida a minha parte nesse pacote'.

Ripley encontrou a peça que procurava e foi fixá-la no lugar. Só então falou:

— O contrato lhes garante expressamente uma parte em tudo o que se ache. Todos dois sabem disso muito bem. Vamos acabar com essa atitude então, e trabalhar!

E voltou-lhes as costas, a fim de experimentar se os novos módulos funcionavam direito.

Parker olhou-a com fúria e chegou a abrir a boca para unia boa réplica. Mas calou-se. Afinal, ela respondia pela segurança de bordo e hostilizá-la só lhes faria mal. Ele falara demais e fora repreendido. Seria melhor deixar as coisas como estavam. Por mais que isso lhe custasse. Parker sabia ser pragmático quando a situação assim exigia.

Ligou de novo o laser, com raiva. E começou a soldar outra seção do conduto rompido.

Brett, no controle da energia para o laser e dos fios do soldador, disse em voz alta, mas dirigindo-se a ninguém em particular:

— Certo.

Dallas, Kane e Lambert, munidos agora de botas, casacos e luvas, e armados com pistolas de laser — pareciam miniaturas do soldador usado por Parker e Brett —, dirigiam-se para a saída por um estreito corredor. Detiveram-se junto de uma porta maciça, muito bem marcada com símbolos e palavras:

PRINCIPAL CÂMARA DE COMPRESSÃO.

ENTRADA PROIBIDA A ESTRANHOS.

Dallas sempre achava cômica e redundante aquela inscrição. Pois como poderia haver 'estranhos' a bordo? E todo mundo a bordo estava obviamente autorizado a usar a câmara.

Kane torceu uma chave. A couraça de proteção retraiu-se, revelando três botões escondidos. Ele os apertou em seqüência. Com um gemido a porta deslizou para o lado.

Entraram.

Sete trajes pressurizados alinhavam-se contra a parede. Eram volumosos, incômodos, mas absolutamente necessários para a excursão, mesmo que a análise da atmosfera exterior, feita por Ash, fosse só meio correta. Ajudaram-se uns aos outros a enfiar aquelas peles artificiais de proteção, e verificaram o funcionamento de todas elas.

Só então envergaram os elmos — o que foi feito com a solenidade e o cuidado devidos. Cada um verificou se o capacete do vizinho estava hermeticamente selado. Dallas conferiu o de Kane, Kane o de Lambert, e Lambert o do capitão. Executaram a operação com seriedade, embora mais parecessem versões espaciais de macacos numa sessão de faceirice coletiva. Ligaram em seguida os reguladores automáticos. E logo respiravam o ar dos cilindros, um pouco choco, é verdade, mas saudável e limpo.

Dallas, com uma desajeitada manopla enluvada, ativou o intercomunicador do capacete:

— Transmitindo. Podem ouvir-me?

— Recebendo — anunciou Kane, depois de uma pausa em que pôs sua própria aparelhagem para funcionar. — Você também me ouve?

O capitão fez que sim, com a cabeçorra. Depois voltou-se pesadamente para Lambert, ainda muda e emburrada.

— Recebendo — disse ela também, mas sem esconder o enfado. Não gostara nada de ser escolhida para a expedição.

— Vamos, Lambert — disse Dallas, para animá-la. — Estou levando você pelos seus méritos, não pela boa disposição.

— Obrigada pela lisonja — respondeu Lambert secamente —, mas é só também. Por que não escolheu Ash ou Parker? Qualquer dos dois teria dado saltos de alegria.

— Ash tem de ficar a bordo, e você sabe disso. Parker tem muito que fazer na casa de máquinas, e não seria capaz de sair de um simples saco sem os seus instrumentos. Não me importa que você me amaldiçoe a cada passo, desde que nos leve à fonte daquele maldito sinal.

— Maravilhoso.

— Muito bem, estamos entendidos. Não toquem nas armas sem ordem.

— Você espera mesmo companhia? — perguntou Kane, desconfiado.

— Sempre é bom estar preparado.

Dedilhou os controles externos da roupa espacial, abriu outro canal, e perguntou:

— Ash? Está me ouvindo?

Foi Ripley quem respondeu:

— O senhor oficial de ciência está descendo para sua ampola transparente de observação. Conceda-lhe dois minutos, capitão Dallas.

— Entendido — e voltando-se para Kane —, feche o postigo interno. — O executivo operou os controles necessários e a porta deslizou por detrás deles. — Agora, destranque o postigo externo.

Kane repetiu o processo que os admitira à câmara. E quando o último botão foi apertado, recuou para junto dos outros, à espera. E Lambert apertou-se contra a porta interna, numa reação instintiva em face do desconhecido.

A porta externa correu. Nuvens de vapor e de poeira cósmica dançaram à frente dos três terráqueos.

A luz da madrugada era de um laranja-calcinado. Não tinha o confortante amarelo do Sol. Mas Dallas esperava que mudasse, com a progressão do dia. Dava, em todo caso, claridade bastante para verem naquela atmosfera densa,

carregada de partículas.

Pisaram na plataforma elevadora, que corria entre duas guias verticais. Kane tocou num botão, e a plataforma desceu. Tinha censores debaixo do piso para saber onde ficava o chão. Computou, assim, a distância, e deteve-se quando sua base roçou a parte superior do solo, que era de pedra escura.

Com Dallas à frente, mais por hábito do que realmente por protocolo, a pequena patrulha se adiantou cautelosamente pela superfície. Era de lava endurecida, que não cedia debaixo de suas botas. Ventos da força de vendavais açoitaram-nos quando se detiveram para um primeiro reconhecimento da paisagem. De momento, nada podiam ver, salvo o que corria por entre seus pés e se perdia na névoa alaranjada e marrom.

"Que lugar deprimente!" pensou Lambert. Não necessariamente assustador, embora a impossibilidade de ver muito adiante do nariz fosse desconcertante. Lembrava-lhe um mergulho à noite em águas infestadas de tubarões. Era impossível dizer o que poderia surgir, de chofre, da escuridão.

Talvez ela estivesse a tomar uma decisão muito drástica muito cedo, mas não pensava assim. Em toda aquela terra embuçada não havia uma só nota mais vibrante de cor. Não havia, por exemplo, nem azul nem verde. Tudo lavado em sépia e amarelo, com algum laranja, castanhos desbotados, cinzentos sujos. Nada capaz de alegrar a vista, aquecer a alma ou aliviar as preocupações da mente. A atmosfera semelhava um experimento malogrado de química com cloro e enxofre. E o chão parecia um tombadilho coberto de excreta. Tinha pena de qualquer coisa que tivesse um dia vivido ali. A despeito de qualquer evidência pró ou contra, sentia que nada vivia ali agora.

E se Kane estivesse com a razão? Talvez aquilo fosse a pervertida idéia de paraíso de alguma criatura inimaginável. Nesse caso, não gostaria de encontrá-la...

— Em que direção?

— O quê?

O nevoeiro, os vapores, lhe haviam toldado os pensamentos. Sacudiu-os dentro da cabeça.

— Em que direção, Lambert?

Dallas mirava-a, inibido.

— Estou bem. Excesso de preocupações.

Na mente, visualizava sua estação a bordo do Nostromo. Aquele assento e o seu instrumental de navegação, tão confinantes e sufocantes em condições normais, pareciam-lhe, agora, um pedaço do céu.

Conferiu uma linha na tela de um pequeno engenho que levava preso ao cinto.

— Para lá — disse. — Naquela direção. — E apontou.

— Você mostra o caminho — disse o capitão. E pôs-se imediatamente atrás dela.

Seguida, então, por Dallas e Kane, Lambert começou a caminhar, em meio à tempestade. Bastou que deixassem a massa protetora do Nostromo, para que vento e poeira os envolvessem.

A mulher parou, contrariada, e acionou os instrumentos que levava na roupa.

— Não posso ver nada!

Surpreendentemente foi a voz de Ash, que soou dentro do seu capacete.

— Sintonize o situador, Lambert. Ele está dirigido para o transmissor do sinal de socorro. Deixe que ele guie você e não mexa nele. Eu mesmo o dirigi e está correto.

— Já está ligado, Ash, e sintonizado também, ou você pensa que eu não conheço o meu ofício?

— Não quis ofendê-la — respondeu, do conforto da nave, o oficial de ciência.

Dallas falou também, da concha do seu capacete:

— O situador está funcionando a contento. Você pode me ouvir, Ash?

Dentro da sua ampola transparente, situada no ventre do Nostromo, Ash desviou os olhos das figuras que o pó ocultava a meio ou fazia dançar a distância, e fixou-os no seu console brilhantemente iluminado. Três imagens de ouro, estilizadas e hieráticas como ícones, desenhavam-se ali, nítidas e claras contra o fundo da tela. Ele tocou um controle, e ouviu-se um pequeno gemido. Sua cadeira deslocou-se para o lado, e Ash ficou alinhado precisamente com o painel aceso.

— Vejo-os perfeitamente aos três aqui na minha bolha plástica. E posso ouvi-los também com clareza. O nevoeiro não é tão espesso que interfira muito, pelo menos aqui na superfície. E como o sinal de socorro está em outra freqüência, não há perigo de superposição.

— É bom, isso. E promissor. — A voz de Dallas parecia artificial. — Estamos captando vocês muito bem. Vamos manter os canais abertos. Não queremos ficar perdidos aqui fora. Não nestas circunstâncias, neste tempo.

— Correto. Acompanharei cada passo de vocês. Mas não os incomodarei, a não ser que alguma coisa muito importante aconteça.

— Muito bem, Dallas desligando — disse Dallas. Mas deixou aberto o canal de comunicação com a nave. Depois, vendo que Lambert percebera, acrescentou:

— Estamos perdendo um tempo precioso. Prossigamos.

Sem uma palavra, ela voltou sua atenção para o situador e recomeçou a andar em meio a todo aquele lixo que se movia por si mesmo. A gravidade, ligeiramente mais baixa, reduzia o peso das roupas e dos tanques de oxigênio. Intrigava-os, porém, o enigma de um mundo tão pequeno capaz de gerar atração tão forte. Dallas anotou mentalmente que seria aconselhável fazer uma pesquisa geológica mais aprofundada da sua composição. Talvez fosse influência de Parker, mas a possibilidade de que o planeta escondesse grandes depósitos de metais preciosos não podia ser ignorada.

A Companhia, naturalmente, chamaria a si a descoberta, uma vez que fora feita a expensas dela e em horário por ela comprado a bom dinheiro. Mas, de qualquer modo, haveria polpudas bonificações. A escala involuntária poderia, afinal de contas, render alguma coisa.

O vento era impiedoso, açoitava-os sem trégua com pó e cascalho.

— Impossível enxergar a mais de três metros, em qualquer direção — queixou-se Lambert.

— Deixe de lamúrias — disse Kane.

— Mas eu gosto de me lamuriar...

— Vamos. Deixem de portar-se como crianças. O lugar não é apropriado.

— E, todavia, é maravilhoso. — Lambert não se deixara intimidar. — Intocado pelo homem, preservado pela natureza. Lugar ideal, se a gente é uma pedra.

— Já disse: chega.

Ela calou-se, mas continuou a resmungar coisas ininteligíveis. Dallas não podia proibir também que falasse entre os dentes.

De súbito, os olhos dela registraram uma informação que, momentaneamente, galvanizou seus pensamentos. Alguma coisa desaparecera da tela do situador,

— O que foi? — perguntou Dallas.

— Espere.

Ela ajustou ligeiramente o aparelho, o que era difícil, dada a espessura das luvas. A linha que sumira da face da tela reapareceu.

— Eu tinha perdido uma linha. Captei-a de novo.

— Algum problema? — Uma voz distante soou nos capacetes deles. Era Ash que se inquietava.

— Nada de importante — informou Dallas. E fez um pequeno círculo de 360 graus tentando encontrar algo de sólido na tempestade. — Ainda e sempre vento e pó. O raio do situador começa a falhar, a interromper-se. Perdemos a transmissão por um segundo.

— Ainda está bem nítida aqui atrás — Ash conferiu suas leituras. — Não penso que tenha sido a tempestade. Talvez estejam entrando em terreno mais acidentado. Isso poderia bloquear o sinal. Cuidado, então. Se o perderem e recobrarem de novo verifiquem meu próprio canal até que possam receber de novo a transmissão. Eu os orientarei daqui.

— Vamos ter isso sempre presente, Ash, mas por enquanto não é necessário.

— Comunicaremos a você qualquer problema desse tipo e dessa seriedade.

— Confere. Desligando.

Tudo ficou silencioso de novo. Andaram calados pelo vasto limbo alaranjado de partículas. Depois de algum tempo, Lambert estacou.

— Perdeu-o de novo?

— Não. Mudança de direção — gesticulou para a esquerda deles. — Temos de ir agora para lá.

Tomaram a nova direção, Lambert de olhos pregados à tela do situador, Dallas e Kane de olhos pregados em Lambert. Em volta deles, a tempestade parecia ganhar violência.

Partículas maiores faziam um barulho fino, martelante, nos visores dos capacetes, trasmudando-se no cérebro deles em palavras onomatopaicas:

Tic-tic... queremos entrar... plic, ploc... queremos entrar...

Dallas sacudiu-se como um cachorro. O silêncio, a desolação envolta em nuvens, a cerração amarelenta, tudo aquilo começava a ter efeito sobre ele.

— Está perto — disse Lambert. Os monitores das roupas transmitiram, imediatamente, ao remoto Ash, a aceleração simultânea dos seus pulsos.

— Muito perto mesmo.

Prosseguiram. Alguma coisa surgiu à frente, muito acima deles. A respiração de Dallas ficou mais curta, de excitação, mas também de esforço físico.

Desapontamento... Era apenas uma grande formação rochosa, retorcida e grotesca. A previsão de Ash de que encontrariam, provavelmente, terreno mais alto confirmou-se. Abrigaram-se por um instante à sombra do monolito. E nesse momento exato a linha desapareceu outra vez do situador de Lambert.

Aconteceu outra vez.

— Teremos ultrapassado o sinal?

Kane estudou as rochas, tentou ver por cima delas, não pôde.

— Não pode ser. Só se for uma fonte subterrânea.

Dallas recostou-se contra a parede rochosa.

— Talvez esteja por detrás disto aqui — bateu na rocha com o punho cerrado. — Ou pode ter sumido devido à tempestade. Vamos parar um pouco e ver.

Esperam ali, descansando as costas no paredão liso.

— Agora sim é que estamos cegos — disse Kane.

O dia vai raiar logo — ajustou o seu pick-up. — Ash, se me pode ouvir: quanto falta para amanhecer?

A voz do oficial de ciência soou débil, distorcida pela estática.

— O sol nasce em cerca de dez minutos.

— Poderemos ver melhor, então.

— Ou menos do que agora — disse Lambert. Não se preocupava em disfarçar seu desânimo. Estava muito cansada, e tinham ainda de alcançar a fonte do sinal. Nem se tratava de fraqueza física. A desolação, o colorido sobrenatural começavam a fatigar-lhe a mente. Tinha saudades do seu console, limpo, familiar, brilhante.

A claridade crescente não ajudava, tal como previra. Ao invés de reanimá-los, o sol nascente assustou-os, fazendo com que o ar passasse de cor de laranja a cor de sangue. Talvez tudo ficasse menos terrificante quando a fraca estrela chegasse a seu zênite.

Ripley passou a mão na fronte e deixou escapar um suspiro de exaustão. Fechou e aparafusou o último dos painéis em que estivera trabalhando, depois de

verificar que os novos componentes funcionavam bem. Então, pôs suas ferramentas na bolsa.

— Agora, você mesmo pode cuidar do resto. Tudo o que era mais delicado está feito.

— Não se incomode. Nós nos arranjaremos — disse Parker. Teve o cuidado de manter a voz neutra. Não olhou, também, para ela, concentrando-se no seu trabalho. Preocupava-o ainda a possibilidade de que ele e Brett ficassem à margem das eventuais descobertas da expedição.

Ripley dirigiu-se para a mais próxima das subidas, mas acrescentou:

— Se você tiver dificuldades e precisar de mim, estou na ponte.

— Certo — respondeu Brett, pelos dois. Macio.

Parker viu desaparecer sua delicada silhueta.

— Filha da puta — disse.

Ash apertou um controle. Um trio de formas moventes entrou em foco, perdendo seus halos imprecisos, quando o acentuador se pôs em ação. Ele conferiu seus outros monitores. Os sinais dos três trajes espaciais continuavam a chegar-lhe, fortes e nítidos.

— Como vão indo? — quis saber uma voz, no intercomunicador.

Rapidamente, ele desligou a tela, e acionou seu respondedor.

— Até agora, bem.

— Onde estão eles? — perguntou Ripley.

— Aproximando-se da fonte emissora. Atingiram terreno rochoso, e os sinais falham intermitentemente, mas estão de tal modo próximos da sua origem que não vejo como poderão errar. Logo teremos notícias deles.

— Por falar no sinal, não temos mais nenhum dado sobre ele até agora?

— Não, ainda não temos.

— Você já tentou passar a transmissão pelo ECIU para uma análise mais detalhada?

— Ouça, tenho tanto interesse quanto você nisso. Mas se a própria Mãe não identificou a pulsação até agora, de que adiantaria qualquer esforço meu?

— Você se importaria se eu tentasse?

— Mas de modo nenhum! Mal não fará, e pelo menos servirá para matar o

tempo. Peço unicamente que me mantenha informado, que me diga se conseguiu alguma coisa, caso tenha sorte.

Ela se afundou um pouco mais no seu assento. A ponte parecia curiosamente espaçosa agora, com o resto da tripulação ausente e Ash embaixo, na sua ampola. Na verdade era a primeira vez que se lembrava de ter ficado assim sozinha ali. Provocava uma sensação estranha, não muito agradável.

Mas se ia dar-se ao trabalho de fazer a análise do sinal pelo ECIU, cumpria começar. Bastou tocar num controle para encher a ponte com o uivo atormentado da nave alienígena. Nervosa, ela se deu pressa em reduzir o volume. A coisa já era suficientemente aflitiva em intensidade moderada.

Podia perfeitamente entender que Lambert tivesse sugerido tratar-se de uma voz. Mas isso era afinal de contas um conceito mais fantasioso que científico.

Controle-se, mulher. E veja o que a máquina tem a dizer sobre o assunto. Suas reações emotivas devem ficar fora disso.

Ciente da improbabilidade do sucesso onde a Mãe falhara, ativou um painel pouco usado. Como dissera Ash, isso, pelo menos, a ocuparia. Não suportava ficar sentada, à toa, numa ponte vazia. Pensava demais.

Melhor um trabalho de faz-de-conta do que nenhum.

-4-

À medida que o sol, ainda invisível, subia no céu, a cor vermelho-sangue do ar clareava. Reduzira-se, agora, a um amarelo-ocre ao invés do brilhante-dourado da Terra Mas, de qualquer maneira, era um progresso.

A tempestade amainara de certo modo, e o pó onipotente começava a assentar.

Pela primeira vez, os três viajantes, cansados de andar a pé, podiam ver um pouco mais longe. Estava subindo já há algum tempo. O terreno era ainda em aclive, mas, à exceção de uns poucos pilares isolados de basalto, compunha-se da mesma lava uniforme. Havia, por vezes, saliências, mas a maior parte delas já tivera as arestas adoçadas por éons de vento incessante e pela abrasão das partículas nele suspensas.

Kane ia na vanguarda, um pouco à frente de Lambert. A todo minuto esperava que ela lhe anunciasse haver captado de novo o sinal. Chegou a uma crista e olhou para a outra vertente, contando ver o mesmo que tinham visto até então: rocha lisa e mais subida.

Ao invés disso, os olhos dele deram com algo tão inesperado que se arregalaram por detrás do visor, sujo, é verdade, mas ainda transparente do capacete.

De tão inesperado, gritou no pick-up:

— JESUS CRISTO!

— O que foi? O que aconte... — começou Lambert, que o alcançara antes de Dallas. Ambos ficaram tão chocados quanto Kane.

Tinham sempre assumido que o sinal fosse gerado por um mecanismo de alguma espécie, mas nenhuma imagem do transmissor se formara na sua mente até aquele momento, ocupados que estavam com a tempestade e com a necessidade elementar de não se desgarrarem uns dos outros. Confrontados, porém, com a verdadeira fonte do som — muito mais impressionante do que qualquer dos três havia imaginado — sua impassibilidade de cientista evaporou-se temporariamente.

Era uma nave. Relativamente intacta e mais alienígena do que teriam podido

pensar. Dallas não classificaria seu aspecto como horripilante; mas tinha algo de perturbador, o que era inesperado num engenho daqueles, produto de fria tecnologia mecânica. As linhas do maciço destroço eram puras, mas insólitas, e comunicavam ao conjunto uma anormalidade inquietante.

Dominava-os e às rochas em que jazia com suas proporções desmesuradas.

Tanto quanto podiam ver aterrissara do mesmo modo que o Nostromo, de ventre no chão. Basicamente, tinha a forma de um gigantesco U metálico, mas as pontas do U inclinavam-se ligeiramente para dentro. Uma delas era menor e mais inclinada que a outra. Se isso era produto de avaria ou de alguma estranha concepção de bom gosto e simetria, não tinham maneira de saber.

Chegando mais perto, viram que o corpo da nave engrossava na base do U, onde havia uma série de protuberâncias concêntricas, que eram como grossas placas coroadas por um domo. Dallas concluiu que as pontas do crescente continham as seções de propulsão e engenharia, e a parte central as acomodações da tripulação, talvez o depósito de carga, e a ponte. Mas tanto podia ser assim, como o contrário.

A astronave jazia silente e apagada, sem qualquer mostra de vida ou atividade.

Exceto o sinal que, assim tão próximo, fizera-se ensurdecedor.

Todos três se deram pressa em reduzir o volume dos receptores nos capacetes.

Fosse qual fosse o metal do casco, brilhava, na luz agora mais intensa do dia, com um estranho fulgor vítreo que nenhuma liga feita por mão de homem era capaz de irradiar. Dallas não estava sequer convencido de que fosse mesmo metal. Uma primeira inspeção sumária não revelara nada que se parecesse solda, rebite ou sutura nem qualquer outro método de unir placas ou seções. A nave dava mais a impressão de uma coisa nascida que de um objeto manufaturado.

O que era bizarro, naturalmente. Porque, abstraindo-se o método de construção, tratava-se indiscutivelmente de um engenho espacial.

Tão pasmos haviam ficado com o surpreendente aspecto da nave que não lhes ocorreu pensar o que valeria em bônus ou como coisa salvada de naufrágio.

Falavam ao mesmo tempo, aos gritos, nos seus respectivos pick-ups.

Kane repetia idiotamente:

— É uma nave, sem dúvida nenhuma, uma nave!

Lambert estudou o brilho peculiar, quase molhado dos flancos da aeronave, a ausência de características externas familiares, e sacudiu a cabeça, assombrada.

— Você tem certeza? Talvez seja uma estrutura local. É tão estranho...

— Não — disse Kane, com a atenção posta nas duas extremidades gêmeas que formavam a retaguarda do veículo. — A coisa não é fixa. Mesmo levando em conta a eventual peculiaridade de uma arquitetura alienígena, é claro que isso não foi concebido para integrar-se na paisagem. É, seguramente, uma nave.

— sh? Você pode ver isso daí? — Dallas lembrou-se de que o oficial de ciência podia ver o enorme destroço clararamente através dos vídeos dos seus pick-ups; e que, provavelmente, avistara a nave ao mesmo tempo que Kane.

— Sim, posso ver. Não com muita clareza, mas com clareza suficiente para concordar com Kane. É uma nave.

A voz de Ash nos seus capacetes parecia excitada; ou tão excitada quanto era posssível para um homem da sua fleuma.

— Nunca vi coisa igual. Aguardem um momento.

Esperaram, enquanto ele conferia leituras e fazia umas duas perguntas rápidas ao cérebro eletrônico.

— A Mãe também não — informou. — É de tipo completamente desconhecido e não se relaciona com qualquer veículo espacial que tenhamos jamais encontrado. É tão grande quanto me parece daqui?

— Maior — disse Dallas. — De construção maciça. Os detalhes ainda não são perceptíveis. Mas se foi construída em escala, como as nossas próprias naves, então os construtores são muito mais altos que nós.

Lambert deu uma risada nervosa.

— Coisa que logo saberemos, se houver alguém a bordo para dar-nos boas-vindas.

— Estamos bem perto e na linha de visão — continuou Dallas, ignorando a observação da navegadora. — Você deve estar recebendo um sinal muito mais claro do que antes. E o chamado de socorro? Estamos próximos demais da fonte agora para julgar. Houve alguma alteração nele?

— Não. Seja o que for que produz o sinal, está dentro dessa carcaça. Estou convencido disso. Tem de estar. Se estivesse fora e para além dessa massa de metal, nunca o teríamos captado.

— Se for metal — disse Dallas, que continuava a examinar o veículo alienígena. — A nós parece mais plástico.

— Ou osso — sugeriu Kane.

— Supondo que a transmissão venha do interior, que faremos agora? — disse Lambert.

Kane deu um passo à frente:

— Vou entrar e dar uma olhada. Depois conto a vocês...

— Pare, Kane. Não seja tão afoito. Um desses dias vai se dar mal com isso.

— Mas voto em favor de entrarmos. Temos de fazer alguma coisa, não podemos ficar aqui e esperar que revelações se materializem magicamente no ar por cima da astronave

continuou Kane. E, franzindo o cenho: — Você fala a sério que não devemos entrar?

— Não é isso. Mas nada de precipitação.

E para o distante oficial de ciência:

— Você ainda nos ouve?

— Não tão bem agora que estão junto ao transmissor. A interferência é inevitável. Continuo ligado, porém, e o sinal embora pequeno, é nítido.

— OK. Não vejo sinais de vida nem movimento de qualquer espécie, exceto essa maldita poeira. Use-nos como ponto de referência e veja se daí pode ver ou descobrir alguma coisa que nós não podemos.

Houve uma pausa, enquanto Ash se dava pressa em cumprir as instruções recebidas. Dallas, Kane e Lambert continuavam maravilhados com as linhas elegantemente deformadas da cosmonave.

— Tentei tudo — disse, por fim, o oficial de ciência.

— Infelizmente, não estamos equipados para isso. O Nostromo é um cargueiro comercial e não um veículo de exploração, para uma leitura razoável eu precisaria de um bom número de caríssimos instrumentos que simplesmente não fazem parte do equipamento de um rebocador.

Dallas tentou esconder dos outros seu desapontamento.

— Entendo. A coisa não é vital, afinal de contas. Continue tentando, com o material de que dispõe. E informe-nos de descobrir algo. Sobretudo indicações de movimento. Os detalhes não interessam. Podemos fazer nossa própria análise.

— Muito bem. Cuidem-se.

— E agora, capitão?

O olhar de Dallas, que percorria de ponta a ponta a imensa nave, fixou-se em Kane e Lambert. Percebeu que os dois o observavam.

O executivo estava com a razão, naturalmente. Não bastava descobrir a fonte do sinal que os levara a aterrissar, cumpria ir até o gerador, descobrir a causa do sinal e a da presença da nave estelar naquele minúsculo planeta.

Ter chegado até ali e não explorar o interior daquela coisa alienígena era inconcebível.

Pois não foi a curiosidade, afinal de contas, que levou o homem a deixar seu mundo, isolado e insignificante, e partir à conquista das galáxias?

Tomou a única decisão lógica nas circunstâncias:

— Daqui, a nave parece morta. Vamos chegar perto da base. Aí, se nada se mostrar...

— Se nada se mostrar... — fez Lambert, fitando-o.

— Então, veremos.

Avançaram para a nave, com o situador agora inútil balançando no cinto de Lambert.

— A essa altura, há só uma coisa... — começou Dallas.

A bordo do Nostromo, Ash acompanhava cada palavra deles. Mas, sem qualquer aviso, a voz do capitão sumiu-se, Voltou mais uma vez, bem forte, para, em seguida, desaparecer completamente. Ao mesmo tempo, Ash perdia o contato visual.

— Dallas! — chamou aflito, apertando botões no console, virando chaves, pedindo melhor desempenho de pick-ups já exigidos ao máximo.

Só o silvo termonuclear do sol local, constante e triste como um queixume, se ouvia em todos os alto-falantes...

Junto ao casco sinistrado, cujas proporções colossais eram mais evidentes do que nunca, e que se elevava curvo e imenso acima deles, em meio aos turbilhões de poeira, detiveram-se os astronautas.

— Ainda nenhum sinal de ocupação — murmurou Dallas, como se falasse consigo. — Nem luzes, nem movimento — fez um vago gesto na direção do que

imaginavam ser a proa — e nenhuma entrada. Vamos tentar o outro lado.

Enquanto caminhavam, com cautela, pelo solo juncado de fendas e cascalho xistoso, a nave parecia infinitamente mais sólida que a rocha em que repousava, Dallas se deu conta de quão pequeno o barco espacial o tornava. A ele e aos outros. E não só fisicamente, embora o arco majestoso, desmesurado os reduzisse — pobres bichos da terra — a insetos; mas insignificantes também de um ponto de vista cósmico.

A humanidade sabia ainda muito pouco do universo e apenas explorara uma fração mínima de um só setor.

Uma coisa é especular ao telescópio sobre o que poderá esconder-se na imensidão dos céus. Outra é fazê-lo no isolamento de um pequeno mundo como aquele, confrontados por uma nave de manufatura alienígena, que mais parecia uma excrescência animal que um engenho familiar, feito para superar as leis naturais da física.

Isso, admitiu o capitão, era o que mais o perturbava acerca da nave sinistrada. Se estivesse conforme às linhas habituais, se fosse feita de material conhecido, não pareceria tão assustadora. E não punha tais sentimentos à conta de xenofobia. No fundo, não esperara que aquela coisa alienígena fosse alienígena assim...

— Alguma coisa está acontecendo — disse Kane. E apontou.

Era hora de deixar qualquer especulação gratuita — pensou Dallas — e enfrentar a realidade. Aquela estrutura em forma de U era uma nave estelar, e só superficialmente diferia do Nostromo. Não havia nada de inerentemente maligno no material de que se compunha ou de agourento no seu desenho. Um era o resultado de uma determinada tecnologia, outro, de postulados estéticos diversos, mas igualmente válidos. Vista a essa luz, a enorme ferradura assumia uma espécie de exótica beleza. Sem dúvida, Ash estaria a delirar de entusiasmo diante daquele modelo único entre todos e a lamentar-se por não tê-los acompanhado. Lambert, ao contrário, lhe teria cedido seu lugar sem hesitação.

Mantinha a mesma expressão de desconsolo desde que fora escolhida para a patrulha.

O que Kane apontava era um trio de manchas escuras que haviam surgido no flanco do casco. Ao chegarem mais perto e mais alto também, pois que o terreno subia levemente viram que as manchas eram escotilhas ovais. Tinham espessura

também, e não apenas comprimento e largura.

Viram-se, por fim, debaixo das três aberturas, que eram como marcas de pústulas no casco — de metal? De plástico? De quê?

Mais apertadas, e mais escuras, aberturas secundárias podiam ser vistas no fundo dos ovais externos. O vento entrava e saía por elas, carregado de pedra-pomes reduzidas a um finíssimo pó, o que era sinal de que as escotilhas já estavam abertas há algum tempo.

— Parece uma entrada — disse Kane, de mãos na cintura, a estudar os três óculos. — Talvez sejam uma outra forma de câmara de compressão e descompressão. Vocês vêem as aberturas secundárias por detrás das primeiras externas?

— Mas, se são câmaras, por que estarão assim tão juntas? — Lambert olhava desconfiada para as janelinhas. — E por que estarão todas abertas?

— Talvez os construtores gostassem de fazer as coisas de três em três — Kane deu de ombros. — Se viermos a conhecer algum deles, permito que você lhe pergunte isso.

— Engraçadinho — disse Lambert, sem sorrir. — Aceito a explicação. Mas e o fato de estarem abertas?

— Não sabemos se estão de fato abertas — disse Dallas, fascinado com os ovais, com suas pálpebras lisas, tão diferentes das escotilhas quadradas, pesadas, do Nostromo. As alienígenas pareciam moldadas na mesma matéria do casco, ao invés de postas mais tarde, quando a construção já ia pela metade, a força de solda e rebites, grosseiramente.

— Quanto à razão de estarem abertas, se é que o estão, talvez a tripulação tenha querido abandonar o veículo as pressas.

— E por que precisariam três aberturas para isso?

Dallas respondeu-lhe de mau humor:

— E como diabo haverei de saber? — Depois, emendou, contrito: — Desculpe, não era o caso...

— Não, não era — dessa vez, Lambert sorriu-lhe — Minha pergunta foi tola. E era tempo de termos algumas respostas, para variar.

Mantendo os olhos no chão, atento a qualquer pedra solta, ele começou a galgar o ligeiro aclive que levava às janelas.

— Já esperamos suficientemente — disse. — Agora vamos... se pudermos.

— Talvez alguém julgue isso um bom modelo de câmara hermética. Mas não eu — disse Kane, estudando o interior da entrada que começavam a franquear.

Dallas já havia entrado.

— O piso é firme. A porta secundária, ou postigo ou o que seja, está aberta também — e, depois de uma pausa: — Há um grande recinto, aqui atrás.

— E não há luz? — disse Lambert, pegando na lanterna que trazia pendurada à cinta fazendo conjunto com a pistola.

— Há luz bastante, por enquanto. Poupe a bateria, talvez precisemos dela. Vamos.

Kane e Lambert seguiram-no por um corredor que descia, e emergiram num grande salão de pé direito alto. Se havia controles, chaves ou qualquer espécie de instrumental nessa seção da espaçonave, estavam escondidos por detrás das paredes cor de chumbo. Como no interior de um tórax humano, costelas de metal reforçavam o chão, o teto e as paredes. A fantasmagórica luz do exterior dançava nas partículas de poeira suspensas no ar quase parado daquele salão sinistro.

Dallas encarou seu oficial de ciência.

— O que pensa disso?

— Não sei. Um depósito de carga talvez? Parte de um sistema de fechamento estanque muito mais complicado do que o nosso? Acabamos de passar por uma porta dupla; isso é a verdadeira câmara de compressão e descompressão.

— Grande demais para tanto, não lhe parece? — disse Lambert, com um fio de voz.

— Estou tentando adivinhar. Se os tripulantes desta nave guardarem para com ela a mesma escala que nós temos com o Nostromo, então serão avantajados e precisarão de uma taxa de compressão e descompressão das proporções da câmara que estamos vendo. Mas admito que a idéia de um porão de carga me agrada mais. Talvez explique a necessidade de três entradas em vez de uma única.

Voltou-se e viu que Dallas se debruçava para olhar por um grande buraco negro que havia no piso.

— Cuidado, Dallas! Não podemos saber o que está lá dentro, nem que profundidade tem isso.

— A nave está aberta e ninguém se interessou pela nossa invasão. Não creio que

haja viva alma.

Dallas destravou seu bastão luminoso e dirigiu o brilhante jato para baixo.

— Vê alguma coisa? — perguntou Lambert.

Um Coelho Branco talvez, com os olhos cor de rosa? O de Alice tirou um relógio do bolso do colete e conferiu as horas…

Não era possível ver nada.

Dallas moveu a lanterna devagar de um lado para outro. O feixe era estreito, mas poderoso. Revelaria qualquer coisa que estivesse a uma distância razoável abaixo deles.

— O que temos lá? Um novo porão de carga?

— Impossível dizer, daqui. Apenas se aprofunda, indefinidamente. Tem paredes lisas, como estas de cima, e tão longe quanto minha luz alcança. Não há sinal de elevador, escada ou qualquer meio de descida. Nem posso ver o fundo. A luz não chega lá. Talvez seja um poço de acesso de alguma espécie...

Desligou a lanterna, mudou de posição e, um metro mais adiante, começou a remover equipamento da cintura e da mochila que tinha às costas. Botou tudo no chão, ergueu e olhou em torno da sala, cinzenta e mal iluminada.

— O que quer que esteja lá embaixo, pode esperar. Vamos examinar este andar primeiro. Quero ter certeza de que não haverá surpresas. Talvez até encontremos outra descida mais praticável.

Acendeu de novo a luz portátil e fez com que seu feixe varresse as paredes próximas.

A despeito da sua aparência de interior de ventre de baleia, elas continuaram misericordiosamente imóveis.

— Espalhem-se, mas não muito. Sobretudo, não nos percamos jamais de vista. Isso não deve levar mais que uns dois minutos.

Kane e Lambert ativaram seus próprios iluminadores.

Caminhando em linha, começaram a explorar o vasto recinto.

Fragmentos de algum estranho material, cor de cinza, jaziam um pouco por toda parte. A maior parte estava enterrada debaixo das dunas de poeira e de pedra-pomes pulverizada que se tinham acumulado depois de entrar, em ondas, pelas escotilhas.

Kane ignorou aquilo. Procuravam coisas intactas.

De súbito, a luz de Dallas caiu numa forma que não fazia parte do soalho.

Chegando perto, desenhou com a luz os seus contornos. Parecia tratar-se de uma pequena urna ou vaso, de cor parda e de aspecto brilhante. Mais perto ainda, inclinou a cabeça para olhar o que tinha dentro. A tampa estava estilhaçada. Iluminou o interior do objeto.

Nada. Vazio.

Desapontado, afastou-se, pensativo. Como explicar que uma coisa aparentemente frágil ficara relativamente intocada, enquanto que outras substâncias mais duráveis tinham secado ou partido?

Talvez pudesse testar a qualidade do material tentando derretê-lo a pistola.

Ia dirigir de novo o cone de luz para o piso quando caiu, por acaso, sobre algo complexo e obviamente, audaciosamente, mecânico. No interior dos contornos semi-orgânicos, cetáceos, da nave alienígena, uma forma confortadoramente funcional era um alívio grande. Embora o próprio desenho dela não lhe fosse familiar.

— Aqui!

— Algo errado? — perguntou Kane.

— Não. Mas encontramos afinal um mecanismo.

Lambert e Kane correram a juntar-se a ele, levantando com as botas pequenas nuvens de pó animado. Juntaram suas luzes à do capitão. Tudo parecia quieto e morto, embora Dallas tivesse a impressão de uma força paciente que funcionava, macia e imperturbável, por detrás daqueles painéis. A prova de vida mecânica era dada agora pela barra, isolada, que se movia para frente e para trás, num sulco profundo, embora não fizesse qualquer ruído.

— Parece que ainda funciona. Há quanto tempo terá sido posta em marcha? — Kane examinou o instrumento, fascinado. — Para que servirá?

— Isso posso dizer a você.

Voltaram-se ambos para Lambert. Ela confirmou o que Dallas já adivinhara. Tinha nas mãos o seu situador, o instrumento que os conduzira desde o Nostromo.

— É o transmissor! O que emite a pulsação que ouvimos desde o espaço, e exatamente como imaginávamos, parece novo em folha, mas pode muito bem estar transmitindo esse pedido de socorro há anos... — deu de ombros — décadas... ou mais tempo ainda..

Dallas fez passar um instrumento por cima da superfície do transmissor.

— Repulsão eletrostática. Isso explica a ausência de pó. O que é mau. Não há quase vento nenhum aqui, e a espessura da camada poderia indicar quanto tempo o mecanismo foi posto em funcionamento.

Desligou o analisador e botou-o de volta no seu coldre de bolso.

— Alguém encontrou mais alguma coisa?

Ambos sacudiram a cabeça.

— Só paredes reforçadas com nervuras e pó, muito pó — disse Kane, desanimado.

— Nenhum sinal de outra comunicação com o resto da nave? Nenhum alçapão?

De novo a dupla resposta negativa.

— Isso nos deixa com o primeiro poço. Ou então teremos de perfurar uma parede dessas. Será melhor experimentar o primeiro, antes de começar a arrebentar coisas.

Percebeu a expressão de desconsolo de Kane.

— Quer desistir?

— Ainda não. Só desistirei depois de termos esquadrinhado cada centímetro dessa miserável engenhoca sem encontrar nada. A não ser, naturalmente, paredes cinzentas e maquininhas seladas hermeticamente.

— Não que me importasse muito — disse Lambert, com raiva.

Voltaram sobre seus passos e dispuseram-se em círculo na borda da abertura circular do chão. Dallas ajoelhou-se com cuidado, como cumpre fazer num traje espacial, e palpou a orla do buraco.

— Não é possível dizer muito, com essas luvas tão grossas, mas me parece regular. O orifício deve ser parte normal da nave. Pensei que talvez tivesse sido resultado de uma explosão. E isso explicaria o chamado de socorro que estamos captando.

Lambert estudou o poço.

— Uma carga especial poderia ter feito um buraco redondo como esse.

— Você gosta mesmo de estragar o prazer da gente, não é? — Dallas estava desapontado. — Mas continuo a pensar que se trata de uma passagem normal, habitual, da nave. Os lados são regulares demais, mesmo para uma carga moldada, fosse qual fosse a sua potência.

— Estava apenas dando minha opinião.

— De qualquer maneira, ou a gente olha o que está lá embaixo, ou a gente sai e procura outra entrada — continuou Dallas. E voltando-se para Kane: — Parece-me que você tem aí a sua grande oportunidade.

O executivo mostrou-se indiferente.

— Como queira. Para mim é o mesmo. Se me sentir bonzinho sou até capaz de contar-lhe sobre os diamantes.

— Que diamantes?

— Os que vou encontrar nas arcas alienígenas lá de baixo, cheias até a boca, derramando-se pelo chão... — e fez um vago gesto em direção às trevas inferiores.

Lambert ajudou-o a ajustar o equipamento de alpinismo que trazia no peito, assegurando-se de que as correias estavam firmemente presas às costas e aos ombros. Tocou, de leve, o botão de controle e foi recompensado com um sinal abafado.

Uma luz verde acendeu e apagou na frente da unidade.

— Está funcionando. Estou pronto — disse Kane. E para Dallas: — Você também?

— Só um minuto mais — o capitão armara uma trípode com elementos curtos de metal. Parecia frágil, fina demais para suportar o peso de um homem. Na verdade, poderia sustentar três homens sem sequer envergar.

Quando estava bem presa, Dallas virou-a de modo a que seu ápice ficasse no centro do buraco. As pernas foram presas às bordas por braçadeiras. Havia uma pequena roldana no topo, com um cabo. Dallas desenrolou com a mão um metro ou dois de um cabo guia, cuja ponta entregou a Kane. O oficial executivo fixou-a na alça que tinha no peito, afivelando-a bem.

Lambert assegurou-se de que estava firme puxando-a com toda a força.

— Não se desprenda desse cabo em nenhuma circunstância — recomendou o capitão com toda a seriedade. — Mesmo que as tais pilhas de diamantes estejam um pouco fora do seu alcance.

Verificou também, pessoalmente, o funcionamento do cabo. Kane era um bom oficial. A gravidade ali era menor que a da Terra, porém mais que adequada para causar dano a Kane se ele caísse. 'Não tinham idéia da profundidade daquele poço nem onde ia dar nas vísceras da espaçonave. Poderia ser até um poço de mina, entranhar-se pelo solo adentro. E esse pensamento sugeriu outro, que fez Dallas sorrir com seus botões.

Talvez Kane acabasse por encontrar mesmo seus diamantes.

— Volte em menos de dez minutos — falava com toda a sua autoridade. — Entendido?

— Sim, sim — disse Kane.

Sentou-se na geringonça, passou as pernas por cima da borda circular. Depois, agarrando-se ao cabo com as duas mãos, começou a descer pelo meio do buraco.

A parte inferior do seu corpo logo desapareceu no ar negro.

— Se você não voltar espontaneamente em dez minutos eu o puxo — avisou Dallas.

— Calma. Serei um bom menino. Além disso, sou capaz de me cuidar.

Parou de balançar, então. E ficou pendurado, imóvel, sobre o vazio.

— Isso. Mantenha-nos informados.

— Entendido.

Kane acionou o equipamento de alpinismo. O cabo começou a desenrolar sem ruído, baixando-o no interior do poço. Estendendo as pernas, sentiu a parede lisa. Apoiando-se nela com os pés e na parede do outro lado com os ombros, pôde descer como se andasse num penhasco vertical.

Depois, imobilizou-se e apontou para baixo o feixe de luz do seu bastão. Viu ainda uns dez metros de metal escuro; depois nada.

— Faz mais calor aqui — informou, após uma breve inspeção do equipamento sensório do seu traje espacial. — Deve ser pelo ar quente que vem de baixo. Talvez seja parte do complexo do motor, se o motor estiver ainda funcionando. Alguma coisa alimenta aquele transmissor.

Chutando, intermitentemente, o paredão e manipulando o cabo, recomeçou a descer. Depois de alguns minutos dessa manobra, parou para recobrar fôlego. Estava mais quente, e o calor aumentava à medida que descia. Essa mudança contínua não era compensada com a necessária rapidez pelo equipamento de resfriamento da roupa, e Kane começou a suar, embora a unidade condicionadora do capacete, que era independente, mantivesse livre de vapor a placa da cara. Ouvia que sua respiração era forçada, e isso o aborreceu, pois sabia que Dallas e Lambert podiam ouvi-la também, do alto. Não queria ser içado de volta.

Recostando-se, olhou para cima e viu a boca do poço, um círculo de luz emoldurado de negro. Uma sombra apareceu, borrando um dos nítidos contornos.

Uma luzinha remota brilhou, houve um reflexo baço, macio.

— Você está bem, aí dentro?

— Sim. Mas está quente. Posso vê-lo. Ainda não cheguei ao fundo — disse. Depois respirou, engolindo dois grandes haustos de ar. O tanque regulador gemeu, em sinal de protesto. — É trabalho duro descer. Não posso falar mais agora.

Dobrando os joelhos, chutou a parede e soltou mais cabo. Sentia-se mais seguro agora. O poço continuava sem qualquer indicação de que poderia estreitar ou mudar de direção. Não temia que se alargasse.

Chutou mais forte, da vez seguinte, soltando mais cabo também, e descendo mais depressa, em conseqüência. Mas sua lanterna, que continuava a iluminar as profundezas, mostrava, ainda e sempre, a mesma invariável, monótona, escuridão.

De novo sem fôlego, fez uma pausa que aproveitou para conferir seus instrumentos.

— Curioso — disse no pick-up —, estou abaixo do nível do solo.

— Entendido — respondeu Dallas. E, pensando em poços de mina: — Mudou o aspecto geral do poço? A parede ainda é do mesmo material?

— Tanto quanto eu possa ver. Como vou indo de cabo?

Houve um pequeno intervalo, enquanto Dallas inspecionava a bobina.

— Muito bem. Temos ainda uns cinqüenta metros, se o poço for mais fundo do que isso, teremos de desistir e trazer mais cabo da nave. Mas não acho que se

aprofunde tanto.

— Por que não?

— A nave ficaria desproporcionada — respondeu Dallas, um tanto inseguro.

— Desproporcionada com relação a quê? E a que idéias de proporção?

Dallas não respondeu.

Ripley teria desistido da sua investigação se tivesse outra coisa para fazer.

Mas não tinha.

Brincar com o teclado do ECIU era melhor que andar sem destino por uma nave deserta ou contemplar os lugares vazios à sua volta.

De súbito, um alinhamento mais ou menos casual de prioridades do seu questionário fez reagir o gigantesco Banco de Memória da nave. A leitura resultante surgiu na tela tão inesperadamente que ela quase a apagou para continuar com a série antes de perceber que recebera uma resposta adequada.

O defeito dos computadores — pensou — era que não tinham intuição. Deduziam apenas. O que condicionava o resultado à qualidade das perguntas.

Estudou com avidez a resposta. Depois, de testa franzida, martelou o console para saber mais. Às vezes a Mãe era, involuntariamente, evasiva. Havia que extrair o que era relevante de um labirinto de sutilezas.

Dessa vez, porém, a resposta veio clara, sem margem para engano. Embora ela tivesse desejado, ardentemente, o contrário.

Ligou com urgência urgentíssima o intercomunicador.

— Ampola científica. Que diabo a mordeu, Ripley?

— É uma emergência, Ash. — Tinha a voz entrecortada. — Consegui algo do Banco, afinal, via ECIU. Não importa como o tenha conseguido. Eu mesma não sei muito bem.

— Felicitações.

— Deixe isso pra lá — cortou ela, aflita. — A Mãe decifrou, ao que parece, parte da transmissão alienígena. Ela ao está certa do resultado, mas teme, e eu também, que não se trate de um S.O.S.

Isso tirou a voz a Ash, mas só por um instante. Quando respondeu, seu tom era tão controlado quanto de hábito, a despeito da importância da revelação de Ripley.

Ela maravilhou-se com o autodomínio dele.

— Se não é um pedido de socorro, o que é, então? — perguntou calmamente. — E por que o nervosismo? Pois você está nervosa, não é?

— Claro que estou nervosa! E vou ficar pior, se a Mãe estiver com a razão. Como já disse, ela não tem certeza. Mas pensa que o sinal pode ser um aviso.

— Que espécie de aviso?

— Que diferença faz?

— Não precisa gritar, Ripley.

Ripley respirou fundo, duas vezes. Depois contou até cinco.

— Temos de falar com eles. Eles têm de saber disso imediatamente.

— De acordo — disse Ash. — Mas é inútil. Desde que entraram na nave alienígena, perdemos contato. Já não sei deles há algum tempo. A combinação da proximidade do transmissor alienígena com a composição peculiar do casco da nave sinistrada vem impedindo todas as minhas tentativas de restabelecer a comunicação. E, pode crer, eu tenho tentado!

Dito isso, fez uma espécie de desafio.

— Pode tentar você mesma, se quiser. Eu a ajudarei na medida do possível.

— Escute, Ash, não estou pondo em dúvida sua competência. Se diz que não consegue contato, é porque não consegue contato. Mas, por Deus, temos de passar essa informação!

— O que sugere?

Ela hesitou. Depois disse, com firmeza.

— Eu vou atrás deles. Eu lhes direi pessoalmente.

— Não, não acho bom.

— É isso uma ordem, Ash? — Ela sabia que, numa emergência como aquela, o oficial de ciência, mais graduado do que ela, tinha a última palavra.

— É uma questão de bom senso, Ripley. Sei que você não gosta muito de mim. Mas procure ver a coisa desapaixonadamente. Não podemos dispensá-la. Somos quatro aqui, você e eu, Parker e Brett. A nossa capacidade de decolar é mínima. Três fora, quatro na nave. É a regra. Foi por isso que Dallas nos deixou para trás. Se você, por qualquer razão que seja, vai correndo ao encontro deles, ficamos presos aqui até que alguém volte. Se não voltarem, ninguém saberá o que aconteceu neste planetóide — fez uma pausa e acrescentou: — Além disso, não devemos imaginar que alguma coisa lhes tenha ocorrido. Estarão provavelmente

muito bem.

— OK — disse ela, a contragosto. — Você tem razão. Mas trata-se de uma situação excepcional. Continuo a achar que alguém deveria avisá-los.

Ripley nunca tinha ouvido Ash suspirar. E ele não o fez. Mas deu-lhe a impressão de que se resignava a uma decisão forçada.

— De que adiantaria? — disse com voz neutra e como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Até que um de nós chegue lá eles já saberão que se trata de um sinal de alerta. Estou certo ou errado?

Ripley não respondeu, mas sentou-se, encarando-o fixamente.

Ash não pestanejou. Ficou também a encará-la; o que ela não podia ver da ampola científica era o diagrama que se formava no monitor do console dele, em cima.

Teria parecido lhe de maior interesse…

-5-

Descansando pela breve interrupção da descida Kane deu um chute na parede fronteira e recomeçou. Deu um segundo chute, com o mesmo ímpeto — e já não encontrou a parede. O poço dissolvera-se. Suspenso no seu frágil fio de aranha, ele pairava agora sobre um abismo de escuridão impalpável.

"Alguma espécie de recinto" — pensou. — "Talvez outra grande abóbada como a de cima."

Fosse o que fosse, emergira do poço. Respirava ainda com dificuldade, e o calor era o mesmo ou maior.

Curiosamente a escuridão parecia mais opressiva do que fora dentro do poço, malgrado as paredes, o espaço confinado. Pensou no que poderia jazer abaixo, na profundidade que teria, no que lhe poderia ocorrer se o cabo se partisse agora.

"Calma, Kane, calma", disse consigo. "Pense em diamantes. Límpidos, grandes, com mil facetas. Diamantes sem falhas e de muitos quilates. Não pense nessa escuridão nevoenta, que cheira a fantasmas alienígenas, a memórias meio esquecidas, a..."

Diabo, lá estava ele a fazê-lo de novo.

— Você vê alguma coisa?

Apanhado de surpresa, respondeu com um reflexo, dando uma sacudidela no cabo, e começou a balançar perigosamente. Usou o mecanismo para firmar-se outra vez, e limpou a garganta antes de responder. Tinha de lembrar-se que não estava só.

Dallas e Lambert aguardavam-no logo em cima, e não muito distantes, afinal.

Bastava uma pequena caminhada para alcançarem, todos três, o abrigo seguro do Nostromo, onde havia café quente, doces cheiros familiares e o imensurável conforto do sono profundo.

Por um momento desejou intensamente estar de volta a bordo. Repetiu, porém, consigo mesmo que não havia diamantes na nave e, certamente, nenhuma glória.

Aqui, talvez, conquistasse tudo isso.

— Não, não vejo nada. Há outra grande caverna debaixo dos meus pés. Saí do poço.

— Caverna? Cuidado, então, Kane. Não se deixe tentar! Olhe que ainda faz parte da tripulação.

— Eu? Você recorda o que foi dito sobre poços? Talvez seja verdade, no fim das contas.

— Então, você estará nadando em diamantes a qualquer momento.

Ambos deram risinhos de satisfação. Dallas riu amarelo. Sua voz parecia estranhamente cava e distorcida no alto-falante do capacete. Kane tentou em vão tirar o suor da testa. Os trajes espaciais tinham este grande inconveniente. Quando se começava a transpirar, a única coisa susceptível de limpeza era a placa lisa do visor.

— OK, não é uma caverna, pronto. Mas é quente como nos trópicos.

Inclinando-se com cuidado, procurou ler os instrumentos que trazia na cinta. Estava por demais abaixo da superfície para que o vasto espaço fosse efetivamente uma caverna. Mas até aquele momento nada encontrara que indicasse estar fora do ventre da nave alienígena.

Havia só um meio de ter certeza. Localizar o fundo.

— Como é o ar por aí? Além de quente?

— Outra verificação, diferentes leituras.

— Semelhante ao da superfície, grosso modo. Alto conteúdo de nitrogênio, pouco ou nenhum oxigênio. A concentração de vapor d’água é ainda mais alta aqui, graças ao aumento da temperatura. Posso colher uma amostra, se você quiser. Ash se divertirá com ela.

— Não importa no momento. Prossiga.

Kane virou uma chave. Seu cinto registrou a composição aproximada da atmosfera naquele nível. Isso alegraria Ash, embora uma verdadeira amostragem tivesse sido melhor. Ainda bufando, Kane ativou o equipamento do peito.

Com um confortante zumbido, o cabo recomeçou a descer com ele.

Era mais solitário do que no espaço exterior.

Girando devagar à medida que o cabo desenrolava, ele se aprofundava numa escuridão total, sem qualquer estrela ou nebulosa à vista.

Tão repousado ficara com o negrume absoluto, que levou um choque quando seus pés tocaram uma superfície sólida. Grunhiu de surpresa e quase perdeu o equilíbrio. Firmando-se a custo, pôs-se de pé, e desativou o mecanismo de descida.

Preparava-se para desafivelar também o cabo quando se lembrou das instruções de Dallas. Ia ser difícil explorar atado como estava, mas Dallas não conteria sua irritação se descobrisse que Kane se soltara. Tinha, pois, de fazer o que pudesse, e rezar para que o cabo não se prendesse a alguma coisa invisível, acima da sua cabeça.

Respirando com maior desafogo, ligou tanto o bastão luminoso quanto as luzes da roupa, a ver se percebia melhor onde se encontrava.

Ficou logo evidente que sua idéia de estar numa caverna fora tão inadequada como emotiva. O aposento era obviamente outra dependência da nave alienígena.

A aparência despojada, as paredes nuas, o teto alto, pareciam indicar um porão de carga. A luz revelava, sucessivamente, estranhas formas ou formações, que ou constituíam parte integrante do porão ou eram coisas que se lhe tinham, de um modo ou de outro, agregado. De aspecto eram moles, quase flexíveis, em oposição à sólida aparência das costelas de metal que reforçavam as paredes de corredores e câmaras.

Alinhavam-se ao longo dessas paredes, na mais perfeita ordem.

E, todavia, não lhe comunicavam a impressão de haverem sido armazenadas. Havia um excesso de espaços vazios na vasta câmara abobadada. Naturalmente, antes de ter uma idéia precisa do que eram aqueles volumes todos não se poderia especular sobre o sistema que presidira (caso isso tivesse ocorrido) ao seu armazenamento.

— Você está bem, Kane? — era a voz de Dallas.

— Sim. Você deveria ver isto aqui.

— Ver o quê? Achou algo?

— Não estou certo. Mas é estranhíssimo.

— De que está falando, homem? — Houve uma pausa. E depois: — Kane, poderia ter a bondade de ser mais específico? 'Estranhíssimo' não diz muito... toda esta espaçonave é estranha, mas não poderemos descrevê-la assim no relatório...

— OK. Pois é um outro imenso recinto, como o de cima. E contém algo, à volta toda, junto das paredes...

Empunhando a barra de luz numa postura inconscientemente agressiva, de quem aponta uma arma, ele andou até a parede mais próxima e examinou uma das referidas massas em repouso. Assim perto, concluiu que não eram parte da estrutura. E não era só isso: pareciam mais orgânicas do que nunca.

No alto, Dallas virou-se para Lambert:

— Quanto falta para o pôr do sol?

Ela estudou seus instrumentos, tocou brevemente um controle num deles.

— Vinte minutos — informou. E acompanhou a notícia com um olhar significativo.

Dallas não comentou, voltou sua atenção outra vez para o negro círculo do poço, e continuou olhando fixamente para baixo, embora nada pudesse ver.

Um novo lampejo do seu bastão luminoso revelou a Kane mais um pouco dos peculiares objetos presos ao solo da câmara, no centro do salão. Ele se aproximou deles rodeando-os para examinar espécimes individuais, um por um. Cada um deles tinha aproximadamente trinta centímetros de altura, era de forma oval e de aparência coriácea. Escolhendo um deles à esmo, focalizou nele mais demoradamente o seu feixe de luz. Essa iluminação sustentada não revelou nada de novo, nem pareceu ter qualquer efeito sobre o ovóide.

— É certamente alguma espécie de área de estocagem — disse. Mas não obteve resposta dos alto-falantes do capacete. — Disse que se trata, indiscutivelmente, de um depósito de alguma coisa. Alguém me ouve?

— Muito bem, claramente — respondeu o capitão. — Estávamos digerindo a informação, só isso. Você diz estar seguro de encontrar-se num porão de carga, de carga específica?

— Isso mesmo.

— Alguma coisa em favor dessa conjectura além do tamanho e forma dos

volumes?

— Claro. Os volumes estão nas paredes e também no chão. Todos semelhantes. Não são parte da estrutura da nave. O recinto está cheio deles. Parecem de couro. Na verdade, parecem-se muito com aquela urna que você encontrou lá em cima, só que são aparentemente muito mais moles. Parecem também estar selados, ao passo que o seu estava rompido e vazio. Estão arrumadinhos, segundo a idéia que alguém de ordem, embora a meu ver haja um enorme desperdício de espaço.

— Parece uma carga muito esquisita, se e que se trata mesmo de carga. Você não consegue ver se há, de fato, alguma coisa nos volumes? — Dallas tinha bem presente na cabeça a urna vazia que encontrara.

— Agüente-se aí. Vou dar uma olhadela mais de perto.

Deixando o bastão luminoso, Kane aproximou-se do espécime que vinha estudando, estendeu a mão enluvada e tocou-o. Nada aconteceu. Inclinando-se, tocou de leve nos lados, depois no topo. Não havia qualquer pegador ou alça, qualquer solução de continuidade, brecha ou greta na lisa superfície oblonga.

— É estranho, Dallas; porém mesmo através das luvas essa coisa transmite uma sensação bizarra.

A voz do capitão carregou-se de receio

— Eu tinha pedido apenas que você visse o que estava dentro. Não abra! Você não sabe o que pode conter!

Kane escrutinou o objeto mais de perto. Não mudara nem mostrava qualquer sinal de haver sido afetado pelo fato de ser puxado ou palpado.

— Dallas. Não sei o que contém, mas seja o que for está hermeticamente fechado. Talvez eu ache algum ovóide rachado ou partido como o outro.

No lusco-fusco das luzes da roupa espacial, uma pequena saliência fez-se visível na esticada superfície do ovóide que ele vinha tocando. Uma segunda erupção apareceu em seguida, depois outra, e mais outras, até que houve algo como uma série de calombos semelhantes, de tamanho moderado embora, por toda a superfície do topo.

Kane passara em revista alguns outros dos volumes e informava:

— Nada. Nem fenda nem rachadura em todos os volumes — disse e dirigiu,

distraidamente, o foco de luz para o ovóide que tinha examinado antes com maior detalhe. Logo se curvou sobre ele, surpreso com o que descobria.

A superfície, antes opaca, se tornara agora translúcida. E diante dos seus olhos arregalados, tornou-se aos poucos transparente como vidro. Kane acercou-se, dirigiu o feixe de luz para a base do objeto, cravou os olhos nele, incrédulo.

Mal respirava agora, pois uma forma se fizera visível dentro daquela espécie de caixa.

— Jesus!

— O que é Kane? O que se passa? — Dallas fazia esforço para não gritar.

Um pequeno pesadelo — era o que, agora se tornava patente no interior do ovóide. Compacto e delicado, dobrado sobre si mesmo, enrolado, feito de uma carne delicada, em filigrana. Para Kane que estava paralisado de horror, a coisa parecia uma espécie de delirium tremens arrancado a qualquer mente doentia e insuflado com forma e solidez.

A 'coisa' tinha a forma geral de uma mão, com muitos dedos longos e ossudos fechados para a palma. Semelhava a mão de um esqueleto, salvo pelo número de dedos a mais. Alguma coisa saía do centro da palma, uma espécie de tubo. Uma cauda muscular enrolava-se debaixo da base da mão. Nas costas havia também algo, que ele não percebia bem, mas que era convexo e parecia um olho vidrado.

Esse olho... Se era de fato um olho e não simplesmente alguma excrescência mais brilhante, pedia um exame mais acurado. A despeito do sentimento de repugnância que lhe mordia o ventre, Kane acercou-se ainda mais e ergueu a luz para ver melhor.

O olho moveu-se, e olhou para ele.

Então, o ovóide explodiu. Impelida para fora pela repentina libertação de energia contida na cauda em espiral, a mão abriu-se e saltou sobre ele. Kane levantou o braço a fim de aparar o golpe, mas era tarde demais. A mão agarrou sua placa facial. Ele teve uma horrível visão em close-up do oscilante tubo do meio da palma que tocava o vidro, centímetros acima do seu nariz. Alguma coisa começou então a chiar e o material da placa facial começou a derreter.

O astronauta entrou em pânico, tentou despregar a criatura do seu escafandro.

Mas ela já perfurara a veste espacial. Atmosfera alienígena, fria e áspera misturou-se ao ar respirável. Kane sentiu-se tonto, continuou a repelir debilmente aquela mão de pesadelo. Alguma coisa comprimia-lhe, com força, os

lábios.

Para além de todo o horror concebível, ele cambaleava agora, procurando ainda livrar-se daquela abominação. Os dedos afuselados, compridos, sensitivos, tinham se enfiado pela máscara rompida. Envolviam a sua cabeça, apertavam os lados do seu rosto; e a cauda grossa enrolou-se do lado de dentro do capacete em torno do seu pescoço, como uma cobra.

Apenas capaz de respirar ainda, com aquele tubo horrendo, como um gordo verme, a descer-lhe agora pela garganta abaixo, Kane embaraçou um pé no outro, tropeçou e caiu de costas.

— Kane, Kane, você me ouve? — perguntava Dallas, suando dentro da roupa. — Kane, responda-me!

Silêncio. O capitão pensou rapidamente:

— Se você não puder usar mais o seu comunicador, dê dois sinais com a unidade rastreadora.

E olhou para Lambert, que poderia captar o sinal. Ela esperou um pouco, depois mais um pouco, antes de abanar a cabeça lentamente.

— O que acha que aconteceu?

— Não sei. Talvez tenha caído, danificado suas células elétricas. Kane não pode ou não quer responder. O melhor será içá-lo.

— Mas não é prematuro? Eu também estou preocupada, mas, mesmo assim...

Dallas tinha uma nota de desvario no olhar. Quando percebeu que Lambert o observava, acalmou-se:

— Estou bem. Estou muito bem. É este lugar... — e mostrou, com um vago gesto, as frias, plúmbeas paredes. — Mas insisto, vamos puxá-lo.

— Ele perderá o equilíbrio, se não está esperando isso... Poderá ferir-se, sobretudo se de fato caiu, se jaz numa posição falsa, torcida. E se não aconteceu nada, ele vai falar nisso anos a fio...

— Pois tente o contacto, pela última vez.

Lambert manipulou freneticamente seu comunicador:

— Kane, com mil diabos, responda!

— Continue tentando — disse Dallas.

Mas enquanto ela o fazia, o capitão debruçou-se sobre o poço e examinou o cabo. Movia-se fácil na sua mão, fácil demais. Puxou, e um metro de linha veio para cima, sem a esperada resistência.

— O cabo está solto — disse.

— E ele não responde. Não pode ou não quer. Você acredita que terá se soltado voluntariamente? Ouvi o que você lhe disse, mas sabe como ele e. Pensou, provavelmente, que você não perceberia uma temporária redução na tensão do cabo. Se viu algo de insólito e se teve medo que o cabo se partisse, ou prendesse em alguma coisa, ou ficasse fora do seu alcance, seria bem capaz de desligar-se dele.

— Não me importa o que tenha encontrado. O que importa, o que me alarma, é que ele não responde!

Dallas ligou o motorzinho.

— Lamento assustá-lo. Se não houver nada de errado com ele ou com o equipamento, vou fazê-lo desejar ter-me obedecido.

Um piparote em outro comutador, e o molinete começou a enrolar o cabo. Dallas observava fixamente e só afrouxou um pouco a expressão tensa, aflita, quando viu que a linha se retesava depois de haver recolhido uns dois metros. Como seria de esperar, o cabo passou a subir mais devagar.

— Há um peso na extremidade. O cabo pegou.

— Ou terá ficado preso a alguma coisa.

— Não pode ser. Continua a subir macio, alterou-se apenas a velocidade. Se estivesse enganchado em algum obstáculo e se puxasse alguma coisa além de Kane, a diferença de peso faria que subisse mais devagar ou mais depressa. Penso que ele ainda está lá, embora incapaz de responder.

— Mas, e se ele objeta e tenta usar a unidade que tem no peito para descer?

Dallas sacudiu a cabeça com brusquidão:

— Não pode fazer isso — e, apontando o guincho: — É o nosso cabo que está na roldana, não o portátil que ele está usando. Ele vai subir, queira ou não queira.

Lambert olhava, ansiosa, para a escuridão do poço.

— Ainda não vejo nada.

Um bastão luminoso fez dançar um incerto feixe numa parcela do poço. Era Dallas, que varria com a lança de luz as lisas paredes de cor cinza.

— Nem eu. Mas a linha continua a enrolar-se e vem tesa.

Continuava, de fato, sua firme subida. E as duas figuras, petrificadas nas suas estranhas, volumosas, vestes, aguardavam que alguma coisa surgisse no halo expectante da lanterna de Dallas. Vários minutos se passaram até que o cone de iluminação foi interrompido por algo que ascendia.

— Aí vem ele.

— Mas não se move! — exclamou Lambert, à espreita de um gesto qualquer da forma que se acercava, de um gesto obsceno que fosse... Mas Kane não se mexia.

A trípode inclinou-se um pouco para baixo quando os últimos metros de cabo foram engolidos pelo mecanismo.

— Prepare-se para agarrá-lo no momento em que balance para seu lado!

Lambert se aprestou, do outro lado do poço.

O corpo de Kane surgiu à vista, a balouçar lugubremente na ponta do cabo. Parecia frouxo e inerte.

Dallas debruçou-se no vazio, com a intenção de agarrar o astronauta imóvel pelo peito dos arreios. E sua mão quase fizera contacto com ele quando percebeu, dentro do capacete fraturado, a criatura cinzenta e igualmente imóvel que envolvia a cabeça de Kane.

Puxou a mão como se a tivesse queimado.

— Que foi? — perguntou Lambert.

— Cuidado! Há algo no rosto dele, dentro do capacete!

Ela contornou o buraco.

— Mas o quê...

E aí teve sua primeira visão da criatura, aninhada lá dentro como um molusco na concha.

— Jesus!

— Não toque nela! — disse Dallas.

Estudava a forma inerte do seu colega.

Tentou, em seguida, uma experiência, acenando com a mão para a coisa que estava agarrada à face de Kane. Ela não se moveu. Com um tremendo esforço de vontade, pronto para pular para trás e fugir, ele estendeu a mão para ela. Primeiro, para a base, depois para a protuberância do olho, nas costas. A besta não tomou conhecimento dele nem mostrou sinal de vida. Mas pulsava, de leve.

— Está viva? — perguntou Lambert, cujo estômago começava a ficar embrulhado.

Era como se houvesse tragado um litro de resíduos mal reciclados do Nostromo.

— Não se move, mas acho que sim. Segure os braços dele, eu pego as pernas. Talvez possamos soltar isso no chão.

Lambert correu a obedecer-lhe, mas deteve-se e olhou-o incerta:

— Por que pego eu nos braços?

— Inferno! Quer trocar, é isso?

— É isso mesmo.

Dallas foi trocar de lugar com ela. Mas, ao fazê-lo, viu mover-se um dos dedos da mão. Quase imperceptivelmente. Não podia ter certeza.

Começou a levantar Kane pelos braços, sentiu o peso morto e hesitou.

— Não conseguiremos nunca levá-lo de volta à nave desse modo. Você pega de um lado e eu de outro.

— Certo.

Viraram cuidadosamente para o lado o corpo do oficial executivo. A criatura, porém, não caiu. Continuou colada ao rosto dele tão firmemente como antes.

— Não adianta. Aliás, não pensei mesmo que a coisa se soltasse. Vamos levá-lo assim mesmo.

Dallas pôs um braço atrás dos ombros de Kane e o corpo ficou sentado.

Depois levantou-o, enquanto Lambert passava o outro braço pelo seu pescoço.

— Pronto? — ela concordou com uma inclinação de cabeça. — Fique de olho na criatura. Se der sinais de que vai cair, largue o seu lado e corra — ela concordou de novo, com um aceno. — Vamos, então.

Pararam à porta da nave. Ambos respiravam com dificuldade.

— Coloque-o no chão — disse Dallas. Lambert obedeceu, com alívio. — Isso não vai ser possível. Os pés dele vão esbarrar em tudo que é pedra, em tudo que é buraco. Fique aí, de guarda. Vou fazer uma padiola.

— Com o quê?

Mas Dallas já se afundava outra vez na nave alienígena, em direção à câmara que tinham acabado de deixar.

— A trípode do guincho. É suficientemente forte — ouviu no seu capacete.

Enquanto esperava por Dallas, Lambert sentou-se o mais longe possível de Kane.

O vento assobiava do lado de fora anunciando a proximidade da noite.

Ela sentiu-se incapaz de tirar os olhos do pequeno monstro preso a Kane; incapaz de não pensar no que acontecera. Apenas abstinha-se de pensar no que a coisa estaria fazendo a Kane. Tinha de abster-se, ou não poderia conter um ataque de nervos.

Dallas voltou, com os pedaços da trípode desmontada debaixo dos braços.

Depositando-os no convés, começou a armar uma grosseira padiola com dedos que o medo fazia ágeis. Uma vez pronta, baixou-a cautelosamente para a superfície. Caiu da altura de uns poucos metros, mas sem quebrar-se. Decidiu que era suficientemente forte para agüentar o peso de Kane até o Nostromo.

O curto dia do planetóide chegava ao fim, a atmosfera assumia outra vez a cor do sangue, e o vento era mais alto e assobiava lugubremente. Não que não pudessem levar Kane ou achar a nave no escuro. Mas Dallas não tinha nenhum desejo, sobretudo agora, de passar a noite ao relento nesse mundo de espantos. Alguma coisa mais grotesca do que a imaginação era capaz de conceber, erguera-se das profundezas da nave sinistrada para deixar seu selo no rosto de Kane e nas suas mentes. Terrores ainda maiores poderiam estar por vir, embuçados no crepúsculo impregnado de poeira cósmica. Desejava desesperadamente estar de volta ao abrigo das paredes de metal do Nostromo.

Quando o sol se pôs atrás das nuvens, o colar de luzes que marcava a base do rebocador acendeu-se. Não bastavam para alegrar a paisagem em volta da nave, mas pelo menos faziam visíveis os contornos melancólicos do rochedo ígneo em que pousara. Redemoinhos de pó mais espesso obliteravam, às vezes, mesmo essa pobre tentativa de afastar a treva.

Na ponte, Ripley esperava resignadamente por uma palavra da patrulha há tanto tempo muda. O sentimento de desamparo e impotência do primeiro momento já se dissipara a essa altura. Fora substituído por uma espécie de entorpecimento da alma e do corpo. Não tinha coragem de olhar pelas escotilhas. Deixava-se ficar sentada, apenas, provando, de quando em vez, um pouco de café morno e fitando sem expressão seus mostradores preguiçosos.

Jones, o gato, sentava-se de frente para uma janela. Achava a tempestade uma maravilha e criara um jogo frenético, que consistia em derrubar com a pata qualquer partícula maior que batesse contra a moldura externa de metal. Jones sabia que jamais apanharia uma deles. Tinha certa compreensão das leis da física por detrás de transparências.

Isso atrapalhava um pouco o brinquedo, mas não o inutilizava. Podia, também, fazer de conta que os pequenos fragmentos de pedra eram pássaros, embora nunca tivesse visto nenhum em sua vida. Mas entendia esse conceito também, instintivamente.

Outros monitores, além do de Ripley, eram objeto de observação; outros aferidores estavam sendo avaliados com a devida regularidade. Sendo dos tripulantes o único inimigo do café, Ash fazia o seu trabalho sem qualquer estimulante líquido. Bastava um dado novo para reacender-lhe o interesse.

Dois instrumentos inertes há muito tempo, de súbito entraram em ação. E os números, compondo-se em série uns depois dos outros na unidade de saída, afetaram o sistema do oficial de ciência tão poderosamente como qualquer narcótico. Ele ativou amplificadores e conferiu cuidadosamente as séries de algarismos antes de ligar o intercomunicador para a ponte e anunciar a sua recepção.

— Ripley? Você está aí?

— Han, han — depois percebendo o ardor da voz dele, endireitou-se na cadeira.

— Boas notícias?

— Penso que sim. Acabo de captar os sinais dos trajes deles. E suas imagens estão de volta às telas.

Ela respirou fundo antes de fazer a pergunta, necessária, mas angustiante:

— E... quantos são?

— Três, todos três... Posso captar três sinais, constantes.

— Oinde estão?

— Perto, muito perto... Alguém deve ter tido a idéia de ligar de novo os instrumentos, para que pudéssemos acompanhar a sua progressão de retorno. Vêm para cá, em marcha regular. Um pouco lenta, mas firme. Parece-me que tudo está bem.

"Não conte muito com isso" — pensou ela enquanto ativava seu próprio transmissor.

— Dallas! — chamou. — Dallas, você me ouve? — Um furacão de estática foi a única resposta. Ripley insistiu, sintonizando melhor: — Dallas, aqui é Ripley, responda...

— Calma, Ripley. Podemos ouvi-la muito bem. Estamos voltando.

— Mas o que aconteceu? Perdemos a imagem de vocês nos painéis, e os sinais também, quando entraram naquele casco. Vi as fitas de Ash. Vocês terão...

— Kane está ferido — Dallas parecia zangado, exausto. — Precisaremos de auxílio para levá-lo para cima. Ele está inconsciente. Alguém terá de ajudar a tirá-lo da câmara de descompressão.

— Vou eu — respondeu Ash, sem hesitação.

— Na retaguarda, Parker e Brett escutavam atentamente a conversação.

— Inconsciente — repetiu Parker. — Eu sempre soube que Kane se meteria em confusões...

— Certo — disse Brett, preocupado.

— Não é um mau sujeito, para um oficial de bordo. Gosto mais dele que desse Dallas. Não é tão disposto a dar ordens. Imagino o que lhes terá acontecido por lá.

— Eu também. Logo saberemos.

— Pode ser que só tenha caído e perdido os sentidos com a queda.

A explicação era tão pouco convincente para Parker quanto para Brett. Ambos calaram-se, atentos ao transmissor.

— Lá está ela — disse Dallas. E com o resto de força que lhe restava, mostrou a nave.

Três formas esguias, imprecisas, que eram como árvores nuas como árvores no inverno, surgiram do crepúsculo. Sustentavam outra forma que era maior mas igualmente amorfa: o casco do Nostromo. Tinham quase chegado à nave quando Ash atingiu a porta mais interior da câmara estanque. Parou, verificou se o fecho estava pronto para ser destravado, e tocou o botão do intercomunicador mais próximo:

— Ripley, é Ash. Estou junto da comporta interna — deixando o canal aberto, deslocou-se até junto de uma escotiIha vizinha. — Nenhum sinal deles por enquanto. Já é quase noite lá fora, mas quando se aproximarem do elevador poderei distinguir as luzes dos seus macacões.

— OK — ela pensava furiosamente, e alguns dos seus pensamentos teriam causado espanto ao oficial de ciência. Causavam espanto a ela mesma.

— Em que direção? — perguntou Dallas, apertando os olhos para distinguir os contornos da nave à luz velada dos holofotes.

Lambert mostrou à esquerda.

— Naquela direção, acho. Aquela é a primeira perna. O elevador deve estar imediatamente por trás dela.

Prosseguiram, então, naquele rumo até quase tropeçar na base do elevador, firmemente encravada no chão duro. A despeito da sua fadiga, transferiram a forma inerte de Kane

da padiola improvisada para o elevador, sustentando-o entre eles dois.

— Acha que conseguirá mantê-lo de pé? Será mais fácil do que ter de levantá-lo outra vez.

Ela tomou ar.

— Sim, creio que sim. Desde que alguém nos ajude uma vez dentro da câmara.

— Ripley, você está a postos?

— Estou aqui, Dallas.

— Estamos subindo — deu uma olhadela para Lambert. — Pronta?

Ela assentiu.

O capitão apertou um botão, houve uma sacudidela, e o ascensor subiu devagar, parando justamente ao nível da porta. Dallas inclinou-se levemente, alcançou um comutador.

O postigo externo deslizou para o lado, e eles entraram na comporta.

— Devo pressurizar?

— Não importa. Podemos dispensar uma câmara cheia de ar. Num minuto estaremos lá dentro e poderemos tirar estas miseráveis roupas.

Fecharam a porta externa e esperaram que a interna se abrisse.

— O que houve com Kane? — perguntou Ripley. Dallas estava cansado demais para perceber na voz dela outra nota que não a de solicitude por um colega acidentado. Sacudiu o ombro de modo a que Kane ficasse um pouco mais alto, sem se importar muito com a criatura. Não se movera um centímetro durante toda a caminhada e ele não acreditava que se pusesse a mexer agora de repente.

— É alguma espécie de organismo — informou. E o eco da sua voz, débil embora na concha do capacete, confortou-o de certo modo. — Não sabemos o que se passou nem de onde veio isso aí. Aferrou-se a ele. Nunca vi coisa igual nem parecida. Não se move agora e não mudou de posição no caminho. Temos de levá-lo assim mesmo para a enfermaria.

— Quero um relato completo — disse Ripley, friamente.

— Relato completo droga nenhuma! — disse Dallas. Quisera eliminar a fúria e a frustração da voz, mas não podia. Como ser razoável numa situação daquelas? — Ouça, Ripley, não vimos o que aconteceu. Ele estava no fundo de uma espécie de poço, abaixo de nós. Não sabíamos nem mesmo que alguma coisa acontecera antes de içá-lo para fora. Está claro agora? É tão completo quanto possível.

Houve apenas silêncio do outro lado.

— Escute, Ripley, abra a porta.

— Espere um pouco — disse ele. Escolhia as palavras com cuidado. — Se o deixarmos entrar, toda a nave pode ficar infectada.

— Com os diabos! Isso não é um germe! É maior do que a minha mão, e de uma solidez assustadora.

— Você conhece as normas de quarentena — a voz dela tinha uma determinação que Ripley estava longe de sentir. — Vinte e quatro horas para descontaminação. Vocês dois têm ar suficiente nos cilindros, e posso fornecer-lhes tanques extras, se necessário. Vinte e quatro horas não vão bastar, talvez, para provar que a coisa não é mais perigosa, mas isso já escapa à minha responsabilidade. Tenho apenas de impor as normas. Fazê-las obedecer. Aliás, você as conhece tão bem quanto eu.

— Conheço exceções também. E sou eu que tenho aqui o que resta de um bom amigo, e não você. Em vinte e quatro horas ele poderá muito bem estar morto, se é que já não está. Abra a porta.

— Ouça, Dallas — implorou Ripley. — Se abro, se quebro a quarentena, todos poderemos morrer.

— Abra essa bosta de porta! — berrou Lambert. — Para o diabo com as normas da Companhia. Temos de levá-lo para a enfermaria, onde o médico automático possa cuidar dele.

— Mas eu não posso! Se você estivesse na minha posição, com as mesmas responsabilidades, faria o mesmo.

— Ripley — disse Dallas pausadamente —, você pode me ouvir?

— Posso ouvi-lo perfeitamente — respondeu a moça, muito tensa. — E a resposta ainda é negativa. Vinte e quatro horas de descontaminação. Depois, ele será admitido.

Dentro da nave, outra pessoa tornou uma decisão. Ash apertou o botão de emergência que ficava fora da porta interna.

Acendeu-se uma luz vermelha, e houve um longo assovio, alto e característico.

Dallas e Lambert fitaram a porta, que começou a deslizar para o lado.

O console de Ripley iluminou-se, com as inacreditáveis palavras:

POSTIGO INTERNO ABERTO. POSTIGO EXTERNO FECHADO.

Ela ficou olhando, paralisada e incrédula, para a informação. Mas seus instrumentos confirmaram o que vinha de ler.

Com sua pesada carga entre eles, Dallas e Lambert entraram cambaleando no corredor, tão logo tiveram espaço suficiente na abertura para passar. No mesmo momento, Parker e Brett chegavam.

Ash adiantou-se para ajudar a mover o corpo, mas foi afastado por um gesto de Dallas.

— Fique a distância.

Dallas e Lambert depuseram Kane no chão e retiraram seus próprios capacetes.

Mantendo-se longe da forma em repouso, Ash deu-lhe volta até poder avistar a coisa presa à cabeça.

— Meu Deus! — murmurou.

— Está viva — disse Parker. Estudou a forma alienígena, admirando-lhe a simetria, o que não lhe tirava nada da repelência.

— Não sei, mas não lhe bote a mão! — avisou Lambert, enquanto retirava as botas.

— Não tenha medo disso — disse Parker. Inclinando a frente, procurava perceber detalhes, ver que parte da besta estava em contacto com Kane. — O que isso está fazendo com ele?

— Não sabemos. Temos de levá-lo à enfermaria e descobrir.

— Certo — disse Brett. — Vocês dois estão bem?

Dallas fez que sim com a cabeça.

— Estamos cansados, muito cansados. Só isso. O bicho não se moveu, mas é preciso observá-lo todo o tempo.

— Muito bem — os dois engenheiros ergueram Kane do chão, ajudados por Ash, e levaram-no.

-6-

Na enfermaria, depuseram Kane delicadamente na plataforma médica.

Um complexo de instrumentos e controles, diversos de todos os outros a bordo da nave, decoravam a parede por trás da cabeça do oficial inconsciente. A mesa em que ele estava e que saía da parede, correspondia a uma abertura de um metro quadrado.

Dallas tocou diversos controles, ativando o médico automático. Removeu de uma gaveta um tubo de metal brilhante e, depois de verificar que estava carregado, voltou, para perto do paciente. Ash ficou a seu lado, pronto a prestar-lhe ajuda, enquanto Lambert, Parker e Brett o observavam do corredor, por trás de um vidro grosso.

Um simples toque do lado do tubo fez brotar da sua ponta um raio luminoso de grande intensidade. Dallas ajustou-o até que ficasse tão curto e estreito quanto possível, mas sem redução de potência.

Cuidadosamente, tocou com ele a base do capacete de Kane. O metal começou a desintegrar-se.

Conduziu a lâmina de luz, lentamente do capacete acima, pelo topo, pelo outro lado abaixo, e em cheio sobre o fecho grosso. O capacete se partiu ao meio como uma laranja. Dallas e Ash postaram-se, então, de um lado e de outro de Kane, e Dallas desligou o laser e removeu o capacete.

Hesitou, depois, brevemente. Mas avançou a mão e tocou a criatura, embora só por um instante. Continuava a pulsar, se bem que não tivesse reagido ao contacto dos seus dedos. Avançou de novo, pousando dessa vez a palma da mão nas costas da criatura. Era fria e seca. O leve arfar, porem, dava-lhe náusea, e ele quase retirou a mão outra vez. Porém, a criatura não dava sinais de objetar, agarrou como pôde o tecido de borracha de que era feita e puxou com toda a força.

Nada aconteceu... o que era de se esperar. Nem a coisa se mexeu, nem largou a presa.

— Deixe-me experimentar — disse Ash. Estava junto de um armarinho de instrumentos médicos. Escolheu um alicate particularmente grosso e avançou para a mesa. Mordendo com ele, cuidadosamente, a criatura, e puxou.

— Nada, ainda. Mais força — disse Dallas. Ash reajustou o alicate puxou e inclinou o corpo para trás ao mesmo tempo.

Dallas o deteve com um gesto.

Percebera um fio de sangue que escorria pelo rosto de Kane.

— Espere! Você está rompendo a pele dele.

— Eu não. A criatura.

Dallas ficou pálido.

— Não, isso não vai adiantar. A criatura não vai sair sem arrancar-lhe o rosto ao mesmo tempo.

— Concordo. Vamos usar a máquina. Talvez tenhamos mais sorte.

— Será preferível.

Ash apertou vários botões em seqüência. O médico automático começou a zumbir, e uma abertura nos pés da mesa de exames acendeu. Depois, a plataforma deslizou, suavemente, para dentro da parede. Uma placa de vidro desceu e selou Kane lá dentro. Luzes brilharam do outro lado. O astronauta era perfeitamente visível. Do lado de fora, num console próximo, um par de monitores de vídeo piscou e entrou em ação. Ash aproximou-se para ler os resultados. Ele era o que o Nostromo tinha de mais parecido com um médico humano. Estava ciente do fato e da responsabilidade que este implicava. Ansiava por saber qualquer coisa que a máquina pudesse descobrir sobre a condição de Kane. Para não falar na criatura alienígena.

Uma nova figura surgiu no corredor, aproximando-se dos três espectadores. Lambert lançou-lhe um olhar carregado de intenção.

— Ripley, você queria deixar-nos lá fora. Você queria deixar Kane lá fora. Você ia fazer a gente esperar vinte e quatro horas, e Kane com aquela coisa na cara, e a noite começando.

Sua expressão mostrava mais dos seus sentimentos do que as próprias palavras.

Parker, a última pessoa que se esperaria tomasse a defesa da oficial de

segurança, olhou belicosamente para a navegadora.

— Pois talvez ela devesse ter deixado. Apenas cumpria o regulamento — e fez um gesto na direção do interior iluminado do médico automático e do seu paciente imóvel.

— Quem sabe o que aquela coisa pode fazer ou deixar de fazer? Kane é um tanto impulsivo, não há dúvida, mas não é nenhum tolo. Se foi atacado é porque não pôde evitá- lo. Talvez um de nós seja o próximo.

— Certo — concordou Brett.

Mas Ripley continuava a dar toda atenção a Lambert. A navegadora não se movera e encarava-a também, firme.

— Talvez eu tenha cometido um erro. Talvez não. De qualquer maneira, procurava simplesmente cumprir meu dever. Vamos deixar as coisas nesse pé.

Lambert hesitou, perscrutando o rosto de Ripley. Por fim, fez um curto gesto de cabeça.

Ripley suspirou e relaxou sua postura rígida.

— O que houve de fato lá fora?

— Nós penetramos na nave sinistrada — disse Lambert, sem perder de vista os homens encerrados na enfermaria. — Não havia sinais de vida. Talvez a transmissão seja velha de séculos. Encontramos o transmissor, ao que parece.

— E a tripulação?

— Nenhum sinal de tripulação.

— E Kane...

— Ele se apresentou como voluntário para investigar sozinho o nível inferior — a expressão de Lambert ficou, por um momento, contorcida. — Procurava seus diamantes. Ao invés deles, encontrou alguma espécie de ovos. Nós lhe dissemos que não os tocasse. Provavelmente tarde demais. Algo aconteceu lá embaixo. De onde estávamos não podíamos ver o que se passava. Quando o tiramos, estava com aquela coisa presa ao rosto. De algum modo, a criatura conseguiu derreter a frente do seu elmo, e você bem sabe de que material são feitos...

— Fico a pensar de onde será essa criatura, originariamente. — Ripley falava sem olhar para a enfermaria. — Este planetóide me parece morto, portanto deve ter vindo na espaçonave alienígena.

— Só Deus sabe — disse Parker, calmamente —, mas eu bem que gostaria de

saber também...

— Por quê? — perguntou Ripley

— Por que seria mais um lugar a evitar!

— Amém — disse Brett, enriquecendo seu vocabulário.

— O que eu desejaria saber — dizia Dallas, do outro lado da janela hermética — é como ele ainda consegue respirar. Ou não respira?

Ash estudou as leituras.

— Fisicamente parece bem. Não só continua vivo, a despeito de ter vindo sem ar normal todo o caminho de volta até aqui, como também todos os seus sinais vitais são firmes e regulares. O fato de respirar todo aquele nitrogênio e metano deveria ter sido suficiente para matá-lo lá atrás, ainda no casco alienígena. Segundo o médico automático ele está em coma, mas normal interiormente. E muito mais saudável do que tinha direito de estar. Como respira, não sei. Mas seu sangue está perfeitamente bem oxigenado. — Mas como é possível? — Dallas debruçou-se para a janela iluminada a fim de ver o interior do médico automático. — Eu mesmo o examinei detidamente. Tanto a boca quanto o nariz estão completamente bloqueados.

Ash apertou dois ou três botões.

— Sabemos o que vai pelo exterior. Vamos ver dentro dele agora.

Um largo painel acendeu-se, clareou, entrou em foco. Mostrava uma grande imagem radioscópica a cores da cabeça de Kane e da parte superior do seu tórax. Seria possível, apertando outros botões mais, ver o sangue fluindo nas artérias e nas veias, os pulmões pulsando, o coração batendo. Estavam mais interessados, porém, àquela altura, na esquemática interna da minúscula forma arredondada que cobria como uma calota de couro a face do astronauta.

— Eu não sou biólogo — disse Ash —, mas aquilo ali é a mais infernal maçaroca jamais vista nas entranhas de um bicho vivente — e olhava com assombro para a intrincada rede de tubos e formas esquisitas que enchia o interior da criatura alienígena. — Não saberia dizer para que serve metade do que está à mostra.

— A coisa não é mais bonita por dentro do que por fora — foi o único comentário de Dallas.

— Observe a musculatura daqueles dedos, daquela — insistiu Ash. — Pode

parecer frágil, mas está longe disso. Não espanta que não conseguíssemos arrancá-la. Não me espanta que ele não tenha podido livrar-se, mesmo que tenha tido tempo de tentar antes de perder os sentidos.

Era claro agora o que a criatura estava fazendo com Kane se bem que não o porquê disso. As mandíbulas do astronauta haviam sido separadas à força. O longo tubo que a criatura tinha na palma da mão enfiara-se pela sua garganta abaixo. Terminava no fim do esôfago. O tubo não se movia, apenas repousava lá.

Mais do que tudo que via, era isso que dava arrepios de nojo em Dallas.

— Ele tem um troço enfiado na miserável da garganta — comentou. E suas mãos se fechavam e abriam espasmodicamente, numa ânsia assassina. — Que fará uma coisa dessas a uma pessoa normal? Isso não é maneira decente de lutar. Que diabo, Ash, a coisa é... imunda...

— Não sabemos que seja uma forma de luta, não sabemos nem mesmo se lhe faz mal — Ash confessava sua confusão diante do que via. — Segundo os monitores médicos, ele passa bem. É apenas incapaz de reagir a qualquer estímulo nosso. Sei que o que vou dizer parecerá idiota a você, mas pense um minuto. Talvez a criatura seja um simbionte e, de alguma forma, benigno. Talvez, à sua maneira animal, peculiar e, admito, desconcertante, esteja procurando ajudá-lo.

Dallas riu, mas foi um riso destituído de qualquer humor.

— Vê-se que a criatura gosta dele. Pois não o larga...

— Aquele tubo, ou o que quer que seja, parece que lhe fornece oxigênio — o oficial de ciência pediu maior detalhe à máquina, ajustando o controle e provocando um foco mais próximo. A tela mostrou, então, os pulmões de Kane, que inflavam e esvaziavam-se em ritmo normal, e sem esforço aparente, a despeito da obstrução da garganta.

Ash voltou à vista anterior.

— Mas que oxigênio? — quis saber Dallas. — Ele fez todo esse caminho com um capacete fraturado. A criatura não se colou aos seus tanques de suprimento e o ar que a

roupa continha escapou-se logo pelo regulador aberto, em dois minutos.

Ash ficou pensativo.

— Posso conceber algumas possibilidades. Há algum oxigênio livre nesta atmosfera. Não muito, mas há. E mais ainda, misturado ao azoto sob forma de

vários óxidos. Desconfio que a besta possui a capacidade de decompor esses óxidos e extrair deles o oxigênio. Certamente tem capacidade de passá-lo para Kane, ou aproveitá-lo ela mesma. Um bom simbionte é capaz de descobrir num abrir e fechar de olhos quais as necessidades do parceiro. Certas plantas têm essa mesma capacidade de fabricar, por assim dizer, oxigênio, extraindo-o de variadas fontes. Outras preferem outros gases. Não é uma impossibilidade.

Disse e voltou sua atenção de novo às telas.

— Talvez sejam preconceitos nossos preconceitos terráqueos, juízos a priori. Talvez a criatura não seja nem vegetal nem animal. Talvez tenha características dos dois reinos.

— Não faz sentido.

Ash olhou-o.

— O que é que não faz sentido?

— Paralisá-lo, botá-lo em coma, depois trabalhar furiosamente para mantê-lo vivo. — Dallas dirigiu seu olhar para a tela. — Pensei de início que estivesse comendo-o ou vivendo dele de algum modo. A postura e a posição em que se acha é típica de cevadura ou pasto. A criatura poderia estar mamando. Mas como os instrumentos dizem, está fazendo justamente o contrário. Dá de mamar. Não consigo entender uma coisa dessas. De qualquer maneira, não podemos deixar essa criatura indefinidamente pegada a ele. Pode fazer toda espécie de coisas, boas e más. E só podemos estar certos de um dado: boas ou más não são naturais para um sistema humano.

Ash pareceu duvidar:

— Não sei se você tem razão.

— E por que não? — Dallas olhava seu oficial de ciência com perplexidade.

— No momento — explicou Ash, sem se mostrar ofendido com a ponta de desafio que havia no tom de Dallas —, no momento, a criatura o mantém vivo. Se nós a removermos, arriscamos perder Kane.

— Temos de correr esse risco.

— E como pretende tirá-la? Ela não vai sair.

— Teremos de tentar cortá-la fora. Quanto mais depressa melhor será para Kane.

Pareceu que Ash ia argumentar um pouco mais e que mudou de idéia.

— Não aprovo, mas entendo sua posição. Você assume a responsabilidade? É uma decisão de ciência, e você a tira das minhas mãos.

— Sim, assumo a responsabilidade.

Já começava a calçar as luvas de cirurgia. Verificou-se que o médico automático não estava de nenhum modo ligado ao corpo e que não lhe fazia qualquer ministração que pudesse ficar prejudicada se Kane fosse temporariamente subtraído de seus cuidados. Um toque num botão e ele deslizou para fora da máquina.

Uma inspeção sumária bastou para mostrar que a criatura não se movera nem afrouxara seu controle sobre Kane.

—O cortador? — Ash indicou o laser que Dallas tinha usado para recortar o capacete de Kane.

—Não. Vou proceder tão devagar quanto possível. Veja se me arranja uma lâmina manual.

Ash foi até a caixa de instrumentos, remexeu nela e voltou com uma versão mais leve do instrumento usado anteriormente. Passou-a cautelosamente a Dallas.

O capitão inspecionou o delicado instrumento, manipulou-o até obter um firme controle dele. Semelhava um lápis delgado na sua mão. Ligou-o, em seguida. Uma versão em miniatura do feixe luminoso estreito, de muito fraca divergência, que o instrumento maior tinha gerado, brotou, brilhante da extremidade do bisturi.

Dallas postou-se junto à cabeça de Kane. Operando com toda a frieza de que era capaz, moveu a delgada lâmina de luz em direção à criatura alienígena. Tinha de estar preparado para recuar, e com cuidado, se a besta reagisse.

Um movimento em falso e poderia decapitar seu colega tão facilmente como um relatório desfavorável corta uma aposentadoria.

Mas a criatura não se moveu. Dallas fez com que o raio tocasse sua pele acinzentada, descendo um centímetro ou dois até estar seguro de que cortava efetivamente carne.

O raio viajou sem esforço de ponta a ponta pelas costas da criatura.

E, todavia, o objeto dessa biópsia preliminar não se alterou nem mostrou sintomas de dor. No alto da incisão um fluido amarelado começou a pingar, depois a escorrer pelo flanco suave.

— Começa a sangrar — anunciou Ash, numa voz profissional.

O líquido jorrou sobre a coberta da mesa de operação, junto à cabeça de Kane. Um pequeno fio do que Dallas tomou a princípio por vapor ergueu-se do forro impermeável. O gás escuro não lhe era familiar. Mas o chiado sibilante que começou a soltar-se da roupa de cama — esse era.

Dallas parou, removeu o bisturi e foi examinar o ponto de onde provinha o chiado, que se fazia mais alto e mais profundo. Olhou para baixo.

O líquido já corroera a coberta e a mesa metálica de operação. Fervendo e chiando, fazia poça agora junto dos seus pés, um inferno em miniatura, que começava a devorar o convés. O metal fumegava, derretia. O gás, um subproduto, começava a encher a enfermaria. Queimava, já, a garganta de Dallas, lembrava o gás lacrimogêneo que a polícia usa, e que é apenas medianamente doloroso, mas impossível de suportar.

Entrou em pânico pensando no que aquilo estaria fazendo a seus pulmões.

De olhos lacrimejantes, nariz correndo, tentou freneticamente obturar o corte, apertando os seus dois lábios hiantes com as mãos. No curso desse processo, um pouco do líquido que ainda corria, pingou-lhe nas luvas. E elas começaram, por sua vez, a ferver e fumegar. Tentou descalçá-las, cambaleando em direção ao corredor antes que o material, forte embora, fosse varado pelo ácido e este lhe queimasse a pele. Lançou as luvas por terra, e as gotas que caíram no chão de metal começaram a abrir nele pequeninos furos redondos.

Brett parecia enlouquecido, e excessivamente assustado também.

— Essa merda vai comer um deque, depois outro, depois o casco!

Virando-se, ele se pôs a correr para a primeira escada de tombadilho. Dallas arrancou uma lâmpada de emergência do seu suporte e seguiu seu técnico de engenharia, e os outros foram no encalço deles.

O corredor do deque B tinha as paredes forradas de instrumentos, tubulações e eletrodutos. Brett já examinava o teto imediatamente abaixo da enfermaria.

O líquido tinha, ainda, de varar vários níveis sucessivos de ligas metálicas.

Dallas voltou o foco da sua lanterna para o forro, procurou, depois manteve-o

imóvel.

— Lá.

Acima deles, apareceu um pouco de fumaça. Surgiu depois uma pequena mancha de líquido amarelo, com metal fervendo em derredor. Aquilo varou o teto, formou uma gota, pingou. E imediatamente pôs-se a ferver no piso do deque. Dallas e Brett assistiam impotentes ao desastre, pois a poça aumentou de diâmetro e pôs-se a corroer o convés.

— O que fica aí debaixo?

— O corredor C — informou Parker. — Não tem instrumentos.

Ele e Ripley desceram correndo, mas os outros ficaram no corredor B a contemplar o buraco que aumentava no chão.

— O que podemos botar debaixo dele? — Ash considerava o problema como se fosse abstrato, embora consciente de que, em poucos momentos, o caso do Nostromo poderia estar perfurado, imprestável, o que significaria selar compartimento por compartimento até que os danos estivessem reparados. E podia ser muito pior. Grande número de circuitos da maior importância passava pela quilha principal. Se o líquido a arruinasse, era possível que a avaria escapasse da capacidade limitada da engenharia de bordo. Muitos desses circuitos faziam parte da construção da nave e não se destinavam a sofrer reparos fora de um estaleiro de alta categoria.

Ninguém pensou em algo que pudesse deter o fluxo de ácido.

Embaixo, Parker e Ripley moviam-se com cuidado pelos escaninhos escuros e apertados do corredor C, de olhos no teto.

— Não fique debaixo desse material. Se é capaz de varar liga de convés, não ouso imaginar o que faria com a sua linda carinha.

— Não se incomode, tomo cuidado com minha própria cara. Cuide da sua.

— O troço parece estar perdendo a força — disse olhando para o chão com o maior desejo de que fosse mesmo verdade.

Brett e Ash, sentados em frente dele, também contemplavam, apalermados, a escura impressão no piso. Ash tirou uma caneta de um dos bolsos da túnica e investigou cautelosamente o orifício. Logo, o metal que revestia a caneta ferveu levemente, como um mercúrio carbonatado. O borbulho cessou logo, porém,

extinguindo-se antes mesmo de estragar o acabamento brilhante. O oficial de ciência insistiu. E ao invés de afundar-se, a caneta encontrou resistência.

— Não passou mais de três centímetros. O líquido deixou de penetrar como no começo.

Embaixo, Parker olhou para Ripley, na penumbra.

— Você percebe alguma coisa?

Continuaram a inspecionar o teto. Debaixo deles ficava uma galeria de serviço e, abaixo dela, o próprio casco principal do Nostromo. Para além dele, só a atmosfera de um planeta ignorado.

— Nada — respondeu Ripley por fim. — Mas continue observando. Vou ver o que está acontecendo lá em cima.

Correu pelo passadiço e escadas acima. A primeira coisa que viu foi os outros agachados em torno do buraco.

— O que houve? Não passou para o outro lado até agora.

— Perdeu a força — disse Ash, ajoelhando-se para ver de perto o metal perfurado. — Ou a continuada reação com as ligas que encontrou pelo caminho diluiu-lhe a potência ou simplesmente ele perde seu poder cáustico depois de um determinado período de tempo. De qualquer maneira, já me parece ativo.

Ripley adiantou-se para verificar por si mesma o buraco ainda fumegante no chão do convés.

— Poderá ser mais forte a liga neste deque que no de cima? Ou estará o material a corroer o piso horizontalmente agora, em busca de outro ponto fraco por onde penetrar?

Ash abanou a cabeça.

— Não, não penso assim. Do que me lembro de construção de naves, os deques principais e o casco do Nostromo são todos compostos do mesmo material. Não. O razoável será concluir que o fluido é, agora, inerte.

Esboçou o gesto de pôr a caneta meio roída no bolso. Segurava-a pela extremidade não danificada. Mas no último momento mudou de idéia e continuou com ela na mão.

Ripley percebeu a hesitação dele e fez troça:

— Se, já não é perigoso, Ash, por que não a põe no bolso?

— Não se deve agir com precipitação. Temos tempo. Vamos fazer testes

primeiro, verificar se de fato a substância não é mais perigosa. Só porque já não pode corroer a liga do convés não significa que não possa queimar a pele. E será uma queimadura atroz.

— O que você acha que seja? — perguntou Dallas. Seu olhar foi da pequena cratera no piso até o correspondente buraco no teto. — Nunca vi coisa que pudesse cortar uma liga dessas. Não com tal rapidez.

— Eu também nunca vi coisa igual — confessou o oficial de ciência. — Certas variedades altamente refinadas de ácido molecular têm um tremendo poder, mas agem, de regra, sobre materiais específicos. Sua aplicação geral é muito restrita. Já esse troço parece ser um corrosivo universal. Já o vimos demonstrar sua capacidade de cortar diferentes substâncias com igual facilidade. Ou indiferença, se preferirem. Ligas metálicas, luvas cirúrgicas, mesa de operação, roupa de cama. Passou por tudo isso com igual desenvoltura. E aquela miserável criatura usa isso como sangue! É um monstrinho, vocês terão de convir.

Falava do alienígena maniforme com respeito, malgrado seus sentimentos para com ele.

— Não sabemos realmente se ele usa esse elemento como sangue — a mente de Ash parecia funcionar acelerada do sob a pressão das circunstâncias. — Pode ser o componente de outra circulação, de outro sistema, de um sistema paralelo, como o linfático, destinado, por exemplo, a lubrificar as entranhas da peste. Ou pode ser ainda uma camada protetora, defensiva, uma espécie de endotélio líquido. Nesse sentido, o fluido não seria mais que a contraparte da linfa.

— Maravilhoso mecanismo defensivo esse — disse Dallas. — Ninguém ousa dar cabo dele.

— Não a bordo de uma nave selada hermeticamente disse Ripley, pondo os pingos nos is, mas sem ênfase.

— Tem razão. Poderíamos ter levado Kane para onde os fluidos da criatura não danificassem o Nostromo. E tentar arrancá-la lá fora. Só que pensamos que ela é a única coisa que mantém vivo. Uma vez que os separemos e que tiremos aquilo da sua garganta poderemos alimentá-lo de oxigênio. E cobertores térmicos o conservarão aquecido. Podíamos, aliás, armar uma tenda de oxigênio, com piso selado. O fluido pingaria no chão, abaixo dele.

— Não é uma idéia má — admitiu Ash —, salvo duas coisas — Ripley aguardou as objeções com impaciência.

— A primeira já foi discutida: remover a criatura à força pode interromper fatalmente a ação sustentadora da vida dele. Bastaria o choque para matar Kane.

Segundo, não temos qualquer espécie de garantia de que, sentindo-se ferida, a criatura não reaja jogando aquele fluido sobre si mesma e sobre tudo o que estiver à sua volta. Seria uma reação defensiva perfeitamente compatível com as qualidades destrutivas do fluido.

Ash fez uma pausa para que a imagem que evocara dominasse todas as mentes.

— Mesmo que o operador, isto é, aquele que estivesse cortando a besta escapasse de ferimento sério produzido pelo líquido corrosivo, não gostaria de ficar responsável pelo que acontecesse com o que resta do rosto de Kane. Ou da sua cabeça.

— Muito bem — disse Ripley, um tanto ressentida.

— Talvez não tenha sido mesmo idéia das mais brilhantes. Mas o que sugere como alternativa?

E apontando com o polegar a enfermaria acima deles:

— Vamos levá-lo para casa com aquela coisa encarapitada no seu crânio?

— Não vejo nenhum perigo nisso — respondeu Ash. O sarcasmo da moça não o impressionava. — Se seus sinais vitais permanecerem bons, considero uma alternativa viável. Se falharem, naturalmente teremos de tentar outra coisa. Mas nesse momento devo dizer que remover a criatura violentamente representa mais perigo em potencial para Kane do que benefício.

Um novo rosto apareceu no alto da escada que descia para o tombadilho. Era Parker.

— Ainda nenhum sinal do fluido. A besta parou de sangrar?

Vendo que Ripley estava zangada, Parker dirigiu-se a Dallas.

— Sim. Depois de atravessar dois convés. — Estava ainda estupefato com a potência do fluido alienígena.

Ripley reanimou-se, olhou em torno:

— Estamos todos aqui. E Kane? Ninguém toma conta dele ou do alienígena!

Houve uma corrida geral para as escadas.

Dallas foi o primeiro a alcançar a enfermaria. Bastou olhar para ver que nada mudara. Kane jazia tão inerte quanto o deixara, imóvel na plataforma da mesa de

operação, com o alienígena ainda firmemente ancorado em seu rosto.

Dallas ficou furioso consigo mesmo. Agira como um menino. É verdade que o líquido demonstrara propriedades nervosas, mas nada justificava o pânico total que se seguira. E ele deveria ter delegado um ou dois membros da tripulação para guardar o paciente e a criatura. Felizmente, nada se alterara na ausência deles. A coisa não se movera nem, ao que parecia, Kane. Dali por diante, acontecesse o que acontecesse, haveria sempre alguém de sentinela na enfermaria, dia e noite. A situação já era por demais grave e não deviam dar à criatura a oportunidade de fazer coisas sem ser observada.

— O ácido o atingiu? — Parker estava no portal, esforçando-se para ver Kane.

Dallas adiantou-se até a plataforma e inspecionou cuidadosamente a cabeça do oficial executivo.

— Não, creio que não. Ele me parece bem. O líquido escorreu pelos flancos da criatura sem entrar em contato com a pele dele.

Brett também apareceu à porta.

— Essa porcaria ainda pinga? Temos peças de cerâmica lá embaixo que agüentam qualquer espécie de coisa. Não sei se agüentarão isso também, mas não custa tentar. Eu posso improvisar um recipiente.

— Não se dê ao trabalho. Parou de sangrar.

Ash examinava com atenção a pequena seção cortada Pelo laser.

— Cicatrizada. Nem sinal da incisão. Extraordinárias propriedades regenerativas. A gente nem diria que o couro foi cortado.

— Mas deve haver algum modo de fazê-la largar a presa — disse Lambert, com um arrepio. — Fico doente de ver este bicho sentado na cara de Kane com aquele tubo infecto ou que diabo seja, enfiado na garganta dele.

— Pois ficaria ainda mais doente se fosse em você — disse Ripley maldosamente.

— Não acho graça — disse Lambert.

— Pois repito — disse Ash a Dallas — não seria aconselhável a remoção — Dallas ignorava-o — Não deu nada certo da última vez...

Dallas encarou-o, furioso, depois acalmou-se.

Ash, como de hábito, estava sendo objetivo, o sarcasmo não estava na natureza dele.

— Que faremos então? — quis saber Lambert.

— Nada — disse Dallas com firmeza. — Não podemos fazer nada. Tentamos. E, como Ash observou há pouco, isso quase nos custou uma nave furada. Então... Vamos botá-lo de novo no médico automático e esperar que a máquina saiba melhor que nós o que lhe convém.

Apertou um controle. Houve um zumbido suave, e a plataforma de Kane deslizou para dentro da parede e da máquina. Dallas mexeu em outros vários comutadores, teve uma nova visão do colega em coma, depois de esquemas e diagramas que diziam respeito a ele. Não davam qualquer informação nova, não ofereciam soluções.

Ash procurava interpretar diferentes leituras.

— Suas funções continuam normais, mas há uma indicação nova de degenerescência de tecidos e de colapso.

— Então, a criatura lhe faz mal.

— Não necessariamente. Ele já não come nem bebe há algum tempo. Essas leituras podem refletir uma natural redução de peso, por exemplo. Não há indício de que esteja drasticamente enfraquecido, nem pela criatura nem pelas circunstâncias. Não obstante, queremos conservá-lo nas melhores condições possíveis. Seria bom providenciar logo alguma alimentação endovenosa, até que possamos saber com certeza se a criatura estará a absorver proteína do sistema dele.

Ash ativou um bloco de controles. Novos sons encheram a enfermaria e o médico automático apressou-se em assumir a tarefa de alimentar o inerme Kane e processai os resultantes detritos.

— O que é aquilo? — perguntou Ripley, assinalando um ponto na radioscopia movente dos pulmões de Kane. — Aquela mancha nos pulmões dele?

— Não vejo mancha nenhuma.

Dallas estudou a área.

— Percebo o que ela quer dizer. Amplie, por favor, Ash, a seção do sistema respiratório.

O oficial de ciência obedeceu. Agora a pequena mancha que chamara a atenção de Ripley destacava-se claramente. Era grande, irregular, completamente opaca e

obliterava uma parte da caixa torácica.

— Não podemos dizer que esteja nos pulmões — disse Ash, mexendo nos seus controles. — Pode ser um defeito, ou uma seção danificada da lente. Acontece o tempo todo.

— Ilumine melhor — pediu Dallas. — Vamos ver se obtemos um contraste melhor.

Ash ajustou o instrumental, mas, a despeito de todos os seus esforços, o borrão escuro continuou lá: uma área escura não resolvida.

— Não ouso aumentar a radiação, temendo que ele sofra algum dano.

— Eu sei — disse Dallas, contemplando fixamente a enigmática nódoa. — E se perdermos a capacidade de usar essa máquina, não saberemos que diabo se passa dentro dele.

— Eu me encarrego — disse o oficial de ciência. — Vou limpar as lentes. É uma questão de tempo. Mas podem ser polidas de novo, um pouco pelo menos.

— Ficaremos cegos, entrementes.

— Será impossível eliminar a mancha sem desmontar a máquina.

— Não o faça, então. Pelo menos até que aumente tanto que obscureça totalmente o nosso campo de visão.

— Como quiser, capitão.

E Ash voltou às suas leituras. Brett pareceu perplexo, frustrado:

— Que faremos agora? Esperamos sentados? É tudo?

— Não — respondeu Dallas, lembrando-se de que tinha uma nave a comandar, além de zelar pelo pobre Kane. — Nós esperamos aqui, de vigília. Vocês dois vão de volta ao trabalho…

-7-

— O que acha?

Parker debruçava-se tanto quanto podia, suando ao lado de Brett enquanto este tentava selar as últimas e delicadas conexões dentro do espaço confinado do décimo segundo módulo. Tentavam executar trabalho que normalmente exigiria material altamente sofisticado e computorizado. Como não tinham senão ferramentas relativamente toscas, eram obrigados a lançar mão do que melhor servisse aos seus propósitos, embora sua destinação original fosse outra bem diversa.

— Ferramentas erradas para serviço errado — dizia Parker com seus botões (ou poderiam ainda ser chamados botões aqueles troços?). A não ser que o módulo 12 estivesse adequadamente reparado, e tornado operativo uma vez mais, teriam grandes problemas na hora de deixar aquela droga de planeta. Mas para deixar um mundo daquele, Parker estava disposto a trabalhar até com os dentes.

No momento cabia a Brett lutar com as recalcitrantes peças. Como todos os instrumentos a bordo do cargueiro, o módulo usava partes sobressalentes seladas na fábrica e encaixáveis no lugar. Ploc! O ardil consistia em remover o lixo, e o que restava das partes arruinadas sem remédio pelo sangue envenenado da besta, sem interromper funções vitais ou sem causar dano a outras partes, igualmente delicadas, da direção da nave. As novas partes entrariam direitinho nos lugares próprios se fosse possível limpá-los antes, dando sumiço ao refugo carbonizado.

— Acho que consegui — disse Brett. — Vamos ver agora se funciona.

Parker recuou um passo, apertou dois botões no console que lhes ficava acima da cabeça, depois conferiu, esperançoso, um monitor portátil. Nada. Acionou os botões pela segunda vez, de novo em vão. O monitor permaneceu atrevidamente mudo.

— Nada.

— Dane-se! Eu estava certo de que ia funcionar!

— Pois bem, não funcionou, e pronto. Tente o seguinte. Eu sei que eles parecem

em ordem, exceto o número 43, e este nós já substituímos. Mas é esse o problema com as células. Se o regulador fica sobrecarregado e se uma delas queima, é preciso abrir tudo e descobrir qual a que falhou. — fez uma pausa e acrescentou: — Quisera ter um traçador.

— Você e eu.

Fracos ruídos de metal arranhando plástico vinham do interior do conjunto.

— Tem de ser a próxima — Parker tentava parecer otimista. — Não temos, afinal, de conferir todas elas manualmente. Mãe reduziu o campo de investigação. Agradeça pelo menos esses favores menores...

— Serei grato — respondeu Brett —, serei grato sim, mas só quando arrancarmos desta rocha e estivermos no nosso bom hipersono.

— Deixe de pensar em Kane — Parker apertou os dois botões, nada aconteceu, e ele praguejou em silêncio. — Outra que está morta. Experimente a seguinte, Brett.

— Certo.

Brett obedeceu, substituiu a célula que vinha de conferir. Parker ajustou diversas alavancas superiores. Talvez pudessem reduzir um pouco mais a linha avariada. Doze módulos continham uma centena de minúsculas células de aceleração. A idéia de examinar uma por uma para descobrir a que estava queimada dava-lhe ganas de quebrar as coisas.

Nesse exato momento, que era de todos o menos indicado, uma voz chamou no alto-falante do intercomunicador:

— O que está acontecendo?

"Com mil diabos", pensou Parker. “É Ripley. Pois que se dane essa mulher. Eu lhe direi o que está acontecendo.”

— Meu cacete está acontecendo.

Não poderia ter sido mais lacônico. Mas acrescentou várias outras coisas inaudíveis, para desabafar.

— Continue com o trabalho — disse a Brett.

— Certo.

— O que foi que disse? — insistiu Ripley, no alto-falante. — Não compreendi bem.

Parker deixou o módulo. Com um golpe seco ativou o intercomunicador.

— Você quer saber o que está acontecendo? Muito trabalho, Ripley, só isso. Trabalho sério. Você deveria vir aqui de vez em quando para tomar conhecimento disso.

A resposta dela foi imediata, serena.

— Eu tenho o trabalho mais pesado desta nave — Parker riu com escárnio —, que é ouvir as suas besteiras.

— Deixe-me em paz.

— Só quando o módulo 12 estiver em ordem. Antes não. Fique avisado.

Houve um clique do outro lado, antes que Parker pudesse encontrar resposta adequada.

— O que está havendo — perguntou Brett, espiando de dentro do módulo. — Vocês dois estão brigando de novo?

— Não. É que essa mulher fala demais.

Brett hesitou, fez uma pausa para examinar a célula que tinha aberto por último.

— Certo. Vamos verificar outra vez, esta aqui.

Parker apertou os botões, examinou o monitor, pensou em dar-lhe um soco já que não podia esmurrar a cara de certa oficial de segurança. Mas não faria nada de tão melodramático, naturalmente. Embora de pavio curto, era suficientemente sensato para compreender o quanto precisava do monitor.

E de Ripley.

Ash, enquanto isso, submetia a uma nova série de testes a forma comatosa de Kane. Nenhum foi particularmente útil, mas o oficial de ciência achou-os todos fascinantes. Deram-lhe dados adicionais sobre as condições físicas do paciente.

As entranhas de Kane eram imediatamente visíveis a quem quer que entrasse na enfermaria e olhasse o principal painéis médicos.

O próprio Kane não podia impedir uma invasão de sua privacidade.

Ripley entrou e tomou conhecimento das últimas leituras. Kane estava exatamente como o deixara. Ela esperava isso.

E a coisa alienígena continuava firmemente colada à sua cara.

Ela estudou as leituras menores, depois ocupou o lugar vago ao lado de Ash, que tomou conhecimento de sua presença com um sorriso, mas não abandonou seu console.

— Procedendo a uns testes diferentes nele — informou. — Para saber se alguma coisa aconteceu.

— Que espécie de coisa?

— Não tenho a mais vaga idéia. Mas se alguma coisa nova ocorre, preciso saber disso, e tão logo ocorra.

— A situação alterou-se?

— Com Kane? — Ash reuniu os seus pensamentos. — Não, tudo na mesma. Ele se agüenta. Mais que isso. Ele se agüenta bem. Nenhuma mudança para pior.

—E a criatura? Sabemos agora que pode soltar ácido e recuperar-se miraculosamente. Sabemos mais alguma coisa?

Ash parecia contente consigo mesmo ao responder:

— Como lhe disse, tenho feito testes. Desde que não podemos fazer nada por Kane, venho procurando descobrir o que for possível sobre a criatura. Nunca se sabe. Uma descoberta aparentemente insignificante pode levar à sua eventual remoção.

— Sei disso — respondeu ela, mexendo-se impaciente na cadeira. — E descobriu algo significativo?

— Tem uma camada externa do que entendo serem polissacarídeos proteícos. É ainda uma suposição, mas não apenas um palpite. Difícil ter certeza sem uma análise minuciosa. E se eu tentasse obter uma amostra, por pequena que fosse, correria o risco de provocar outra efusão daquele fluido horrendo. Não podemos correr o risco de derreter parte do médico automático.

— Não, não podemos. A máquina é, no momento, a única chance que Kane ainda tem.

— Exatamente. Mais curioso, ainda, é que a criatura está constantemente a trocar de células, livrando-se das antigas dentro de uma derme interna, secundária, e substituindo-as por silicatos orgânicos polarizados. Parece ter uma pele dupla, e o tal ácido corre entre as duas camadas. Outra coisa: o ácido parece fluir sob pressão, e alta pressão.

— Foi bom, então, que Dallas não tivesse cortado fundo com o laser ou teria acertado a enfermaria inteira.

Ripley parecia impressionada.

— A camada de silicato revela ao microscópio uma só estrutura molecular, muito densa. Pode ser capaz até de resistir ao laser. Sim, eu sei, eu sei — apressou-se em dizer, diante do olhar incrédulo que ela lhe lançou —, parece

uma loucura, não é? Mas trata-se do mais resistente material orgânico que jamais encontrei. A combinação do modo como aquelas células estão dispostas com sua composição desafia todas as regras da biologia tradicional. As tais células silicatadas, por exemplo. Têm ligamentos metalizados. E é o que dá à criatura essa resistência inacreditável a condições ambientais adversas.

— Alguma outra coisa, além dos silicatos e da pele dupla?

— Bem. Acho que a criatura respira, ou até que respira da maneira como entendemos respiração, com inspiração e expiração. Parece alterar a atmosfera em torno dela, talvez pela absorção dos gases de que precisa pelos inúmeros poros que tem na pele. Não existe, naturalmente, qualquer orifício que se pareça com narinas. Mas como fábrica química ambulante — que é o que ela é, fundamentalmente — excede em eficiência tudo de que eu tenha notícia. Alguns dos seus órgãos internos aparentemente não funcionam, outros têm funções que sequer comecei a entender. É possível que os tais órgãos adormecidos tenham funções de defesa. Descobriremos isso, se e quando tivermos de provocá-la...

— Está satisfeita? — perguntou, com um olhar de expectativa.

— Plenamente.

"Mas Kane não deveria ter sido admitido a bordo" — pensou. "Deveriam tê-lo deixado fora, a ele e à criatura. Ash era o responsável por estarem ali, agora".

Ficou a considerar o oficial de ciência, sub-repticiamente, vendo-o lidar com seus instrumentos, armazenar resultados positivos e deitar fora os que não lhe serviam. Ash era a última pessoa de quem teria esperado um gesto dramático e, no entanto, fora ele quem tomara a súbita decisão de abrir a porta para a patrulha, contra todas as normas em vigor.

Era obrigada a corrigir-se. Dallas e Lambert também tjnham infringido o regulamento ao exigirem que ela os deixasse entrar. A vida de Kane, é verdade, estava em jogo. E se Ash se tivesse curvado à sua autoridade e à sua decisão de deixar os três de fora? Estaria Kane vivo? Ou se teria tornado um item de estatística no diário de bordo? Isso simplificaria pelo menos uma coisa: ela não teria de fazer face a Kane, um dia, para explicar-lhe por que recusara, a ele e aos outros, admissão a bordo.

Ash notou a expressão dela, preocupou-se.

— Alguma coisa vai mal?

— Não, não — endireitou-se na cadeira. — Resuma para mim, por favor. Suponha que eu seja burra, como às vezes me sinto. O que significaria tudo isso? Em que pé estamos?

— Uma combinação interessantíssima de elementos e de estrutura tornam essa criatura alienígena praticamente invulnerável em nossa situação presente e com nossos recursos.

Ela assentiu:

—É exatamente como eu mesma vejo a conjuntura. Se seus resultados forem fidedignos. — Ele teve uma contração de mágoa. — Desculpe. É invulnerável, então. Muito bem. — Ela o observava com atenção. — Foi por isso que você permitiu que entrasse?

Como sempre, o oficial de ciência não se deixou fisgar. Nem mostrou sinal de ressentimento ao responder:

— Eu simplesmente obedecia a uma ordem direta, expressa, do comandante. Lembra-se?

Ela fez um esforço para não elevar a voz, sabendo que Ash só respeitava a razão:

— Quando Dallas e Kane não estão a bordo, sou o oficial mais antigo. Respondo pelo comando, até que um deles ponha de novo o pé nesta nave.

— Sim, naturalmente. Esqueci-me disso. Foi a emoção do momento.

— Emoção coisa nenhuma! — a atenção dele continuava posta nas leituras. — Ash, emoções nunca fizeram você esquecer nada.

Isso obrigou-o a virar-se para ela.

— Você julga saber tudo a meu respeito. Todos vocês julgam. Estão todos certos de saberem exatamente que tipo de gente eu sou. Pois deixe que lhe diga uma coisa, Ripley. Quando abri aquela porta, sabia perfeitamente o que fazia. Mas quanto a essa história de quem está encarregado do quê... Sou capaz de esquecer coisas, como qualquer pessoa. Minha memória é muito boa, mas falha, como todo mundo. Mesmo memórias mecânicas, como a da Mãe, podem se esquecer de um dado.

Falha, sim. Mas falha seletiva. E, todavia, o oficial de ciência poderia estar dizendo a verdade. Seria melhor que ela tivesse atenção, e deixasse de insultar seus colegas. Parker e Brett já não tinham grande amor por ela. E estava agora em vias de transformar Ash num inimigo. Mas era-lhe impossível abafar suas suspeitas. Desejava, quase, que Ash se enfurecesse com ela.

— Você se esqueceu também da lei de quarentena, básica numa divisão de ciência, coisa que todo oficial aprende cedo, logo que entra para a escola.

— Não.

"Finalmente", pensou Ripley. Uma resposta, em que ela podia acreditar sem reservas. — Não, não me esqueci.

— Muito bem, não esqueceu — fez uma pausa, para valorizar o impacto: — Apenas infringiu a lei. Deliberadamente.

— Mas não levianamente. Considerei todas as conseqüências do meu ato.

— Sim, Ash. Não pensei que fosse leviandade.

De novo ele não mordeu a isca nem se deu por provocado.

— Não gostei de ter de fazê-lo, mas entendi que não tinha escolha — explicou, tranqüilamente. — O que teria você feito com Kane? Sua única chance de viver era a enfermaria, era o médico automático — e o mais depressa possível. Sua condição foi estabilizada. Estou inclinado a dar crédito à máquina por isso e pela rapidez do atendimento, da aplicação de anti-sépticos e de alimentação intravenosa.

— Você se contradiz, Ash. Há um minuto dizia que era a criatura que o mantinha vivo, não o médico automático.

— A criatura parece dar sua contribuição, mas faz isso na atmosfera de Kane, no seu ambiente. Não sabemos o que lhe teria feito se deixada com ele lá fora. Nas trevas exteriores... Aqui, podemos observar incessantemente o sistema dele, prontos a intervir se essa criatura alienígena der sinais de agir como antagonista...na enfermaria da nave — interrompeu o que dizia para verificar uma leitura. — Ademais, era uma ordem expressa.

— O que quer dizer que você obedecerá a Dallas em qualquer situação?

— O que quer dizer que o capitão é o capitão, e o fato de que esteja um metro para fora do corredor em vez de estar um metro para dentro não é razão suficiente para que ignore uma decisão dele.

Furiosa com ele e consigo mesma, Ripley deu-lhe as costas, mas acrescentou:

— Quebrando as normas de quarentena, você pôs em perigo a vida de todos, não só a de Kane.

Ash, serenamente, pediu uma informação ao computador, concentrou-se solenemente na resposta. Depois, falou, mas sem olhar para Ripley, cuja insistência o cansava:

— Pensa que foi uma decisão fácil? Estou perfeitamente ciente das regras de quarentena, perfeitamente a par das normas que regem o contato com formas alienígenas de vida. Provavelmente mais do que você. Mas tive de pesar tudo isso contra a vida de um homem. Poderia tê-lo deixado morrer na soleira da porta. Posso ter posto em risco a vida de vocês todos, e a minha. Mas de uma coisa estou certo: os fazedores de regras sempre as formulam em conforto e segurança, nunca no campo, onde os absolutos que eles inventam têm de aplicar-se. Aí, cada um é obrigado a confiar no seu próprio raciocínio, nos seus próprios instintos. Foi o que fiz. Até agora, a criatura não fez um só gesto ameaçador contra qualquer de nós. Pode vir a fazê-lo um dia, mas terá então de enfrentar um grupo alerta e armado de seis astronautas e não só um homem despreparado, andando às apalpadelas na treva de um bojo de nave, e nave desconhecida. Aceito esse risco contra a vida de Kane.

— Não discuto seus motivos pessoais — Ripley pôs todo o peso do corpo no pé esquerdo, levantou-se. — Digo simplesmente que não lhe assistia o direito de impô-los ao resto da tripulação. Nem tinha você autoridade para tanto. Talvez nós outros não desejemos correr risco.

— Já não importa, agora. Kane está a bordo... e sobreviveu. Os eventos futuros vão derivar dessa realidade e não de alternativas pretéritas. É uma perda de tempo discuti-las.

— Essa é a sua posição, como oficial de ciências? Pois não é a do manual.

— Você está sendo chata e repetitiva, Ripley. Por quê? Para provocar-me? Eu já registrei o que fiz no livro de bordo. Voluntariamente. Submeto-me ao que a Companhia decidir sobre o assunto. Sim. É a minha posição oficial. Lembre-se que a primeira preocupação da ciência é a proteção e o melhoramento da vida humana. Nunca iria contra isso.

— Não, mas a idéia que tem do que possa melhorar a vida humana difere da idéia do comum dos mortais.

Por algum motivo isso o fez voltar-se vivamente para ela e encará-la, quando as outras coisas que ela dissera antes não haviam provocado reação.

— Tomo minhas responsabilidades de encarregado da ciência com a mesma seriedade com que você toma as suas, de responsável pela segurança. Isso deve lhe bastar. Estou farto dessa discussão. Se tem alguma acusação específica a

formular, registre-a com Dallas. Se não — e voltou aos seus preciosos instrumentos —, cuide do seu trabalho que eu cuido do meu.

Ela assentiu de cabeça.

— Muito bem — e, virando-se, marchou para o corredor, insatisfeita e confusa. As respostas de Ash eram válidas, difíceis de demolir. Mas não era isso que a perturbava.

Era o fato de que o seu gesto abrindo a porta proibida ao grupo exploratório não ia só de encontro às normas. Ia de encontro a todas as facetas da personalidade do oficial de ciência tal como pensavam que ele era, contrariava frontalmente seu comprovado profissionalismo em outros campos. Ela não o conhecia há muito tempo, mas até esse incidente sempre lhe parecera, e aos outros membros da tripulação, que nada para ele era mais importante que o manual do oficial de ciência.

Ash pretendia ter feito o que fizera para salvar a vida de um homem. Ela tomara, ao contrário, uma posição legalista. Estaria errada? Teria Kane concordado com ela?

Foi ter à ponte ainda perturbada e inquieta. Pequenos incidentes isolados dançavam juntos agora na sua cabeça, Pareciam-lhe coincidentes. Mas faltava a cola que lhes daria sentido…

Nada havia a fazer no Nostromo agora senão esperar. Esperar que Parker e Brett completassem seu trabalho, esperar uma alteração para melhor no estado de Kane.

Na ponte, Lambert divertia Jones, o gato, com um pedaço de barbante. Supostamente, rolo de barbante estava em cima do console para divertir o animal. Mas Jones tinha outras idéias. Cabia-lhe, em certas ocasiões, divertir os humanos. Davam-lhe, pelo menos, a impressão de que gostavam que ele desse tapas na linha branca. Embora a manipulasse mal com suas grandes patas peladas, pesadonas...

Lambert chamava ao jogo cama-de-gato. Jones, o gato, chamava-o cama-de-gente. Felino dos mais concienciosos, fazia o possível para que a navegadora sorrisse. Eram tão solenes, às vezes, os humanos! Tarefa penosa, para um simples gato. Mas Jones era um gato aplicado. E brincava — pensando em comida e em ratos, quentinhos, gordos.

— Que lhe parece? — Brett levantou a cabeça, que tinha debaixo de uma

projetura da parede.

Parker ajustou um controle, enxugou o suor da testa.

— Quase. Mais um meio grau e acabamos. Talvez isso satisfaça Ripley.

— Bah! — fez Brett. — Então você não sabia? É impossível satisfazer Ripley...

Estranhos zunidos se fizeram ouvir por detrás do painel em que ele trabalhava no momento.

Parker olhou com apreensão para o mudo alto-falante do intercomunicador e grunhiu uma resposta:

— Se não nos derem participação plena depois disso, registro uma queixa formal. Podemos pedir cotas de risco de vida, também. Desta vez a Companhia terá de nos ouvir ou apelamos. Nada de meias medidas.

— Certo — concordou Brett. Sua mão surgiu de dentro do tubo cuja tela acabava de fixar. — O número 3 está pronto e deve funcionar.

Parker meteu a mão numa caixa plástica, lindamente etiqueta, mas suja, e passou-lhe um minúsculo quadrado cinzento marcado a verde e vermelho. E olhou de novo para o inofensivo intercomunicador...

A melodia era primitiva, faltava-lhe sofisticação. O disco perdera o brilho com a idade e o uso, mas Dallas, recostado, e embevecido, absorvia a música como se tivesse estado presente àquela antiga sessão de gravação. Marcava compasso com o pé, num descuidado contraponto ao ritmo.

O comunicador soltou um pequeno apito. Pedia atenção. Repetiu-o duas vezes antes que o capitão, com um suspiro resignado, estendesse a mão, desligasse a música e acionasse o comutador apropriado.

— Aqui Dallas.

— Ash. Penso que deve dar uma olhada em Kane. Alguma coisa aconteceu.

Dallas tirou as pernas de cima do sofá, endireitou-se. O tom de Ash não era de alarme, o que lhe pareceu animador. Mas parecia confuso, o que causava preocupação.

— Grave?

— Curioso.

— Vou já.

Levantou-se desligou de todo a máquina, vendo com tristeza a lampadazinha verde apagar-se. Ash havia dito 'curioso', o que era muito vago. Um mundo de coisas poderia ter acontecido. Coisas boas e más. Mas, se Kane tivesse expirado, Ash teria usado outra expressão. Isso pelo menos já era um consolo.

O oficial executivo estava, então, vivo... mas seu estado era agora 'curioso'...

Na verdade, Ash não quisera referir-se a Kane. Chamara Dallas pelas mudanças observadas em outra coisa.

O capitão encontrou o oficial de ciência do lado de fora da sala, o que também era curioso. Tinha o nariz apertado contra o vidro. Só voltou o rosto quando viu que Dallas se aproximava.

— O que está acontecendo? — perguntou Ripley, que surgiu nesse momento na outra extremidade do corredor. Seu olhar foi de Dallas a Ash. — Eu ouvi por um monitor acidentalmente aberto.

— Escuta também atrás da porta?

Dallas olhou-a intrigado e Ripley fez uma cara comprida.

— Que fazer nesta nave? Por quê? Você se incomoda com isso?

— Não. Anoto, apenas.

Olhou também pelo vidro grosso para dentro da enfermaria e indagou de Ash quando nenhuma revelação lhe Pareceu manifesta:

— O que é, afinal de contas?

— Kane — o oficial de ciência apontou com o dedo — Olhe bem para ele. Para o corpo dele, o corpo inteiro.

Dallas olhou, apertou os olhos, depois percebeu o que Ash vira. Ou melhor, não vira.

— A criatura se foi.

Uma busca pela enfermaria não descobriu traço dela. Kane continuava imóvel na plataforma do médico automático. Seu peito subia e descia ritmadamente. Dava a impressão de respirar normalmente e sem esforço, a despeito da ausência da besta.

Uma inspeção mais minuciosa mostrou em torno do seu rosto como que uma costura de pontinhos negros.

— O bicho terá semeado alguma coisa nele? — indagou Dallas, a contragosto.

A idéia lhe era repugnante.

— Não — disse Ash. E com tanta convicção que Dallas acreditou nele. De qualquer maneira, os dossiês de pessoal registravam que ninguém tinha melhor cabeça a bordo.

— Trata-se de entalhes e não de saliências. Imagino que sejam marcas de ventosas — e acrescentou: — Afora isso, Kane não sofreu qualquer dano visível com a experiência por que passou.

— E que pode não estar encerrada! — observou Ripley. Como a porta fecha hermeticamente a criatura tem de estar por aí mesmo. — Era um rompante. No fundo, a idéia de que aquele aracnídio maniforme com seu olho vidrado e fixo de ciclope estava solto pela nave aterrorizava-a mais do que se permitia mostrar.

— Não devemos abrir a porta — disse Ash, pensativo —, não podemos permitir que ande pela nave às soltas.

— Isso mesmo — disse Ripley, cujos olhos percorriam em vão o piso de metal brilhante da enfermaria. — Não podemos agarrá-lo nem matá-lo a distância. Como ficamos então?

— Quando tentamos removê-lo do rosto de Kane — disse Dallas — nós o ferimos. Talvez se não o tivéssemos ameaçado tão abertamente ele não tivesse oferecido resistência. Talvez seja possível simplesmente apanhá-lo no chão...

Visões de espetaculares elogios da Companhia, talvez uma promoção, certamente um bônus, passaram-lhe pela cabeça. Percebeu depois a forma de Kane, ainda inconsciente, e teve um sentimento de culpa.

Ripley ainda se arrepiava ao pensamento de que alguém pudesse efetivamente pegar na criatura.

— Você a apanha, então. Eu vigio a porta.

— A idéia é boa — Ash abandonava o vidro. — O espécime é valioso. Devemos sem dúvida capturá-lo vivo e intacto.

Acionou, em seguida, o mecanismo que controlava a porta. A enfermaria era um lugar excelente para conter o maniforme e caçá-lo. Tinha paredes duplas e, salvo a câmara de compressão e descompressão, não havia lugar mais bem fechado no Nostromo.

A porta deslizou para o lado. Ash olhou para Dallas, que assentiu com um leve movimento de cabeça. De novo o controle foi acionado e a porta abriu mais

alguns centímetros. Agora já dava passagem a um homem. Dallas entrou primeiro seguido de Ripley, que não escondia seu nervosismo. Ash entrou por último e logo apertou o botão interno, fechando a porta.

Ficaram juntos, os três, em frente à entrada, escrutinando o salão com o olhar.

Não havia sinais do intruso. Dallas apertou os lábios, deixou escapar um assobio agudo. O que não fez surgir a criatura. Mas arrancou de Ripley um riso um tanto inseguro.

Com os olhos nos recantos mais escondidos, Dallas marchou para um armário aberto. Seria um magnífico esconderijo. Mas uma inspeção minuciosa do interior revelou apenas suprimentos de remédios, arranjados numa ordem que nada perturbara.

Se sua intenção era capturar o desaparecido alienígena, não podiam fazê-lo de mãos vazias. Dallas escolheu o primeiro objeto disponível de tamanho apropriado, uma bandeja metálica de aço inoxidável. E, ao recomeçar a busca com aquilo na mão, deu-se conta de que, sentindo-se ameaçada, a criatura poderia abrir caminho através da bandeja tão sem esforço como o faria se ele estivesse de mãos abanando. Mas o peso inspirava confiança.

Ash inspecionou o fundo da sala. Ripley aborreceu-se na guarda da porta. Trancou-a, e olhou debaixo da mesa de operação, pensando que a criatura podia ter tido a idéia de fixar-se debaixo do tampo. Cada músculo do seu corpo estava tenso, ela pronta a correr ao primeiro sinal do minúsculo invasor. Alegrou-se ao verificar que não estava lá.

Endireitando-se, pensou onde mais deveria procurar, seu corpo roçou contra um tabique e alguma coisa firme e sólida tombou sobre seu ombro.

Ela voltou instintivamente o rosto e deu com longos dedos esqueletais e um braço curvo de um olho aberto.

De algum modo, conseguiu limitar-se a um grito só, agudo. Os músculos tiveram um grande espasmo reflexo e ela se contorceu numa agonia. Ao fazê-lo, a criatura caiu pesadamente no deque. E ali ficou, imóvel.

Dallas e Ash apareceram. E os três ficaram olhando a forma inerte a seus pés. Os dedos estavam fechados sobre a palma, como na mão de um cadáver — era com isso que ela se parecia mais. Mas a ilusão era quebrada pelos dedos sobressalentes, pela cauda, pelo olho morto, sem pálpebras.

Ripley tocou com a mão direita o ombro em que a coisa aterrissara há pouco. Engolia o ar a grandes golfadas, já não respirava normalmente. E só aos poucos a adrenalina se espalhava. Ainda podia sentir na espádua o peso desagradável do alienígena.

Com o pé da bota, ousou tocá-lo, de leve. A coisa não se moveu nem ofereceu resistência. Não só o olho ciclópico estava cego, mas a pele coriácea parecia agora enrugada e seca. Ela o virou com a ponta do pé. O tubo, antes viçoso, estava agora quase completamente retraído e jazia mole, contra a palma.

— Acho que está morto — disse Dallas. Mesmo assim, estudou a inesperada carcaça um pouco mais, depois perguntou, olhando para Ripley:

— Você está bem?

Língua e laringe combinaram-se no mesmo esforço, e ela conseguiu articular:

— Sim. Não me fez mal. Creio que estava morto muito antes de cair sobre mim.

Foi até o armário aberto, escolheu nele um comprido fórceps de metal. Um toque nos dedos não provocou reação, nem um toque mais delicado no olho. Dallas ofereceu sua bandeja. Usando o fórceps, Ripley conseguiu fazer que o alienígena caísse dentro dela e Dallas fechou a bandeja com uma tampa brilhante.

Dirigiram-se, então, para uma mesa, o alienígena foi removido com cuidado da bandeja e posto em cima da superfície chata. Ash então acendeu uma luz poderosa. A iluminação fazia ressaltar ainda mais o palor fantasmagórico do maniforme.

Escolhendo uma pequena pinça, examinou, com ela, a forma inerte e estranha.

— Vejam aquelas ventosas — e mostrou uma série de pequeninos orifícios profundos que marcavam o contorno da “palma” da criatura. Davam-lhe toda a volta.

— Não é de espantar que tivéssemos tentado inutilmente retirá-la; com as ventosas, os dedos e ainda a cauda enrolada no pescoço.

— Tem boca? — Era custoso para Dallas desviar a atenção do olho. Morto embora, e sem luz, exercia ainda uma espécie de atração hipnótica.

— Deve ser esse órgão em forma de tubo ou tromba. A coisa que estava metida

na garganta de Kane. Mas nunca mostrou que se alimentava.

Ash virou o cadáver de costas. Depois, segurando o tubo pela borda puxou-o com o fórceps para fora da palma. E quando ele ficou um pouco mais extenso, mudou de cor e empalideceu como o resto do corpo.

— Endurece, vocês viram, logo que entra em contato com o ar.

Ash pôs o corpo debaixo do microscópio e ajustou os controles. Números e letras apareceram logo nas pequenas janelas do instrumento.

— É isso — informou. — É o fim. Está morto. Talvez não possamos descobrir muita coisa a respeito da criatura, mas não é afinal tão alienígena assim que não se possa determinar se está morta ou viva.

O ombro de Ripley formigava.

— Encerremos isso. Vamos livrar-nos do bicho.

Ash encarou-a como se não pudesse acreditar no que ouvia.

— Você está brincando.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, não estou, falo sério.

— Mas Ripley, isso tem de ser levado conosco. É o primeiro contacto com uma criatura dessas. Não há nada a respeito no Banco de Memória, nem mesmo como hipótese. Toda sorte de testes terão de ser feitos...

— Pois faça os testes. Depois, a gente dá cabo disso.

— Mas não. Os testes vão exigir um laboratório biológico inteiramente equipado. O máximo que posso apurar são detalhes de construção, de composição. Nem posso abordar sequer problemas tão relevantes quanto sua história evolutiva, por exemplo.Não podemos jogar fora, como lixo, uma das maiores descobertas xenológicas da década. Eu protesto pessoalmente e na minha autoridade de oficial de ciência desta nave. Kane teria feito o mesmo.

— Ademais, a coisa solta ácido, quase perfurou o navio de cima a baixo. Deus sabe o que poderá fazer depois de morta.

— Não fez nada até agora — respondeu Ash. — O fluido-acidífero já terá sido provavelmente absorvido pelas células mortas e neutralizado. Não fez nada.

— Pode fazer ainda.

Ash fez um apelo mudo a Dallas.

— A coisa não se mexe e não resiste quando a gente a toca. Mesmo no olho. A máquina afirma que está morta e presumo que não se trata de um zumbi. Dallas, você deve guardar esse espécime.

E como Dallas não respondesse, ele continuou.

— Se não conseguirmos tirar Kane do coma, a equipe médica desejará examinar a criatura que induziu tal estado. Jogando-a fora talvez estejamos destruindo a chave para a recuperação de Kane.

Dallas lavou as mãos.

— Você é o oficial de ciência. O departamento é seu, a decisão é sua.

— Então, está feito — e Ash lançou um olhar de orgulho para sua aquisição. — Vou botá-la num tubo de estase, lacrado. Isso impedirá qualquer possibilidade de re- vivificação. Estamos equipados para lidar com isso.

— Foi provavelmente o que Kane pensou — resmungou Ripley, entre os dentes.

Dallas olhou-a severamente e ela olhou para outro lado.

— Isso dispõe do futuro do monstro, ao que me parece — disse. E com um gesto na direção da plataforma:

— E quanto a Kane?...

Ash foi examiná-lo e aos painéis. Depois de estudar longamente seu rosto e as marcas das ventosas, ativou diversos instrumentos na mesa. O médico automático zumbiu, roncou, e as leituras começaram a aparecer.

— Ele tem febre.

— Alta?

— Não. Nada que seu sistema não seja capaz de agüentar. A máquina vai fazer baixar a temperatura. Continua inconsciente.

— Podemos ver isso — disse Ripley, amarga.

Ash respondeu:

— Não necessariamente. Ele poderia estar simplesmente dormindo, e a situação seria diferente.

Ripley tentou responder, mas foi interrompida por Dallas,

— Vocês dois: chega disso.

Como se já não tivesse preocupações de sobra, era obrigado agora a preocupar-se com a tensão entre membros da tripulação. Considerando as pressões a que tinham ficado submetidos recentemente, tais conflitos eram naturais, mas apenas toleraria um mínimo disso, o bastante para descarregar a atmosfera. Antagonismo aberto era coisa a evitar a todo custo. Não tinha tempo, não podia permitir o endurecimento de cliques.

Para distrair os dois levou a conversa de volta a Kane.

— Inconsciente e com febre. O que mais?

Ash estudou seus dados.

— Nada que se veja aqui. Os sinais vitais continuam bons.

— Prognóstico a longo prazo?

O oficial de ciência hesitou.

— Não sou um oficial médico. O Nostromo não é bastante grande para fazer jus a um.

— Nem bastante importante, eu sei. Mas você é o que temos de mais parecido com um médico e só desejo sua opinião. Ela não vai para o diário de bordo nem vou exigir que você se adapte a ela. — Seu olhar pousou de novo na figura de Kane, companheiro de armas e amigo.

— Não desejo parecer indevidamente otimista — disse Ash, pausadamente —, mas baseado no presente estado dele e no que os monitores me comunicam, diria que ele vai se recuperar.

Dallas sorriu, e fez que sim com a cabeça, lentamente e mais de uma vez.

— Para mim é suficiente. Não poderia pedir mais que isso.

— Espero que esteja com a razão — disse Ripley.

Divergimos em algumas coisas, mas desta vez peço a Deus que tenha razão.

Ash deu de ombros.

— Quisera poder fazer mais por ele. Mas como disse não fui treinado para isso. Cabe ao médico automático. No momento, estou recebendo leituras muito estranhas, mas não há precedente de que a máquina possa ser útil nesse caso. Tudo o que podemos fazer é aguardar que descubra o que a criatura fez com ele. Então ela poderá receitar e nós poderemos dar início ao tratamento. Lamento não ter conhecimentos médicos. 'Não gosto de servir a máquinas.

Ripley pareceu surpresa.

— É a primeira vez que vejo você dizer alguma coisa contra máquinas, Ash.

— Não há máquina perfeita. E falta-lhes a todas versatilidade. Deviam ser mais flexíveis. Precisaríamos de um completo hospital aqui e não apenas esse ridículo médico automático. Não está preparado para lidar com um caso como o desse... bem, seja... desse alienígena. O problema transcende a sua capacidade. Como toda máquina, esta só vale para o que foi programada, só opera o material de que o alimentador a supriu. É de lamentar, por isso, que eu não saiba um pouco mais de medicina.

— Mas Ash! — exclamou Ripley. — É também a primeira vez que ouço você expressar sentimentos de inadequação!

— A gente nunca sabe tudo. E se não sabe tudo tem de se sentir inadequado e insuficiente. Não seria possível sentir de outra maneira — disse. E olhando para Kane: — Esse sentimento é agravado e exagerado quando o universo confronta a gente com algo que é de todo estranho à experiência que se tem. Não sei o bastante para lidar com isto, e por esse motivo me sinto desarmado e impotente.

Manejando o fórceps com extremo cuidado, levantou o alienígena no ar por dois dos seus dedos e depositou-o num grande frasco transparente. Tocou um controle embutido na tampa do frasco e lacrou-o completamente. Um fulgor amarelo encheu o vidro.

Ripley assistira à operação fascinada. Esperara ver a criatura abrir o olho, derreter o tubo de estase e lançar-se contra eles com a garra em riste. Convencida, finalmente, de

que não mais a ameaçaria, exceto em seus pesadelos, deu-lhe as costas e saiu da enfermaria.

— Não sei de vocês. Quanto a mim, estou precisando de um bom café.

— É uma idéia — disse Dallas. E para Ash: — Você ficará sozinho?

— Quer dizer, sozinho com aquilo? — e mostrou o recipiente selado com o polegar. — Eu sou um cientista, não se esqueça. Coisas desse tipo aguçam-me a curiosidade sem alterar meu pulso. Sim, ficarei muito bem, obrigado. Se algo acontecer ou se o estado de Kane der sinais de alterar-se, chamo imediatamente.

— Combinado. — E olhando para Ripley, que esperava na porta: — Vamos procurar esse café.

A porta da enfermaria fechou-se hermeticamente e os dois se afastaram, deixando o médico automático a trabalhar em Kane, e Ash a trabalhar no médico automático…

-8-

O café fez bem aos seus estômagos, embora não os tranqüilizasse.

Em torno deles, o Nostromo funcionava normalmente, sem interesse no alienígena em seu frasco de estase. O zumbido familiar das máquinas, odores diversos, domésticos, como o do café, enchiam a ponte. Como todos os dias.

Dallas reconhecia alguns desses odores como oriundos de membros da tripulação. Não o ofendiam, apenas registrava-os. Bastava-lhe uma fungada para identificá-los, via de regra. Nunca precisava mais de duas. Ninguém sentia falta de desodorantes nem se importava que fossem ou não usados. Numa nave das dimensões do Nostromo, a tripulação, aprisionada num vaso de metal anos-luz a fio, isolada de mundos mais quentes e de atmosferas desinfetadas, tinha mais que fazer quando acordada do que importar-se com os eflúvios dos vizinhos.

Ripley parecia ainda nervosa.

— Que macaco mordeu você? Ainda zangada com Ash, por ter aberto a porta e nos deixado entrar?

A voz dela veio cheia de frustração:

— Como pode você deixar uma decisão dessas nas mãos dele?

— Mas já lhe expliquei isso, Ripley — repetiu Dallas, pacientemente. — Foi minha a decisão de trazer Kane para dentro, não... Ou você se refere à decisão de conservar a carcaça da criatura alienígena?

Ela assentiu:

— Sim. É tarde agora para discutir a história da câmara de descompressão. Posso ter errado naquilo. Mas guardar esse ser a bordo, vivo ou morto, depois do que fez com Kane!

Ele tentou amolecê-la.

— Não sabemos com certeza que tenha feito mal a Kane. Exceto botá-lo desacordado. Segundo todas as leituras não há nada de errado com ele. Quanto a guardar a coisa a bordo, eu apenas comando a nave. Sou um simples piloto.

— Você é o capitão.

— Um título de última instância, que nada significa em situações específicas.

Parker pode revogar uma ordem minha num ponto qualquer de engenharia. No que diz respeito à divisão de ciência, Ash tem a última palavra.

— E por que é assim? — Ripley parecia, agora, mais curiosa que amarga.

— E não é tudo assim? Ordens da Companhia. Leia o regulamento.

— Desde quando tal procedimento é padrão?

Ele começava a ficar exasperado.

— Vamos, Ripley, isto não é uma nave de guerra. Você sabe tão bem quanto eu que norma aqui é tudo o que lhe dizem que faça. Isso inclui a autonomia dos diversos departamentos, como o de ciência. E se a coisa fosse diferente, não estou certo de que teria aceitado o posto.

— Por quê? Visões de bônus de descobertas desfeitas diante do espectro de um morto?

— Você sabe que isso não é verdade. Não há bônus grande bastante que se barganhe por uma vida como a de Kane. Mas é tarde. Aqui estamos, e aconteceu. Escute, não seja tão severa comigo. Apenas transporto carga para viver. Se quisesse ser um explorador e andar por aí à caça de bônus por descobrimentos, teria ido para o Corpo Rim. E já teria a cabeça arrebentada pelo menos uma dúzia de vezes. Quanto à glória... não, obrigado. Não me interessa mesmo. Quero é meu oficial de volta.

Ela não disse nada dessa vez. Permaneceu sentada por vários minutos. E quando falou, já não tinha amargura na voz.

— Você e Kane já voaram juntos muitas vezes?

— O bastante para nos conhecermos um ao outro.

Dallas conservara a voz neutra e tinha os olhos em seu console.

— E Ash?

— Vai recomeçar com isso? — deu um suspiro. Não havia para onde fugir. — O que quer saber com referência a Ash?

— O mesmo. Você disse que conhece Kane. Conhece Ash? Já voou com ele antes?

— Não. — Coisa que não preocupava Dallas de nenhuma maneira. — É a primeira vez. Fiz cinco jornadas, longas e curtas, com outro oficial de ciência. Então, dois dias antes de deixarmos Thedus, eles o substituíram por Ash.

Ela o encarou vitoriosamente.

— E daí? O que quer provar? Também substituíram meu antigo oficial de segurança por você.

— Não confio nele, Dallas.

— Atitude muito certa num oficial de segurança. Quanto a mim... acho que não confio em ninguém. — Era tempo, pensou, de mudar de assunto. Tanto quanto observara, Ash era oficial correto, se bem que se formalizasse sempre que o grupo procurava confraternizar. Mas a familiaridade não era de rigor em viagens nas quais as pessoas passavam a maior parte do tempo na narcose do hipersono, exceto ao embarcar e desembarcar. O homem fazia sua parte, e Dallas pouco se importava com sua personalidade. Até então, não tivera motivo para duvidar da competência dele.

— Por que os reparos são tão lentos? — perguntou a Ripley.

Ela consultou o cronômetro e fez alguns cálculos mentais. — Tudo deve estar pronto. Só será preciso ir com um pente fino agora, ver se tudo funciona mesmo como deve.

— Por que não me disse antes?

— Porque haverá, ainda, uma infinidade de pequenas coisas por fazer. Caso contrário, já teriam dito alguma coisa no intercomunicador. Escute: você acha que estou protegendo Parker? Parker entre todas as pessoas do mundo?

— Não. Mas o que falta fazer?

Ela interrogou seu console.

—B e C ainda estão cegos. Nesses dois deques, os examinadores estouraram e têm de ser inteiramente substituídos.

— Os deques B e C não me interessam a mínima. Não quero vê-los, estou cansado de saber como são. Alguma outra coisa?

— Os sistemas de energia de reserva estouraram pouco antes de descermos. Lembra-se do problema com as secundárias?

— Mas os condutos principais foram consertados?

Ela concordou de cabeça.

— Então essa história de sistemas de reserva é bobagem. Podemos sair daqui sem isso, mergulhar no hipersono, viajar de verdade ao invés de plantados indefinidamente neste planetóide infame.

— Mas será uma boa idéia? Quero dizer: decolar sem reservas sem as secundárias consertadas?

— Talvez não seja. Mas quero sair daqui, e quero sair já. Investigamos aquele pedido de socorro e não há ninguém para salvar aqui. Exceto, agora, Kane. Que a Companhia envie uma expedição equipada apropriadamente, e essa expedição fará em torno daquele casco as investigações ou as escavações necessárias. Não é para isso que nos pagam. Cumprimos os regulamentos vigentes, agora chega. Vamos botar este passarinho para voar.

Ocuparam, em seguida, suas posições regulares na ponte. Kane e o alienígena morto estavam esquecidos. Tudo estava esquecido, exceto a rotina de decolagem. Eram, agora, uma unidade. Animosidades pessoais, opiniões individuais, tudo cedia em face do desejo de tirar o rebocador do solo e botá-lo de novo no espaço aberto e claro.

— Propulsão primária ativada — anunciou Ash. Estava de volta da enfermaria e entregue às suas tarefas de rotina.

— Confere — disse Lambert.

— As secundárias ainda não funcionam, capitão — disse Ripley, franzindo o cenho à leitura vermelha que surgira no console superior.

— Sim, eu sei. Navegadora, estamos prontos?

Lambert estudou seus painéis.

— Reentrada em órbita computadorizada e entrada. Estou conferindo posições com a refinaria neste momento. Levará apenas um segundo. Pronto — apertou vários botões em seqüência e vários números acenderam-se por cima da cabeça de Dallas.

— Muito bem. Faremos correções, se for o caso, em vôo. Alerta para decolagem.

Envolvido pela poeira girante, o Nostromo começou vibrar. Um rugido imenso se elevou acima dos estrondos surdos da tempestade, e ecoou por aquelas vastidões de lava, partindo colunas hexagonais de basalto.

— A postos — disse Ripley.

Dallas olhou para Ash:

— Como se comporta a nave?

O oficial de ciência consultou seus medidores.

— Tudo funciona. Por quanto tempo, não posso dizer.

— Bastará para nos tirar daqui — disse Dallas. E no intercomunicador: — Parker, como lhe parecem as coisas, aí de trás? Acha que podemos ir sem propulsão profunda?

Se não fossem capazes de vencer a gravidade na propulsão primária, teriam de usar a hiper para entrarem em órbita. Isso Dallas sabia. Mas um segundo ou dois de hiper- propulsão os lançaria completamente fora daquele sistema. O que implicava em relocalização e na perda de um tempo precioso de vigília para novos alinhamentos com sua carga. E tempo de vigília representava consumo de ar. Minutos eram iguais a litros. O Nostromo poderia continuar a reciclar seu pequeno suprimento de ar respirável apenas por determinado tempo. Quando seus pulmões começavam a rejeitá-lo, tinham de voltar aos congeladores, quer tivessem encontrado a refinaria quer não.

Dallas pensava nessa gigantesca refinaria flutuante e procurava imaginar quanto tempo levariam para pagar o preço dela com seus modestos salários.

A resposta de Parker foi animadora, se bem que não chegasse a encorajar.

— OK. Mas lembre-se de que os reparos que fizemos foram meros remendos. Só no estaleiro será possível fazer os definitivos.

— Você acha que a nave se agüenta?

— Deve agüentar, a não ser que, na subida, encontremos excesso de turbulência, que poderá estourar as novas células.

Isso foi tudo o que a Mãe disse. Nós não poderemos consertá-las de novo.

— Vá com cuidado, então — disse Brett, do seu contato, no cubículo da engenharia.

— Entendido, Brett. Vamos ter cuidado aqui na ponte. O que temos a fazer é atingir zero depois engrenar a hiperpropulsão até o Sol. Aí as porcarias das células podem pipocar o quanto quiserem. Mas até levantarmos a traseira disto aqui e sairmos de órbita, elas têm de ficar intactas nem que você tenha de segurá-las com as mãos.

— Faremos o que pudermos — disse Parker.

— Entendido. Ponte desligando.

Dallas voltou-se para a oficial de segurança do Nostromo. Ripley substituía o incapacitado Kane.

— Leve-nos cem metros para cima e recolha as pernas de aterrissagem — e voltando toda sua atenção para o console: — Cuidarei para que a nave fique firme.

— Cem para cima — Ripley acionou alguns controles.

O trovão se intensificou lá fora e o rebocador ergueu-se da superfície crestada, polida de vento e poeira em suspensão. A nave subiu uma centena de metros, e a poeira dançou, confusamente, abaixo dela. Os maciços pilares que haviam sustentado toda aquela massa dobraram-se, então, obedientes, debaixo do ventre de metal.

Uma batida surda ecoou na ponte, confirmando os dados fornecidos pelos computadores.

— Pernas recolhidas — disse Ripley. E depois: — Fechando placas — e as placas de metal deslizaram sobre as pernas, selando-as hermeticamente, deixando fora partículas de poeira e de atmosfera.

— A postos — disse Ash.

— OK, Ripley. Kane não está conosco, o show é seu. Ponha-nos em órbita.

Ela acionou uma dupla alavanca no console do oficial executivo. O ruído lá fora era ensurdecedor, embora não houvesse na superfície desolada ninguém capaz de escutá-lo e pasmar com a inteligência da humanidade. Inclinado ligeiramente para cima, o Nostromo começou a mover-se.

— Ligando os Gs — anunciou ela, apertando vários botões adicionais. — Aí vamos.

Apontando para o céu, e com velocidade crescente, a nave deu partida e foi em frente. Ventos fortíssimos envolveram-na, resvalaram pela sua pele curtida, rude, de liga metálica, mas nem lhe retardaram a marcha nem lhe alteraram o curso.

A atenção de Lambert fixara-se num único instrumento.

— Um quilômetro e subindo. Curso correto. Inserção em órbita em cinco ponto três dois minutos.

"Se" — acrescentou consigo mesma — "não nos desintegrarmos antes disso."

— Parece que vai dar — disse Dallas, vendo duas linhas convergirem e se confundirem no seu console. — Ligar gravidade artificial.

Lambert torceu um comutador. A nave pareceu tropeçar. O estômago de Dallas protestou, e a gravidade daquele pequeno mundo retrocedeu cedendo lugar a um empuxo gigantesco, implacável.

— Ligada — disse Lambert. E suas entranhas se acomodaram outra vez.

O olhar de Ripley dançava de um mostrador paia outro. Uma pequena discrepância apareceu numa leitura, c ela se deu pressa em corrigi-la.

— Leituras de empuxo conflitantes. Alterando o vetor agora.

Ela virou uma chave e observou com satisfação quando a agulha voltou vagarosamente para o lugar correto.

— Compensação efetuada com êxito. Tudo normal, agora.

Dallas começava a crer que realizariam seus propósitos sem maiores problemas, quando um violento tremor sacudiu a ponte. Vários objetos foram lançados longe e a tripulação ficou em polvorosa. Mas durou apenas um instante. E não se repetiu.

— Que diabo foi isso? — indagou o capitão. Como que em resposta, o intercomunicador avisou que ia falar.

— É você, Parker?

— Sim. Temos dificuldades aqui.

— Sérias?

— A quadra de estibordo está aquecendo demais. Julgue por si mesmo.

— Você é capaz de resolver isso?

— Está brincando? Vou é desligar o troço.

— Compensando de novo, empuxo desigual — disse Ripley solenemente.

— Veja se nos agüenta até passarmos duplo zero — disse Dallas.

—E o que pensa que estamos tentando fazer aqui atrás? — E o intercomunicador desligou.

Uma pequena mudança no ronco dos motores fez-se perceptível na ponte. Ninguém olhou para o vizinho, com medo de ver os próprios temores refletidos

nele.

Movendo-se mais devagar, mas ainda sem esforço através de nuvens borbulhantes, o Nostromo prosseguiu sua marcha ao encontro da refinaria que deixara em órbita.

Em contraste com a relativa calma da ponte, a casa de máquinas era cenário de uma atividade frenética. Brett se enfiara de novo num tubo dos grandes, suando e desejando estar alhures.

— Descobriu o que foi? — perguntou Parker.

— Acho que sim. É a miserável poeira de novo, que entope os orifícios de entrada. Agora é o número dois que começa a esquentar demais.

— Pensei que já tínhamos desligado esse lixo.

— Eu também pensei. Uma tela deve ter caído outra vez. Esses motores são extremamente delicados.

— Não foram feitos para atravessar tempestades desse tipo, com ventos carregados de partículas — disse Parker. — Veja se mantém a coisa por mais dois minutos, e estaremos salvos.

Mas um segundo tremor sacudiu a ponte. Cada um fixou seu próprio console. Dallas pensou em interrogar a engenharia, mas desistiu. Se Parker tivesse alguma coisa a dizer, usaria o intercomunicador.

"Vamos, vamos" — urgia ele, consigo mesmo. — "A nave tem de subir." Prometia-se que, se Parker e Brett conseguissem manter as primárias funcionando por mais uns dois minutos, ele lhes daria os bônus integrais que viviam a reclamar. Mas um mostrador em seu console lhe indicava que a atração gravitacional caía rapidamente.

Mais um minuto — suplicou aos deuses, acariciando com a mão, inconscientemente, a parede mais próxima. Mais um miserável minuto.

Surgindo do topo das nuvens empilhadas, o Nostromo emergiu no espaço aberto. Um minuto, cinqüenta segundos mais tarde, o indicador de gravidade superficial do console de Dallas caiu para zero.

A vitória foi motivo de grandes hurras — não profissionais, naturalmente, mas calorosos, do pessoal da ponte.

— Conseguimos! — disse Ripley, recostando-se, exausta, na sua cadeira acolchoada.

— Foi o diabo, mas conseguimos. Quando houve o primeiro tremor e começamos a der velocidade, pensei que jamais passaríamos. Já nos via todos esparramados por cima da colina mais próxima. E talvez fosse bom que isso nos acontecesse se tivéssemos de mergulhar num hipersono verdadeiro, perdendo a refinaria.

— Não havia nada a temer realmente — disse Lambert sem sorrir. — Poderíamos ter aterrissado de novo. Então, nosso pedido de socorro iria para o ar. Descansaríamos em hipersono, até que uma outra tripulação mais ditosa pulasse dos seus congeladores para vir salvar-nos.

"Cumpre não mencionar os bônus" — dizia Dallas consigo mesmo. — "E dar-lhes a notícia já em órbita da Terra." Mas pelo menos cumpria dar à equipe de engenharia algum elogio verbal. Ligou o intercomunicador.

— Belo trabalho, vocês dois. Como vão as coisas agora?

— Agora que saímos do fogo, ela está fina, ronronando que nem Jones, o gato.

Um estalo esquisito fez-se ouvir no alto-falante. Dallas franziu o cenho, incapaz de localizá-lo. Depois pensou que talvez Parker tivesse aberto inadvertidamente uma cerveja perto demais do microfone.

— Foi um verdadeiro passeio — continuou o engenheiro, orgulhosamente. — Quando nós consertamos uma coisa, a coisa fica realmente consertada — houve então um gorgolejo, como se Parker tivesse submergido.

— Muito bem — disse Dallas. — Belo trabalho. Façam uma pausa agora. Vocês merecem. Parker...

— Sim, capitão.

— Quando nos aproximarmos da Terra e você estiver coordenando seu departamento com o controle de engenharia, cuidado. Mantenha a cerveja longe do microfone.

Os gorgolejos afastaram-se, sumiram.

Satisfeito, Dallas desligou e disse, sem se dirigir a qualquer pessoa em particular.

— Agora é pegar o dinheiro e ir para casa. Ponha a nave na garagem, Lambert.

O ângulo de subida do Nostromo começou a achatar-se.

Vários minutos se passaram até que uma pulsação constante, repetida a intervalos regulares, começou a soar num painel específico, acima da cabeça da navegadora.

Todo mundo sabia do que se tratava.

— Aí está ela — informou Lambert — exatamente onde devia estar.

— OK — Dallas manipulava controles. — Alinhar e ficar alerta para a atracagem.

Os instrumentos zumbiram e o cargueiro ajustou sua posição com relação à montanha de metal e de plástico. Ripley torceu uma chave, e a nave tomou posição de costas para a massa informe da refinaria.

— Em posição — disse ela.

— Engatar — disse Dallas, com os olhos postos num mostrador, os dedos num teclado cheio de botões vermelhos.

— A caminho — disse Ripley, atenta a dois painéis ao mesmo tempo. — Distância diminuindo. Vinte... quinze... feito. E virou a chave.

Dallas, no mesmo momento, apertou os seus botões.

— Motores cortados, primárias compensadas. Temos agora estabilidade de inércia. Ativar a comporta da hiper- propulsão.

— Ativada — informou Ripley. — Estamos acoplados.

Quando de novo ativado, o Nostromo geraria um campo de hiperpropulsão suficiente para englobar também a refinaria. Ela viajaria de novo a reboque deles, envolvida nessa misteriosa manifestação de não-realidade que permite a naves e homens viajarem mais depressa que a luz.

— Dirigir o curso para a Terra — ordenou Dallas, incisivo. — Depois, acenda o grande e ponha a gente em luz mais quatro, Ripley.

— Com prazer.

— Curso computadorizado e automatizado — disse Lambert, um momento mais tarde. — Tempo de ir para casa. — Depois, consigo mesma: "Pés, levem-me daqui."

Ripley acionou um controle principal. O minúsculo mundo com sua nave alienígena sinistrada desapareceu como se jamais tivesse existido. O Nostromo alcançou, depois excedeu, a velocidade da luz. Um efeito-corona materializou-se em torno da nave e da sua refinaria. As estrelas à frente fizeram-se azuis, as da retaguarda vermelhas.

Seis tripulantes voavam, felizes, a caminho de casa. E alguma outra coisa chamada Kane...

Sentavam-se em torno da mesa comum, no refeitório, tomavam café, chá ou outros estimulantes quentes, segundo o gosto e os hábitos de cada um. Sua atitude descansada refletia o presente estado de espírito, que fora até bem pouco tempo duro como o vidro e duas vezes mais frágil. Agora, jogavam as pernas por cima dos braços das cadeiras e afundavam-se contentes nas almofadas.

Lambert ficara mais um pouco na ponte, fazendo algumas verificações finais antes de permitir-se também ao luxo de desmoronar numa poltrona. Ash estava na enfermaria, tomando conta de Kane. O oficial executivo e seu estado estacionário eram o principal tema de conversação.

Parker ingurgitava chá fervente, estalava a língua de modo indelicado, e sugeria, com sua habitual suficiência:

—Melhor seria congelar o homem. Talvez isso paralisasse a doença.

— Não vejo de que maneira o congelamento pode afetar o estado dele — argumentava Dallas. — Talvez piore com o frio. O que funciona para doenças terráqueas pode, ao contrário, intensificar o que quer que seja que se apoderou dele.

— Mas é melhor que não fazer nada — insistiu Parker, agitando a xícara no ar como um bastão de maestro. — E é o que o médico automático fez por ele: nada de nada. O que Kane tem desafia a capacidade da máquina, exatamente como Ash nos disse. Aquele computador médico está programado para curar enjôo e encanar perna quebrada, só isso. Não uma coisas dessas. Estamos todos de acordo que ele requer cuidados especiais.

— Os quais, você acaba de admitir, não podemos dar.

— Justo — Parker inclinou-se para trás na sua cadeira. —— Exatamente. É por isso que digo que, entrementes, ele deve ser congelado. Até que um médico

especializado em moléstias exóticas lhe possa dar atenção.

— Certo — ajuntou Brett.

Mas Ripley sacudiu a cabeça, parecendo aborrecida.

— A tudo que ele diz você diz 'certo'. Sabe disso, Brett?

Ele riu: — Certo.

Ripley voltou-se para encarar o engenheiro.

— O que pensa disso, Parker? Sua equipe o segue por toda parte e diz 'certo'. Como papagaios.

Parker virou-se para Brett. ,

— Tome jeito, Brett. Que diabo é você? Um papagaio?

— Certo.

— Ora, acabem com isso — disse Dallas, e lamentou ter feito esse comentário.

Um pouco de brincadeira só lhes poderia fazer bem, e lá vinha ele jogar-lhes água fria. Por que tinha de ser assim? O relacionamento entre os membros da tripulação do rebocador era mais do tipo informal, entre colegas, que do tipo chefe-subordinado de uma escala de comando. Por que, então, de repente, esse desejo de mostrar-se capitão?

Talvez por estarem numa situação de crise, pela necessidade de haver alguém ‘responsável'. Cabia-lhe esse espinho, a responsabilidade. Serviço infame. Muito mais desejaria ter o de Parker ou o de Ripley. Sobretudo o de Parker. Os dois engenheiros podiam enfurnar-se lá em seu cubículo privado e ignorar alegremente tudo aquilo que não lhes dizia respeito diretamente. Contanto que mantivessem os motores e os sistemas da nave funcionando, só eram responsáveis um perante o outro.

Ocorreu também a Dallas que ele não gostava assim tanto de tomar decisões. Talvez pensasse diferentemente se comandasse uma grande nave de passageiros, e não um cargueiro como o Nostromo. Talvez por isso mesmo jamais se queixasse disso. Era uma idéia nova, mas bastante reveladora. Como capitão de rebocador podia passar a maior parte do tempo em sono profundo, apenas sonhando e acumulando salários. Ninguém toma decisões em hipersono.

Em breve, disse com seus botões, muito em breve poderiam voltar ao conforto dos seus esquifes individuais. As agulhas baixariam lentamente, o soporífico

lhes penetraria as veias e lhes entorpeceria o cérebro; e flutuariam agradavelmente, para longe, longe... para longe de um mundo em que não mais havia que tomar decisões e em que os imprevistos e sobressaltos de um universo hostil não encontravam guarida...

Em breve. Logo que acabassem de tomar café.

— Kane terá que ficar em quarentena — disse sem pensar, bebericando na sua caneca.

— E nós também — disse Ripley, a quem o pensamento já consternava. O que era compreensível. Teriam de viajar de volta à Terra. Depois, curtir semanas de isolamento até que os médicos se convencessem de que nenhum deles trazia nada semelhante àquilo que derrubara Kane. Visões de céus azuis e verdes relvados enchiam-lhe a mente. Via também uma praia e uma cidadezinha de sorridente paisagem no litoral de El Salvador. Era triste adiar tudo isso, varrer tudo isso da mente.

Todos os olhos se voltaram quando uma nova figura se reuniu ao grupo: Lambert, que parecia cansada e deprimida.

— Que tal alguma coisa para baixar o ânimo de vocês?

— Baixar? Por favor — disse Dallas —, sempre é uma forma de excitação...

E preparou-se para o que suspeitava estar a caminho. Sabia por que a navegadora se deixara ficar para trás, na ponte, e em que problemas trabalhara.

— Segundo meus cálculos, baseados no tempo gasto para ir e vir daquela escala não programada e o desvio...

— Abrevie — disse Dallas. — Sabemos que saímos da rota. Quanto tempo até a Terra?

Ela serviu-se uma xícara de café, escolheu uma cadeira e só então disse, com tristeza:

— Dez meses.

— Cristo! — fez Ripley. E fincou os olhos no fundo da xícara. Nuvens, prados, praia recuaram para o fundo do quadro, dissolveram-se numa névoa muito leve, cor de águas marinhas, puseram-se longe, fora do seu alcance. A rigor, dez meses em hipersono não faziam grande diferença de um mês. Mas suas mentes funcionavam no tempo real. Se Lambert tivesse dito pelo menos seis meses...

Nesse momento, o intercomunicador deu seu pio de aviso.

— O que é, Ash?

— Venha ver Kane imediatamente! — era um pedido urgente, mas havia nele uma nota de hesitação.

Dallas endireitou-se na cadeira e os outros fizeram o mesmo.

— Houve alguma alteração no estado dele? Coisa grave?

— Seria mais simples se viesse vê-lo.

Houve uma corrida para a enfermaria.

O café foi deixado fumegando na mesa abandonada.

Horríveis pensamentos toldavam a mente de Dallas a caminho da enfermaria, com os outros todos atrás dele. Que seqüelas teria a afecção alienígena deixado no astronauta? Dallas visualizava um enxame de pequenas mãos cor de cinza, cada uma com seu olho grotesco a luzir marejado e solitário, subindo pelas paredes da enfermaria como que para tomar posse dela; ou uma vegetação de fungos a alastrar-se qual lepra sobre os restos putrescentes do infortunado Kane.

Chegaram à enfermaria ofegantes da corrida através de corredores e galerias. Não havia qualquer proliferação nefasta de maniformes nem o corpo do oficial se cobrira de bolores. Mas Ash falara pela metade, ao anunciar melhoras: o oficial executivo estava sentado na mesa de operações. Tinha os olhos abertos e límpidos e era óbvio que funcionavam em sintonia com o cérebro. E esses olhos se voltaram para a porta e para os recém-chegados, todos boquiabertos.

— Kane? — Lambert estava incrédula. — Você está bem? — "Sim, está, pelo menos em aparência", pensava ela, ainda estupefata e confusa. Era como se nada lhe tivesse acontecido.

— Você deseja alguma coisa? — perguntou Ripley quando ele deixou de responder a Lambert.

— A boca estará seca — disse Dallas. Lembrara-se, de súbito, do que lhe parecia familiar no aspecto de Kane: era como um homem que sai de um ataque de amnésia. Parecia alerta e em boa saúde, mas perplexo sem nenhuma razão perceptível, como se ainda procurasse organizar na cabeça os pensamentos. —

Alguém pode trazer água?

Ash foi a um filtro, encheu um copo plástico e deu-o a Kane. O oficial executivo emborcou-o de um trago. Dallas observou que a coordenação muscular parecia perfeita. Os movimentos de beber — mão para boca — haviam sido realizados por instinto, sem conscientização.

Era uma ocasião feliz, mas começava a ficar ridícula.

Alguma coisa não estava certa nele.

— Mais — disse Kane. Foi tudo. E, no entanto, o astronauta continuava a agir como um homem com perfeito domínio de si mesmo.

Ripley encontrou um recipiente maior, encheu-o até a boca e deu-lho. Kane engoliu a água com a sofreguidão de um homem que passou dez anos vagando por desertos. Depois, recostou-se na plataforma acolchoada, arfando.

— Como se sente? — perguntou Dallas.

— Terrível. O que houve comigo?

— Você não se lembra? — perguntou Ash.

Então, pensou Dallas, a analogia da amnésia estava mais próxima da verdade do que ele tinha podido, de começo, imaginar.

Kane teve uma expressão de dor. Foi mais uma contração muscular do que qualquer outra coisa. Depois respirou fundo.

— Não me lembro de nada. Com dificuldade, lembro meu nome...

— Apenas para o registro... e para o relatório médico — disse Ash calmo. — Qual é o seu nome?

— Kane. Thomas Kane.

— É tudo?

— Sim, no momento — deixou que seu olhar passeasse lentamente pelo grupo reunido, pelas caras ansiosas dos seus amigos.

— Lembro-me de todos vocês, mas ainda não sei dar-lhes nomes.

— Saberá logo — disse Ash, confiante. — Você sabe seu nome e reconhece fisionomias. É um bom começo. E um sinal de que sua perda de memória é parcial.

— Alguma coisa lhe dói? — curiosamente, coube ao estóico Parker fazer a primeira pergunta perceptiva.

— Todo o corpo, praticamente. Sinto-me como se tivesse levado uma surra de vara por seis anos a fio... — Kane sentou-se outra vez, jogou as pernas para o lado e pela primeira vez, sorriu: — Deus, que fome! Há quanto tempo estou assim sem sentidos?

Dallas continuava a encará-lo com ar incrédulo.

— Uns dois dias. Está seguro de não saber mesmo nada do que lhe aconteceu?

— Nada.

— Qual a última coisa de que se recorda? — perguntou Ripley.

— Não sei.

— Você saiu comigo e com Dallas a explorar um planeta desconhecido. Lembra-se do que aconteceu por lá?

Kane franziu a testa no esforço de livrar-se das névoas que lhe toldavam a memória. Lembranças mesmo estavam como as iguarias de Tântalo, ao mesmo tempo inacessíveis e ao alcance da mão... Fixá-las era um processo doloroso, fragmentário, impossível de completar.

— Um pesadelo, talvez... Alguma coisa ligada a sufocação. Onde estamos? Ainda no tal planeta?

Ripley sacudiu a cabeça.

— Não, e muito me alegra, dizê-lo. Estamos no hiperespaço, a caminho de casa.

— E prestes a voltar para os congeladores — acrescentou Brett, na antecipação da beatitude. Estava tão ansioso quanto os outros para recolher-se ao abrigo despreocupado do sono profundo. O pesadelo que se impusera a todos seria posto também em suspensão com eles.

Embora a presença desse Kane revivido tornasse quase impossível reconciliar suas memórias com a imagem do horror alienígena que ele tinha levado para bordo, a criatura petrificada estava lá, à vista, para quem quer que desejasse inspecioná-la, imóvel, em seu tubo de estase.

— Estou com vocês — disse Kane, sem hesitação. — Sinto-me tão tonto e cansado que poderia entrar em sono profundo mesmo sem congeladores. — E, olhando em torno com ar esgazeado: — No momento, porém, o que tenho mesmo é uma fome devoradora. Gostaria de comer alguma coisa antes de dormir.

— Eu mesmo tenho fome — disse Parker, cujo estômago imediatamente roncou. — É triste imergir no hipersono com o estômago roncando. Recomendo começar de barriga cheia. Facilita o despertar.

— Não serei eu quem o contradiga — disse Dallas. Acreditava que alguma espécie de celebração se impunha. Na falta de material festivo, um banquete era boa idéia. Um ultimo banquete, antes do olvido.

— Todos nós sentimos a necessidade de comer alguma coisa. Uma última refeição antes do sono…

-9-

Além de café e chá, foram servidos também, no refeitório, pratos individuais de comida quente. Todo mundo comeu descansadamente. Seu entusiasmo provinha muito mais do fato de serem, agora, e outra vez, uma tripulação completa do que da excelência das iguarias oferecidas com presteza mecânica pelo cozinheiro automático.

Só Kane comeu de outro modo, devorando enormes quantidades de carnes artificiais e legumes. Já repetira uma ração normal e começava uma terceira sem dar mostras de que diminuiria o ritmo. Indiferente à glutonaria humana, Jones, o gato, comia delicadamente de uma tigela posta no centro da mesa comum.

Kane levantou os olhos do prato e disse, brandindo no ar uma colher:

— A primeira coisa que vou fazer na Terra é comer alguma comida decente. Estou farto desses substitutos. E não me importa o que digam os manuais da Companhia: têm, todos, gosto de reciclagem. Um travo de comida fabricada em proveta, que não há tempero que melhore ou elimine.

— Já comi pior — disse Parker, pensativamente. — Mas já comi muito melhor, também, diga-se a bem da verdade.

Lambert franziu a testa para o engenheiro, mantendo suspensa no ar, entre prato e boca, uma porção de bife-que-não-era-bife.

— Pois para quem não gosta da comida, você está comendo como um leão.

— Mas eu gosto da comida — disse Parker, entre duas colheradas.

— Não brinque! — disse Kane, com um olhar desconfiado, como se Parker não estivesse de todo bom da cabeca"

— Falo sério. A gente se acostuma com ela.

— Só mesmo assim. Porque você sabe do que é feita

— Eu sei do que é feita — disse Parker. — O que tem isso? Agora é comida. Nem você tem autoridade para falar, comendo como está comendo hoje.

— Ah, mas eu tenho uma desculpa — disse Kane — estava morrendo de fome. — E correndo os olhos pela confraria: — Alguém pode me dizer se amnésia afeta o apetite?

— Apetite? — fez Dallas. — Meu caro, você recebeu apenas alimentação líquida todo o tempo em que esteve no médico automático. Sucrose, dextrose e o

resto mantiveram no vivo, mas não são, afinal de contas, coisa de satisfazer ninguém. Não é de admirar que esteja esfaimado.

— Hum — fez Kane, metendo na boca uma garfada dupla —, é como se... como... — interrompeu-se, fez uma careta, pareceu confuso, depois um pouco assustado.

Ripley debruçou-se para ele:

— O que foi, Kane? Sente-se mal? Alguma coisa na comida?

— Não... Acho que não... O gosto estava certo. Não acho...

Interrompeu-se de novo, em meio ao que ia dizer. Sua expressão era tensa e ele se pôs a grunhir estranhamente.

— Mas o que tem, então? — insistiu Lambert.

— Não sei.

Kane fez uma outra careta, como um boxeador que tivesse levado um murro desonesto e inesperado na barriga.

— São cãibras... Cada vez mais fortes...

Torcia-se de dor, agora, e parecia completamente confuso. Todos o olhavam com expressões ansiosas. De súbito, soltou um gemido alto e profundo, agarrando-se com as duas mãos na borda da mesa. Tinha os nós dos dedos brancos com o esforço, os tendões saltavam-lhe nos braços. Todo seu corpo sacudia descontrolado, como que num grande tremor de frio, embora estivesse quente e agradável no refeitório.

— Respire fundo, vamos — aconselhou Ash, quando ninguém fazia qualquer sugestão.

Kane tentou. Mas a inspiração forçada acabou num grito:

— Deus meu, dói muito. Ai, que dor, que dor... — Cambaleava, todo trêmulo, agarrado à mesa como se tivesse medo e pânico de soltá-la.

— Aiiiii

— Que foi? Onde dói? Kane! — fez Brett, assustado, impotente. _

A expressão de agonia que se estampou no rosto de Kane cortou a palavra a Brett mais efetivamente do que qualquer grito o teria feito. O astronauta tentou endireitar-se apoiado à mesa, mas não conseguiu e emborcou de novo. Já não podia controlar o corpo, tinha os olhos esbugalhados e soltava uma espécie de uivo, prolongado, de arrepiar os cabelos. Ecoava pelo salão, pela nave, como se nada jamais pudesse extingui-lo.

— A camisa! — murmurou Ripley, tão paralisada quanto o próprio Kane, mas por motivo diverso. Apontava para o peito do oficial.

Uma grande mancha vermelha aparecera na túnica de Kane, e alargava-se rapidamente, tornava-se um vasto borrão irregular que já lhe cobria todo o tórax. Seguiu-se um som de pano que se rasga, desagradável, como de algo privado e impróprio naquele ambiente. A camisa rasgou-se de alto a baixo como a casca de um melão maduro, e abriu-se para os lados como se abrem os lábios de um corte feito a navalha. E uma cabeça, pequena e nojenta, do tamanho de um punho fechado de homem, apontou, sacudiu-se e saiu. Contorcia-se e balançava como uma cabeça de cobra. Era mais uma caveira, em que enormes dentes avultavam, afiados, tingidos de sangue. A pele era pálida, esticada, de um branco doentio, manchada agora por uma espécie de limo escuro, sanguinolento. Não exibia quais órgãos, nem mesmo olhos.

Um fedor nauseabundo, insuportável, chegou às narinas da tripulação petrificada de horror. Mas logo houve gritos, de terror e de pânico, e os astronautas se afastaram da mesa aos trambolhões. O instinto já levara o gato a fugir antes deles. De cauda ereta e pêlos eriçados, Jones cuspiu uma vez com asco e ódio; depois, em dois saltos, sumiu-se.

Convulsivamente, a caveira dentuça lançou-se para frente e saltou fora do torso dilacerado de Kane. Cabeça e pescoço vinham presos a um corpo compacto e grosso coberto com a mesma pele branquicenta. Tinha diminutos braços e pernas, que eram mais como garras, mas que impeliam a criatura com uma velocidade surpreendente. Aterrissou no meio dos pratos e travessas, arrastando pela toalha pedaços dos órgãos de Kane. Fluidos e sangue formavam uma esteira imunda atrás dela. Lembrava a Dallas um peru mutilado que tivesse dentes no coto do pescoço.

Antes que qualquer um deles se recuperasse do choque e agisse, a criatura descera da mesa e com a velocidade de um lagarto desaparecera pela porta aberta do corredor.

Todo mundo respirava estertoricamente no refeitório profanado, mas o movimento era mínimo. Kane permanecia derrubado no assento onde caíra, de cabeça para trás e boca aberta. Dallas congratulava-se com isso. Nem ele nem ninguém podia ver os olhos abertos do cadáver. Em seu peito arrebentado havia um rasgão profundo. Mesmo a distância, Dallas pôde ver como os órgãos internos haviam sido empurrados para os lados, para promover a cavidade onde

aquilo se aninhara e crescera. Havia louça por todo lado, na mesa e no chão. O que sobrara da comida estava sujo de sangue.

— Não, não, não... — repetia Lambert, monotonamente, de olhos fincados na mesa.

— Meu Deus — murmurava Brett, contemplando Kane fixamente. — O que era aquilo, o que poderia ser aquilo?

Parker sentia-se mal, e nem teve ânimo de zombar de Ripley quando a moça lhes voltou as costas para vomitar incontrolavelmente.

— Aquilo se desenvolvia dentro dele todo o tempo e ele nem sabia...

— Usou-o como uma incubadeira — explicou Ash. — Como fazem certas vespas na Terra, com aranhas. Paralisam a aranha primeiro, depois botam-lhe os ovos no corpo. E quando as larvas nascem, alimentam-se da...

— Pelo amor de Deus! — exclamou Lambert saindo do seu transe. — Cale a boca, por favor.

Ash pareceu ressentido.

— Estava apenas...

Mas um olhar de Dallas o deteve. Mudaram de assunto.

— É evidente o que aconteceu. Aquela mancha negra, que os monitores nos mostraram — o capitão também sentia-se mal. Imaginava se teria o mesmo lamentável aspecto dos outros. — Não havia defeito nas lentes, afinal de contas. A mancha era dentro dele. Por que as máquinas não nos disseram isso?

— Não havia motivo, nenhum motivo, para suspeitar de uma coisa assim — disse Ash. — Aliás, a mancha era pequena quando nós o examinamos. Pequena demais para ser levada a sério ou para causar alarme. Dava a impressão de um defeito na lente. Pode, aliás, ter havido também um defeito na lente.

— Não entendo.

— É possível que, naquela fase, a criatura gerasse um campo natural capaz de interceptar e bloquear a radiação do examinador. Ao contrário da primeira forma alienígena encontrada, o maniforme, cujo interior se podia ver com facilidade. Conhecem-se criaturas capazes de originar campos desses. O que sugere habilidades biológicas que estamos longe de penetrar ainda, ou um mecanismo de defesa desenvolvido para atender a exigências tão adiantadas que prefiro não especular a respeito.

— O caso é — observou Ripley, enxugando a boca com um guardanapo limpo

— que temos a bordo um segundo alienígena. Provavelmente, tão hostil quanto o primeiro e duas vezes mais perigoso.

Olhou, desafiadora, para Ash. Dessa vez, porém o oficial de ciência não pôde ou não quis discutir com ela.

— Sim. E está solto na nave — disse Dallas, indo para junto do corpo de Kane. Os outros o seguiram constrangidos, mas a inspeção era necessária, por mais desagradável.

Olhares eloqüentes passaram de Parker para Lambert e de Lambert para Ash, e em torno do pequeno círculo. Lá fora, a imensidão esmagadora do universo envolvia o Nostromo, numa ameaça perene. E dentro da espaçonave, o cheiro espesso, podre, da morte já permeava os corredores apertados e o refeitório exíguo, em que os pobres humanos estavam condenados a viver dez meses.

Parker e Brett desceram juntos do convés de serviço, em cima, reunindo-se aos outros. Eram um grupo de caçadores frustrados.

— Algum rastro da coisa? — perguntou Dallas a assembléia. — Nem cheiros, nem sangue, nem restos... de Kane?

— Nada — informou Lambert.

— Nada — disse Ash, fazendo-lhe eco, com um óbvio desapontamento na voz.

— Não vi — disse — coisíssima nenhuma. A caveira sabe esconder-se.

— Eu também não vi — disse Brett. — Nem posso imaginar onde se meteu aquela cobra. Embora haja lugares nesta nave aonde ela pode ir e nós não. Se bem que nenhuma forma de vida possa sobreviver em muitos desses encanamentos.

— Não se esqueça da espécie de ambiente em que sua... — Dallas voltou-se para Ash e perguntou: — Como você chamaria a primeira fase da coisa?

— Pré-larval. Para dar-lhe um nome. Não posso imaginar suas fases de desenvolvimento.

— Pois bem. Não nos esqueçamos onde estava vivendo, e como, nessa sua primeira encarnação. Sabemos, por isso mesmo, que a coisa é adaptável e robusta como o diabo. Não me surpreenderia que esteja aninhada na própria câmara dos reatores.

— Pois se é para lá que foi, não poderemos nunca mais botar as mãos nela... — disse Parker.

— Esperemos que tenha escolhido outra direção. Onde possamos pegá-la.

— Porque temos, absolutamente, de achá-la — disse Ripley. E sua expressão refletia a preocupação geral.

— Que tal ligar o hipersono? — sugeriu Brett. — O ar se recolheria aos tanques e a criatura morreria sufocada.

— Em primeiro lugar, não sabemos quanto tempo ela pode sobreviver sem ar — disse a oficial de segurança, acaloradamente. — Talvez não respire. Vimos uma boca, não vimos narinas.

— Nada pode existir sem alguma forma de atmosfera — insistiu Brett, mas com menos convicção.

Ela olhou-o como se ele fora um cisco.

— Quer apostar? — Brett não respondeu. — Alem disso, só teria de viver sem ar por algum tempo. Talvez seja capaz de extrair os gases de que porventura precise seu... alimento. Seríamos presa fácil nas nossas gavetas de morgue. Recordam-se da facilidade com que a primeira forma derreteu o elmo estanque de Kane? Quem diz que esta segunda não poderá fazer o mesmo com nossos sarcófagos?

Ripley abanou a cabeça, já resignada à idéia.

— Eu, por mim, não durmo enquanto não encontrarmos e matarmos a criatura.

— Mas não podemos matá-la! — disse Lambert, com fúria. E deu um chute de frustração no piso metálico.

Em sua composição interna, deve ser como a primeira. É só cortá-la com laser e ela borrifa tudo isso aí com ácido. E olhem que é muito maior que a outra, maniforme. Se mija a mesma porcaria capaz de abrir buracos em placas de aço, poderá fazer um buraco tão grande que não sejamos capazes de vedar. Todos vocês sabem como é precária a integridade do casco em condições de vôo mais rápido do que a luz. Para não falar na delicadeza dos circuitos que passam junto à quilha primária.

— Filha da puta — resmungou Brett. — Se não podemos acabar com ela, o que faremos quando a encontrarmos?

— Nós a lançaremos fora da nave. Mas primeiro, há que caçá-la, achá-la e capturá-la — e olhou para Dallas como que a pedir-lhe confirmação.

Ele pensou por um momento.

— Não há nada mais a fazer. Vamos tentar.

— Se ficarmos a falar e falar sem fazer nada, quando fizermos alguma coisa será tarde. Nossos recursos estão calculados para um tempo ‘x’ limitado, de vigília. Estritamente limitado. Sugiro enfaticamente que nos apliquemos sem maior perda de tempo numa forma qualquer de busca organizada.

— Muito bem — disse Ripley. — O primeiro item na ordem do dia é, então, encontrar a criatura.

— Não — disse Dallas, num tom de voz tão estranho que todos olharam para ele. — Temos outra coisa a fazer primeiro — disse. E olhou para o fundo do corredor, onde se podia ver o cadáver de Kane através da porta do refeitório.

Com material tirado dos estoques de bordo conseguiram fazer um sudário, não muito amplo, mas o suficiente.

Parker selou-o com laser, à falta de linha de coser. Ficou grosseiro e artesanal, e todos se foram dali insatisfeitos com informalidade dos preparos e do amortalhamento. Consolavam-se com a certeza de que tinham feito o que fora possível, nas circunstâncias. Poderiam ter congelado o corpo, para um sepultamento mais correto na Terra, mas a tampa transparente do compartimento do congelador deixaria o cadáver exposto, e todos o veriam ao despertar. Seria melhor dispor dele ali mesmo, no espaço, de maneira limpa e expedida, para que fosse esquecido o mais depressa possível.

De volta à ponte, retomaram seus lugares habituais, mas a depressão tornava o ar pesado.

Dallas conferiu leituras e anunciou, sem expressão:

—Comporta interior selada.

Ripley confirmou com um aceno.

—A câmara ainda está pressurizada?

Outro aceno.

O capitão hesitou, olhando rosto por rosto. Todos tinham a mesma expressão velada e remota e nenhum deles retribuiu seu olhar.

—Alguém quer dizer alguma coisa?

Naturalmente, nada havia a dizer. Kane estava morto. Estivera vivo um dia; vivera com eles, convivera. Agora estava morto, irrevogavelmente morto. E nenhum dos membros da tripulação tinha a palavra fácil.

—Acabemos com isso — disse Lambert.

Dallas achou que não era lá um grande epitáfio. Mas não foi capaz de pensar em outra coisa. Estavam, de fato, perdendo tempo. Fez sinal a Ripley. Ela apertou um botão. A comporta externa abriu-se, e o ar comprimido na câmara lançou o cadáver no vazio.

Fora um serviço fúnebre misericordiosamente breve. O corpo não tinha sido, a rigor, sepultado, mas estava removido dali, subtraído à vista para sempre. Em minutos. Não como a morte. O último grito atormentado de Kane ainda ecoava no cérebro de Dallas, era como um espinho em sua carne.

Reuniram-se outra vez na sala comum ainda desarrumada. Era mais fácil discutir coisas onde todos pudessem se ver sem ter de esticar ou torcer o pescoço. Dallas desejava também que todos ajudassem na limpeza do refeitório.

— Estive conferindo os nossos suprimentos — disse Ripley. — Com os estimulantes que temos, podemos prolongar a vigília por uma semana. Talvez um dia mais. Mas é tudo.

— Então, o quê? — perguntou Brett.

— Estaremos sem comida nem oxigênio. Sem comida podemos passar, mas sem oxigênio não podemos. E se não podemos, é acadêmica a outra questão, e fica em aberto: suportaríamos uma dieta de alimentos artificiais não reciclados? E por quanto tempo?

Lambert fez uma careta.

— Não, obrigada, preferiria morrer.

— Muito bem — disse Dallas, querendo parecer confiante. — Se é isso que temos, vamos partir daí. Uma semana, então, de plena atividade. É tempo bastante. Mais do que necessário para encontrar e eliminar um ser alienígena menor.

Brett pôs os olhos no chão.

— Ainda acho que deveríamos tirar o ar. Talvez isso o matasse. Parece-me a maneira menos perigosa de lidar com ele, evita uma confrontação direta. Não sabemos as malvadezas de que a besta é capaz...

— Já discutimos isso — disse Ripley.

— A idéia era entrarmos nos nossos congeladores individuais e não foi consenso geral. O que pensam de uma alternativa: meteríamos os nossos trajes espaciais e

recolheríamos o ar a seus depósitos. A criatura não poderia nos apanhar de surpresa, se estivermos acordados e dentro das nossas roupas?

— Uma idéia maravilhosa — disse Lambert. Mas o tom era de escárnio.

— E por que não?

— Temos quarenta e oito horas de ar em nossas roupas espaciais e vamos levar dez meses para chegar em casa — explicou Ash. — Se a criatura for capaz de passar quarenta e nove horas sem oxigênio, estaremos onde estávamos ao começar a experiência, e teríamos perdido os dois dias de ar dos cilindros portáteis.

— Fora isso, a idéia é excelente — disse Lambert. — Vamos, Parker, você e Brett, pensem em outra coisa.

Mas os engenheiros não tinham a intenção de desistir de sua sugestão tão depressa.

— Talvez possamos ligar as roupas aos tanques principais —— disse Parker. —— Brett e eu somos muito bons nessas

— Nesse caso, temos de fazê-la sair de onde se escondeu —— Dallas mesmo ficou surpreso de como uma decisão terrificante, mas óbvia, era fácil de tomar. Uma vez posta em palavras, resignou-se a executá-la.

— É boa idéia — admitiu Ash. — Mais fácil dizer que fazer, porém. Como pensa executá-la?

Dallas viu no rosto deles que preferiam que não fosse até o fim, até o inevitável. Mas era a única maneira.

— Não há solução fácil. E só de um modo podemos estar seguros do resultado. Só de um modo podemos aproveitar ao máximo nossos recursos de ar respirável. É caçar a fera sala por sala, corredor por corredor.

— Talvez fosse possível improvisar uma unidade congeladora portátil — sugeriu, tentativamente, a oficial de segurança, e ir congelando ambiente por ambiente, de uma distân... — mas interrompeu-se ao ver que Dallas abanava a cabeça.

Evitou encará-lo. — Não que eu esteja apavorada. Procurava um meio mais prático. Como Parker, penso que seria desejável evitar uma confrontação direta.

— Deixe de histórias, Ripley — disse Dallas. E apontando para o próprio peito com o polegar: — Eu estou apavorado. Todos estamos. Mas não temos tempo para complicações mecânicas. Lembre-se do tempo que gastamos com aquela máquina, tentando salvar Kane. É hora de fazermos alguma coisa por nós

mesmos. Por isso estamos aqui. A grande máquina que é a nave não basta. Quando máquinas não resolvem um problema, ele se torna nosso problema. Ademais, quero ter o prazer de ver o bicho explodir quando o jogarmos para fora daquela comporta.

Não era um discurso particularmente inspirado. Mas nada estava mais longe da intenção de Dallas do que fazer oratória. Teve um efeito eletrizante sobre a tripulação. Todos se sentiram de novo capazes de encarar o futuro e de se encararem uns aos outros. Houve murmúrios entre os dentes. Ninguém mais olhou para as paredes ou para o chão.

— Muito bem — disse Lambert —, vamos tirá-la de onde quer que se encontre enfurnada; e lançá-la no espaço exterior. O que quero saber agora é: como ir do ponto A ao ponto C?

— Com alguma astúcia — disse Ripley, que já considerava diversas possibilidades na cabeça.

— Vejo talvez um problema com as válvulas, mas estou certo de que conseguiremos resolvê-lo — disse Parker. — Contem conosco.

— E com seus recursozinhos e com suas habilidades de remendões. Eu sei — disse Ripley, sem tentar moderar o sarcasmo.

— Não seria muito prático — interveio Ash, procurando ser simpático aos dois técnicos. — Lembrem-se de que já foi aventada a hipótese de que a criatura prescinde de ar. O problema é mais complexo do que isso. Não podemos ficar atados aos tanques por cordões umbilicais da fabricação de vocês e, ao mesmo tempo, dar caça à criatura... Mesmo se a idéia fosse praticável, teríamos gasto tanto ar que não haveria nenhum de reserva para quando emergíssemos do hipersono. Os congeladores abririam automaticamente... no vácuo.

— Mas não seria possível deixar alguma espécie de mensagem, ou gravar um pedido, de modo a que haja uma equipe à nossa espera, que nos encha de ar fresco logo que atraquemos? — perguntou Parker.

Ash pareceu duvidoso.

— Seria um risco, um grande risco. Primeiro nosso pedido, se irradiado, chegaria um minuto ou dois apenas, antes de nós. Não haveria tempo para providenciar uma equipe de emergência que nos encontrasse no exato momento em que emergíssemos do hiperespaço, para nos alimentar de fora, com ar puro, sem dano à nave... Não, não creio que pudesse ser feito.

— E mesmo que pudesse: Ripley levantou um outro problema, e esse é crítico. Não podemos entrar com segurança para os congeladores sem nos assegurarmos, antes, que a criatura foi morta ou neutralizada. E como saber se está morta se passarmos dois dias em nossas roupas espaciais e depois tivermos de ir para os congeladores?

Parker torceu o nariz.

— Continuo a pensar que é uma boa idéia.

— Vamos ao centro do problema — disse Ripley, impaciente. — Como encontrá-la? Podemos buscar mil modos de matá-la, mas só depois de sabermos onde está. Não há examinadores, os painéis visuais dos deques B e C estão queimados. Lembram-se?

A criatura alienígena ao sangrar ácido inutilizara a maior parte deles.

— Haverá substâncias que ela não possa corroer ou que não possa corroer com a rapidez com que atravessa, por exemplo, as ligas metálicas — Brett estava pensando em voz alta, e seu trem de pensamento corria em trilhos paralelos aos de Ripley. — Fio de trylon, por exemplo. Se fizermos uma rede, poderemos apanhá-la sem ter de feri-la. E talvez ela se sinta menos ameaçada por algo assim do que por uma vasta jaula de metal reforçado. Eu mesmo poderia tecer uma rede dessas, e relativamente depressa.

— Ele pensa que vamos caçar uma borboleta — disse Lambert,, maldosamente.

— E como fazê-la entrar na rede? — perguntou Dallas.

Brett matutou um pouco.

— Temos de usar alguma coisa que não a faça sangrar, não é? Facas e lanças de qualquer espécie estão de fora. O mesmo para pistolas. Eu poderia armar uns tubos compridos com baterias dentro. Temos montanhas de tubos e baterias lá atrás. Levaria algumas horas, porém.

— Para tubos e rede?

— Sim. E tudo o mais simples possível.

Lambert não se conteve.

— Primeiro, rede de caçar borboleta; agora varas de picar touros. Por que damos atenção a esse tonto?

Dallas revirava a idéia na cabeça e cada vez gostava mais dela. Podia ver o alienígena acuado, ameaçando-os com unhas e dentes. E a levar choques elétricos, suficientemente fortes para irritá-lo, mas não para ferir. Dois deles encaminhando-o com jeito, para a rede, depois mantendo-o entretido, enquanto

os outros o arrastavam, com rede e tudo, para a sala de descompressão. Talvez a criatura conseguisse romper a rede, talvez não. Mas haveria uma segunda e uma terceira de reserva.

Era jogar o bicho na sala estanque, fechar o postigo, e apertar a emergência. E lá se ia o alienígena... para Arcturus. Boa viagem, monstrinho, adeus pesadelo. E alô Terra! Terra e sanidade...

O Nostromo alheio à atividade frenética de seus passageiros, prosseguia em seu curso rumo à Terra a uma velocidade múltipla da velocidade da luz.

Brett pedira algumas horas para fazer a rede e os tubos elétricos, mas ele e Parker trabalhavam como se dispusessem apenas de minutos. Parker chegou a desejar que o trabalho fosse mais complexo. Talvez então não olhasse tanto ou tão nervosamente para prateleiras e armários e corredores escuros.

Entretanto, os outros membros da tripulação podiam apenas cuidar de outros afazeres e esperar que se completasse o equipamento de caça. Para muitos deles a indagação original, "para onde terá ido o alienígena?" fora substituída por outra: "o que estará fazendo?"

Só um membro da equipe tinha a mente posta em outra coisa. Num pensamento que já o ocupava havia algum tempo e que agora lhe enchia a cabeça a ponto de estourar. Tinha duas opções: ou discutia o problema com a tripulação toda, ou a sós com a pessoa diretamente em causa. Se adotasse a primeira e estivesse enganado, como desejaria desesperadamente estar, faria um mal irreparável ao moral dos seus subordinados. Para não falar numa eventual ação na justiça, opondo tripulante a capitão.

Se estivesse certo, os outros descobririam logo.

Ash estava sentado no controle central da enfermaria, fazendo perguntas ao computador médico e recebendo uma resposta ou outra. Viu quando Dallas entrou e sorriu-lhe, depois voltou ao trabalho. Dallas ficou de pé, ao lado dele, sem falar, acompanhando com os olhos as leituras, às vezes incompreensíveis, ou observando seu oficial de ciência. Os números, palavras e diagramas que lampejavam nos painéis eram mais fáceis de ler do que o homem.

— Trabalho ou divertimento?

— Não há tempo para divertimento — respondeu Ash, impassível. Apertou um botão, e logo surgiu uma lista de cadeias moleculares para um determinado e

hipotético aminoácido. Um toque em outro botão levou duas das cadeias a mover-se numa lenta rotação em três dimensões.

— Raspei algumas amostras das bordas do primeiro buraco que o alienígena fez no convés — e mostrou com um gesto a pequena cratera do lado direito da mesa de operações, onde a criatura havia sangrado.

— Achei que haveria resíduo ácido suficiente no metal para localizá-lo quimicamente. Se conseguisse decompor a estrutura, a Mãe poderá sugerir a fórmula de um reagente neutralizador. Então, nosso visitante poderá sangrar quanto quiser e onde quer que o apanhemos, e nós invalidaremos a ação do ácido.

— Seria fantástico — admitiu Dallas, observando Ash de perto. — E só uma pessoa na nave seria capaz de tal proeza: você.

Ash deu de ombros com indiferença:

— É o meu ofício.

Houve um silêncio. Ash não via motivo para retomar a conversação, Dallas continuava a estudar as leituras. Finalmente, disse, com voz igual:

— Queria falar com você.

— Logo que obtenha qualquer resultado eu o chamarei.

— Não é sobre isso que quero falar.

Ash olhou-o com curiosidade, depois voltou-se de novo para o instrumental, quando novos dados fizeram acender duas pequenas telas.

— Acho que decompor a estrutura desse ácido pode ser vital. Você concordará. Vamos deixar qualquer outra coisa para mais tarde. Estou muito ocupado agora.

Dallas esperou um pouco para responder; depois disse, com calma, mas com firmeza:

— Não me importa. Quero falar com você agora.

Ash mexeu em vários interruptores, viu apagarem-se vários medidores, depois levantou os olhos para o capitão.

— É seu pescoço também que estou tentando salvar. Mas se é tão importante assim, vamos lá.

— Por que você deixou que o alienígena sobrevivesse dentro de Kane?

O oficial de ciência franziu o sobrolho.

— Não tenho certeza de haver compreendido bem. Ninguém deixa nada

sobreviver dentro de ninguém. Aconteceu.

— Tolice.

Ash formalizou-se um pouco e disse, secamente:

— De qualquer maneira, isso não é uma abordagem inteligente da situação.

— Você sabe muito bem do que estou falando. A Mãe tinha monitores no corpo dele. Você consultava a Mãe. O que era correto, pois você é a pessoa mais qualificada a bordo para uma tarefa dessas. Você deve ter tido alguma notícia do que se passava.

— Escute, você mesmo viu aquela mancha escura no monitor. Viu tanto quanto eu.

— Você espera que eu acredite que o médico automático não tinha força para desvendar aquilo?

— Não é uma questão de força mas de comprimento de onda. O alienígena foi capaz de burlar as ondas utilizadas pelos examinadores do médico automático. Já discutimos isso, os dois, como e por que isso pode ser feito.

— Assumindo que eu — digamos — engula essa teoria de ser o alienígena capaz de desviar as ondas utilizadas pelo médico automático, isto é, de gerar um campo defensivo que impedisse o exame — e não estou dizendo que engula, veja já? — A Mãe descobriria outros indícios do que estava em curso. Antes de morrer, Kane queixou-se de uma fome inusitada, extraordinária. Ele demonstrou a verdade disso à mesa do refeitório. A razão para tal fome não era óbvia?

— Era?

— O segundo alienígena consumia os suprimentos de nutrimentos, de gorduras de Kane, para seu próprio corpo. Não atingiu aquele tamanho metabolizando ar.

— Concordo. É evidente.

— Essa espécie de atividade metabólica geraria leituras nos aferidores do médico automático, como a redução do peso do corpo de Kane, e outras coisas.

— Uma eventual redução de peso — disse Ash, calmamente — não apareceria. O peso de Kane simplesmente transferia-se para o alienígena. O examinador do médico automático apenas registraria tudo como peso de Kane. A que 'outras coisas' se refere?

Dallas procurou não mostrar seu desapontamento. E só teve um sucesso parcial.

— Não sei. Não posso ser específico. Sou apenas um piloto. Análise médica não é o meu departamento.

— Não — disse Ash. — É o meu.

— Mas também não sou um idiota completo — disse alias. — Apenas não tenho o vocabulário técnico. Mas não sou cego. Posso ver o que se passa.

Ash cruzou os braços, afastou-se do console com um empurrão na cadeira e olhou firme para Dallas.

— O que você está realmente tentando dizer?

Dallas não se intimidou:

— Você queria que o alienígena vivesse. Para que matasse Kane. Imagino que terá suas razões. Só o conheço há pouco tempo, Ash, mas nunca o vi fazer nada sem motivo. Não é agora que começaria.

— Você diz que tenho razões' para a insanidade de que me acusa. Pois nomeie uma.

— Escuta, nós dois trabalhamos para a mesma Companhia — mudava de estratégia. Desde que a acusação frontal não funcionara, tinha de jogar com o sentimento de simpatia de Ash. Ocorreu-lhe que talvez estivesse sendo um tanto paranóico, ali, na enfermaria. Era fácil pôr a culpa em alguém que ele conhecia, como Ash, ao invés de pô-la no verdadeiro responsável, o alienígena.

Ash podia ser estranho, mas não estava agindo como um assassino.

— Eu apenas quero saber — implorou — o que está havendo.

O oficial de ciência descruzou os braços, e deu uma olhadela no console antes de responder.

— Não sei de que diabos está falando. E não gosto das suas insinuações. O alienígena é uma forma perigosa de vida. Admirável sob muitos pontos de vista. Não nego isso. Como cientista, acho-o fascinante. Mas depois do que ele fez, desejo eliminá-lo tanto quanto você.

— É verdade?

— Claro que é.

Parecia aborrecido, enojado até.

Se você não tivesse estado debaixo de tantas pressões aqui ultimamente, veria isso. Mas esqueça. Eu já esqueci.

— Muito bem.

Dallas deu-lhe as costas e saiu pela porta aberta, tomando o corredor em direção à ponte. Ash acompanhou-o com os olhos, e ficou por muito tempo a remoer

seus próprios pensamentos. Depois, concentrou-se de novo em seus instrumentos, mais pacientes, mais fáceis de entender.

— Estou trabalhando demais — dizia Dallas consigo — demais, demais...

A cabeça doía-lhe. Ash tinha razão, as pressões eram excessivas. Tinha de preocupar-se com quase tudo, não só com o alienígena. Por quanto tempo ainda poderia suportar essa carga mental? Quanto tempo deveria tentar? Era apenas um piloto.

Kane teria sido melhor capitão do que ele. Kane saberia enfrentar melhor uma situação dessas. Mas Kane já não podia ajudá-lo. Ligou um intercomunicador do corredor.

— Engenharia.

— Aqui, Dallas. Como vão as coisas?

Parker foi evasivo.

— Vamos indo.

— Seja mais específico, homem!

— Calma Dallas, quero dizer, capitão. Estamos trabalhando tão depressa quanto possível. Brett não pode armar circuitos mais depressa. Queremos encurralar aquele lagarto e dar-lhe uma cacetada com um tubo de metal ou com duzentos volts?

— Desculpe. Continuem. Façam o melhor que puderem.

— Sim, claro. No interesse de todos. Engenharia desligando.

O intercomunicador ficou mudo.

Fora gratuito aquilo, pensou Ash. E constrangedor também. Se ele mesmo não se agüentava, como exigir fortaleza dos outros?

No momento, não queria ver ninguém, não depois daquela entrevista penosa, ineficaz, com Ash. Ainda tinha de resolver consigo mesmo se o que pensava dele era procedente ou loucura. Ash, afinal, não tinha motivo. E se mentia, fazia-o brilhantemente. Dallas jamais vira homem tão senhor de suas emoções.

Havia um único lugar a bordo do Nostromo onde o capitão podia ter ocasionalmente momentos de completa privacidade. Onde se sentia também razoavelmente seguro. Como num segundo ventre materno. Um ventre substituto. Dobrou a esquina do corredor B, tão preocupado com seus próprios pensamentos que nem pensou em escrutinar os ângulos escuros para ver se havia

neles pequenos movimentos suspeitos. Mas nada aconteceu.

Chegou, afinal, a um recanto onde a quilha da nave fazia uma espécie de bolsão para fora. Havia ali, uma porta, que ele abriu, acionando um botão e esperando que o postigo corresse para o lado. Era um monta-cargas, e a porta interna estava aberta.

Dallas subiu e sentou-se lá dentro. Ia tocar outro botão vermelho no painel de controle, mas deteve-se. O ato de abrir a porta que dava para o corredor já fora registrado na ponte. O que não alarmaria ninguém. Mas fechá-la poderia causar espécie. Deixou-a, então, aberta. Sentia-se bem ali, e as incertezas e o horror que se instalaram no Nostromo esfumaram-se.

-10-

Estudava o oxigênio remanescente pela última vez, rezando para que algum milagre tivesse acrescentado um zero ao número implacável registrado no mostrador. Enquanto olhava, o último número dígito piscou e mudou passando de 9 para 8. Houve um estrondo na porta e ele deu um salto. Mas eram apenas Parker e Brett.

Parker pôs no chão uma braçada de tubos. Cada um tinha duas vezes o diâmetro de um polegar. Fizeram um som cavo e metálico, e parecia tudo menos armas. Brett, todo satisfeito consigo mesmo, trazia a rede. Estava, aliás, embrulhado nela e teve de soltar-se.

— Aí tem o material. Foi tudo testado e tudo está pronto.

Dallas inclinou a cabeça.

— Vou chamar os outros.

Deu o toque de reunir para a ponte e, enquanto esperava o resto da tripulação, examinou a coleção com olho crítico.

Ash foi o último a chegar. Sua estação era mais longe que as outras.

— Vamos atacar aquele ser com isso? — disse Lambert apontando para os tubos. Seu tom não deixava dúvida sobre o desprezo que sentia pelo arsenal.

— Temos que dar a vocês uma oportunidade, Lambert, de provar o que valem. Cada um apanhe um — disse Dallas. Puseram-se em fila e Brett distribuiu as unidades. Cada uma tinha um metro e meio de comprimento. Uma extremidade gorda de controles miniaturizados, formava uma espécie de cabo. Dallas brandiu seu bastão como se fosse um sabre, para senti-lo bem, na mão. Não era pesado, coisa que lhe agradou. Era o que queria, alguma coisa a interpor entre ele e o alienígena numa emergência. Além da expectoração de ácido, não se sabia que mais esperar do inimigo. Ademais, havia algo de ilógico e primitivo, mas muito confortante, num bastão.

— Pus baterias portáteis 0-3-3 em cada um desses tubos — explicou Brett. — Darão um choque substancial. E não precisarão ser carregadas de novo, a não ser que vocês mantenham apertado o botão de descarga por muito tempo. Mas muito

tempo mesmo — e mostrando o cabo do tubo que lhe coubera: — Não tenham medo de usá-los. Estão perfeitamente isolados aqui no cabo e até meia altura do corpo. Se tocarem inadvertidamente no tubo levarão um choque leve, sem dúvida; mas há um segundo tubo dentro desse que é um condutor super-frio. É aí que está a carga principal. A ponta descarrega quase cem por cento dela. Não toquem jamais na ponta.

— Que tal uma demonstração? — disse Ripley.

— Por que não? — disse Brett.

O técnico de engenharia aproximou a extremidade do tubo que tinha nas mãos de um condutor que corria pela parede mais próxima. Houve um grande "craque" e um leve cheiro de ozônio. Brett sorriu.

— Os de vocês também foram todos testados. Todos funcionam perfeitamente. Tem uma enorme carga nesses tubos.

— E há maneira de modular a voltagem? — perguntou Dallas.

Parker abanou a cabeça.

— Quisemos botar uma carga que castigasse sem matar. Não sabemos nada da criatura e não tínhamos tempo, de qualquer maneira, para a instalação de requintes como reguladores de corrente. Cada tubo gera, então, uma carga única e invariável. Não podemos fazer milagres.

— Pois é a primeira vez que você admite isso — disse Ripley. Parker lançou-lhe um olhar turvo.

— Os tubos não farão nenhuma injúria àquele monstrinho a não ser que o sistema nervoso dele seja bem mais sensível do que o nosso — disse Brett. — É a nossa convicção. Mas estamos no escuro. O outro era menor, mas fortíssimo. — O técnico pôs o tubo em posição de combate e ficou parecendo um gladiador antigo prestes a entrar na arena. — Isso só servirá para tonteá-lo. Não que me aborrecesse muito eletrocutar aquela gracinha,

— Pode ser que dê certo — disse Lambert. Era uma grande concessão. — Está resolvido o problema número um. E quanto ao problema número dois: como encontrar o bicho?

— Tomei isso a meu cargo.

Todos se voltaram surpresos para Ash, que tinha nas mãos um aparelho do tamanho de um comunicador. O oficial de ciência, porém, concentrava os olhos no capitão. E Dallas, que não sabia como encará-lo, fixou os seus no pequeno

engenho.

— Como é imperativo localizar a criatura o mais depressa possível, fabriquei minha própria maquininha. Brett e Parker fizeram um trabalho admirável dando-nos os meios de manipular o alienígena. E aqui está o meio de encontrá-lo.

— Um rastreador portátil? — perguntou Ripley. Olhava com admiração para o compacto. Parecia feito numa fábrica. Ninguém julgaria que tivesse sido armado às pressas no laboratório de ciência de um rebocador comercial.

— A gente o regula para localizar um objetivo móvel. Não tem grande alcance. Mas desde que esteja próximo do alvo, começa a emitir um pulso regular, intermitente, cujo volume aumenta na razão inversa da distância.

Ripley tomou o instrumento na mão e ficou a revirá-lo com olho de profissional.

— Como funciona? Como pode distinguir o objetivo verdadeiro de outro qualquer?

— De duas maneiras — disse Ash, com orgulho. — Como já expliquei, o alcance é pequeno. Isso poderia ser considerado um defeito, mas no nosso caso é uma vantagem, pois permite que um grupo opere nas vizinhanças de outro sem que o rastreador capte o outro. Mais importante ainda: o instrumento incorpora um monitor sensitivo à densidade do ar. Qualquer objeto que se mova o afeta. E a leitura indica em que direção o objeto se move. Basta apontá-lo para frente. Não é tão sofisticado quanto eu gostaria que fosse, mas foi o melhor que pude fazer dentro do pouco tempo disponível.

— Você foi notável, Ash — disse Dallas. Tinha de admiti-lo. Tomou o instrumento de Ripley. — Isto é mais do que suficiente. Quantos fez ?

Ash apresentou uma duplicata do aparelho que Dallas tinha na palma da mão.

— O que significa que podemos formar dois grupos. Bom. Não tenho nada para sugerir quanto ao modus operandi. Não vou dar instruções. Todos sabem o que fazer tanto quanto eu. Quem o pegar deve prendê-lo na rede, levá-lo para a comporta e despejá-lo do espaço, para que se arrebente na direção de Rigel. E isso com a mesma presteza que as janelas tiverem para abrir e fechar. Não faço questão que usem os fechos explosivos da comporta externa. Podemos até sair para o espaço com nossas roupas, se for preciso.

E saiu para o corredor, detendo-se à porta para olhar em volta da sala onde estavam os outros com tubos, rede, etc. Parecia impossível que alguma coisa se tivesse metido ali sem ser notada, mas, se iam fazer uma busca rigorosa, era melhor não abrir exceções.

—Para começar, vamos ter certeza de que a própria ponte está limpa.

Parker empunhou um dos rastreadores. Ligou-o e percorreu a ponte com a atenção presa ao mostrador do instrumento.

— Seis deslocamentos — anunciou por fim —, todos correspondentes, à grosso modo, aos lugares que ocupamos. Se isso funciona, não há nada na ponte.

Ash não se mostrou ofendido.

— Funciona. Como você mesmo acabou de demonstrar.

O resto do equipamento foi distribuído. Dallas passou em revista os homens e mulheres de prontidão.

— Todo mundo preparado? — Houve alguns 'nãos' de brincadeira, e trocaram-se sorrisos. A pavorosa morte de Kane fora esquecida. Agora estavam preparados para enfrentar o alienígena e, ao que esperavam, armados com os instrumentos apropriados.

— Canais abertos em todos os deques.

Dallas marchou para o corredor.

— Estaremos em permanente contato uns com os outros. Ash e eu iremos com Lambert e um rastreador. Brett e Parker constituirão o segundo grupo. Ripley assumirá o comando dele e levará o outro rastreador. Ao primeiro sinal da criatura, as prioridades são capturá-la e lançá-la fora. Avisar o segundo grupo vem depois. Comecemos.

Deixaram a ponte em coluna por um. Os corredores do convés A nunca tinham parecido tão longos e escuros. Eram tão familiares para Dallas como a palma da sua mão. E, todavia, a idéia de que um perigo mortal poderia estar escondido nos cantos ou nos armazéns de material, obrigava-o a pisar com cautela onde em outras circunstâncias andaria confiante e de olhos fechados.

Todas as luzes estavam acesas. Mas não clareavam completamente o corredor. Eram luzes de serviço, só para uso ocasional. Por que despender energia para iluminar todos os cantos de uma nave de carga como o Nostromo, cuja tripulação passava tão pouco tempo acordada? Bastava ter luz para as chegadas e saídas ou para emergências em vôo. Dallas agradecia a Deus as luzes de que dispunha, mas isso não o impedia de sentir falta das que não lhe tinham dado.

Segurava uma ponta da rede e Lambert a outra. O corredor ficava, assim,

fechado de parede a parede. Dallas apertou sua ponta e deu-lhe um súbito puxão. Lambert olhou-o, surpresa. Depois acalmou-se, fez um aceno de cabeça e voltou a escrutar o corredor. Estivera sonhando, mergulhada numa espécie de auto-hipnose, com a mente tão cheia de horríveis cogitações, que se esquecera do trabalho em curso. Tinha de olhar nos escaninhos da nave, não nos da sua imaginação. Dallas viu estampado outra vez no rosto dela a expressão de alerta que se tinha apagado, e pôde voltar de novo sua atenção para o corredor que, logo à frente, dobrava. Ash vinha atrás deles, de olhos na tela do rastreador. Movia o aparelho para a direita e para a esquerda, devagar, explorando tudo, de parede a parede. O aparelho não se alterava, exceto quando ele o virava por demais para um lado ou para o outro, apanhando Dallas ou Lambert. Então soltava um queixume e Ash tinha de apertar o botão para silenciá-lo.

Pararam junto de uma escada em espiral. Lambert debruçou-se para o buraco e perguntou:

— Tem alguém aí embaixo? Nós aqui em cima estamos tão limpos como a reputação de qualquer mãe.

Brett e Parker reajustaram a posição de suas mãos nas pontas da rede, e Ripley, que ia à frente dos dois, tirou os olhos do rastreador por um momento e gritou para cima:

— Nada por aqui também.

No convés A, Lambert e Dallas prosseguiram, com Ash fechando a marcha. Sua atenção estava toda na volta do corredor. Não gostavam dessas inflexões. Eram lugares naturais para uma tocaia. Mas ao chegarem lá descobriram apenas outro corredor, tão deserto como o primeiro. Descobrir o Santo Graal não teria dado a Ripley alegria maior.

O rastreador começava a pesar-lhe nas mãos quando uma pequena luz vermelha se acendeu nele, debaixo da tela principal. A agulha deu um salto e aquietou-se. Ripley, porém, estava certa do que vira e de que o tremor fora da agulha e não de suas mãos. Foi quando a agulha se moveu de novo, afastando-se do zero da escala.

Verificou, calma, que não havia captado Brett ou Parker, antes de dizer:

— Parem. Estou registrando algo.

E deu um passo.

A agulha pulou para a outra extremidade da escala e ficou lá. A luz vermelha acendeu-se e ficou acesa. Ripley esperou a ver se voltavam à situação primitiva, mas os dois indicadores se mantiveram firmes, luz e agulha.

Brett e Parker olhavam com atenção paredes, piso e teto. Todos se lembravam de como o primeiro alienígena, embora morto, aterrissara de súbito no ombro de Ripley. Ninguém se arriscava a imaginar que o lagarto não fosse capaz de subir em paredes. Assim, não deixavam de olhar também para cima.

— De onde vem? — perguntou Brett à meia voz.

Ripley tinha o cenho franzido. A agulha do rastreador ficara louca, de repente, e movia-se para todo lado. Ou a criatura viajava através das paredes ou o comportamento da agulha era inexplicável. Não combinava com os movimentos de nenhum vivente. Mas esse comportamento bizarro persistia. E a lâmpada vermelha também continuava acesa.

— Não sei. A máquina desgovernou-se. A agulha salta para todo lado.

Brett deu um chute na rede e praguejou:

— Com mil diabos! Não podemos ter falhas de equipamento! Vou torcer o pescoço de Ash...

— Espere.

Ripley virou o rastreador de cabeça para baixo. A agulha estabilizou-se imediatamente.

— Está funcionando direito. Está apenas confusa. Ou, melhor, eu estava. O sinal vem de baixo.

Olharam todos para os pés.

— É o deque C — disse Parker. — Manutenção, nada mais. Pior lugar possível para uma caçada.

— Quer ignorar o deque C?

Ele a olhou furioso, mas fúria falsa dessa vez.

— Não tem a menor graça.

— Não tem mesmo. Desculpe. Vão na frente. Os dois. Vocês conhecem aquele convés melhor do que eu.

Parker e Brett, segurando a rede com cuidado, pronta para ser lançada sobre a fera, precederam-na pela escada, raramente usada, do deque C. A iluminação,

embaixo, era precária, mesmo pelos padrões do Nostromo. Detiveram-se, por isso, na base da escada, a fim de se acostumarem à quase escuridão reinante.

Ripley roçou acidentalmente numa parede e encolheu- se toda de nojo. Estava coberta de uma espécie de limo viscoso. Lubrificantes velhos — pensou. Uma nave de passageiros teria sido retirada de circulação se um inspetor descobrisse condição semelhante. Mas ninguém se importava com tais coisas numa carroça como o Nostromo. Nenhum figurão veria a imundície. E que importância tinha uma tripulação de cargueiro? Quando acabasse essa viagem, ela pediria sua transferência para uma nave decente. Se isso não fosse possível, preferia deixar o serviço. Já se dissera a mesma coisa dezenas de vezes, mas dessa vez pretendia manter a decisão.

Apontou o rastreador para o fundo da passagem. A luz vermelha piscou e a agulha iluminada registrou uma leitura que não deixava dúvidas.

— OK. Vamos!

E marchou em frente. Confiava na pequena agulha, Porque confiava na competência de Ash. Além disso, o instrumento se mostrara fidedigno até aquele passo, e ela não tinha escolha...

— Por azar — disse Brett — há uma encruzilhada à frente.

Passaram-se vários minutos. O corredor se dividiu em dois. O rastreador mostrou a direita, e por ali se enfiaram eles. A luz vermelha começou a fraquejar. Ripley voltou sobre seus passos e meteu-se pelo corredor da esquerda.

— Por aqui.

As lâmpadas eram ainda mais fracas nessa seção. Sombras profundas os envolviam de todos os lados, sufocantes a despeito do fato de que ninguém com experiência de uma nave de hiperespaço pode se dar ao luxo de claustrofobia. Suas passadas ecoavam no metal do piso e só eram abafadas por poças de fluido acumulado.

— Dallas devia pedir uma inspeção — disse Parker, contrariado. — Pelo menos quarenta por cento da nave seriam condenados, e então a Companhia seria obrigada a pagar para limpar a nave.

Ripley sacudiu a cabeça e lançou ao engenheiro um olhar de ceticismo.

— Quer apostar? Seria mais barato e mais fácil para a Companhia peitar o inspetor.

Parker lutou para disfarçar o desapontamento. Outra das suas brilhantes idéias

acabava em fiasco. E o pior é que a lógica de Ripley costumava ser irrefutável. Seu ressentimento e sua admiração por ela cresciam paralelamente.

— E por falar em limpar coisas e em como tudo deve ser, o que é que há com as luzes? Eu confessei não estar familiarizada com esta parte da nave, mas não é isso. Não se enxerga um palmo adiante do nariz! Pensava que vocês dois tinham reparado o módulo 12. Deveríamos ter melhor iluminação do que isto, mesmo aqui.

— Mas nós consertamos o módulo 12! — protestou Brett.

Parker aproximou-se de um painel para examiná-lo.

— É a distribuição que funciona com timidez. Alguns dos circuitos não estão recebendo sua corrente habitual. Se tivéssemos restaurado a plena potência de tudo não ficaria um condutor inteiro nesta nave: estourava tudo. E quando as coisas ficam difíceis, os sistemas afetados restringem por si mesmos a corrente recebida, a fim de evitar sobrecargas e curtos. Este, porém, exagera. Posso melhorar isso.

Tocou numa chave no painel, mexeu em outra. A luz do corredor ficou mais forte.

Prosseguiram, então, até que Ripley estacou abruptamente e fez sinal com a mão:

— Esperem.

Parker quase caiu, na pressa de obedecer, e Brett tropeçou na rede. Mas ninguém riu nem teve vontade de rir.

— Estamos perto? — perguntou Parker. Sussurrava, forçando sua vista curta na ânsia de penetrar as sombras à frente.

Rippley conferiu a agulha e verificou a distância na escala que Ash gravara grosseiramente no metal, à margem do pequeno painel iluminado.

— Segundo o rastreador, o alienígena se encontra num raio de quinze metros.

Parker e Brett apertaram a rede nas mãos sem que lhes fosse preciso dizer isso. Ripley levantou o tubo e ligou-o. Avançava, agora, lentamente, com a arma na mão direita e o rastreador na esquerda. Ninguém faria menos ruído do que os três naquele corredor. Mal respiravam, agora. Cobriam, assim, cinco metros, depois dez. Um músculo da perna de Ripley saltou como um gafanhoto, mas ela ignorou a cãibra. Continuou a avançar, com os outros, e a distância marcada pelo rastreador era cada vez menor.

Agora Ripley estava quase agachada, pronta para saltar logo que houvesse o menor movimento à frente. Desligara o sinal do rastreador. E parou depois de quinze metros da primeira medição. A luz era ainda coada, mas já permitia ver que nada se escondia no fundo do corredor mal cheiroso.

Virando o rastreador na mão, ela procurou ao mesmo tempo olhar a agulha e a passagem. A agulha moveu-se, mas quase imperceptivelmente. Levantou os olhos e percebeu um pequeno nicho na parede. A porta estava semi-aberta.

Parker e Brett viram que Ripley concentrava sua atenção naquele nicho e se postaram de modo a poder cobrir tanto do deque quanto fosse possível à frente da portinhola suspeita. Ripley fez-lhes um leve sinal de cabeça quando acabaram essa manobra e tentou limpar com a manga o suor que lhe escorria pelo rosto abaixo. Depois respirou fundo e depositou o pequeno rastreador no solo. Com a mão livre segurou a maçaneta da porta. Era fria e pegajosa contra sua palma já úmida.

Levantando a vara eletrificada, apertou o botão do cabo e, espremendo-se contra a parede, enfiou a ponta da vara no armário embutido. Seguiu-se uma horrenda confusão. A criatura urrou lá dentro, depois saltou fora do nicho como que impelida por uma explosão. Caiu bem no meio da rede com os olhos esbugalhados e as garras a bater no ar. Os dois engenheiros lutaram para envolvê-la em tantas camadas de fio quanto possível.

— Apanhamos o diabinho! — gritava Parker. — Não deixem escapar!

Ripley olhava para dentro da rede. E um grande desânimo a tomou. Desligando o tubo e apanhando de novo o rastreador no chão, disse:

— Diabo! Descansem vocês dois. E olhem o que pegamos.

Parker soltou a rede ao mesmo tempo que Brett. Um gato zangadíssimo pulou fora cuspindo e sumiu-se no corredor antes que Ripley pudesse protestar.

— Não, não, não o deixem escapar.

Mas já a mancha cor de laranja desaparecera na distância.

— Você tem razão, Ripley — disse Parker. — Deveríamos tê-lo matado. Corremos agora o risco de pegá-lo outra vez, pensando que é o alienígena.

Ripley olhou-o com ódio, mas não disse nada. Depois, voltou-se para Brett, cuja fúria assassina era menor.

— Vá pegar Jones. Podemos discutir o que fazer com ele mais tarde, mas seria uma boa idéia tirá-lo do caminho, para que não possa confundir a máquina e atrapalhar a gente.

Brett assentiu de cabeça:

— Certo.

Virou-se e trotou pelo corredor afora, atrás do gato. Ripley e Parker continuaram vagarosamente na direção oposta. Ripley, tentando manejar rastreador e tubo e ajudar Parker com a rede ao mesmo tempo.

Uma porta aberta comunicava com um grande depósito de material de manutenção. Brett lançou um último olhar para um lado e para outro do corredor e não viu sinal do gato. Mas o depósito, em que fardos se amontoavam em alguma desordem, estava cheio de esconderijos ideais para gato. Se não estivesse lá dentro, ele voltaria para reunir-se aos outros. Jones poderia estar em qualquer parte da nave a essa altura. Mas aquele depósito era o lugar mais lógico como refúgio.

Havia luz, embora não fosse em nada melhor que a dos corredores. Brett não fez caso das fileiras de instrumentos, dispostos em série, das caixas e mais caixas de módulos de reserva, das ferramentas sujas. Painéis luminescentes identificavam o conteúdo de cada invólucro. Ocorreu-lhe que seus dois colegas já estariam longe demais para ouvi-lo, se os chamasse. Quanto mais depressa pegasse aquele gato, melhor.

— Jones, aqui bichano... gatinho... Joooones... Venha com Brett, venha...

Curvou-se para espiar dentro de uma fresta entre dois caixotes. Não havia nada ali. Erguendo-se, limpou o suor dos olhos, primeiro do esquerdo, depois do direito.

— Que diabo, Jones — resmungou. — Onde você se meteu?

Como que em resposta, ouviu unhas que arranhavam o chão, no fundo do armazém. Esse ruído foi acompanhado por um uivo incerto mas inegavelmente felino. Com um suspiro de alívio, Brett avançou em direção ao som.

Ripley estacou, e olhou fatigada para o mostrador. A luz vermelha se extinguira, a agulha estava de novo em zero, e o pulso já não soava há muito tempo. Quando a olhou, a agulha estremeceu uma vez, depois aquietou-se.

— Nada aqui — disse a seu companheiro remanescente — se é que alguma coisa esteve jamais aqui além de nós e de Jones, o gato. — E encarando Parker: — Sugira alguma coisa.

— Vamos voltar. Podemos ajudar Brett a pegar aquele miserável bichano.

— Não aborreça Jones — defender o animal era automático para Ripley. — O pobre está tão apavorado quanto nós!

Voltaram juntos para o corredor e para seus odores, mas Ripley deixou o rastreador ligado por precaução.

Brett conseguira enfiar-se atrás de montanhas de material; agora não podia ir mais adiante. Colunas e suportes as estruturas superiores do Nostromo cruzavam-se em intrincadas diagonais de metal à sua frente. Já perdia o ânimo quando ouviu um segundo uivo Guiado por ele, contornou um pilar metálico e deu com dois grandes olhos amarelos que brilhavam no escuro. Hesitou. Jones era mais ou menos do tamanho da coisa que pulara do tórax de Kane. Outro miado o fez sentir-se melhor. Só um gato propriamente dito produziria aquela espécie de som.

Aproximou-se, então, sem mais preocupações. E logo viu os bigodes, o pêlo avermelhado. Era Jones.

— Aqui, bichinho, que bom encontrar você, seu filho da mãe. Não temos tempo para essas brincadeiras — disse.

Uma coisa não tão grossa como a viga debaixo da qual ele acabava de passar baixou então. Baixou em completo silêncio, dando uma sensação de imensa força contida. Dedos se estenderam, agarraram, aferraram-se completamente em volta da garganta do engenheiro. Depois, entrecruzaram-se. Brett berrou, levando as duas mãos ao pescoço, num reflexo. Mas os dedos pareciam soldados uns aos outros. Puxaram-no para o alto e ele subiu com as pernas a balançar no vazio.

Jones fugiu.

Passou como um pé de vento por Ripley e Parker, que vinham chegando. Entraram sem pensar no depósito e logo estavam no lugar onde haviam visto desaparecer as pernas de Brett. Olhando para a treva do alto, tiveram um último vislumbre de solas de sapatos, de um torso retorcido que se afastava e sumia nas alturas. Acima da mole figura de marionete do engenheiro havia uma sombra,

uma silhueta quase humana, mas definitivamente não humana. Algo avantajado e maligno. Por um instante, a luz se refletiu em dois olhos grandes demais até para uma cabeça gigantesca. E, então, tanto o alienígena quanto o engenheiro desapareceram nas entranhas do Nostromo.

— Jesus! — murmurou Parker.

— O alienígena cresceu — disse Ripley. E olhou estupidamente para sua vara de espetar touros, um brinquedo em face das dimensões da criatura.

— E cresceu depressa. Todo esse tempo estivemos caçando um animal do tamanho de Jones. E ele se transformou naquilo!

A consciência do espaço confinado, da escuridão, das caixas empilhadas, pesou-lhe de repente.

— O que estamos fazendo aqui, com todas essas passagens, essas colunas de metal, esses escaninhos? Ele pode voltar! E ergueu o tubo em defesa, mas sabendo que efeito ridículo teria sobre a massa da criatura.

Saíram correndo do depósito. Parker era um velho amigo de Brett, mas correu tão depressa quanto Ripley. A lembrança daquele derradeiro grito de agonia não era coisa que se pudesse ignorar ou esquecer facilmente.

-11-

Havia menos confiança agora nos rostos de todos eles quando se reuniram no cassino dos oficiais. Ninguém procurava esconder isso e muito menos Ripley e Parker.

Tendo visto cara a cara o perigo que os confrontava, só podiam temer.

Dallas estudava uma planta recente do Nostromo. Parker guardava a porta, olhando de quando em quando, nervosamente, para o corredor.

— Não sabemos exatamente como era, mas era grande — disse o engenheiro no silêncio geral. — Desceu sobre ele como um morcego gigante.

Dallas levantou os olhos do plano.

— Você está absolutamente seguro de que ele arrastou Brett para um respiradouro?

— Desapareceu com ele num dos canos de refrigeração — Ripley riscava as costas de uma das mãos com as unhas da outra. — Eu o vi, estou certa disso. De qualquer maneira não havia outro lugar, outra saída.

— Não resta dúvida — disse Parker. — Ele está usando o sistema de ventilação e refrigeração para se locomover. E foi por isso que não o localizamos com o rastreador.

— Os condutos de ar — Dallas parecia convencido — faz sentido. Jones também se esconde neles.

Lambert brincava com o café, mexendo a bebida escura com o dedo distraído.

— Brett pode estar vivo.

— Não — disse Ripley. — Não tem chance alguma estar vivo. — Ela não estava sendo fatalista, apenas lógica. — O bicho o puxou para cima como a um boneco de trapos.

— Para que, eu me pergunto? — disse Lambert. — Por que levá-lo, ao invés de matá-lo no lugar?

— Talvez precise de um incubador, como na sua primeira forma precisou de Kane — sugeriu Ash.

— Talvez precise de comida — disse Ripley concisamente. E estremeceu.

Lambert largou o café.

— De qualquer maneira, são dois fora do jogo e cinco ainda por derrubar, do ponto de vista do alienígena, quero dizer...

Parker girava e regirava o tubo elétrico nas mãos. De repente, virou-se, e lançou-o, com força contra uma parede. O tubo dobrou-se e caiu no chão com estrondo.

— Voto por cortarmos o filho da puta com o laser e agüentarmos as conseqüências.

Dallas procurou mostrar simpatia.

— Eu sei como se sente, Parker. Nós todos gostávamos de Brett. Mas temos de conservar a cabeça fria. Se a criatura é agora tão grande como vocês dizem, terá suficiente ácido no corpo para abrir um buraco do tamanho desta sala na quilha do Nostromo. Isso sem falar no que será capaz de fazer com os circuitos embutidos no casco, e são muitos. Não podemos correr tal risco. Ainda não.

— Ainda não? — a consciência da própria fragilidade anulava muito da fúria de Parker. — Quantos além de Brett terão de morrer antes que você saiba como enfrentar essa ameaça, capitão?

— Não adiantaria, Parker — interveio Ash.

O engenheiro voltou-se para fazer-lhe face e fechou a cara.

— O que quer dizer?

— Que seria preciso atingir um orgão vital com o laser e na primeira tentativa. Segundo a descrição que vocês dois fizeram, o ser é muito ágil, além de grande e forte. Será razoável presumir que conserva a mesma capacidade de regeneração rápida que o maniforme exibia. O que significa que ou a gente o destrói no primeiro momento ou ele cai em cima da gente.

— Já seria difícil fazer isso tendo um homem como adversário. Será humanamente impossível fazê-lo contra o alienígena por não sabermos onde estão os pontos vitais. Nem sequer sabemos se terá pontos vitais. Entende?

Ash procurava ser compreensivo, tal como Dallas tinha procurado, antes dele. Todo mundo sabia como eram chegados um ao outro os dois engenheiros.

— Pode imaginar o que aconteceria? Vamos dizer que dois de nós conseguissem confrontar a criatura numa área aberta em que fosse possível atirar nela, o que não é provável que aconteça. Usaríamos o laser, digamos, meia dúzia de vezes antes que ele nos despedaçasse a todos. As feridas cicatrizariam depressa, a tempo de preservar a vida do alienígena; mas não suficientemente depressa para preservar a nave, que ficaria cheia de buracos feitos pelo ácido. O fluido poderia

queimar os circuitos que nos garantem ar respirável ou que alimentam as luzes, por exemplo.

— Você considera tal fantasia absurda? Pois eu não. Dado o que sabemos da criatura. Perderíamos mais dois homens e, em matéria de veículo, estaríamos pior do que estávamos antes de dar-lhe batalha.

Parker não respondeu. Parecia triste. Finalmente, resmungou:

— Então que diabos vamos fazer?

— O único plano que tem chance de êxito é o antigo — disse Dallas. E, batendo na planta da nave: — Descobrir em que tubo ele se esconde, forçá-lo a entrar na câmara de compressão, e lançá-lo no espaço.

— Mas como entrará? Já lhe disse que a criatura é grande — cuspiu com desprezo, nos restos da vara metálica que ele mesmo havia construído. — Não vamos conseguir tocar um gado daqueles com varas desse tipo...

— É a primeira vez que Parker tem razão, mas concedo-lhe o ponto. Porém, precisamos forçá-lo a ir para uma comporta, de onde seja possível ejetá-lo. Como?

Ripley correu os olhos pelo grupo.

— Acho que o departamento de ciências deve agora atualizar nossos conhecimentos sobre o intruso. Tem alguma idéia, Ash?

— Bem, ele parece estar adaptado a uma atmosfera rica em oxigênio. O que talvez tenha alguma coisa a ver com seu crescimento espetacular nesta fase.

— Nesta fase? — inquiriu Lambert? — Você acha que pode evoluir para outra coisa?

Ash abriu as mãos num gesto de desamparo:

— Sabemos tão pouco dele! Devemos estar preparados para tudo. Já se metamorfoseou três vezes: de ovo para maniforme, de mão para a coisa que saiu do peito de Kane e agora para essa forma muito maior e bípede. Não devemos crer que seja a fase final na escala da sua evolução — fez uma pausa e acrescentou: — A próxima forma poderá ser maior ainda e mais poderosa.

— Muito animador — disse Ripley. — Mais alguma coisa?

— Além de adaptar-se à nova atmosfera, adaptou-se também com certeza às condições de alimentação com que se viu confrontado. Pode viver com muito pouco, numa diversidade de atmosferas e, possivelmente, sem atmosfera nenhuma por tempo indefinido.

— Não sabemos nada, porém, sobre sua capacidade de suportar mudanças de temperatura. Está confortável aqui, no Nostromo. Considerando a temperatura média do mundo de onde proveio, o frio intenso não parece lhe fazer mal. Talvez a forma primitiva, de ovo, resistisse melhor ainda ao frio do que a atual. Há precedentes disso.

— Muito bem — interrompeu Ripley. — E se elevássemos a temperatura? O que aconteceria?

— Experimentemos — disse Ash. — Não podemos elevar a temperatura da nave inteira pela mesma razão pela qual não podemos tirar-lhe todo o ar. Não há reserva de ar suficiente em nossos trajes espaciais, a mobilidade é limitada, e total a vulnerabilidade quando nos congeladores, etc. Mas a maior parte dos seres teme o fogo. E não será preciso aquecer tudo.

— Poderíamos estender fios de alta voltagem de parede a parede em certos corredores e atraí-lo para um deles. Estaria literalmente frito — sugeriu Lambert.

— Lambert, não é com um animal que estamos lidando. Ou se é, trata-se de um animal muito sagaz. Não creia que vá entrar de cabeça em qualquer obstáculo como um fio ou qualquer outra coisa que obstrua a passagem num óbvio lugar de trânsito como um corredor. Sua argúcia já foi demonstrada pela escolha inteligente dos canos de ventilação de preferência aos corredores, para circular pelo Nostromo.

— Acrescente que certos organismos primitivos, como o tubarão, são sensíveis a campos elétricos. Pesando tudo isso, a idéia não presta.

— Talvez ele seja capaz de detectar os campos elétricos que nossos corpos geram — disse Ripley, sombriamente. Talvez seja assim que ele nos localiza.

Parker duvidava disso.

— Acho que depende dos olhos. É assim que as coisas geralmente são. Uma criatura tão engenhosa, tão cheia de talentos, provavelmente usa mais de um processo para seguir a gente e para saber o que se passa.

— De qualquer maneira não gosto da idéia de estender fios de alta tensão pelo meio da casa — disse Parker, muito vermelho. — Também não gosto dessas astúcias. Quando a coisa for atirada para fora da comporta, quero estar presente, quero vê-la morrer — calou-se por um momento, antes de acrescentar: quero vê-la gritar como Brett.

— Quanto leva para ligar duas ou três unidades de incineração? — perguntou Dallas.

— Vinte minutos. As unidades básicas já estão lá, no depósito. É só modificá-las para uso manual.

— E poderá torná-las realmente poderosas? Não podemos ficar na situação que Ash descreveu. Os lasers não nos bastam agora. Queremos algo que de fato detenha essa criatura.

— Não se preocupe — a voz de Parker era fria, muito fria. — Eu as fixarei de modo a que cozinhem tudo aquilo em que tocarem.

— Parece nossa melhor oportunidade — o capitão lançou um olhar à mesa. — Alguém tem idéia melhor?

Ninguém tinha.

— OK — Dallas afastou sua cadeira da mesa, levantou-se. — Quando Parker aprontar os lança-chamas, começaremos. Iremos daqui para a retaguarda da nave e para baixo, até o deque C e o depósito em que Brett foi atacado. De lá procuraremos localizá-lo.

Parker tinha suas dúvidas e ventilou-as.

— A coisa subiu com ele pela armação metálica do teto antes de entrar nos canos. Será muito difícil segui-lo naquelas alturas. Não sou nenhum macaco.

Olhou desafiadoramente para Ripley, à espera de algum comentário maldoso. Mas ela não fez nenhum.

— Quer dizer que prefere ficar sentado aqui e esperar que ela venha buscar você? — perguntou Dallas. — Quanto mais tempo nós o deixarmos na defensiva, melhor para nós.

— Exceto por uma coisa — objetou Ripley.

— E que é...

— Não temos certeza se a criatura esteve alguma vez na defensiva... — e enfrentou o olhar dele sem pestanejar.

Os lança-chamas eram mais maciços e pesados que os tubos elétricos e pareciam menos eficazes. Mas os tubos haviam funcionado como se esperava deles, e Parker lhes assegurava que os incineradores também funcionariam. Porém evitou todavia, de fazer uma demonstração. Os lança-chamas eram tão poderosos que poderiam chamuscar o convés. O fato de que também estava confiando sua vida àqueles artefatos era prova suficiente de sua confiança neles. Prova para todo mundo, mas não para Ripley que começava paranoicamente, a desconfiar de tudo e de todos. Sempre tivera, aliás, um grão de paranóia. E os acontecimentos

recentes só poderiam agravar isso. Ela mesma começava a preocupar-se tanto com o que se passava na sua cabeça quanto com o alienígena. Naturalmente, tão logo encontrassem e matassem o alienígena, seus problemas mentais se desvaneceriam. Ou não?

Agrupados, num apertado nó de medo, os pobres humanos avançaram cautelosamente do refeitório até o nível B. Preparavam-se para prosseguir escada abaixo quando os dois rastreadores emitiram simultaneamente os mais frenéticos sinais. Ash e Ripley apressaram-se em desligar o som. Mas acompanharam as trêmulas agulhas por mais uns doze metros. Aí, um outro som, apavorante, se fez audível: o som de metal que se rasga.

— Calma — pediu Dallas. E apontou seu lança-chamas para o fundo do corredor. Os ruídos continuaram mais claros agora. Sabiam de onde vinham. — Do depósito de comida — disse baixinho aos outros. Lá de dentro.

— Escutem! — disse Lambert, pasma com o que ouvia. — Jesus, ele deve ser enorme!

— É grande — disse Parker, em voz baixa. — Eu o vi, lembre-se. Carregou Brett como se fosse...

Interrompeu-se no meio da frase. A lembrança de Brett sufocava qualquer desejo de conversa.

Dallas levantou a boca do lança-chamas.

— Há um duto que abre do lado de trás da dispensa. Deve ter entrado por ele — e, com um olhar para Parker: — Você tem certeza de que essas coisas funcionam?

— Fui eu mesmo que os fiz, não?

— É isso mesmo que nos põe em dúvida — disse Ripley.

Continuaram. Os sons também continuavam, à frente. Quando se viram a postos, diante do compartimento fechado, Dallas olhou para Parker, depois para a maçaneta da porta. Com alguma relutância, o engenheiro empunhou a pesada saliência. Dois passos atrás dele, Dallas aprontou o lança chamas.

— Agora!

Parker escancarou a porta e pulou para o lado. Dallas apertou o grosseiro botão que fazia o engenho funcionar. Um leque surpreendentemente largo de fogo cor

de laranja encheu a entrada do depósito de comida obrigando todo mundo a recuar. Só Dallas, ignorando o calor intenso, que lhe queimava a garganta, avançou rápido e disparou outra rajada lá dentro. Depois, uma terceira. Estava agora em cima da soleira, que era alta, e tinha de contorcer-se um pouco para poder atirar para os lados.

Vários minutos foram gastos, nervosamente, à espera, do lado de fora. Cumpria aguardar que o calor diminuísse antes de entrar. Pois o calor era ainda tanto que tinham de andar com cuidado para não esbarrarem nas caixas de metal ou nas paredes, quentes como as de um forno.

O próprio depósito era uma ruína. O que o alienígena começara o lança-chamas acabara. Longas marcas negras podiam ser vistas zebrando as paredes, prova da potência concentrada do incinerador. O fedor de componentes de alimentos artificiais reduzidos a carvão, misturado ao dos invólucros plásticos queimados, era insuportável naquele espaço confinado. Mas nem tudo fora destruído. Intocadas pelas chamas havia por toda parte, evidências da ação do intruso. Pacotes de comida de toda espécie espalhavam-se pelo chão, abertos de maneiras nunca sonhadas pelos seus fabricantes.

Latas de metal sólido, que ainda se chamavam latas apenas por tradição, haviam sido descascadas como frutos. Ao que podiam ver, o alienígena fizera a maior parte da destruição. Pouco deixara para o lança-chamas.

De armas prontas, remexeram nos destroços. A fumaça era intensa e acre. Queimava-lhes os olhos. Mas a inspeção detalhada de todas as pilhas de suprimentos arruinados não produziu a descoberta. Desde que toda a comida usada no Nostromo era artificial e homogênea em sua composição, os ossos que encontrassem pertenceriam necessariamente ao alienígena. Mas a coisa mais próxima de ossos que acharam eram reforços de engradados e caixotes.

Ripley e Lambert quase se encostaram para descansar numa parede ardente. Lembraram-se em tempo, porém.

— Falhamos — disse a oficial de segurança.

— Então onde, diabo, está ele?

— Lá — disse Dallas.

Todos se voltaram para ele, que estava junto da parede enegrecida, atrás de uma pilha de plástico preto derretido. Com o lança-chamas, apontava para a parede.

— Foi por ali que fugiu.

Aproximando-se, Ripley e os outros viram o que o corpo de Dallas tinha ocultado: a esperada abertura do ventilador. A grade protetora que normalmente obstruía a entrada estava em pedaços no chão.

— É tempo de parar um pouco.

— O que está dizendo? — falou Lambert.

— Que isto poderia terminar o trabalho para nós. Esse duto comunica com a principal comporta de ar. Há só uma outra saída bastante grande no caminho da criatura, e nós podemos cobri-la. Então, o obrigamos a entrar na comporta e dali ela será atirada no espaço.

— Hum — disse Lambert, num tom que mostrava todo seu ceticismo. — Nada mais fácil, não é? Você terá apenas de entrar de gatinhas atrás dela, não errar o caminho nesse labirinto até encontrá-la face a face. Ai é só rezar para que a fera tenha medo de fogo.

O sorriso de Dallas ficou amarelo.

— A adição do elemento humano parece matar a simplicidade do plano, não? Mas deve funcionar. O alienígena tem medo de fogo. E essa é a nossa grande oportunidade. Desse modo, não temos de encurralá-lo e esperar que as chamas o destruam a tempo. Ele pode usar uma tática de retiradas estratégicas... mas só até a última comporta, a da destruição.

— Tudo muito bonito — concordou Lambert. — O problema é: quem irá atrás dele?

Dallas correu os olhos pelo grupo à espera de um voluntário. Quem se apresentaria para o fatal brinquedo de pegador? Ash era, de todos, o único com nervos de aço, mas Dallas não confiava nele. Além disso, o projeto em curso - descobrir um nulificador para o ácido da criatura — desclassificava-o como caçador n.° 1.

Lambert fazia-se de valente, mas perderia a cabeça, com certeza, numa prova daquelas, e mais depressa do que os outros. Quanto a Ripley, seria magnífica, mas só até o momento da confrontação. Não estava certo se ficaria petrificada ou não. Mas, e se ficasse? Não podia arriscar a vida dela. Quanto a Parker, ele sempre pretendia ser um duro... É verdade que nunca parava de reclamar. Mas executava, se preciso, qualquer trabalho pesado; e exatamente no prazo que lhe dessem. Por exemplo, os tubos de choque e, agora, os lança-chamas. Além disso, fora seu amigo que o alienígena levara. E ele conhecia os cacoetes dos lança-chamas melhor do que ninguém.

— Bom, Parker, você sempre desejou participação total e bônus de fim de viagem...

— Sim. E daí?...

— Entre no cano.

— Por que eu?

Dallas pensou em dar-lhe as várias razões. Mas decidiu simplificar a história.

— Quero que faça jus à sua cota, só isso.

Parker deu um passo atrás.

— Não adianta. Pode ficar com a minha cota. Pode ficar com o meu salário se quiser, todo ele. Meu salário desta viagem — e mostrando a boca do cano: — Eu não entro naquilo.

— Vou eu, então — disse Ripley.

Dallas encarou-a: ela acabaria por apresentar-se como voluntária, mais cedo ou mais tarde. Mulher estranha. Sempre a subestimara. Todos, aliás.

— Esqueça.

— Por que não?

— Isso mesmo, por que não? — perguntou Parker irritado. — Se ela está pronta para ir, por que não deixar que vá?

— A decisão é minha — explicou Dallas, tenso. Depois encarou a mulher, que tinha uma expressão de ressentimento e embaraço. Ela não entendia por que a tinha recusado. Bem, não fazia mal. Um dia, ele explicaria. Se pudesse explicá-lo primeiro a si mesmo.

— Bom — disse. — Você guarda a saída de ventilação. Ash, você me mantém aqui, e cobre esta saída, para a eventualidade de que ele fique de algum modo atrás de mim, ou passe através de mim. Parker e Lambert cobrem a saída lateral de que eu já falei.

Todos o olhavam com diferentes nuanças da mesma compreensão. Não havia dúvida sobre quem entraria no encanamento.

Ofegante, Ripley alcançou sua posição, no vestíbulo, junto à comporta de boreste. Um olhar de relance ao seu rastreador mostrou que não havia movimento na área. Apertou um botão vermelho na vizinhança. Um zumbido suave encheu aquela área do corredor e a porta maciça deslizou para o lado.

Quando estava completamente aberta e o zumbido cessara, a moça ligou seu intercomunicador.

— Comporta de estibordo pronta.

Parker e Lambert alcançaram a seção do corredor especificada por Dallas e se detiveram. A boca do ventilador, com sua grade, ficava no terço superior da parede:

— É por onde ele sairá, se tentar este caminho — observou Parker. Lambert assentiu, e foi até o mais próximo pick-up embutido para informar que estavam em posição.

De volta ao depósito de mantimentos, Dallas ouviu com atenção o aviso de Lambert, que se seguiu ao de Ripley. Fez uma ou duas perguntas, acusou recebimento das respostas, e desligou. Ash deu-lhe o lança-chamas. Dallas ajustou o bocal da arma e deu duas rajadas curtas, como ensaio.

— Funciona. Parker é melhor para coisas de mecânica aplicada do que ele pensa — e como Ash tinha uma expressão curiosa: — O que foi?

— Você tomou sua decisão. Não cabe a mim comentá-la.

— Você é o meu oficial de ciência. Vamos, comente.

— Isso nada tem a ver com ciência.

— Não temos tempo para casuísmos. Diga o que quer dizer.

Ash olhava-o genuinamente intrigado.

— Por que vai você? Por que não Ripley? Ela estava disposta e tem competência bastante.

— Eu não devia ter jamais sugerido outra pessoa — conferia o nível do fluido no lança-chamas. — Foi um erro pedir voluntários. A responsabilidade é minha. Deixei que Kane investigasse a nave alienígena. Agora cabe a mim isto. Já deleguei bastante risco aos outros sem correr nenhum eu mesmo. Era tempo que o fizesse.

— Você é o capitão — disse Ash. — Tem de ser prático e não heróico. Fez bem em mandar Kane. Por que mudar agora?

Dallas sorriu-lhe. Não tinha muitas oportunidades de apanhar Ash em contradição.

— Você não pode falar em protocolo. Você abriu a porta e nos fez entrar, lembra-

se?

O oficial de ciência não respondeu.

— Então não me venha a dar lições sobre o que é próprio ou impróprio.

— Será pior para nós se perdermos você. Sobretudo agora.

— Você acabou de dizer que Ripley é competente. Eu concordo. Ela é a primeira, na linha de sucessão. Se eu não voltar, não há coisa que saiba fazer que ela não saiba.

— Discordo.

Estavam perdendo tempo. Não se podia saber por onde andaria a criatura. Dallas estava cansado de discutir.

— Chega. A decisão é minha, está tomada, acabou-se — virou-se, pôs o pé direito dentro do cano, fez deslizar o lança-chamas à frente, cuidando para que não escorregasse. Havia um leve declive.

— Não — disse —, assim não vai. O espaço não é bastante para andar de gatinhas. Terei de rastejar — retirou a perna, passou a cabeça e, sacudindo-se, conseguiu meter o corpo todo. Havia menos espaço do que pensara. Como um ser do tamanho do que Parker e Ripley diziam ter visto, pudera enfiar-se por ali, não podia imaginar. Bem, talvez o duto até ficasse ainda mais estreito. Nesse caso, o alienígena, na ânsia de fugir, entalara-se. O que faria tudo infinitamente mais simples.

— Como vai indo?

— Não muito bem — respondeu a Ash. E sua voz reverberou em torno dele. Com esforço conseguiu firmar os cotovelos e colocar-se na posição militar de rastejar.

— É amplo o bastante para que a gente possa sentir-se bem desconfortável...

Acendeu seu bastão luminescente e teve alguma dificuldade em achar e ajustar o microfone que tinha prendido à gola do uniforme. A luz mostrava o espaço à frente, liso, igual, descendo um pouco. Sabia que esse declive seria mais sensível depois, antes de emergir por detrás da criatura na comporta de estibordo.

— Ripley, Parker, Lambert, vocês podem captar minha emissão? Estou nos dutos agora, e descendo.

Embaixo, Lambert falou no comunicador da parede:

— Podemos ouvir. Lambert aqui. Tentarei acompanhá-lo com o nosso rastreador, desde que entre no raio de ação dele.

Ao lado, Parker levantou o lança-chamas e olhou com raiva para a grade de ventilação.

— Parker — disse Dallas —, se ele tentar sair por aí, mande-o de volta. Eu o empurrarei daqui.

— Muito bem.

— Prontos aqui na comporta. A porta está aberta e à espera de companhia.

— Pois a companhia está a caminho — disse Dallas.

E começou a rastejar, de olhos no túnel à frente e mão no controle do incinerador. O duto tinha, naquela seção, menos de um metro de diâmetro. O metal lhe arranhava os joelhos e ele lamentou não ter posto um segundo macacão. Tarde demais para isso agora, pensou. Todo mundo está pronto, impossível recuar.

— Que tal? — perguntou uma voz no seu microfone.

— OK, Ash — informou ao aflito oficial de ciência.

— Não se preocupe comigo. Mantenha os olhos naquela abertura, caso ele me escape de algum modo.

Dobrou sem incidentes sua primeira esquina, lutando para não perder a orientação, para saber onde estava no labirinto do sistema de ventilação da nave. Já a planta que estudara, parecia-lhe vaga e confusa na memória. Os ventiladores não estavam entre as partes importantes do Nostromo e não adiantava lamentar-se por não haver estudado minuciosamente sua rede. Havia outras bifurcações à frente. Deteve-se com a respiração difícil, e levantou a boca do lança-chamas. Nada indicava que houvesse algo de tocaia naquelas encruzilhadas, mas não custava ter cuidado. O nível do fluido era bom, o lança-chamas estava praticamente cheio. E não fazia mal nenhum anunciar à criatura quão perto ele se encontrava na sua esteira. Talvez isso a empurrasse à frente, sem que fosse preciso enfrentá-la.

Um toque no botão vermelho e o tubo cuspiu chama pelo cano abaixo. O rugido da labareda foi alto, naquele espaço apertado, e o calor voltou um pouco, machucando-lhe a pele. Foi em frente, embora o metal agora estivesse quente. Bastava não tocá-lo com as mãos sem luvas. O calor penetrava porém mesmo através do pano grosso das calças. Mas tão nervoso estava, tão tenso, que mal o sentia. Buscava perceber à frente os movimentos ou o cheiro do alienígena.

Na área de equipamento, Lambert observava com atenção a grade do ventilador. Ela moveu um controle na parede e o painel deslizou com um zumbido, deixando apenas um grande orifício negro no alto da parede.

— Você ficou louca? — perguntou Parker.

— Ele tem de sair por aqui, se abandonar o encanamento principal — explicou Lambert. — Será melhor deixá-la aberta. É muito escuro atrás da grade. Prefiro saber se alguma coisa vem vindo.

Parker pensou em discutir com ela, mas decidiu que seria melhor poupar energia, reservando-a para a guarda do buraco, com ou sem grade. De qualquer maneira, Lambert era mais graduada do que ele.

Dallas se detinha a cada momento para remover as gotas de suor que o cegavam. Mas elas voltavam, com a tenacidade de formigas. O sal lhe queimava os olhos, impedia-o de ver. À frente, o duto descia a pique. Ele antecipara isso, lembrando-se da planta. Mas o fato de ver confirmada sua previsão deu-lhe pouco prazer. Tinha, agora, de prestar ainda mais atenção. Não bastava vigiar o caminho, havia que cuidar também da velocidade e do equilíbrio.

Arrastando-se até a borda do declive, apontou para baixo o lança-chamas e soltou uma pequena rajada flamejante. Não houve urro nem o duto se encheu do odor de carne queimada. A criatura estaria ainda longe. Pensou se não estaria a rastejar, furiosa, ou temerosa mesmo, no rumo da saída. Talvez, porém, esperasse por ele, talvez se voltasse para enfrentá-lo, com recursos de defesa que lhe eram impossíveis de conceber.

Era quente, ali dentro, e ele começava a cansar-se. Havia outra possibilidade, pensou: e se a criatura houvesse descoberto outro caminho? Nesse caso teria feito toda essa tensa, agoniada perseguição em pura perda. Mas só havia um modo de sabê-lo: prosseguir. E iniciou a descida, de cabeça, com o lança-chamas em posição, para a frente, e tão bem equilibrado quanto possível naquelas aperturas.

Foi Lambert quem primeiro notou o movimento da agulha no rastreador. Teve um minuto de nervosismo até que um cálculo apressado confirmasse a leitura com uma quantidade conhecida.

—Começo a receber uma leitura que lhe diz respeito — informou a Dallas.

O duto fazia outro ângulo agudo. Não se lembrava de que houvesse tantos desvios e inclinações bruscas, mas estava seguro de encontrar-se ainda no tronco principal do sistema. Não passara ainda por um só túnel secundário que fosse bastante amplo para admitir bicho maior do que Jones, o gato.

A despeito de sua já demonstrada aptidão para enfiar- se em espaços exíguos, Dallas não acreditava que o alienígena fosse capaz de comprimir sua própria massa a ponto de caber num duto menor de ventilação, que tinha, quando muito, doze centímetros de diâmetro. A esquina à frente foi mais difícil de vencer do que as anteriores. A barra do lança-chamas era dura e inflexível, o que não facilitava as coisas. Ofegante, deixou-se ficar de bruços, considerando como devia prosseguir.

— Ripley.

Ela deu um salto ao ouvi-lo, tão cortante e abrupta era a voz dele.

— Sim, Dallas, estou aqui. Posso ouvi-lo perfeitamente. Algum problema? Você parece... — não terminou. Como poderia Dallas estar calmo ou falar com calma nas circunstâncias?

— Estou OK — disse ele. — Apenas cansado. Em mau estado físico. Muitas semanas em hipersono. Perde-se o tônus muscular, malgrado todo o bem que os congeladores façam à gente.

Contorceu-se um pouco até conseguir uma visão melhor do caminho à frente. Dessa nova posição, disse:

— Não creio que este duto vá muito adiante. Está ficando terrivelmente quente aqui — o que era de esperar, disse consigo. O efeito cumulativo dos vários disparos do lança-chamas acabaria por afetar a capacidade de resfriamento interno dos termostatos do sistema.

— Prosseguindo agora. Fique alerta. Desligo.

Qualquer observador poderia ter lido um grande alívio no rosto de Dallas quando ele emergiu, por fim, do apertado túnel. Abria num dos grandes túneis dos condutos de ar do Nostromo, que tinham dois níveis separados por uma passarela. Dallas deixou-se escorregar do tubo por onde viera para o passadiço, e ali distendeu os músculos com satisfação. Uma inspeção da passagem nada revelou. O único som que pôde ouvir foi o pulsar paciente da maquinaria da nave. Havia uma junção a meio caminho e ele caminhou até lá, repetindo a

inspeção. Nada. Tanto quanto conseguia ver, a ampla câmara estava deserta.

Nada podia apanhá-lo de surpresa ali, enquanto se mantivesse de pé no centro da peça. Seria um bom lugar para descansar alguns minutos. E precisava disso. Sentou-se, então, examinando sem grande atenção o nível inferior, que podia ver perfeitamente. E falou no microfone preso à sua gola:

— Lambert, que espécie de leitura você recebe agora? Estou em uma das câmaras misturadoras centrais, na estação compensadora do meio. Não há nada aqui além de mim. A navegadora consultou seu rastreador e ficou intrigada. Olhou com susto para Parker. E botou-lhe o instrumento debaixo do nariz:

— Isso faz algum sentido para você?

Parker estudou agulha e leitura.

— Não. Esse brinquedo não é meu, é de Ash. Mas que está confuso, está!

— Lambert? — Era Dallas de novo.

— Ouça. Não tenho certeza, mas estou recebendo um sinal duplo — por mais que sacudisse o rastreador, a leitura era a mesma, tão incompreensível quanto antes.

— Não pode ser. Você recebe dois sinais, separados e distintos, de mim?

— Não. Só um, mas impossível.

— Pode haver interferência — disse ele. — O ar sopra forte por aqui e seria capaz de confundir até um aparelho mais bem feito do que esse, um de medir a densidade atmosférica. Vou continuar. Talvez o sinal fique mais claro, se me deslocar.

Ergueu-se, sem ver a grande mão armada em garra que se levantava devagar do nível inferior por uma das aberturas da passarela metálica. Tirou o pé esquerdo um segundo antes que ela o pegasse. E a mão se recolheu, tão silenciosamente como tinha aparecido.

Dallas andou até o meio da câmara e parou.

— Melhor, Lambert? Caminhei um pouco. O registro clareou?

— É claro, Dallas, mas ainda é duplo. São dois sinais distintos. Não posso saber qual é o seu.

Dallas fez meia volta e seus olhos varreram o túnel, teto, piso, muros, e o grande duto por onde viera. Só então olhou para baixo e seu olhar caiu no lugar onde

estivera sentado até há pouco. Baixou então o nariz do lança-chamas. Se era ele o sinal da frente, tendo andado pelo passadiço, então a causa do duplo sinal só podia ser...

Nesse momento, em que começava a apertar o botão do incinerador, a mão surgiu à sua retaguarda e estendeu-se para seu tornozelo.

Ripley estava sozinha junto à boca aberta do grande dueto de ventilação. Observava-o pensando na comporta próxima, cujas 'mandíbulas' esperavam o intruso. Percebia agora um som indistinto, remoto, como de campainhas. Primeiro pensou que fosse dentro da própria cabeça, onde muito som esquisito se vinha originando ultimamente. Mas depois ouviu-o, repetido e mais alto, seguido de eco também. Parecia provir do interior do sistema. Suas mãos se apertaram no disparador do lança-chamas.

O ruído cessou. Imprudentemente, ela se aproximou do orifício, embora de lança-chamas apontado.

Ouviu, então, um som identificável. Um grito lancinante. E reconheceu a voz.

Esquecendo, então, todos os planos, tudo que lhe cumpria fazer, correu até a boca do cano.

—Dallas! Dallas!

Não houve outros gritos depois do primeiro. Só um ruído macio, de feltro, longínquo, que logo desapareceu lá dentro. Conferiu o rastreador. Mostrava um sinal apenas. A cor vermelha começava a apagar-se também, como se apagara aquele grito.

— Oh, meu Deus! Parker, Lambert! — correu para o pick-up e berrou na sua grade.

— Sim, Ripley. Aqui, Lambert. O que houve? Acabo de perder meu sinal.

Ela quis responder, mas a voz lhe faltou. E deixou que morresse na garganta o que tinha querido dizer. Lembrou-se das suas novas responsabilidades e endireitou-se, embora não houvesse ali ninguém para vê-la.

— Perdemos Dallas…

-12-

Os quatro membros sobreviventes da tripulação do Nostromo reuniram-se no cassino, que já não era confinante ou apertado. Adquirira uma largueza que eles sentiam com horror e lembrava-lhes coisas que queriam esquecer. Parker, que segurava dois lança-chamas, pôs um deles, com deferência, sobre a mesa nua.

— Onde estava? — perguntou Ripley, tristemente.

— No chão da câmara misturadora, debaixo da passarela — disse o engenheiro mecanicamente. — Nenhum sinal dele. Nenhum sangue. Nada.

— E o alienígena?

— Mesma coisa. Quer dizer, nada. Só um grande buraco, aberto através do complexo central da ventilação. No metal. Não sabia que ele tinha essa força.

— Nenhum de nós sabia. Dallas também não. Temos estado sempre um passo atrás dessa criatura desde que primeiro trouxemos sua primeira fase, a maniforme, para bordo desta nave. Isso tem de mudar. De agora em diante vamos supor que o alienígena seja capaz de tudo, inclusive invisibilidade.

— Nenhuma criatura conhecida é naturalmente invisível — ponderou Ash.

Ela o fulminou com os olhos.

— Nenhuma criatura conhecida pode rasgar placas metálicas de três centímetros de espessura como se fossem de papel — disse. E não houve resposta. — Cumpre que nos conscientizemos do que temos pela frente.

O silêncio na sala era total.

— Ripley, o que aconteceu lhe dá o comando — disse Parker. — No que me diz respeito, tudo bem.

— Obrigada — Ripley olhou-o mas não viu sarcasmo nele. Nem nas palavras, nem na atitude.

— E agora, Ripley? — perguntou ela a si mesma, três rostos encaravam-na, na expectativa. Pediam instruções. Ela revolveu a própria mente, desejando ser brilhante e eficaz, decisiva. E só encontrou incerteza, temor e perplexidade. Precisamente o que seus colegas estariam sentindo. Compreendia Dallas, agora. Agora, quando já não tinha importância.

— Está decidido, então. Salvo melhor juízo, o plano é o mesmo, e a ordem do

dia é executá-lo.

— Para acabar da mesma maneira? — disse Lambert. — Não, obrigada.

— Você tem outra idéia melhor, é isso?

— Sim. Abandonar a nave. Tomar o módulo de salvamento e cair fora. Será um risco. Podemos não conseguir entrar na órbita da Terra. Mas podemos também ser apanhados por outra nave. Uma vez numa rota de grande movimento, alguém captará nosso S.O.S.

Ash interveio. Lambert obrigava-o a isso embora o que tinha para dizer lhe custasse. Falou com calma:

— Você esquece alguma coisa. Dallas e Brett talvez não estejam mortos. É uma possibilidade que abre perspectivas terríveis. Mas não temos certeza. Não podemos abandonar a nave antes de saber positivamente se estão vivos ou mortos.

— Ash tem razão — disse Ripley. — Temos de tentar mais uma vez. Sabemos que o alienígena usa o sistema de ar e ventilação. Vamos atacá-lo nível por nível. Desta vez, à medida que avançarmos, selamos a laser cada abertura, escada ou passagem à retaguarda até que ele esteja encurralado.

— Voto com você — disse Parker, olhando para Lambert. Ela mantinha os olhos baixos e não disse nada.

— Como estão as armas? — perguntou Ripley.

O engenheiro levou algum tempo verificando níveis de combustível e linhas de alimentação.

— Bocais, linhas de alimentação, tudo funciona. Tudo limpo — e mostrando o incinerador de Dallas: — Aquele podia ser carregado de novo. Boa parte do combustível foi usada.

— Então, por favor, providencie algum. Vamos enchê-lo. E você, Ash, vai com ele.

Parker olhou com expressão indecifrável para o oficial de ciência.

— Eu me arranjo sozinho.

Ash fez que sim, de cabeça.

O engenheiro apanhou sua própria arma, deu meia volta e se foi.

O resto deles ficou em volta da mesa. Estavam todos tristes e calados. Incapaz de

suportar o silêncio, Ripley perguntou ao oficial de ciência.

— Alguma idéia nova? Sugestões, palpites? Contribuição sua ou da Mãe.

Ele alçou os ombros:

— Nada. Ainda pingando dados.

Ela o olhou firme.

— Não posso crer. Você está querendo me dizer que, com tudo o que temos armazenado nesta nave em matéria de conhecimento, não se acha nada melhor para combater essa coisa?

— Pois é o que parece, não? Lembre-se de que não se trata de uma fera catalogada, previsível. Você mesma disse que ela é capaz de tudo.

— Sim. Tem sua própria munição mental, pelo menos alguma, pelo menos tanto quanto um cão. Provavelmente mais que um chimpanzé. Também já demonstrou sua capacidade de aprender. Era completamente estranha ao Nostromo e, no entanto, sabe agora como andar pela nave sem ser descoberta. É ágil, forte e astuta. Um predador como nunca encontramos antes. Não é por isso tão surpreendente assim que nossos esforços para dominá-la tenham falhado.

— Você me dá a impressão de querer desistir.

— Estou apenas pondo em palavras o óbvio.

— Esta é uma nave moderna, bem equipada, projetada para viajar pelo hiperespaço e para executar uma variedade de tarefas de alta complexidade. Você não vai querer me convencer que todos os recursos dela são inadequados para enfrentar um animal isolado, mesmo um animal como esse.

— Lamento, capitão. Disse-lhe apenas, honestamente, como vejo as coisas. Desejar que sejam diferentes não vai alterar a situação. Um homem com um revólver pode caçar um tigre de dia com alguma possibilidade de êxito. Mas elimine-se a luz, ponha-se o homem à noite na floresta, envolto pelo desconhecido, e todos os seus pavores ancestrais retornarão. A vantagem será do tigre. Operamos, aqui, no escuro. Ignoramos tudo sobre a nossa fera.

— Muito poético, mas não muito útil.

— Desculpe — não parecia importar-se.

— Pois, Ash, tente modificar alguns desses 'fatos' que você parece considerar tão positivos. Vá ter com a Mãe de novo — ordenou ela — e interrogue-a até que nos dê respostas mais aceitáveis.

— Muito bem, posso tentar. Embora não saiba muito bem o que você espera. A Mãe é incapaz de encobrir informações.

— Experimente diferentes questões. Não sei se estará lembrado, mas eu tive sucesso operando através do ECIU. Sabe? O pedido de 'socorro'...

— Sim, eu me lembro — Ash olhou-a com respeito. — Talvez você tenha razão — e saiu.

Lambert sentara-se. Ripley foi sentar-se ao lado dela.

— Agüente firme. Você sabe que Dallas teria feito o mesmo por nós. Ele jamais abandonaria a nave sem estar certo da nossa morte.

Lambert não se deixou aplacar.

— Tudo o que sei é que você quer que fiquemos até sermos comidos um por um.

— Eu lhe prometo que não será assim. Se parecer que não há modo de vencê-lo, serei a primeira a determinar que saiam daqui depressa.

Uma idéia lhe ocorreu nesse momento. Deslocada, embora, e peculiar também, tinha inexplicável relevância em relação ao problema que os ocupava. Ela olhou para Lambert. Sua companheira devia responder-lhe a verdade, senão a questão não teria sentido. Sentia difusamente que, apesar de difícil em muitas coisas, nisso podia confiar em Lambert. Podia confiar na sua resposta.

É claro que uma resposta, positiva ou negativa, não bastava para decidir a questão. Mas não podia deixar que essa pequena bolha de idéia tomasse vulto dentro dela, ou em breve ocuparia obsessivamente toda sua mente. Tinha de saber e livrar-se disso:

— Lambert, você alguma vez dormiu com Ash?

— Não — fora uma resposta imediata, que não deixava lugar para hesitação ou subterfúgio. — E você?

— Não — as duas se calaram até que Lambert acrescentou, espontaneamente: — Nunca tive a impressão de que ele estivesse particularmente interessado.

Era o fim do tópico, no que dizia respeito à navegadora. E era quase o fim, também, no que dizia respeito a Ripley. Não sabia explicar por que continuava a remoer o assunto. Mas o fato é que ele não lhe saiu da cabeça e continuou a atormentá-la sem que pudesse explicar a si mesma por que infernal razão.

Parker verificou o nível do primeiro cilindro de metano e assegurou-se de que a garrafa de gás altamente comprimido estava cheia. Fez o mesmo com o segundo, que estava encostado junto dele. Depois, pegou os dois, um em cada mão, e foi com eles escada acima. O deque B estava deserto, e ele se sentiu abandonado. Quanto mais depressa se juntasse aos outros, melhor. Na verdade, lamentava não ter deixado que Ash o acompanhasse. Fora um idiota em ir correndo sozinho encher os cilindros. Todas as vítimas do alienígena tinham estado sozinhas. Arriscou uma pequena corrida a despeito do grande peso das garrafas.

Dobrou assim, em passo acelerado, uma esquina do corredor, e parou assustado, derrubando, quase, um dos recipientes. À sua frente estava justamente o conduto principal de ventilação. E além dele, mas não muito além, alguma coisa se mexera. Mas teria mesmo visto isso? Todo mundo andava imaginando coisas, ele piscou algumas vezes, a ver se clareava vista e mente.

Já se dispunha a prosseguir quando o movimento foi repetido. Havia uma sugestão de volume e de massa. Vaga, mas perceptível. Olhando em torno deu com um dos intercomunicadores de parede. Ripley e Lambert estariam ainda na ponte.

Ele girou o comutador ao pé da grade.

— Aqui Ripley.

— Fale baixo! — cochichou ele, aflito. À frente, o movimento cessara. Teria a criatura ouvido-a?

— Posso ouvi-lo — disse Ripley, trocando com Lambert um olhar intrigado. Lambert não tinha expressão, mas, quando falou de novo, foi também num sussurro, como ele pedira: — Repita... Por que essa precaução?

— O alienígena — disse Parker, sempre em voz baixa. Não ousava falar alto: — Está do lado de fora da comporta de estibordo. Sim, agora. Abra a porta devagar. E quando eu disser, feche-a depressa e abra a outra.

— Você tem certeza de que...

Ele cortou o que ela ia dizer.

— Já lhe disse, está aqui. Faça o que pedi... — e, depois de obrigar-se a falar com calma: — Agora, abra a porta. Devagar.

Ripley hesitou, começou a dizer algo, depois viu que Lambert assentia de cabeça com vigor. Se Parker estivesse errado, nada tinham a perder, salvo uma

quantidade mínima de ar. Mas, se ele soubesse o que fazia, então... Ela moveu a chave.

Embaixo, Parker tentava colar-se à parede, quando soou uma espécie de gemido e a porta da comporta interna moveu-se para o lado. A criatura saiu da sombra e avançou para ela. Várias luzes apagavam-se e acendiam lá dentro. Uma era de um belo verde-esmeralda, a mais brilhante. O alienígena contemplou-a com interesse e chegou até o limiar da comporta.

— Vamos, vamos — urgia o engenheiro. — Olhe para a bela luz verde. Isso. Não gostaria de ter a luz verde para você? Claro que gostaria. Pois entre, só isso, entre e ela será sua para sempre. São dois passos mais, dois só. Meu Deus, dois passos apenas.

Fascinado pelo indicador que pulsava hipnoticamente, o alienígena entrou na câmara. Estava agora dentro dela. Mas por quanto tempo? Quem poderia dizer quando se aborreceria daquilo, quando teria suspeitas?

— Agora — disse Parker. — Agora!

Ripley preparava-se para fechar a porta. Sua mão já estava a meio caminho da alavanca quando a sirene de emergência do Nostromo soou.

Atenção, queria dizer o apito.

Ela e Lambert ficaram petrificadas. Uma olhou para a outra e cada uma viu apenas o seu próprio choque espelhado no rosto da companheira. Ripley moveu a alavanca.

O alienígena ouvira a sirene também. Contraindo os músculos, saltou para trás, cruzando a soleira de um salto. Fora um salto inacreditável e por um segundo ele teria escapado inteiramente, mas a porta, ao fechar-se, pegou um dos seus membros e esmagou-o. O alienígena soltou um ronco que era rugido e berro ao mesmo tempo. Parecia vir do fundo d'água. Um jorro de fluido surgiu, fervilhando, da ferida. A criatura se livrou, deixando o membro que fora apanhado nas mandíbulas do metal. Depois fugiu correndo-, cego de dor. Ao passar pelo engenheiro, que apenas entreviu, levantou-o no ar, lançou-o longe e se foi, desaparecendo na primeira volta do corredor.

Por cima da cabeça de Parker, que jazia embolado no chão, uma outra luz verde se acendera e piscava, iluminando as palavras PORTA INTERNA FECHADA.

Mas o metal da comporta hermética fervia e derretia-se agora, e a porta externa se abriu. Uma lufada de ar congelado apareceu do lado de fora e o ar que a câmara continha foi sugado para o espaço.

— Parker? — dizia Ripley, aflita no intercomunicador. Pôs- se a apertar botões e a torcer interruptores. Tudo em vão. Uma luz verde, porém, não parava de piscar em seu console.

— O que houve? Deu certo?

— Não tenho certeza. A porta interna está selada e a de fora se abriu.

— Então? Deve ter funcionado. Onde está Parker?

— Não sei. Não obtenho resposta dele. Se tivesse dado certo, Parker estaria a cantar vitória em todos os intercomunicadores. Vou até lá — decidiu e correu para o convés B.

Quase caiu por duas vezes. Da primeira, tropeçou numa saliência do chão e quase perdeu os sentidos. De algum modo, conseguiu reequilibrar-se e prosseguir cambaleando. Não era o alienígena que a preocupava, mas Parker, um ser humano.

Desceu as escadas de quatro em quatro, precipitou- se para o corredor B, correu à comporta. Estava vazia, exceto por uma forma estendida, atravessada no corredor: Parker.

Curvou-se para ele. Estava tonto, mas vivo, semiconsciente.

— O que foi? Você tem um aspecto horrível. A criatura...

O engenheiro tentava formar palavras inteligíveis, acabou tendo de gesticular, vagamente, apontando a comporta. Ripley calou-se e, olhando para a direção que ele Mostrava, viu o trágico buraco na comporta. A outra, externa, ainda estava aberta e, ao que parecia, depois de ter dado saída ao monstro.

Então o ácido varou o metal.

Houve uma explosão surda do ar que saía, e um pequeno furacão os envolveu.

O ar assobiava ao sair chupado pelo vácuo. E um sinal vermelho de alerta surgiu simultaneamente em vários recessos das paredes do corredor:

DESPRESSURIZAÇÃO PERIGOSA.

A sirene soou de novo, mais peremptória ainda, mais histérica — e com maior

razão. Portas de emergência se fecharam automaticamente por toda a nave, a começar com as da seção arrombada. Parker e Ripley deveriam estar em segurança, selados numa porção hermética do corredor... exceto por uma coisa: a porta que os isolaria do vestíbulo da comporta apanhara um dos lança-chamas que jaziam por terra e ficara aberta.

O vento puxava Ripley, e ela buscava algo com que pudesse lutar contra ele, agüentar-se. Havia só o tanque remanescente. Levantou-o no ar tentando martelar com ele o outro cilindro, que obstruía a porta. Se um dos dois se partisse, o conteúdo seria derramado com terríveis conseqüências.

Mas, se ela não tentasse, a despressurização os mataria da mesma maneira.

A falta de ar já a enfraquecia. O sangue começou a sair pelo seu nariz e ouvidos.

A queda de pressão fazia também que os ferimentos de Parker começassem a sangrar outra vez.

Ela bateu pela última vez no cilindro que obstruía a porta, e ele pulou fora com a facilidade de um bebê que nasce. A porta, livre, bateu, e o uivo do vento se esvaiu ao longe. Mas o ar revolto continuou a girar em remoinho por vários minutos ainda.

Da ponte, Lambert vira as ameaçadoras leituras aparecerem no seu console:

QUILHA PERFURADA.
ESCUDOS E ANTEPAROS DE EMERGÊNCIA FECHADOS.

— Ash, providencie algum oxigênio. Encontre-me junto da comporta principal, na última das portas seladas.

— Entendido. Estou indo para lá.

Ripley conseguiu levantar-se vacilante. Lutava para respirar, no corredor quase esvaziado, praticamente sem atmosfera. Encaminhou-se para o cilindro de emergência. Havia um em cada seção dos corredores. Havia também um botão, que abria a porta, não a última, que fechara com tanta dificuldade, mas a penúltima, atrás da qual havia outra seção selada — e ar fresco.

Só no último instante percebeu com horror que se encaminhara para a outra direção e que a porta era a do vestíbulo arrombado e não a do corredor B! Virou-lhe as costas, procurou firmar-se, concentrar os pensamentos, e arrastou-se no rumo certo.

Levou ainda vários preciosos minutos a localizar o botão salvador. Os pensamentos que lhe passavam pelo cérebro eram ainda soltos e esgarçados, fugidios e sem consistência. Quebravam-se como óleo em cima d'água. O ar que lhe restava enevoava-se, ficava turvo, cheirava funereamente a rosas e lilases.

Achou o botão, apertou-o com força. A porta não se moveu. Então viu que comprimira um controle falso. Encostando-se contra o metal frio, tentando infundir alguma vida nas pernas que já não sentia, que se tinham tornado de borracha, procurou reunir energias para tentar de novo. Mas não havia muito ar de resto que pudesse usar...

Então um rosto surgiu na janela envidraçada, encaixada na porta. Distorcido, inchado mas familiar de certo modo. Parecia conhecê-lo de alguma outra vida, já remota. Alguém que se chamara Lambert tinha usado aquele rosto um dia. Estava cansada demais para pensar, e escorregou docemente para o chão.

Quando a superfície a que se apoiava faltou-lhe, teve um último pensamento, de raiva. Mas a porta desapareceu no recesso da parede e ela bateu com a cabeça no piso duro. Um grande sopro de ar puro, refrescante, roçou-lhe a face. A névoa começou a dissipar-se, e ela passou a ver de novo, mas só com os olhos, não com o cérebro ainda desoxigenado.

Uma buzina anunciou a normalização da pressurização interna no momento em que Lambert e Ash a alcançavam. O oficial de ciência correu em socorro de Parker, que desmaiara de novo, falto de ar, e que só aos poucos recobrou a consciência.

Os olhos de Ripley, muito abertos agora, funcionavam, mas o resto do seu corpo continuava desgovernado. Mãos e pés, pernas e braços, espalhavam-se no chão como membros de uma boneca de engonço, magra e não particularmente bem feita. O próprio fôlego vinha ainda em haustos, e dolorosamente.

Lambert depôs junto da amiga um dos tanques que trazia. Colocou a máscara transparente no nariz e boca de Ripley, e abriu a válvula. O capitão inalou. Um maravilhoso perfume encheu-lhe os pulmões. Seus olhos se fecharam, mas dessa vez de prazer. E ela se deixou ficar assim um bom momento, imóvel, a sugar em tragos profundos o oxigênio puro. O único choque para o seu sistema era de deleite.

Finalmente, empurrou com a mão o respirador artificial, e ficou por algum tempo ainda quieta, a respirar normalmente. A pressão fora de fato restaurada. E

as portas que cortavam o corredor em porções herméticas se tinham aberto com a volta da atmosfera habitual. Sabia que a nave fora obrigada a valer-se dos seus tanques de reserva. E esse era o próximo problema que teriam pela frente — pensou.

— Você está bem? — perguntava Ash a Parker. — O que houve, afinal?

Parker removeu uma crosta de sangue coagulado do céu da boca, e tentou espanar as teias de aranha do cérebro.

— Acho que vou viver — disse. 'No momento, ignorava a segunda pergunta do oficial de ciência.

— O que aconteceu com o alienígena? — insistiu o outro.

Parker sacudiu a cabeça várias vezes, gemendo.

— Não o pegamos. A sirene soou, ele saltou para trás e fugiu pelo corredor. Mas a porta apanhou um braço dele ou o que seja. Como chamar essas coisas? O fato é que esse se safou, como se safam os lagartos, quando deixam o rabo para trás.

— E por que não o faria, com a capacidade que tem de regeneração? — perguntou Ash, retoricamente.

O engenheiro prosseguiu seu relato, infundindo às palavras a mesma frustração que sentia:

— Tínhamos o miserável nas mãos. Estava acabado — fez uma pausa. — Mas aí, quando escapou, sangrou por toda parte. O membro sangrou, acho. Espero em Deus que o coto tenha secado, cicatrizado, parado de pingar ácido. Terá sido nossa salvação. Porque o ácido roeu tudo por aqui. Foi ele que causou a despressurização — e apontou com dedo trêmulo para a porta fechada que separava do vestíbulo o resto do corredor.

— Você talvez possa ver daqui, pela escotilha, o rombo da comporta.

— Não importa agora — disse Ash. Depois levantou os olhos, intrigado.

— Mas quem acionou a sirene?

Ripley tinha os olhos nele.

— Explique-o você.

— O que quer dizer?

Ela fungou, removeu sangue do nariz.

— O alarme pode ter disparado automaticamente. Essa seria a explicação lógica não seria? Uma disfunção temporária? Uma infeliz coincidência?

O oficial de ciência levantou-se e olhou-a com as pálpebras quase abaixadas. Ela se certificara de que o cilindro remanescente de metano estava ao alcance da mão, antes de falar. Mas Ash não fez qualquer movimento em sua direção. Ela ainda não o entendia. Se era culpado, devia atacá-la agora, que estava fraca, e Parker pior ainda. Se era inocente, poderia ficar furioso e fazer o mesmo. Mas ele não fazia nada — e isso ela não previra. Pelo menos, porém, as primeiras palavras que proferiu em resposta eram previsíveis. Parecia mais zangado do que de hábito.

— Se você quer dizer alguma coisa, diga-a. Estou ficando farto de insinuações.

— Ninguém o acusa de nada.

— Não acusa? O diabo que não acusa! — e caiu num mutismo emburrado.

Ripley permaneceu calada por muito tempo, depois deu o incidente por encerrado.

— Leve-o para a enfermaria e ponha-o em boas condições outra vez. Pelo menos isso nós sabemos que o médico automático é capaz de fazer.

Ash ajudou o engenheiro a erguer-se, passou o braço direito de Parker pelo seu ombro, e ajudou-o a caminhar pelo corredor. Ash passou por Ripley de olhos baixos, evitando encará-la. Quando ele desapareceu com sua carga na primeira volta, Ripley levantou a mão. Lambert tomou-a, inclinou o corpo para trás e viu, consternada, que a outra não se mantinha de pé, que oscilava. Ripley, no entanto, sorriu, e dispensou apoio.

— Estou bem.

Limpou sumariamente as calças.

— Quanto oxigênio nos custou esse pequeno episódio? Vou precisar de uma leitura exata. Lambert não respondeu, continuou a fitá-la.

— Alguma coisa estranha nisso? — perguntou Ripley. — Por que me olha desse modo? As leituras de oxigênio não são mais de conhecimento público?

— Não se zangue comigo, vamos — disse Lambert, sem nenhum rancor. — Mas você o acusou há pouco. Você o acusou frontalmente de haver acionado o alarme para salvar o alienígena — e abanando a cabeça de incredulidade: — Por quê?

— Porque acho que ele mente. E se eu puder pôr as mãos nas gravações, provo isso.

— Prova o quê? Mesmo que pudesse provar que ele foi culpado pela sirene, não

poderá provar que tenha havido dolo. Que não tenha sido um acidente.

— Curioso acidente, pois não? Estranho momento para esse acidente específico, não diria você? — Ripley calou-se, mas logo depois acrescentou tranqüilamente: — Você ainda pensa que eu esteja enganada, não é?

— Não sei — Lambert parecia mais cansada do que interessada em discutir. — Não sei mais nada. Sim, acho que devo dizer que você está errada. Errada ou louca. Por que iria Ash, ou qualquer pessoa, Ripley, proteger o alienígena? Ao invés de matá-lo, como ele matou Brett e Dallas. Se é que estão mortos.

— Obrigada. Sempre é bom saber com quem se pode contar.

Ripley virou as costas à navegadora e afastou-se deliberadamente rumo à escada.

Lambert acompanhou-a com os olhos, deu de ombros, começou a recolher os cilindros. Tinha tanto cuidado com o metano como com o oxigênio. Ambos eram igualmente vitais à sobrevivência deles...

— Ash? Você está aí? Parker?

Nenhuma resposta. Ripley então entrou cautelosamente no anexo do computador central. Por um tempo indeterminado, tinha agora o cérebro do Nostromo inteiramente a seu serviço.

Sentando-se em frente do console principal, ativou o teclado e apertou o polegar com insistência contra a placa de identificação. As grades de dados piscaram e entraram em ação.

Até agora fora fácil. Mas havia que trabalhar. Pensou por um momento, depois bateu rapidamente um código de cinco dígitos que, a seu ver, geraria a resposta que buscava. As grades continuaram brancas, à espera da questão apropriada.

Ela tentou uma segunda combinação, pouco usada, mas o malogro foi idêntico.

Praguejou de raiva. Se ficasse condenada a tentar combinações a esmo levaria horas no anexo. Até o juízo final. Que, a julgar pelo ritmo com que o alienígena reduzia a tripulação, não devia estar longe.

Tentou uma combinação terciária, ao invés de uma primária, e ficou surpresa quando a grade subitamente limpou pronta a receber e a informar. Mas não imprimiu um pedido de entrada. O que significava que o código fora apenas parcialmente um êxito.

O que fazer?

Lançou um olhar ao teclado secundário. Acessível a qualquer membro da tripulação, não se destinava a informações confidenciais ou de comando. Se conseguisse lembrar-se da combinação poderia usar o segundo teclado para fazer perguntas ao principal banco de memória. Rapidamente, mudou de lugar, usou a chave que esperava fosse a boa e datilografou a primeira pergunta. Restava saber se a chave fora aceita ou não. Se aceita, a resposta apareceria na grade.

Surgiram cores, que se substituíram velozmente umas às outras. Por um segundo. Depois a tela clareou.

QUEM LIGOU O SISTEMA DE ALARME DA COMPORTA 2?

A resposta veio logo abaixo:

ASH.

Ela digeriu aquilo. Era a resposta que esperava, mas vendo-a assim, impressa com todas as letras, friamente, para quem a quisesse ler, foi o que a fez sentir todo o peso da revelação.

ASH PROTEGE O ALIENÍGENA?

A Mãe parecia ter escolhido aquele dia para respostas curtas e ao pé da letra:

SIM.

Ela também podia ser breve. Seus dedos correram pelo teclado:

POR QUÊ?

Perguntou e debruçou-se para a frente, tensa. Se o computador decidisse encerrar suas revelações, não conhecia mais qualquer código que pudesse utilizar. Havia também a possibilidade de que o computador não tivesse explicação para o comportamento bizarro do oficial de ciência. Mas tinha.

ORDEM ESPECIAL 937 INFORMAÇÃO RESTRITA PESSOAL DE CIÊNCIA EXCLUSIVAMENTE.

Bem, tinha conseguido, até aquele passo. Poderia contornar essas restrições. Começava a fazê-lo quando uma mão abateu-se junto à dela, e um braço mergulhou até o cotovelo no terminal do computador.

Girando na cadeira, com o coração na boca, viu, não a criatura, mas uma forma e um rosto agora igualmente estranhos para ela.

Ash sorriu de leve. Não havia humor nenhum nos lábios virados para cima.

— Parece-me que o comando lhe subiu à cabeça. Mas, afinal, uma liderança eficaz é sempre difícil em circunstâncias como as atuais. Não é culpa sua.

Ripley saiu da cadeira, deixando-a entre eles dois. As palavras de Ash podiam ser conciliatórias, simpáticas até. Mas seus atos não combinavam com elas.

— O problema não é de liderança, Ash. É de lealdade.

De costas para a parede, Ripley começou a esgueirar-se de lado, em direção à porta.

Ainda sorrindo, Ash voltou-se para encará-la:

— Lealdade? Não vejo porquê — era todo encanto, agora, pensou ela. — Penso que temos feito, todos, o melhor que podemos. Lambert começa a ficar um tanto pessimista, mas sempre soubemos que ela pende para o emocional. É muito boa para planejar o rumo da nave, mas não os seus próprios.

Ripley continuava a avançar de lado, colada à parede, afastando-se dele, e obrigou-se a devolver-lhe o sorriso.

— Não me preocupo com Lambert no momento, preocupo-me com você.

Começou a dar-lhe as costas, para sair pela porta, sentindo a tensão dos músculos do estômago, na expectativa.

— É a velha paranóia que recomeça — disse, com tristeza. — Você precisa descansar um pouco — e deu um passo, tentativo, para ela, com a mão estendida.

Ripley abaixou-se para escapar aos dedos dele, e fugiu, numa carreira desabalada pelo corredor. Subiu depois à ponte. Não gritava porque não tinha tempo e porque queria poupar o fôlego.

Não havia ninguém na ponte. De algum modo, ela lhe escapou uma segunda vez, apertando botões pelo caminho, enquanto corria. Botões de emergência, que fechavam portas atrás dela, infelizmente um minuto tarde demais para livrá-la dele, para deixá-lo do outro lado. Finalmente, ele a alcançou na sala comum.

Lambert e Parker chegaram segundos depois. Os sinais dados pelas portas de emergência os tinham alertado de que algo de excepcional ocorria naquela área e estavam a caminho da ponte quando deram com perseguida e perseguidor.

Embora não fosse aquele o tipo de emergência que esperavam, reagiram bem.

Lambert foi a primeira a entrar. Lançou-se às costas de Ash. Aborrecido, ele soltou Ripley, agarrou a navegadora e atirou-a para o fundo da sala antes de retomar o que estava fazendo antes: estrangulando Ripley,

A reação de Parker foi menos imediata, porém mais bem pensada. Ash teria apreciado o raciocínio do engenheiro. Parker apanhou um dos compactos rastreadores e, colocando-se atrás de Ash, que continuava a sufocar Ripley, deu-lhe um golpe na cabeça com toda a força. Houve um som curioso, contundente.

O rastreador completou seu arco e a cabeça de Ash pulou fora.

Não houve sangue. Do pescoço cortado, apontaram fios de todas as cores e circuitos pintados. Ash, decapitado, soltou Ripley. Ela caiu no chão, ainda sem respiração,

segurando a garganta com as mãos, a tossir.

As mãos de Ash fizeram uma pantomima macabra no ar, à procura da cabeça perdida. Depois ele vacilou, endireitou-se e, cego embora, começou a procurar pelo soalho, às apalpadelas, a peça que lhe faltava…

-13-

— Um robô... Um miserável robô! — dizia Parker, que ainda tinha na mão o rastreador. Nenhum sangue o maculara.

Aparentemente, havia áudio-censores localizados no corpo tanto quanto na cabeça, porque a forma poderosa voltou-se imediatamente ao som da voz de Parker e começou a avançar contra ele. Levantando o rastreador, o engenheiro golpeou com ele o ombro de Ash, depois de novo e de novo, mas sem qualquer efeito. O braço do boneco o envolvera num amplexo que nada tinha de afetuoso. Depois as mãos acharam-lhe o pescoço e apertaram com força inumana.

Ripley, que se recuperara, procurava uma arma. Achou um dos velhos tubos elétricos, com que tinham pensado 'picar' o alienígena. Viu que sua carga estava intacta.

Lambert agarrara-se às pernas de Ash, procurando derrubar a máquina. Fios descobertos continuavam a brotar do toco do pescoço aberto. Ripley enfiou a ponta da vara naquela maçaroca. Os olhos de Parker já vidravam, e de sua garganta saíam sons inarticulados, resfolegantes.

Tendo achado um nó grosso de circuitos, Ripley enterrou nele a ponta da vara e disparou. Ash titubeou e suas mãos pareceram fraquejar um pouco no pescoço de Parker. Ripley retirou a arma, ajustou-a diferentemente e disparou de novo, para baixo.

Fagulhas azuis surgiram do toco de pescoço. Ela insistiu, apoiou no gatilho. Houve um grande clarão e o cheiro de material isolante queimado.

Ash tombou. Com o peito a arfar, Parker rolava pelo soalho, tossindo e cuspindo muco. Depois, olhou a forma, agora imóvel, do humanóide.

— Porcaria! Porcaria de máquina da Companhia!

Furioso, levantou-se e pôs-se a chutar o metal. Que não reagiu. Jazia inerte, inocente, pacificado, no deque.

Lambert olhou, confusa, para Parker e Ripley.

— Alguém poderá ter a bondade de me dizer o que está acontecendo?

— Há só um modo de descobrir — disse Ripley. Depondo cuidadosamente o tubo e sua carga elétrica, mas vendo que estava à mão em caso de necessidade, aproximou-se do corpo.

— O que vai fazer? — perguntou Lambert.

Ripley olhou para Parker, que fazia massagens no pescoço.

— Vamos ligar a cabeça outra vez. Penso que queimamos o sistema locomotor do torso, mas cabeça e memória devem funcionar, se alimentadas. Ele vinha protegendo o alienígena desde o começo. Tentei avisar vocês — e fez um gesto na direção do cadáver. Pois era difícil pensar em Ash, um colega de tripulação, como uma outra peça do equipamento.

— Ele o fez entrar, lembram-se?, contra o regulamento. — Ripley tinha uma expressão estranha ao dizer isso. Continuou: — Usava a vida de Kane como desculpa, mas nunca se interessou por Kane. Deixou que aquela coisa crescesse dentro dele, sabia o que estava acontecendo. E foi ele quem apertou o sinal de emergência para salvar a criatura.

— Mas por quê? — Lambert, por mais que tentasse, não conseguia organizar todos esses disparates na cabeça.

— Estou apenas supondo. Mas quero crer que, se puseram um robô a bordo como membro da tripulação sem aviso, foi porque desejavam um observador escravo nesta nave para relatar-lhes, na volta, tudo o que se tivesse passado.

— Quem designa o pessoal para as naves? — perguntou a Lambert. — Quem faz mudanças de última hora, como, por exemplo, trocar o oficial de ciência? Qual seria a única entidade capaz de colocar um robô na tripulação? Para o fim que fosse, não importa?

Lambert não estava mais confusa.

— A Companhia.

— Muito bem — Ripley sorriu amargamente. — A Companhia deve ter captado as transmissões da nave sinistrada. O Nostromo era apenas a primeira nave escalada para aquele quadrante do espaço. Ash foi posto a bordo para controlar as coisas para eles, e para garantir a execução por nós, que a ignoramos, da ordem especial n.° 937. Pelo menos é assim que a Mãe a chama.

— Se nada resultasse da visita à nave sinistrada, Ash lhes diria isso. E nós jamais ficaríamos sabendo de coisa nenhuma. Se, ao contrário, valesse a pena, então a Companhia saberia do que precisava antes de enviar uma equipe de exploração cara e bem equipada. Uma simples questão de garantir o maior lucro

possível e reduzir ao mínimo as despesas. Nada de dramático.

— Muito bonito — disse Parker. — Até aí tudo bem. Diga-me agora como emendar esse filho da mãe outra vez — e cuspiu no corpo de Ash.

Ripley já pusera a cabeça de Ash em cima de um balcão e ligara-lhe um fio, tirado da tomada mais próxima ao cozinheiro automático. A cabeça não protestara.

— Temos de descobrir se nos escondem mais alguma coisa — disse. — Concordam?

Parker concordou com relutância.

— Está bem. Deixe-me, porém, fazer isso.

Num minuto estava às voltas com os fios e ligações da nuca de Ash, debaixo da peruca. Quando as pálpebras do oficial de ciência começaram a tremer, Parker grunhiu de satisfação e parou.

Ripley se curvou sobre aquela espécie de estátua jacente.

— Ash, você me ouve?

Nenhuma resposta. Ela consultou Parker com o olhar.

— Olhe, a ligação de circuitos está em boa ordem. Quanto à energia, ajusta-se automaticamente. A não ser que alguns circuitos cruciais tenham sido interrompidos quando a cabeça bateu no chão, ele deve responder. As células de memória e os componentes verbo-visuais são acondicionados com grande economia de espaço nesses modelos mais sofisticados. Eu contava que ele falasse.

Ela tentou de novo.

— Você me ouve, Ash?

Uma voz familiar, e não muito distante, soou no salão.

— Sim, posso ouvi-la.

Era difícil para Ripley dirigir-se assim a uma cabeça separada do corpo. Esta, tanto quanto ela sabia, era apenas parte de um maquinismo, como a válvula dos rastreadores. Acresce que ela servira por muito tempo com Ash.

— O que significa Ordem Especial 937?

— Divulgá-lo é contra os regulamentos e contra a minha programação interna. Você sabe que não posso fazê-lo.

Ela se endireitou.

— Muito bem. Então de nada adianta continuar a falar. Parker, corte os circuitos.

O engenheiro estendeu a mão para os fios e Ash reagiu com tal presteza, que provou a integridade dos seus circuitos cognitivos:

— Em suma, as ordens que recebi foram as seguintes.

As mãos de Parker permaneceram ameaçadoras, prontas a interromper a corrente.

— Disseram-me que reorientasse o Nostromo ou cuidasse para que sua tripulação modificasse seu curso primitivo, a fim de captar o sinal. Programasse a Mãe para tirá-los do hipersono e programasse a memória dela para contar-lhes a mentira de um pedido de socorro. Especialistas da Companhia já sabiam que se tratava de um sinal de alerta e não de um pedido de socorro.

As mãos de Parker se fecharam de raiva.

— Quanto à fonte do sinal — continuou Ash —, tínhamos a missão de investigar uma forma de vida quase certamente hostil, segundo o que os especialistas da Companhia depreenderam da transmissão; e trazer de volta um espécime para exame e verificação de eventuais aplicações comerciais. Usando a máxima discrição, naturalmente.

— Naturalmente — glosou Ripley arremedando o tom neutro da máquina. — Isso explica muita coisa. Pois fomos mandados nós, pobres diabos, e não uma valiosa equipe de exploração.

Parecia satisfeita, embora não entusiasmada, por ter levantado toda a trama que se escondia por detrás das palavras inócuas de Ash.

— A importação para qualquer mundo habitado, sobretudo a Terra, de uma forma de vida alienígena é estritamente proibida. Fazendo parecer que nós, simples tripulantes de um obscuro rebocador, a encontramos por acaso no caminho, a Companhia dispunha de um meio de vê-la chegar à Terra 'acidentalmente*. Nós outros poderíamos ser postos na cadeia. Mas alguma coisa teria de ser feita com a inocente criatura. Naturalmente, os cientistas da Companhia se mostrariam dispostos, magnanimamente, a tirar o perigoso hóspede das mãos dos funcionários da alfândega, com umas poucas e judiciosas propinas distribuídas com a necessária antecedência para garantir a transação.

— Com alguma sorte, poderíamos, nós também, nos beneficiarmos da magnanimidade dos nossos senhores. A Companhia pagaria fiança e cuidaria de

nós logo que as autoridades policiais se convencessem, ou fossem convencidas, de que éramos tão estúpidos quanto parecíamos. E fomos. E fomos!

— Por quê? — quis saber Lambert. Por que você não nos avisou? Por que não nos disse, ou não nos disseram, onde íamos nos meter?

— Porque vocês poderiam recuar — explicou Ash, com a mais fria lógica. — A política da Companhia precisava da cooperação de todos. O que Ripley disse sobre a 'honesta ignorância' da tripulação como fator essencial na inevitável confrontação com a autoridade alfandegária é correto.

— Você e essa miserável Companhia! — resmungou Parker. — E as nossas vidas, homem?

— Homem, não — corrigiu Ash. — Quanto às suas vidas, temo que para a Companhia fossem, sejam, sacrificáveis. Preocupavam-se sobretudo com a forma alienígena de vida. Esperava que vocês a capturassem e conservassem viva, e sobrevivessem, para receber seus bônus ao fim; mas isso, estou certo, era consideração secundária. A escolha não foi pessoal. Uma questão de sorte — ou de azar — só isso.

— Que pensamento confortador! — exclamou Ripley. Pensou um momento e acrescentou: — Você já nos disse que nosso propósito, ao vir até esse mundo remoto, era "investigar uma forma de vida, quase certamente hostil". E que os peritos da Companhia sabiam que aquele sinal era de alerta e não de socorro.

— Sim — respondeu Ash. — Sim. Era muito tarde, segundo determinaram os tradutores, para que um pedido de socorro pudesse ter qualquer utilidade. O sinal era, em si mesmo, específico, alarmante!

— A nave que encontramos descera no planeta no curso de uma exploração rotineira. Como Kane, encontraram um ou mais dos ovos, ou esporos, do alienígena. A transmissão não disse se tiveram tempo de determinar se os esporos são originários do planetóide ou se migraram para lá de algum outro lugar.

— Antes que fossem dominados, conseguiram montar o mecanismo de alerta, a fim de evitar que os tripulantes de outras naves tivessem o mesmo destino. De onde quer que tivessem vindo, eram gente nobre. Esperemos que a humanidade retome contacto com eles em circunstâncias mais propícias.

— Pois são gente melhor que muitos que eu poderia nomear — disse Ripley, com a boca seca. — E o alienígena que temos a bordo? Como matá-lo?

— Os exploradores que tripulavam a nave sinistrada eram maiores e, possivelmente, mais inteligentes do que os humanos. Não creio que vocês

possam matá-lo. Mas talvez eu seja capaz disso. Não sou orgânico, o alienígena não vê em mim um perigo potencial. Nem uma fonte de alimento. Sou, também, consideravelmente mais forte do que qualquer de vocês. Eu talvez seja páreo para o alienígena. Só que não estou, no momento, na minha melhor forma. Se vocês simplesmente substituírem...

— Você tentou, Ash, tentou brilhantemente — interrompeu Ripley, abanando a cabeça de um lado para outro. — Mas é inútil.

— Idiotas! Ainda não sabem o que têm pela frente! O alienígena é um organismo perfeitamente organizado, soberbamente estruturado, espertíssimo e violento. Com as limitadas capacidades de vocês, não têm nenhuma chance contra ele.

— Meu Deus! — fez Lambert, olhando estupidamente para a cabeça falante. — A gente tem de admirar essa criatura danada!

— Como não admirar a simetria que ela apresenta? Um parasita entre uma espécie e outra, capaz de viver de qualquer outra forma de vida que respire, seja qual for a atmosfera em causa. Capaz de jazer sem acordo nem movimento por períodos indefinidos, e em circunstâncias as mais hostis. Seu único propósito é reproduzir-se, isto é, fazer outros da mesma espécie, o que consegue com suprema eficiência. Não existe nada na experiência da humanidade que se compare a isso...

— Os parasitas que o homem está acostumado a combater são mosquitos e artrópodos infinitesimais. Coisas dessa ordem. Esta criatura está para eles em selvageria e eficácia como o homem está para o verme em inteligência. Não se pode sequer imaginar como lidar com ela.

— Chega. Já ouvi bastante dessa lenga-lenga — disse Parker. E pôs a mão no fio. Mas Ripley o deteve com um gesto.

— Você nos pertence, Ash. É complementação nossa. Você não é apenas um instrumento cego da Companhia. É o meu oficial de ciência.

— Vocês me deram inteligência. Com o intelecto vem a inevitabilidade da escolha. Sou leal apenas à verdade. Uma verdade científica exige beleza, harmonia e, acima de tudo, simplicidade. O problema tal como está posto, isto é, vocês contra o alienígena, produzirá uma única e elegante solução. Só um de vocês sobrevivera.

— Imagino que isso nos coloque, a nós humanos, no nosso lugar, não é? Diga-me uma coisa, Ash. A Companhia esperava que o Nostromo atracasse de volta só com você e o alienígena a bordo, é isso?

— Não. Honestamente, eu esperava que vocês sobrevivessem e dominassem o alienígena. Os altos funcionários, da Companhia simplesmente ignoravam quão perigosa e hábil era a forma de vida a capturar.

— O que pensa que vai acontecer à chegada, supondo que estejamos todos mortos, e o alienígena, ao invés de dominado, senhor desta nave?

— Não sei dizer. Há uma possibilidade muito boa de que o alienígena infecte a turma de abordagem e quaisquer outros viventes com que se ponha em contacto antes que tomem consciência da enormidade do perigo que ele representa e tomem medidas para conjurar esse perigo. Mas aí talvez seja tarde demais.

— Milhares de anos de esforços não permitiriam ao homem livrar-se de outros parasitas. E jamais teve de ha- ver-se com um tão adiantado. Imaginem vários bilhões de mosquitos a funcionar em uníssono em contacto inteligente uns com os outros. Teria a humanidade qualquer chance?

— Naturalmente, se eu estiver lá, e funcionando, quando o Nostromo atraque, posso informar à equipe de recepção do que os espera, e dizer-lhes como proceder com segurança contra a criatura. Destruindo-me, vocês arriscam libertar na Terra uma praga terrível!

Houve silêncio no cassino dos oficiais, mas não por muito tempo. Parker falou primeiro:

— A humanidade, representada pela Companhia, não parece dar nada pelas nossas vidas. Correremos, então, nossos próprios riscos contra o alienígena. Pelo menos sabemos onde ele está — e olhando para Ripley: — Nenhuma praga poderá incomodar-me quando eu já não estiver por lá. E eu digo: desliguemos isso.

— De acordo — disse Lambert.

Ripley deu a volta à mesa e começou a desligar o fio.

— Uma última palavra — disse Ash, depressa: — Um testemunho, se assim quiserem.

Ripley hesitou.

— O que é?

— Talvez a criatura seja deveras inteligente. Talvez vocês devam comunicar-se com ela.

— Você se comunicou?

— Deixem que minha cova guarde pelo menos alguns segredos.

Ripley puxou o fio.

— Até logo, Ash.

E voltou sua atenção da cabeça emudecida para seus companheiros.

— Quando se trata de escolher entre parasitas, prefiro o que não mente. Além disso, mesmo que não seja possível derrotar o alienígena, podemos morrer satisfeitos, sabendo que ele irá ferrar as unhas em alguns tecnocratas da Companhia...

Ela estava sentada diante do console do computador central, no anexo principal da Mãe, quando Parker e Lambert foram ter com ela, mais tarde. Falou-lhes com desânimo.

— Ash estava certo quanto a uma coisa. Não temos de fato muita chance — e indicando uma leitura no console: — Resta-nos menos de doze horas de oxigênio. Então tudo estará acabado.

Parker olhou para o chão.

— Ligar Ash de novo será uma forma mais rápida ainda de suicídio. Oh, estou seguro de que ele tentaria controlar o alienígena. Disso não tenho dúvida. Mas não nos deixaria vivos. Essa é uma ordem da Companhia que ele não nos comunicou. Mas como contou todo o resto, não nos poderia deixar livres para denunciar no porto, às autoridades, o que a Companhia planejou — e, com um sorriso: — Ash era um engenho leal à Companhia.

— Não sei o que pensam vocês dois, mas prefiro morrer sem dor, tranqüilamente. Não me agradam as alternativas disponíveis — disse Lambert.

— Ainda não chegamos lá.

Lambert mostrou aos outros um cartãozinho com pílulas. Ripley reconheceu os comprimidos suicidas pela cor vermelha e pela caveira e os nós cruzados.

— Não! Huh! Você se deixou convencer por Ash. Eu lhe digo que não chegamos a esse extremo. Ele disse que era quem tinha a melhor chance de lidar com o alienígena. Mas é ele que está em pedaços no cassino, não nós. Temos uma saída: fazer explodir a nave.

— Mas é essa a sua alternativa? — disse Lambert. — Prefiro meus comprimidos, se você permite.

— Não, não. Lembra-se do que você mesma propôs antes, Lambert? Sairíamos

para o módulo, abandonando a nave. Levaríamos conosco o ar remanescente em tanques portáteis. O módulo tem suas próprias reservas. Com o ar extra, há uma possibilidade de alcançarmos as rotas principais do espaço e de sermos salvos. Talvez estejamos respirando o nosso próprio gás carbônico quando isso acontecer, mas é uma possibilidade. E isso liquidaria o alienígena.

Todos se calaram, pensando. Parker levantou os olhos primeiro e assentiu.

— Gosto mais disso que de veneno. E gosto de ver pelos ares algo que pertence à Companhia. Vou começar a transferir o ar para garrafões.

Supervisou efetivamente, a transferência do ar comprimido dos principais tanques do Nostromo para pequenas caixas portáteis que pudessem levar no módulo.

— É tudo? — perguntou Ripley, quando o engenheiro se recostou, exausto, num umbral.

— É tudo o que podemos levar — disse, mostrando com um gesto os bujões enfileirados. — Talvez não pareça muita coisa, mas é ar sob pressão. Altamente comprimido. Dar-nos-á literalmente uma pausa para tomar fôlego... — e riu-se.

— Magnífico. Vamos reunir provisões, ligar os motores e cair fora. Com Jones, naturalmente. Por onde anda Jones?

— Quem sabe? — disse Parker. A última coisa que o interessava era o paradeiro do gato de bordo.

— Da última vez que o vi — disse Lambert — estava andando pelo refeitório cheirando o corpo de Ash.

— Vá ver. Não podemos deixá-lo. Ainda temos suficiente humanidade para isso.

Lambert olhou desconfiada para a amiga.

— Não. Nada feito, não vou a lugar nenhum desta nave sozinha.

— E eu sempre odiei o presunçoso animal — disse Parker.

— Não importa. Vou eu — disse Ripley. — Vocês embarquem o ar e a comida.

— Muito bem — concordou Lambert. E ela e Parker apanharam bujões de oxigênio e levaram-no para o módulo. Ripley correu à sala comum.

Não teve de procurar o gato. Depois de revistar a sala, com o maior cuidado para não esbarrar na forma decapitada de Ash, subiu à ponte. E deu com Jones imediatamente. Estava em cima do console de Dallas, cuidando da toalete com ar enfadado.

Ela sorriu.

— Jones, você é um gato de sorte.

Aparentemente, o gato discordava. Quando quis pegá-lo, pulou longe e pôs-se a andar lambendo os pêlos. Ela curvou-se, seguiu-o, adulando-o com a entonação da voz e com carícias.

— Vamos, Jones. Não se faça difícil. Não agora. Os outros não vão esperar por você.

— Quantos destes você pensa que precisamos levar? — perguntou Lambert a Parker, afastando com as costas da mão a mecha que lhe caía nos olhos.

— Tudo o que pudermos carregar. Não queremos fazer duas viagens.

— Naturalmente.

E virou-se para arrumar de novo os bujões. Foi quando uma voz soou no comunicador aberto:

— Jones, vamos embora. Venha cá, meu gatinho... Venha com a mamãe...

O tom de Ripley era doce e procurava infundir confiança, mas Lambert podia sentir a exasperação de que estava tomada.

Parker saiu do depósito de comida 2 debaixo de uma pirâmide de caixas. Lambert continuou a escolher os seus pacotes, trocando de vez em quando um por outro. A idéia de ter de comer alimentos artificiais não processados e crus era aterrorizadora. Não havia cozinha automática no módulo. Serviria para mantê-los vivos, mas era tudo. Mesmo assim, sempre umas coisas eram melhores que outras. Por que não fazer a mais judiciosa seleção possível?

Nem percebeu a pequena luz vermelha que se acendeu no rastreador a seus pés.

Na ponte, um indignado Jones resistia, mas Ripley o tinha pela nuca. Por mais que esticasse as pernas, foi lançado sem nenhuma cerimônia na sua cesta de viagem, pressurizada. Ripley ligou-a.

— Fique aí. Respire o seu próprio cheiro reciclado por algum tempo.

Os dois lança-chamas estavam junto da porta do depósito. Parker ajoelhou-se para apanhar o seu e uma boa porção dos seus pacotes de comida esparramou-se pelo chão.

— Puxa! — disse.

Lambert interrompeu o que estava fazendo e procurou ver fora das portas do depósito.

— O que é?

— Nada. Tentei levar coisas demais ao mesmo tempo. Apresse-se.

— Já vou. Fique calmo.

De súbito, a luz do rastreador tornou-se rubra e brilhante, e o sinal fez-se ouvir simultaneamente. Parker deixou cair os outros pacotes, olhou o instrumento, empunhou seu lança-chamas. E gritou para Lambert:

— Vamos sair daqui!

Ela também ouvira.

— Agora mesmo.

Mas algo emitiu um som diferente atrás dela. Virou-se com um grito e a mão a pegou. O alienígena estava ainda com uma parte do corpanzil dentro do encanamento.

Ripley ouviu o grito no comunicador aberto da ponte e ficou gelada.

Parker olhou para dentro do depósito e quase ficou louco quando viu o que o alienígena estava fazendo. Não podia usar o lança-chamas sem atingir Lambert. Então, usando-o como se fora um porrete, entrou correndo e gritando:

— Desgraçado!

O alienígena soltou Lambert. Ela caiu sem sentidos no chão, enquanto Parker dava um golpe fortíssimo na fera. Não teve efeito. Era como se tivesse tentado fraturar uma parede.

Tentou desviar-se, mas não pôde. Com um golpe certeiro, o alienígena quebrou-lhe o pescoço e matou-o. Voltou-se então outra vez para Lambert.

Na ponte, Ripley ainda estava petrificada. Gritos abafados chegavam-lhe de baixo. Eram de Lambert, mas cessaram logo, misericordiosamente. E tudo ficou silente outra vez. Ela falou, no pick-up:

— Parker? Lambert?

Não esperava resposta, e não teve nenhuma. Bastou- lhe um momento para compreender o sentido daquele silêncio.

Estava sozinha.

Havia, provavelmente, três seres vivos a bordo: o alienígena, Jones e ela mesma. Mas tinha de certificar-se.

O que significava deixar Jones para trás. Não queria fazê-lo, mas o felino ouvira os gritos e miava. Era barulho demais.

Alcançou o deque B sem maus encontros. Tinha o lança-chamas apertado nas duas mãos. O depósito de comida ficava à frente. Havia a possibilidade remota de que o alienígena tivesse deixado algum dos dois, dada a dificuldade de manobrar dois corpos através dos canos. A possibilidade de que alguém estivesse vivo.

Espiou com cuidado. E o que restava, mostrou-lhe como ele conseguira espremer as duas vítimas, juntas, no conduto da ventilação...

Então pôs-se a correr, correr. Cega, louca, sem pensar nem importar-se mais. Paredes avançavam a seu encontro para detê-la, mas nada cortou seu ímpeto. Era uma fuga desabalada. Correu até que os pulmões lhe ardiam tanto que não podia mais. Faziam-na lembrar-se de Kane e da criatura que amadurecera dentro dele, aninhada entre os seus pulmões. E isso, por sua vez, recordou-lhe o alienígena.

Todo esse pensar frenético, desgovernado, teve por efeito trazê-la de volta a seus sentidos. Engolindo para respirar, diminuiu o passo e procurou verificar onde estava. Correra toda a extensão da nave. Achava-se surpreendentemente no centro da casa de máquinas.

Ouviu, então, um barulho. E parou de respirar. O barulho repetiu-se, e ela ousou soltar um suspiro. O som era familiar, humano. Era o som de soluços.

Ainda com o lança-chamas debaixo do braço, seguro nas duas mãos, deu a volta à sala até que a origem do som ficou imediatamente abaixo dela. Viu que pisava num disco de metal, a tampa de uma escada. Mantendo-se atenta ao que a cercava, ajoelhou-se devagar e removeu o disco. Uma escada se aprofundava na escuridão.

Desceu às apalpadelas, até que encontrou de novo chão sólido. Só então acendeu seu pequeno bastão elétrico Estava numa câmara de manutenção. A luz revelou caixas de plástico, ferramentas raramente usadas. Revelou também pedaços de ossos ainda com farrapos de carne. Arrepiou-se quando a luz foi mostrando num círculo depois do outro, pedaços de roupa, sangue seco, uma bota rasgada. E havia bizarras excrescências penduradas às paredes.

Então, no alto, algo se mexeu. Ela pulou, apontou para cima a boca do lança-chamas, mas procurou primeiro com o foco a causa do movimento.

Um grande casulo pendia do teto, um pouco para a sua direita. Parecia uma rede fechada e translúcida, tecida com o mais fino fio de seda. E mexia-se.

Com o dedo tenso no gatilho do lança-chamas, aproximou-se lentamente daquilo. O foco da sua lanterna tornou o casulo quase transparente.

Havia um corpo lá dentro...

Dallas.

Inesperadamente, os olhos dele se abriram, entraram em foco, reconheceram-na. Os lábios se abriram para formar palavras. Ela se acercou, ao mesmo tempo fascinada e repugnada.

— Mate-me... — implorou Dallas.

— O que foi que ele fez?

Ele quis falar de novo mas não pôde. Sua cabeça se virou um pouco para a direita. Ripley virou a luz para aquele lado. Havia um segundo casulo, mas diferente do primeiro, na contextura e na cor. Era menor e mais escuro; a seda formara uma carapaça dura, lustrosa. Parecia — mas Ripley não sabia — a urna rompida e vazia da nave sinistrada.

Aquilo era Brett.

Seu bastão luminoso voltou o foco para Dallas.

— Eu o tirarei daqui — disse. Chorava. — Nós o ligaremos ao médico automático, nós o...

Mas calou-se, incapaz de continuar. Lembrava-se da analogia evocada por Ash, da aranha, da vespa. Os filhotes a cevar no corpo paralisado da aranha e a crescer; e aranha consciente do que lhe acontecia, do que se passava e, no entanto...

De algum modo conseguiu bloquear aquele horrendo fio de pensamento.

O mesmo sussurro de agonia:

— Mate-me.

Ripley olhou-o. Misericordiosamente, os olhos daquilo que fora Dallas fecharam-se. Mas os lábios tremiam, como se ele armasse um grito. Ela não cria ter forças para suportar aquele grito.

O bico do lança-chamas levantou-se e, convulsivamente, ela apertou o gatilho.

Uma larga língua de fogo envolveu e derreteu num segundo a coisa que tinha sido Dallas. Queimara sem um som. Depois ela voltou o fogo para o próprio covil. O compartimento inteiro explodiu em chamas. E já ela fugia escada acima, com o fogo a lamber-lhe as pernas.

Enfiou a cabeça na casa de máquinas. Ainda estava deserta. A fumaça a envolvia, fazendo-a tossir. Saiu de lá, ajustou o disco com o pé, deixando apenas uma pequena abertura para que o ar alimentasse o incêndio. Depois, marchou resoluta para o cubículo de controle dos motores.

Medidores e comandos funcionavam, pacientes, ali dentro. docilmente à espera de que lhes dissessem o que fazer. Numa determinada mesa, todos os interruptores eram delineados em vermelho. Ela os estudou um momento, rememorando as seqüências, depois pôs-se a fechá-los um por um.

Um comutador duplo fora encerrado numa coberta protetora. Ela tentou levantá-la, depois quebrou-a com a base do lança-chamas, aproximou-se e apertou o duplo controle.

Esperou o que lhe pareceu uma eternidade. Sirenes começaram a uivar, depois uma voz chamou, pelo intercomunicador e ela deu um salto. Mas reconheceu a voz da Mãe.

"Atenção. Atenção. Unidades resfriadoras dos motores de hiperpropulsão desligadas. Os motores ficarão sobrecarregados em quatro minutos e cinqüenta segundos. Quatro minutos, cinqüenta segundos."

Ela já estava no meio do corredor B quando se lembrou de Jones.

Encontrou-o sem dificuldade. Miava constantemente num intercomunicador, mas não fora perturbado na sua caixa pressurizada, que ela tinha deixado entre a ponte e o deque B. Apanhou-o e correu, com a caixa batendo contra as pernas, e o lança-chamas seguro debaixo do outro braço.

Dobraram a última esquina, a caminho do módulo. E de repente, Jones soltou um silvo. Estaria todo eriçado dentro da caixa e de dorso arqueado. Ripley parou e olhou, tonta, para o embarcadouro aberto. Vinham lá de dentro sons abafados de embates.

O alienígena se metera no módulo.

Deixando Jones em segurança, na escada do deque B, Ripley voltou correndo à sala de máquinas. O gato protestou vigorosamente ao ser abandonado outra vez.

Enquanto corria, uma voz paciente e inalterada se fez ouvir.

"Atenção, os motores ficarão sobrecarregados em três minutos e vinte segundos..."

Uma parede sólida de calor recebeu-a no cubículo. A fumaça impedia-a de ver direito. A maquinaria protestava gemendo, queixava-se com crescente alarido. Ela abriu caminho, lavada de suor, conseguiu localizar os controles através da fumaça, fez um esforço inaudito paia lembrar a seqüência outra vez e fechou os controles que tinha aberto. Mas as sirenes continuaram seu lamento.

"Atenção. Os motores ficarão sobrecarregados em três minutos. Os motores ficarão sobrecarregados em três minutos."

Lutando para respirar, ela se encostou à parede, apertou um botão, falou:

— Mãe! Eu pus de novo todas as unidades resfriadoras em pleno funcionamento!

"Tarde demais para uma ação reparadora. O núcleo da propulsão começou a derreter. A reação é a esta altura irreversível. E a implosão incipiente, seguida de sobrecarga incontrolável e subseqüente detonação. Os motores estarão sobrecarregados em dois minutos, cinqüenta e cinco segundos".

A Mãe já confortara Ripley em outras ocasiões. Agora a voz do computador parecia-lhe despida de todo e qualquer antropomorfismo. Era tão implacável quanto o tempo que media. Sufocada, a garganta ardendo, Ripley saiu do cubículo, com as enlouquecedoras sirenes soando agora no cérebro.

"Atenção. Os motores estarão sobrecarregados em dois minutos" — anunciava a Mãe por um alto-falante de parede.

Jones esperava por ela na escada. Estava quietinho agora, e miou lastimosamente. Ripley voltou com ele, tropeçando, na direção do módulo, conseguindo manter de algum modo o lança-chamas em posição e arrastando, praticamente, a caixa do animal. Uma vez pensou ter visto dançar uma sombra

atrás dela, mas era apenas uma sombra, nada mais.

Hesitou na boca do corredor, sem saber o que fazer e desesperadamente cansada.

Mas uma voz a impedia de parar.

"Atenção. Os motores vão explodir em noventa segundos."

Depondo Jones no solo, ela agarrou o lança-chamas com as duas mãos e investiu no módulo. Estava vazio. Num minuto, voltara, apanhara o gato, sem que nada se materializasse para confrontá-la.

"Atenção. Os motores vão explodir em sessenta segundos" — disse a Mãe, impessoal como um oráculo.

O infeliz Jones se viu atirado com caixa e tudo ao sopé do console principal, e Ripley se aboletou no assento do piloto. Não havia tempo para calcular sutilezas, como trajetória ou ângulo de disparo. Concentrou-se num só gesto: apertar o botão que tinha uma palavra gravada em vermelho logo abaixo dele:

LANÇAMENTO

Os ferrolhos de ligação saltaram fora, com suas minúsculas, cômicas explosões.

E houve também a explosão dos motores secundários, quando o módulo soltou-se do Nostromo.

As forças da gravidade desencadearam-se sobre Ripley e ela batalhou para amarrar-se no assento. A força-G logo se esvairia, com o abandono, pelo módulo, do campo de hiper-propulsão do Nostromo e entrada na sua própria rota através do espaço.

Ripley acabou de afivelar os cintos, depois permitiu-se respirar fundo o ar puro do módulo. Sons confusos de uivos- miados penetraram-lhe o cérebro esgotado. Da posição em que estava podia alcançar a caixa de Jones. Abaixou a cabeça para ela e lágrimas lhe vieram aos olhos vermelhos de fumaça. Ripley apertou a caixa contra o peito.

Seu olhar buscou, em seguida, a escotilha que dava para a ré.

Um pequeno ponto de luz mudou-se sem ruído numa bola de fogo majestosa,

que se expandiu e lançou tentáculos de metal retorcido e plástico em farrapos. Sumiu-se mas foi seguida de uma bola de fogo ainda maior quando a refinaria explodiu. Dois bilhões de toneladas de gás e maquinaria vaporizada encheram o cosmos, e obscureceram-lhe a visão, até que elas também desapareceram gradualmente.

O choque atingiu o módulo pouco depois, quando o gás superaquecido passou perto, ao expandir-se. Quando a navezinha se equilibrou de novo ela retirou os cintos, foi até o fundo da exígua cabine e olhou pela escotilha. Seu rosto banhou-se de uma luz cor de laranja e o último globo de fogo fervente desvaneceu-se.

Finalmente deu-lhe as costas. O Nostromo, seus colegas, tudo deixara de existir. Não eram Mais. Sentimento duro, mais duro ainda naquele momento de solidão e silêncio do que tinha imaginado. O definitivo daquilo tudo, o irremediável, era a parte mais difícil de aceitar. A certeza de que nave e pessoas não existiam mais como componentes, mesmo ínfimos, do universo. Nem mesmo como restos mortais.

Tinham, simplesmente, cessado de ser.

Não viu a mão enorme que se estendeu, de trás, para pegá-la.

Mas Jones viu.

E deu o alerta.

Ripley virou e se viu cara a cara com a criatura. Estivera no módulo todo o tempo.

Seu primeiro pensamento foi o lança-chamas. Jazia no chão, junto do alienígena agachado, armando o bote. Buscou com os olhos, em desespero, para onde fugir. Havia um pequeno armário embutido perto dela. Sua porta se abrira sozinha com o choque da expansão do gás. Começou a aproximar-se dele, disfarçadamente.

Mas a criatura pôs-se a levantar-se tão logo ela se moveu. Ripley pulou dentro do armário e estendeu a mão para a fechadura. Mas, com seu peso, a porta bateu e trancou-se com um baque.

Havia um pequeno óculo envidraçado na parte superior. Ripley se viu praticamente de nariz esborrachado contra ele, naquele espaço minúsculo. De

fora, o alienígena chegou a cara à janela, olhando-a com a curiosidade com que se examina um espécime selvagem numa jaula. Quis gritar e não pôde. O grito morreu-lhe na garganta. Tudo o que pôde fazer foi olhar, de olhos arregalados, para a aparição, que lhe devolvia o olhar fixamente.

O armário não era estanque. Um gemido característico lhe chegou aos ouvidos, vindo do outro lado. Distraído, o alienígena deixou a porta do armário para inspecionai a origem daquele estranho som. Curvou-se, levantou no ar a caixa selada, e isso fez que Jones uivasse ainda mais alto.

Ripley bateu no vidro, para desviar a atenção da criatura e salvar o animal inerme. Funcionou. O alienígena estava de volta à escotilha num segundo. Ela ficou imóvel, e a criatura foi de novo inspecionar, mais minuciosamente, a caixa do gato.

Ripley encetou uma busca desesperada do seu cubículo. Havia pouca coisa ali dentro, exceto um traje espacial. Trabalhando depressa, malgrado as mãos, que tremiam desconsoladamente, a moça meteu-se dentro dele.

Fora, o alienígena sacudiu a caixa, experimentalmente. Jones miava pelo diafragma. Ripley já vestira metade da roupa quando a criatura jogou a caixa ao chão.

Ela ricocheteou, mas não se partiu nem abriu. Tomando-a de novo na manopla o alienígena bateu com ela numa parede. Jones, enlouquecido, fazia ruídos estranhos.

O alienígena meteu a caixa entre os dois canos verticais e começou a esmurrá-la enquanto Jones fazia esforços para escapar, soltando silvos e cuspindo.

Ripley pôs o capacete e fixou-o firmemente. Não havia ninguém para verificar se estava perfeito. Mas se a vedação ficara defeituosa, logo saberia... Bastou um toque para ativar o respirador, e a roupa se encheu de ar puro.

Era a vida. Vida engarrafada.

Procurou de novo no armário por alguma arma. Mas não havia laser nem nada que pudesse usar. Só um longo estilete de metal cuja ponta revelou-se aguda quando removeu a borracha protetora. Não era lá grande coisa, mas deu-lhe um pouco de confiança, e isso era importante.

Respirando fundo, destrancou devagar a porta, depois, com um pontapé, escancarou-a.

O alienígena voltou-se e recebeu o estilete de meta! no meio do corpo. Ripley golpeara, com toda a força, o aço era fino e penetrou fundo. O alienígena agarrou-se ao estilete com as duas mãos, e o ácido começou a espirrar, fervendo quando tocava o metal.

Ripley recuou, firmou-se com uma das mãos a uma coluna e com a outra, tateando, encontrou uma alavanca de emergência, que fez abrir a portinhola de trás. Instantaneamente, todo o ar no módulo e tudo o que não estava seguro por parafuso ou correia ou braço foi sugado no espaço. O alienígena passou, veloz, por ela e com reflexos inumanos quis ainda segurar-se a algo. E pegou-lhe a perna, logo acima do tornozelo.

Ripley se viu a meio fora do módulo, chutando desesperadamente a mão que se fechara como um anel de ferro, e que não largava. Mas havia uma alavanca perto. Ripley destravou-a e a porta fechou com estrondo, deixando-a dentro e decepando o membro do alienígena, que ficou dependurado no espaço.

A mão que a prendera começou a espalhar ácido, e o ácido fervia e fumegava embaixo da porta. Ripley foi às tontas até o console, encontrou os comutadores que ativavam motores secundários e apertou vários deles.

A popa do módulo vomitou energia, energia pura, sem cor.

Incinerado, o alienígena soltou-se no espaço. E do momento em que caiu, o ácido deixou de fluir.

Ela ficou a observá-lo nervosamente, pois ainda borbulhava um pouco. Mas houvera pouca hemorragia. Parou por fim. Ripley fez funcionar o teclado do pequeno computador e esperou, impávida, pela resposta.

PERGUNTA: DANO À SAÍDA DE RÉ

ANÁLISE: REDUÇÃO MENOR DA QUILHA. INTEGRIDADE DA NAVE NÀO COMPROMETIDA. CAPACIDADE DE CONSERVAR ATMOSFERA INTACTA. VEDAÇÃO COMPENSADA SATISFATORIAMENTE.

OBSERVAÇÃO: REPARAR SEÇÃO DANIFICADA IMEDIATAMENTE DEPOIS DE CHEGAR AO PORTO DE DESTINAÇÃO. CASO ATUAL NÃO

PASSARÁ EM INSPEÇÃO.

Ripley soltou um hurra.

Depois foi olhar pela escotilha da popa. Uma forma convulsa, fumegante, rodopiava lentamente, afastando-se da nave. Pedaços de carne calcinada caíam dela no espaço.

Só então o fortíssimo organismo sucumbiu às leis da pressão diferencial, e o alienígena explodiu, inchando primeiro, depois rasgando-se e lançando partículas do corpo em todas as direções. Inofensivos agora, os fragmentos fumegantes sumiram-se dançando, na distância infinita.

Não se poderia dizer que ela estivesse jubilosa. Tinha vincos profundos no rosto e um vazio no cérebro, que nada jamais preencheria. Mas estava composta e tranqüila, o bastante pelo menos para recostar-se com alívio no assento do piloto.

Dedilhando diversos botões, repressurizou a cabine. Abriu então, só então, a caixa de Jones. Com a facilidade extraordinária dos felinos, ele já esquecera o ataque sofrido. Aninhou-se no regaço de Ripley quando ela se acomodou de novo na cadeira. Era uma vírgula — cor de ouro, cor de mel — de puro contentamento. E essa coisa fulva pôs-se a ronronar, como soem fazer os gatos felizes.

Ela o acariciou enquanto ditava no gravador da nave:

"Devo alcançar a fronteira em quatro meses mais ou menos. Com alguma sorte, a rede de estações receptoras captará meu S.O.S. e transmitirá a notícia. Terei uma declaração a fazer. Uma cópia será incorporada a este registro de bordo, inclusive alguns comentários do interesse das autoridades sobre determinadas atividades da Companhia.

Fala Ripley, identidade n.° W5645022460H, oficial de segurança e último sobrevivente da nave comercial Nostromo, que assina a presente entrada."

Apertou o botão de STOP.

Tudo estava calmo na cabine. Era o primeiro momento de calma em muitos dias. Ela pensou que talvez pudesse descansar um pouco. Talvez, e contanto que não sonhasse.

Com a mão distraída afagou o pêlo alaranjado de Jones, o gato.
— Vamos, gatinho... Vamos ver se dormimos...

FIM?

Table of Contents

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13